

**A QUESTÃO AGRÁRIA NA REVISTA PRISMA: PERFIS JORNALÍSTICOS DE
FAMÍLIAS ASSENTADAS NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE BERNARDES**

**GABRIEL FREIRE TORRES
JANAINA DE OLIVEIRA SANTOS
MARIANE FERREIRA SILVA
TAMIRES MARTINS GALVÃO**

**A QUESTÃO AGRÁRIA NA REVISTA PRISMA: PERFIS JORNALÍSTICOS DE
FAMÍLIAS ASSENTADAS NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE BERNARDES**

GABRIEL FREIRE TORRES
JANAINA DE OLIVEIRA SANTOS
MARIANE FERREIRA SILVA
TAMIRES MARTINS GALVÃO

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Faculdade de
Comunicação Social “Jornalista Roberto
Marinho” de Presidente Prudente,
Universidade do Oeste Paulista, como
requisito parcial para a conclusão do
curso de comunicação social, habilitação
em Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Roberto Ap.
Mancuzo Silva Junior

**GABRIEL FREIRE TORRES
JANAINA DE OLIVEIRA SANTOS
MARIANE FERREIRA SILVA
TAMIRES MARTINS GALVÃO**

**A Questão Agrária Na Revista Prisma: Perfis Jornalísticos De Famílias
Assentadas No Município De Presidente Bernardes**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado à Faculdade de Comunicação
Social “Jornalista Roberto Marinho”,
Universidade do Oeste Paulista, como
requisito parcial para sua conclusão.

Presidente Prudente, 13 de dezembro de
2016.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Luisa Hoffmann – Presidente

Prof. Dr. Rogerio do Amaral – Membro

Prof. Dr. Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior - Orientador

DEDICATÓRIA

*A todas as famílias assentadas pertencentes ao município de
Presidente Bernardes.*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, Nossa Senhora e Santo Expedito por nos permitir chegar até aqui em meio a tantos desafios durante o percurso.

Às nossas famílias, que sempre nos apoiaram desde o início, nos encorajando nos momentos difíceis, e participando da elaboração desta pesquisa.

Agradecemos aos nossos mestres da Facopp, pelos quatro anos de ensinamentos e dedicação que sempre tiveram com os alunos, formando não apenas profissionais, mas também seres humanos.

Agradecemos em especial os professores Rogério do Amaral, pelos ensinamentos e correções; à professora Carolina Costa Mancuzo, pelas infinitas sugestões e a amizade; e à professora Maria Luísa Hoffmann, pelas aulas, ensinamentos e palavras de apoio.

Ao nosso orientador e mestre, Professor Doutor Roberto Aparecido Mancuzo da Silva Junior, por ter acreditado no projeto desde o princípio, dando todo apoio necessário e nos instruindo sempre para que o objetivo fosse atingido. Por muitas vezes ter acreditado no projeto até mais do que nós.

Aos funcionários da hemeroteca Elisabete Aparecida da Silva e Alessandra da Silva Lima dos Santos, do laboratório de fotografia Jorge Flash, e do laboratório de TV, Carlos Hideki Shirosawa.

Ao pesquisador do Nera (Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária), José Sobreiro Filho (Nino) por partilhar sua experiência e seus conhecimentos.

Por fim, às seis famílias do município de Presidente Bernardes que partilharam suas experiências de vida para a produção deste trabalho, sempre nos recebendo com muita generosidade.

“Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina.”

(Paulo Freire)

RESUMO

A Questão Agrária na Revista Prisma: perfis jornalísticos de famílias assentadas no município de Presidente Bernardes

Este trabalho tem como objetivo produzir o perfil jornalísticos de seis famílias assentadas no município de Presidente Bernardes, no Pontal do Paranapanema, região de Presidente Prudente. Para tanto, optou-se por editar uma nova edição da Revista Prisma, produto laboratorial da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp) e apresentar os perfis a partir de recursos multimidiáticos como texto, áudio, vídeo e fotografia, adequando-se assim ao caráter editorial da publicação. Com uso de método histórico, dentro de uma abordagem metodológica de pesquisa qualitativa do tipo exploratória com uso de pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e entrevista em profundidade do tipo semi-aberta como coleta de dados, realizou-se um trabalho de pesquisa de oito meses de duração nos assentamentos Água Limpa, Florestan Fernandes, Palú, Rodeio e Santo Antônio. Espera-se assim contribuir jornalisticamente com as discussões no âmbito da questão agrária que versem no histórico de luta, a conquista e o uso da terra.

Palavras-chave: Assentamentos; Presidente Bernardes; Perfil Jornalístico; Assentados; Revista Digital.

ABSTRACT

The Agrarian Question in the Prisma Magazine: journalistic profiles of families settled in the city of Presidente Bernardes

This paper aims the objective to produced journalistic profiles of six families settle in the city of Presidente Bernardes, in Pontal do Paranapanema, region of Presidente Prudente. Therefore, it was decided to edit a new edition of the Prisma magazine, laboratory product of School of Social Communication of Presidente Prudente (Facopp) and to present the profiles from multimediatic features such as text, audio, video and photography, adapting it to the multimediatic character of the publication. With use of historic method, within a methodological approach to qualitative research of the exploratory type with use of bibliographic research, field research and in-depth interview of the semi-open type such as data collection, there was an eight-month research work duration in settlements Água Limpa, Florestan Fernandes, Palú, Rodeio e Santo Antônio. It is expected to contribute journalistically with the discussions within the agrarian question that deal with the history of struggle, conquest and land use.

Key-words: Settlements; Presidente Bernardes; Journalistic profiles; families, Digital Magazine

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	Página inicial da revista com a última edição.....	39
FIGURA 2 -	Modelo da página das matérias.....	39
FIGURA 3 -	Modelo da página das matérias com o vídeo no meio....	40
FIGURA 4 -	Modelo de página das matérias com o <i>podcast</i> no meio.	40
FIGURA 5 -	Modelo de página das matérias, galeria de imagens.....	41
FIGURA 6 -	A luta e a conquista da terra no Brasil.....	54
FIGURA 7 -	Página da revista em manutenção.....	80
FIGURA 8 -	Página da Revista onde está o infográfico do Pontal do Paranapanema:.....	80

LISTA DE SIGLAS

ARPA	- Advanced Research Projects Agency
CONTAG	- Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
CPT	- Comissão Pastoral da Terra
CUT	- Central Única dos Trabalhadores
FACOPP	- Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente
FHC	- Fernando Henrique Cardoso
INCRA	- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ITESP	- Fundação Institutos de Terras do Estado de São Paulo
MAB	- Movimento dos Atingidos por Barragens
MST	- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NERA	- Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	16
2.1	O problema.....	16
2.2	A justificativa.....	17
2.3	Objetivos.....	18
2.3.1	Objetivo geral.....	18
2.3.2	Objetivos específicos.....	19
2.4	Metodologia.....	19
3	JORNALISMO INTERPRETATIVO E JORNALISMO DE REVISTA.....	25
3.1	Jornalismo.....	25
3.2	Categorias do jornalismo.....	28
3.2.1	Categoria interpretativa.....	30
3.3	A reportagem.....	31
3.3.1	Tipos de reportagem e a reportagem perfil.....	32
3.3.2	Técnicas de reportagem.....	34
3.4	O estilo magazine.....	35
3.5	A Revista Prisma.....	37
4	JORNALISMO ON LINE.....	42
4.1	Webwriting.....	45
4.2	Planejamento e desenvolvimento de uma revista digital.....	48
5	A QUESTÃO AGRÁRIA NO PONTAL DO PARANAPANEMA.....	50
5.1	A questão agrária.....	50
5.2	A terra, os usos da terra e desenvolvimento rural: a reforma agrária e políticas públicas.....	55
5.3	O MST e a luta pela reforma agrária.....	57
5.4	Os assentamentos e a conquista dos territórios.....	60
5.4.1	Presidente Bernardes e os assentamentos.....	62
6	PROJETO EDITORIAL REVISTA PRISMA ASSENTADOS.....	65
6.1	Introdução.....	65

6.2	Objetivos.....	65
6.2.1	Objetivo geral.....	65
6.2.2	Objetivos específicos.....	66
6.3	Justificativa.....	66
6.4	Público-Alvo.....	67
6.5	Linha editorial.....	68
6.6	Projeto gráfico.....	69
6.6.1	Página inicial.....	69
6.6.1.1	Diagramação.....	69
6.6.1.2	Menu de serviços.....	70
6.6.1.3	Matérias.....	70
6.6.1.4	Comentários e contribuições.....	70
6.7	Recursos técnicos.....	71
6.8	Recursos financeiros.....	71
6.9	Recursos Humanos.....	71
7	MEMORIAL DESCRITIVO.....	72
7.1	Discussão e debates.....	72
7.2	Entrevistas.....	74
7.3	Apuração, seleção, produção textual e edição.....	77
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
	REFERÊNCIAS.....	83
	ANEXOS.....	88
	ANEXO A - ENTREVISTAS.....	89
	APÊNDICES.....	174
	APÊNDICE A – PAUTAS.....	180
	APÊNDICE B - RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO ESPONTÂNEA.....	202
	APÊNDICE C - RELATÓRIO DE REPORTAGEM.....	212

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da história as formas de moradia evoluíram, os nômades perceberam que seria mais conveniente se fixar em apenas um espaço. Dessa maneira, poderiam plantar o próprio alimento e ter uma residência definitiva, tornando-se sedentários. Sendo assim, com o passar dos séculos, muitas pessoas passaram a procurar seu lugar e muitas vezes só conseguiram a partir de resistências, lutas e manifestações realizadas por grandes grupos espalhados por todo o mundo (MORISSAWA, 2001).

Esses contingentes populacionais, oriundos do campo ou da cidade existem no mundo todo, mas é no continente americano que ganham maior relevância. Em praticamente todos os países, as terras que não possuíam proprietários legais foram sendo tomadas e legalizadas a partir da ordem vigente, deixando de lado ocupantes históricos como os camponeses e os posseiros. A luta é embasada no direito a um pedaço de terra, para que possam se instalar e viver da própria agricultura (MORISSAWA, 2001).

No Brasil, a questão agrária tem início quando os portugueses descobriram o país. Em 1534, o país foi dividido em Capitânicas Hereditárias¹, dando a nobres portugueses a concessão das terras. Com o fim das Capitânicas, no ano de 1759, a Coroa se tornou a única autoridade na Colônia brasileira. Após a Independência em 1822, a concessão de terras de sesmaria foi suspensa até que fosse decretado uma lei que resolvesse a distribuição e legalização de áreas (MORISSAWA, 2001). Durante anos aconteceram conflitos na região Nordeste, como a Guerra de Canudos, na Bahia (1893-1897)². Outra luta que ganhou destaque e influenciou as que viriam pela frente foi a Guerra do Contestado (1912-1916)³ na região entre o Paraná e Santa Catarina.

¹ As capitânicas Hereditárias foi um sistema de administração territorial criado pelo rei de Portugal, D. João III, em 1534. Este consistia em dividir o território brasileiro em grandes faixas e entregar a administração para particulares (principalmente nobres com relação a Coroa Portuguesa). (<http://www.historiadobrasil.net/capitaniashereditarias/>). Acesso em: 23 out.2016

² Foi o confronto entre o movimento popular de fundo sócio religioso e o Exército da República, que durou de 1896 a 1897, na então comunidade de Canudos, no interior do estado da Bahia, no Brasil. (<http://www.sohistoria.com.br/ef2/canudos/>). Acesso em: 23 out.2016

³ O conflito aconteceu em uma área povoada por sertanejos, entre as fronteiras do Paraná e Santa Catarina. Eram pessoas muito pobres, oprimidas que não possuíam terras e também padeciam com a escassez de alimentos. (<http://www.infoescola.com/historia/guerra-do-contestado/>). Acesso em: 23 out.2016

Em 1964, foi decretada pelo presidente-marechal Castelo Branco a primeira lei de reforma agrária no Brasil denominada Estatuto da Terra. Junto com a lei foi criado o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (Ibra), órgão que ficou responsável por questões relacionadas à terra no país, porém esse Estatuto não saiu do papel e serviu apenas para resolver problemas momentâneos relacionados ao campo, o que resultou na entrega de mais terras aos comerciantes e industriais (MORISSAWA, 2001). Para a reforma agrária se efetivar, foi necessário o surgimento de movimentos de luta pela terra.

Um dos movimentos que ganha o maior destaque na história recente é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). De acordo com Fernandes (1996, p. 17), o MST foi a principal forma de organização social na luta pela terra e pela reforma agrária em quase todo o Brasil nas décadas de 1980 e 1990.

A Reforma Agrária assume então contornos de lutas e a partir da ação dos movimentos, como o MST, espalha-se pelo país. No estado de São Paulo, as principais lutas aconteceram na região do Pontal do Paranapanema, localizado no extremo sudoeste do estado na confluência dos rios Paraná e Paranapanema (LEITE, 1998 p, 15). Nesta mesma região está o município de Presidente Bernardes, marco de grandes ocupações e conflitos no ano de 1990. As principais foram todas realizadas pelo MST. Hoje, a cidade conta com seis assentamentos frutos dessas lutas: Água Limpa; Florestan Fernandes; Palú; Quatro Irmãs; Santo Antônio e Rodeio.

De maneira específica e dentro deste contexto, esta pesquisa tem como objetivo a produção de uma nova edição da Revista Prisma, criada no ano de 2013, e implantada no ano de 2014, na Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), ambos frutos de um Trabalho de Conclusão de Curso. A nova edição trará a questão agrária em Presidente Bernardes a partir das histórias de seis famílias que participaram do processo de territorialização de áreas no município de Presidente Bernardes. Contou com a captação de imagens, para realização de uma galeria de fotos na revista, vídeos de declarações de cada família, crônicas e poesias sobre a luta pela terra, declarações dos próprios pesquisadores e claro, reportagens do tipo perfil de cada entrevistado. Compreendem assim os parâmetros da linguagem usada em revistas, para que seja

possível retratar com mais detalhes as lutas enfrentadas por cada família, além dos próprios estudos da questão agrária no Brasil e no Pontal do Paranapanema.

O processo metodológico da pesquisa é apresentado no capítulo 2. É válido lembrar aqui que a pesquisa tem caráter qualitativo do tipo exploratória e utiliza o método histórico. A coleta de dados foi possível por meio de pesquisa bibliográfica e entrevista em profundidade do tipo semi-aberta.

A peça prática escolhida foi uma revista digital. Para isso é necessário entender desde a origem da revista impressa na época da tipografia até adquirir espaço no ambiente *on-line*. Também é necessário ressaltar sobre a importância do texto como reportagem dentro de uma revista, pois o mesmo conta com uma carga maior da exposição de detalhes, permitindo ao leitor sentir as emoções que os entrevistados tiveram ao detalhar suas respectivas histórias. Os pressupostos teóricos estarão presentes no capítulo 3, que trará também as categorias do jornalismo e seus gêneros com destaque para reportagem, as técnicas e os tipos de reportagem, a reportagem do tipo perfil, o estilo magazine e uma breve introdução sobre a Revista Prisma.

Já o capítulo 4 será dedicado ao jornalismo *on-line*. Desde seus primórdios ao meio de comunicação rápido e eficaz que se tornou hoje, também com espaço dedicado ao “Novo Jornalismo” e a rápida disseminação de conteúdo que a rede permite. Será encontrado também no mesmo a migração do conteúdo da revista impressa para a *on-line*.

A questão agrária no Pontal do Paranapanema está presente no capítulo 5. Busca-se um entendimento sobre o que é a luta pela terra e como ela se inicia, a vida dentro de um acampamento e haverá ainda um recorte das principais lutas que aconteceram na região e em Presidente Bernardes e a formação dos acampamentos até a distribuição das terras nos assentamentos.

O capítulo 6 será dedicado somente ao projeto editorial da Revista Prisma: público-alvo, linha editorial e o projeto gráfico da revista. As entrevistas, produção e edição, e pós-produção da nova edição da Revista Prisma. No capítulo 7 está o memorial descritivo da peça prática do trabalho.

Por fim, entende-se nas considerações finais, que o trabalho proporciona a todos aumentar as discussões sobre a Questão agrária e Reforma Agrária em todo país, em especial no Pontal do Paranapanema, além de permitir ao

leitor que, a partir desta edição da revista Prisma, possa-se conhecer sobre o principal motivo da luta pela terra e seus reflexos na vida das famílias.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 O problema

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem o intuito refletir de sobre o processo histórico da luta pela terra de seis famílias assentadas no município de Presidente Bernardes, tendo como parâmetro de tempo e transformações três fases distintas: as ocupações de terra na década de 1990 e a rotina em acampamentos, a conquista do lote em um dos cinco assentamentos do município e a dinâmica de vida que se seguiu. Para tal produção, o grupo de pesquisa atuou com base na pesquisa qualitativa do tipo exploratória e por método histórico. O resultado do trabalho será exposto em uma nova edição da já existente Revista Prisma.

O local de estudo é o município de Presidente Bernardes, localizado no extremo sudoeste do estado de São Paulo, pertencente à região do Pontal do Paranapanema (FERNANDES, 1996). As ocupações na região tiveram início e auge na década de 1990 e deram origem a seis assentamentos: Água Limpa; Florestan Fernandes; Palú; Quatro Irmãs; Santo Antônio e Rodeio, que somam uma área de 6.639,7 hectares, distribuídos em 245 lotes.

Ainda segundo Fernandes (2000), a região do Pontal do Paranapanema foi o local com o maior número de conflitos latifundiários, entre posseiros e grileiros, concentrando grande parte das lutas no estado de São Paulo. O estado de São Paulo hoje conta com 270 assentamentos e ficou conhecido, por ter como temática central a questão do campo, cenário de grandes coberturas jornalísticas local, regional, estadual e nacional, conforme os acontecimentos noticiosos.

Ao longo dos anos, as famílias foram se estabelecendo aos poucos e começando a viver da própria agricultura e produção. Outro fator importante foi a aceitação da sociedade. O Pontal é característico dessas histórias, muitas pessoas passaram por inúmeras dificuldades até ganhar o lote. Muitas foram esquecidas com o passar dos anos, pois a questão agrária não vem despertando tanto interesse como antes devido ao pouco número de ocupações que acontecem hoje na região.

Diante do exposto, o presente trabalho foi desenvolvido em torno da seguinte questão: como a produção de perfis jornalísticos de seis famílias

assentadas do Município de Presidente Bernardes pode contribuir com a discussão de uma temática regional importante?

2.2 Justificativa

A criação da revista, disponibilizada em plataforma digital, tem como intuito resgatar não só a luta, mas também as histórias das seis famílias selecionadas. Mostrando em detalhes todo processo que viveram até garantir o direito à terra. A luta pela terra, com o passar do tempo, perdeu espaço. Segundo os próprios moradores dos assentamentos visitados, o campo não desperta tanto interesse como antes. De acordo com Luz⁴, o Pontal não é mais um cenário de concentração de latifundiários e grileiros, mas sim de empresários que se tomaram posse das terras transformando a região em um local de empresas multinacionais denominadas agronegócio, afetando a luta pela terra. Esse processo aconteceu devido ao pouco investimento e a conquista dos objetivos por parte daqueles que lutavam e que ocasionaram uma queda nos conflitos da região. A população jovem também busca a vida na cidade, pois o campo não oferece uma perspectiva de vida o suficiente para avançar. O desemprego ao longo dos anos foi caindo e muitos dos envolvidos no processo de luta ao conquistar a terra abandonaram o movimento.

Segundo o pesquisador do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (Nera) José Sobreiro Filho (Nino)⁵, os primeiros quatro anos de ocupações no Pontal foram de aprendizagem. Como identificar as fazendas, saber o que poderia ser cultivado no local, chamar novas pessoas para participar. Isso chamava a atenção tanto de quem apoiava o movimento, como de quem era contra e envolvidos com a mídia, que por muito tempo teve o Pontal como grande referência para reportagens, na imprensa local, regional, estadual e nacional.

Durante um período, as lideranças dos movimentos pela terra ainda conseguiram destaque, porém, os conflitos internos fizeram com que essas aparições se tornassem cada vez menos frequentes (SILVA JUNIOR, 2010, p.99). Ainda de acordo com o autor, no início o movimento teve um respaldo positivo devido suas reivindicações por uma sociedade melhor, no entanto, em outras vezes

⁴ Entrevista realizada no assentamento Rodeio, lote 12. No dia 11 jul. 2016.

⁵ Entrevista realizada no Nera (Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária), no dia 9 ago. 2016.

foi marcado apenas pela forma que a luta acontecia (SILVA JUNIOR, 2010, p.99). Sendo assim é de suma importância para a sociedade oferecer um espaço totalmente dedicado a essas histórias, para que possa haver uma recuperação da memória das lutas que aconteceram no Pontal do Paranapanema, em especial do município de Presidente Bernardes, com os primeiros conflitos no ano de 1990.

Para a academia, o trabalho oferece mais uma pesquisa realizada sobre a questão Agrária, fortalecendo o acervo acadêmico da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente que conta com 13 trabalhos referidos à questão. No entanto a presente pesquisa traz o perfil das famílias selecionadas.

O conteúdo será exposto em uma nova edição da revista digital Prisma. Aos demais, o trabalho possibilita uma compreensão maior sobre a questão agrária e seus movimentos. Em especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), como ele se inicia no município de Presidente Bernardes e como suas atividades se tornaram cada vez menos frequentes.

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo geral

Produzir uma nova edição da Revista Prisma com o perfil de luta e a dinâmica de vida de seis famílias assentadas no município de Presidente Bernardes (SP).

2.3.2 Objetivos específicos

- Realizar pesquisas sobre reforma agrária, questão agrária e o Pontal do Paranapanema, com foco no município de Presidente Bernardes, uma vez que se trata de assuntos pertinentes e recorrentes na história da região;
- Documentar a realidade das famílias selecionadas por meio de uma revista digital para que este ato possa ser usado como fator de ampliação do debate ou conhecimento a respeito da questão agrária;
- Ampliar conhecimentos sobre o potencial de uso jornalístico das plataformas digitais, em especial as revistas, como condição para se preparar bem para o mercado de trabalho.

2.4 Metodologia

De acordo com Goldenberg (1997, p. 13), para elaboração de uma pesquisa científica, deve-se ter criatividade, disciplina, organização baseadas no confronto permanente entre o possível e impossível, o conhecimento e a ignorância. Barros e Junqueira (2009, p. 36) ressaltam que o conhecimento científico também é chamado por “conhecimento crítico”:

Sem teoria crítica, não existiria apreensão crítica da “realidade”. O pensamento crítico ou científico possui dois momentos fundamentais. Primeiro, ele desconfia da aparência dos fenômenos, tal como o senso comum ou outras teorias científicas nos fazem percebê-los. Em um segundo momento, ele desconfia de suas próprias conclusões, submetendo suas investigações e conclusões ao olhar crítico de outros analistas, que, por sua vez, poderão propor novas interpretações.

A pesquisa terá abordagem qualitativa, que de acordo Mascarenhas (2012, p. 45) é usada quando os pesquisadores têm como intuito descrever seu objeto de estudo com mais profundidade, analisando o comportamento de um indivíduo ou grupo social, podendo obter mais de um resultado. Para Goldenberg (1997, p. 49) os métodos qualitativos são responsáveis por ressaltar as particularidades de um fenômeno e seus significados. A autora (1997, p. 14) ressalta aos pesquisadores que adotam essa abordagem se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, baseando no modelo de estudo das ciências da natureza.

A pesquisa é classificada do tipo exploratória. Segundo Gil (2012), estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses:

A classificação das pesquisas em exploratórias, descritivas e explicativas é muito útil para o estabelecimento de seu marco teórico, ou seja, para possibilitar uma aproximação conceitual. Todavia, para analisar os fatos do ponto de vista empírico, para confrontar a visão teórica com os dados da realidade, torna-se necessário traçar um modelo conceitual e operativo da pesquisa. (GIL, 2002, p.43)

De acordo com Andrade (2010, p. 112), a pesquisa exploratória é o primeiro passo de todo trabalho científico:

[...] facilitar a delimitação de um tema de trabalho; definir os objetivos ou formular as hipóteses de uma pesquisa ou descobrir novo tipo de enfoque para o trabalho que se tem em mente. Através das pesquisas exploratórias, avalia-se a possibilidade de desenvolver uma boa pesquisa sobre determinado assunto.

Os resultados presentes na pesquisa só são possíveis devido ao uso dos métodos e técnicas de investigação científica que foram usados durante a elaboração desta pesquisa. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 106), “método e métodos situam-se em níveis claramente distintos, no que se refere à sua inspiração filosófica, ao seu grau de abstração, à sua finalidade mais ou menos explicativa, à sua ação nas etapas mais ou menos concretas da investigação e ao momento em que se situam.” O método utilizado será o método histórico, para Marconi e Lakatos (2003, p. 89):

O método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época.

Dessa forma, os pesquisadores puderam analisar a trajetória das famílias selecionadas, desde o momento em que elas se inserem no contexto de luta pela terra, até os objetivos que foram alcançados com as conquistas.

Também foram necessárias técnicas que possibilitaram o direcionamento do trabalho, como coleta e seleção de dados referentes ao mesmo. A pesquisa bibliográfica é utilizada, pois com base em um material já elaborado, é possível mais informações sobre o tema proposto no trabalho. De acordo com Gil (2002, p. 44):

Os livros de referência, também denominados livros de consulta, são aqueles que têm por objetivo possibilitar a rápida obtenção das informações requeridas, ou, então, a localização das obras que as contêm. Dessa forma, pode-se falar em dois tipos de livros de referência: livros de referência informativa, que contém a informação que se busca, e livros de referência remissiva, que remetem a outras fontes.

Os livros usados na pesquisa foram de referência informativa, sendo assim, as pesquisas bibliográficas possibilitam a obtenção de conteúdo já publicado e dão veracidade à elaboração do projeto.

O autor (2002, p. 45) também destaca que a vantagem da pesquisa bibliográfica é que ela permite ao investigador “a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.”

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Gil e Severino (2000, p. 106-107), trata a pesquisa bibliográfica como uma passagem, que são os elementos retirados dos documentos que serviram de fonte durante a pesquisa e leitura e se revelem úteis para auxiliar o autor em suas ideias.

Foram utilizados como parte da pesquisa bibliográfica, livros, artigos digitais e físicos sobre a questão agrária. Os trabalhos de conclusão de curso: Registro fotográfico do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) em um assentamento no Oeste Paulista⁶; A Territorialização do Município de Presidente Bernardes⁷; Revista Prisma: uma proposta de Jornalismo interpretativo e multimidiático na web⁸ e a Implantação da Revista Digital Prisma como espaço acadêmico de aprendizagem na Facopp⁹.

A pesquisa de campo foi escolhida, pois, de acordo com Gil (2002, p. 52-53), o estudo de campo é capaz de levar o conhecimento a uma profundidade apresentando maior flexibilidade. O autor ainda ressalta (2002, p.53), que é um tipo de coleta que focaliza em uma comunidade, não é necessariamente geográfica:

[...] já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

⁶ LEITE, Danubia; OLIVEIRA, Nayrine Olive; SILVA, Victor Jorge. **Registro Fotográfico do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) em um assentamento no Oeste Paulista**. 2015. 165 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente – SP.

⁷ SANTOS, Gilberto. **A territorialização do município de Presidente Bernardes**. 2000. 81 f.

⁸ QUIRINO, Leticia; PACHECO, Vinicius; ARAKI, Violeta. **Revista Prisma: uma proposta de Jornalismo interpretativo e multimidiático na web**. 2013. 254 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente – SP.

⁹ ALVES, Mariana et al. **Revista Digital Prisma como espaço acadêmico de aprendizagem na FACOPP**. 2014. 233 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente – SP.

De acordo com Gil (2002, p. 53), “No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo.”

A pesquisa de campo tem como objetivo conseguir informações sobre os cinco assentamentos escolhidos. Desta forma, os pesquisadores poderão retratar de forma crítica o objeto de estudo. De acordo com Lakatos e Marconi (2003,p.165) pesquisa de campo é composta por três fases:

As fases da pesquisa de campo requerem em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão.[...]Em segundo lugar, de acordo com a natureza da pesquisa, devem-se determinar as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na determinação da amostra, que deverá ser representativa e suficiente para apoiar as conclusões. Por último, antes que se realize a coleta de dados, é preciso estabelecer tanto as técnicas de registro desses dados como as técnicas que serão utilizadas em sua análise posterior.

Sendo assim os alunos realizaram pesquisas nos acervos das Universidades Unoeste e Unesp, procurando livros relacionados aos temas: Jornalismo; Jornalismo *on-line*; Jornalismo de Revista; Metodologia e Reforma Agrária. Em seguida definiram como seriam realizadas as entrevistas para dar início a peça prática do trabalho.

Ainda com relação à coleta de dados, foi escolhida a entrevista em profundidade do tipo semi-aberta, pois se trata de uma técnica qualitativa que busca informações e experiência dos entrevistados através de um roteiro de perguntas, que podem ser analisadas posteriormente. “O uso de entrevista permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever fenômenos.” (DUARTE, 2009, p. 63).

Para Duarte (2009, p. 62), a entrevista em profundidade busca teorias e pressupostos que o investigador define para recolher respostas a partir das experiências vividas por cada fonte. Os autores ainda afirmam que nesse tipo de entrevista não se trabalham com hipóteses:

Não se busca, por exemplo, saber quantas ou qual proporção de pessoas que identifica determinado atributo na empresa “A”. Objetiva-se saber como ela é percebida pelo conjunto de entrevistados. Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema [...]. (DUARTE, 2009, p. 63)

A principal vantagem de uma entrevista em profundidade é obter informações pormenorizadas e aprofundadas sobre valores, sentimentos, motivações, ideias, posições, comportamentos, como retrata Souza (2006, p. 722-723):

As entrevistas em profundidade estruturam-se em torno de núcleos temáticos que devem ser desenvolvidos metodicamente até se esgotarem. No entanto, o facto de o questionário ser estruturado não implica que ele não possa ser flexível [...].

O questionário tem como objetivo cumprir as funções de obter respostas para cada questão proposta, de acordo com Duarte (2009, p. 67):

O questionário estruturado é prático para grande número de respondentes e pode ser auto-aplicável. Com ele, é possível fazer análises rapidamente, replicar com facilidade, limitar as possibilidades de interpretação e de erro do entrevistado e comparar com outras entrevistas similares. Embora sugira simplicidade, sua elaboração exige profundo conhecimento prévio do assunto.

São entrevistados seis moradores sendo um de cada assentamento do município de Presidente Bernardes, que participaram das ocupações no mesmo. No assentamento Água Limpa foi entrevistado o vendedor Valdecir Marinotti, no Florestan Fernandes o produtor de sementes de capim, Cícero Bezerra de Lima, no assentamento Palú a dona de casa Adriana Aparecida de Jesus Gomes. No assentamento Rodeio, a professora Marisa Luz e o aposentado Gumercindo Ferreira Barbosa. Por fim, no Santo Antônio o pecuarista Maurício Osório. Foi entrevistado também o pesquisador do NERA José Sobreiro Filho (Nino).

A partir das entrevistas, a análise é realizada de acordo com os seguintes aspectos: as ocupações que foram realizadas no ano de 1990, relatar os detalhes sobre o dia a dia dentro de um acampamento, os conflitos, as necessidades; em seguida a conquista dos lotes nos municípios, o ano em que cada família teve direito à terra, e como foram os primeiros momentos morando no local. É importante ressaltar que cada família ganhou a terra sem nada. O plantio, produção não foi auxiliado por instituições ou pelo governo. Foram os próprios moradores que realizaram tudo. Por fim, como cada família vive hoje, 26 anos após as ocupações no município, o que conseguiram produzir, qual o apoio das entidades governamentais.

Portanto, a nova edição da Revista Prisma foi a plataforma escolhida para apresentar as imagens e entrevistas, que se enquadram no conceito de revista, que tem grande importância no aprofundamento do tema, que será apresentado no capítulo seguinte.

3 JORNALISMO INTERPRETATIVO E JORNALISMO DE REVISTA

Este trabalho tem como ponto inicial o estudo da teoria e prática do jornalismo e o jornalismo de revista, pois é uma das técnicas mais recorrentes na organização de fatos e ideias, no registro da vida de um indivíduo.

Para que haja compreensão do trabalho, este capítulo será dedicado ao resgate dos principais pontos do jornalismo e do jornalismo de revista.

3.1 Jornalismo

O jornalismo é a transmissão de conhecimentos de utilidade pública, informações passadas de forma clara ao leitor para que ele tenha total compreensão. Ao longo dos anos, ele se adapta às novas mídias, mas nunca deixa para trás a principal função: a informação com rigor na apuração. Segundo Kovach e Rosentiel (2004, p. 31), a imprensa tende a auxiliar o cidadão a definir suas comunidades, assim o próprio indivíduo irá ter um conhecimento sobre quais fatos reais acreditar. O jornalismo ajuda a identificar os objetos de cada comunidade, seus heróis e vilões. Kovach e Rosentiel(2004, p. 32) também destacam que “[...] o jornalismo reflete um entendimento sutil de como os cidadãos se comportam, um entendimento que podemos chamar de Teoria da Participação Pública¹⁰.” Uma das fases do jornalismo tem início no século 17 e é caracterizada a partir de conversas que aconteciam em lugares públicos, como nos cafés em Londres na Inglaterra. É aí daí que se organizam e derivam os primeiros jornais, por volta do ano de 1609, onde tipógrafos começam a recolher informações, fofocas, discussões políticas e depois imprimiam tudo (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 37). Já no Brasil, apesar da imprensa se estabelecer com a chegada da coroa portuguesa em 1808, é na década de 1950 que o país passa a receber uma grande influência das mídias estrangeiras que aqui se estabeleceram no setor de informação que atinge principalmente o mercado de revistas, editoras de rádio e televisão, como explica Bahia (1990, p. 92).

O jornalismo, junto de uma complexa estrutura, é um dos meios de expressão e opinião pública, e esse resultado se dá ao fato de grandes transformações na imprensa sociedade e história. “Ele tem uma influência

¹⁰ A Teoria da Participação Pública é a possibilidade teórica que demonstra a diversidade epistemológica e a metodologia presente no estudo da Comunicação e do Jornalismo.

comparada com a dos outros veículos de comunicação com as massas: a palavra, o cinema, o rádio, a televisão.” (BAHIA, 1990, p. 129)

Os jornais, até o início do século XX, possuíam textos muito opinativos, como explica Pena (2012, p. 41). As informações não estavam ausentes nas páginas, mas eram apresentadas de formas diferentes. As reportagens não escondiam a carga panfletária, mas os dados refletiam com as posições que os donos dos jornais sugeriam.

As narrativas eram mais retóricas do que informativas. Antes de ir ao verdadeiro assunto da matéria, os textos faziam longas digressões relacionado-a com a linha de pensamento do veículo, o que, hoje, os jornalistas chamam de nariz de cera. [...] Era muito comum que um jornal opositor, por exemplo, utilizasse os primeiros parágrafos da narrativa sobre um assassinato para criticar a política de segurança do governo. Só na metade do texto é que o leitor descobriria quem foi assassinado e qual o local do crime. Não havia objetividade ou imparcialidade (o que não significa que existam nos dias hoje [...]). (PENA, 2012, p. 41)

Ao longo dos anos, porém, esta vertente perdeu espaço junto aos leitores e o jornalismo teve que se adequar às exigências propostas pela profissão. De acordo com Kovach e Rosenstiel (2000, p. 41), hoje o novo jornalista não decide, mas auxilia o público quer saber. Isso significa que ele checa a mensagem para saber se a mesma possui veracidade e se a informação é confiável, ordenando de uma forma que o leitor possa entendê-la. Segundo Pena (2012, p. 57):

Muitos jornalistas se esquecem de um velho ditado da infância, cujo valor é alto na profissão: “Quem conta um conto aumenta um ponto”. A fonte de qualquer informação nada mais é do que a subjetiva interpretação de um fato. Sua visão sobre determinado acontecimento está mediada pelos “óculos” de sua cultura, sua linguagem, seus preconceitos. E, dependendo do grau de miopia, a lente de aumento pode ser direcionada para seus próprios interesses.

De acordo com Pena, o jornalista pode intervir na mensagem relatada, de acordo com a proximidade com o relator. O profissional sendo assim, deve escolher qualquer tema e falar dele com várias pessoas. “Depois, informe que é jornalista e vai publicar as declarações. Repare nas mudanças de seu interlocutor. Muito provavelmente, ficarão diferentes a postura, o tom e, dependendo das circunstâncias, até o relato.” (PENA, 2012, p. 58)

Diante essa situação, o jornalista deve saber utilizar os elementos que a ele são proporcionados, como esclarece Bahia (1990, p. 131):

[...] o homem moderno, produto da educação em massa, cercado das solicitações, pressões, tensões e das distrações as mais diversas, sensibilizado por problemas e desafios os mais complexos, é também fundamentalmente interessado no melhor conhecimento, na melhor informação e no mais adequado saber. E é ao jornalista que cabe atender essas necessidades.

Como dito no início deste capítulo, o jornalismo pode sofrer alterações ao longo dos anos e com o aumento da tecnologia, mas ele sempre terá como objetivo principal a busca pela verdade. “[...] o jornalismo procura – uma forma prática e funcional da verdade. Não a verdade no sentido absoluto e filosófico. [...]. Mas o jornalismo pode e deve perseguir a verdade no sentido por qual possamos funcionar no dia-a-dia.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2000, p. 68)

Ainda de acordo com o autor, a verdade é um fenômeno complicado e contraditório:

[...] mas se for visto como um processo ao longo do tempo pode ser captado pelo jornalismo. No fundo, esse processo tenta chegar à verdade num mundo atordoado, primeiro despojando a informação de qualquer resíduo de dados errados, desinformação ou informação autopromocional, deixando que a comunidade reaja e assim surja o processo seletivo das notícias. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2000, p. 72-73)

Outra forma do jornalista não passar uma notícia verdadeira é através da manipulação das fontes. De acordo com Pena (2012, p. 61), uma fonte oficial pode divulgar determinada notícia para amenizar o impacto com outra, com uma informação que oculta à verdadeira. O autor também destaca as funções das principais fontes dentro do jornalismo:

As **fontes oficiais** são sempre as mais tendenciosas. Têm interesses a preservar, informações a esconder e beneficiam-se da própria lógica do poder que as colocam na clássica condição de *Instituição*. Governo, institutos, empresas, associações e demais organizações estão nessa categoria. Como classificação conceituada, entretanto, se a pessoa que fala por elas não está autorizada, então a **fonte é oficiosa**. E quando não tem nenhum vínculo direto com o assunto em questão, trata-se de uma **fonte independente**. (PENA, 2012, p.62, grifo do autor)

O autor também ressalta que a vinculação de uma notícia está relacionada à pressão do deadline, os fatos são imprevisíveis, podem surgir a qualquer momento. “É nesse momento que os critérios de noticiabilidade, usados em um conjunto de instrumentos e operações que possibilitam o jornalista escolher

os fatos que vão se transformar em notícia [...]” (PENA, 2012, p. 73). Sendo assim, Bahia (1990, p. 131), destaca a principal tarefa do jornalismo e suas consequências:

Sua principal tarefa é a promoção do bem comum. Naturalmente o jornalismo está sujeito a distorções e, na prática, seus conceitos e definições ideais nem sempre ocorrem como na teoria. No entanto, o exercício do jornalista torna-se mais importante na sociedade à medida que são maiores as garantias de liberdade, à medida que as opiniões professadas se fundem na segurança e seriedade das informações. (BAHIA, 1990, p.131)

Para que o leitor possa compreender a reportagem em um todo, foram criadas categorias dentro do jornalismo para que possam caracterizar os textos. Com o intuito de causar diferentes reações nos leitores.

3.2 Categorias do jornalismo

As categorias do jornalismo surgiram para compreender os textos e posteriormente separá-los no jornal. Segundo Erbolato (2008, p. 30), as categorias são quatro: Informativo, Interpretativa, Opinativa e Diversional, e são responsáveis por definir as características dos textos. O autor (2008, p. 30-31) explica que as notícias eram superficiais e narravam os acontecimentos de acordo com sua estrutura, por isso a necessidade de criar novas formas para retratar os fatos. De acordo com Erbolato (2008, p. 30-31), o jornalismo Informativo tem a notícia como gênero principal. Ele tem como elemento mais forte a notícia. Os fatos são explorados respondendo assim as questões presentes no lead. Ainda tem como objetivo passar a informação de maneira direta ao público, sendo assim a partir do lead o leitor já sabe qual o assunto que a notícia vai tratar. Segundo Blasechi (2015), o jornalismo informativo “dá conta de um fato ou de uma série de fatos ocorridos sucessivamente em um mesmo local ou no contexto de um mesmo assunto em um período de tempo.” Já o Interpretativo:

[...] também conhecido como jornalismo em profundidade, jornalismo explicativo ou jornalismo motivacional. Concorre com ele o jornalismo informativo, o jornalismo opinativo e o jornalismo diversional. Atualmente, procura-se combater a expressão “interpretativo”, por entender-se que há excessos quando o repórter mostra os vários ângulos de uma notícia, pois transporta a sua ideia, ou as de quem entrevistou, para o texto entregue ao público. Não se poderia, a rigor, falar em interpretação, sem que se oferecesse ao leitor algo de opinião. E opinar é privilégio, por exemplo, dos

editoriais, que representam o pensamento da direção de qualquer matutino ou vespertino. (ERBOLATO, 2008, p. 31)

O jornalismo interpretativo busca a informação primária. Não se contenta com as versões ou com as fontes secundárias. Seu objetivo é transitar pelos bastidores das notícias, arrancando o véu opaco de acontecimentos obscuros, cujos protagonistas fazem de tudo para escondê-los. Investigar significa pesquisar, confrontar, verificar, analisar, insistir. Todos esses verbos estão presentes no mesmo processo de produção jornalística. (PENA, 2012, p.201)

O jornalismo opinativo, de acordo com o Erbolato, traz uma opinião para o público que representa o pensamento dos profissionais da área, eles estão presentes nos artigos, críticas, ou também a visão do próprio veículo de comunicação em relação a um determinado assunto. Busca trazer uma análise que possa representar o pensamento, como críticas literárias por exemplo, do próprio veículo a respeito de um determinado assunto. No caso essa categoria não pode ser confundida com a interpretativa. Segundo Blasechi (2015), o texto opinativo possui características como, estar sempre em terceira pessoa; tratar de um tema delimitado; trazer poucas ideias, dando ênfase a afirmações e permitindo que o leitor possa ou não concordar com o conteúdo oferecido. É dividido em artigo, que é o julgamento provisório de fatos que estão em andamento e ensaio, o ponto de vista do autor com argumentações apoiadas em fontes concretas. Por fim, Erbolato traz como última categoria, o jornalismo diversional, que de acordo com o autor é aquele no qual o repórter se dedica totalmente a viver dentro de um ambiente e com os problemas que estão presentes nele. Os textos escritos são reproduções de sentimentos das pessoas que estão envolvidas:

A prática do Jornalismo Diversional demanda enorme tempo e poucos são os que podem se dedicar semanas ou meses a uma só matéria. Por outro lado, a nova técnica reaviva assuntos, torna-os sempre atuais e prende o leitor, ainda que já tenha conhecimento dos muitos pormenores divulgados. (ERBOLATO, 2008, p.44)

Para a produção deste trabalho foi usada a categoria interpretativa, que traz as informações do texto jornalístico de forma analítica e aprofundada. Essa categoria é essencial quando as reportagens giram em torno de detalhes, e trazem emoções para o texto.

3.2.1 Categoria interpretativa

A categoria Interpretativa não se prende a contar somente um fato, vai além buscando desdobramentos, fazendo com que o receptor entenda cada detalhe e interprete o assunto. Segundo Villas Boas (1996, p. 102), essa categoria tem como função fazer com que o leitor não se confunda com o texto:

A criatividade esbarra, então, nos limites do raciocínio. Você raciocina para elaborar bem, escrever honesta e claramente, dar o toque de refinamento necessário e ainda agradar o editor e o público da revista. Público que, aliás, a direção das revistas conhece bem. Mesmo assim, não são raros os momentos em que uma Angulação impensada põe em risco a credibilidade da revista perante seus leitores.

A reportagem interpretativa, portanto, explica as causas de um fato e suas consequências. Existe uma delimitação da interpretação. “Interpretação é uma palavra que, até certo ponto, significa mostrar o que está debaixo da superfície. [...]” (ERBOLATO, 2008, p. 36). Segundo Gomis (apud DEUS; MONTAGNA, 2013 p. 4), a internet tem sido a principal aliada do jornalismo interpretativo. “Para efeitos de uma teoria do jornalismo, que já não percebe as notícias como meros reflexos da realidade, mas resultados de construção e interação simbólica, a atividade jornalística pode ser encarada como um método de interpretação da realidade social.”

Segundo Erbolato (2008, p.34) os fatos devem ser divididos de acordo com as suas etapas de elaboração. O autor ainda alega que há resistência pelo jornalismo interpretativo pelas informações serem transmitidas em forma de opiniões do emissor, mesmo que disfarçadamente.

Há necessidade de separarmos os três aspectos de um fato: informação, interpretação e opinião. Há os que resistem à prática do jornalismo interpretativo, alegando que, com ele, se pretende transmitir aos leitores opiniões disfarçadas em forma de análises e interpretações. (ERBOLATO, 2008, p.34)

Segundo Villas Boas (1996, p.77), a interpretação é uma das características básicas do jornalismo de revista. Para ele o fato de submeter os dados recolhidos a uma seleção crítica e depois transformá-los em matéria é um ato de interpretação. No jornalismo interpretativo é necessário identificar em primeiro

lugar o valor absoluto das notícias que devem despertar o interesse dos leitores (VILLAS BOAS, 1996, p. 78).

O jornalismo interpretativo se enquadra bem na reportagem. É bastante utilizado por ser mais completo, permitindo maior compreensão por parte do leitor. É por meio dela que os jornais e revistas fazem grandes coberturas sobre assuntos importantes.

3.3 A reportagem

A reportagem é um dos gêneros jornalísticos que permitem que o texto venha acompanhado de uma maior carga de informações e riqueza de detalhes. De acordo com Pessa (2009, p. 1), a reportagem atende a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual, e coloca o leitor a uma compreensão de maior alcance, possibilita um mergulho dentro do texto, além de possibilitar ao autor uma dose ponderável de liberdade no tratamento da notícia. Seguindo a mesma linha de pensamento Guirado (2004, p. 22) define reportagem como:

[...] o nome que se dá a matérias mais longas, em geral ocupando a página inteira, ou, eventualmente meia página ou um terço de página. Seu conteúdo há que ser pesquisado até o desenlace da questão ou até o seu esgotamento. É da natureza da reportagem revelar a origem e o desenrolar da questão que ela retrata. Assim, de alguma forma, a reportagem responde, ou busca responder- em tese-aos interesses sociais. (GUIRADO, 2004, p. 22)

De acordo com Jorge (2008, p. 69-70), reportagem é entendida em quatro acepções: resultado de busca de informação e cobertura; atividade de coleta de informação; conjunto de jornalistas encarregados do setor informativo do jornal, e produto específico resultado do trabalho de um profissional do jornalismo, que tem como intuito reportar fatos com intenção de aprofundar o assunto. Jorge (2008), também descreve reportagem no sentido geral como:

- reportagem é informação, notícia; situa-se na área do jornalismo informativo;
- é o relato de uma ocorrência de interesse coletivo, testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista ou um corpo de profissionais do jornalismo;
- é oferecida ao público segundo forma especial, por meio dos veículos jornalísticos;

- é a notícia ampliada. A notícia é o ponto de partida para a reportagem. Se não for assim, a reportagem deixa de integrar o gênero noticioso – situa-se no terreno da opinião, virando crônica, ensaio, resenha.

Muitas reportagens são realizadas de acordo com a observação dos fatos que geralmente passam despercebidos. De acordo com Lage (2008, p. 45):

É o caso de um súbito aumento de número de pedintes ou de camelôs nas ruas. Outras decorrem de inferências. Por exemplo, se determinado produto regional mantém preço alto e firme no mercado, isso deve gerar um surto de enriquecimento, progresso e até mesmo alterar relações sociais; se a moda impõe uma redução acentuada no comprimento de vestidos, é provável que a indústria de tecidos seja atingida; se uma personalidade conhecida sofre enfarte em uma academia de ginástica, pode haver retração na frequência aos exercícios etc.

Santos et al. (2013, p. 1) defendem reportagem como o gênero mais nobre do jornalismo. Segundo o autor, a reportagem é o tipo de texto capaz de revelar segredos poderosos que foram varridos para baixo do tapete, e traz pesquisas, descobertas e relatos importantes. Já Lage (2009, p. 136) traz à tona que toda reportagem necessita de investigação e interpretação.

É possível fazer reportagem de diversas maneiras. A reportagem perfil é uma delas e consiste em traçar o perfil de alguém.

3.3.1 Tipos de reportagem e a reportagem perfil

O texto de reportagem é dividido em três matrizes: dissertativo, narrativo e descritivo. De acordo com Coimbra (1993, p. 169) a reportagem dissertativa é um texto estruturado por meio de raciocínio, e explícito por afirmações, seguidas de uma justificativa ou fundamentação. Para o autor (1993, p. 170), a reportagem narrativa tem função de mostrar a mudança que acontece entre os fatos, estados, pessoas e coisas no decorrer de um período e em um lugar.

Por fim, define como último tipo, a reportagem descritiva, como um texto que abrigue pessoas e coisas:

Quando há verbos de movimento, eles exprimem ações que ocorrem no instante apreendido pelo texto. Assim, se for alterada a ordem das partes em que se divide – os seus subtemas- isto afetará a relação cronológica dos acontecimentos. Nela o momento apreendido é sempre detalhado, pormenorizado. Em geral, incorpora segmentos e blocos de textos, narrativos e dissertativos. (COIMBRA, 1993, p.170)

Já Pena (2012, p. 77), considera outros três gêneros de reportagem: Investigativa, Interpretativa e o Novo jornalismo. A Investigativa é nada mais que um fato, que revelam outros que estão ocultos. Através dela é definido o perfil de uma determinada situação jornalística. Já a Interpretativa e o Novo Jornalismo:

Interpretativa: o conjunto de fatos é observado pela perspectiva metodológica de determinada ciência. Exemplo: uma pesquisa qualitativa.

Novo jornalismo: aplica técnicas literárias na construção de situações e episódios para revelar uma práxis humana não teorizada. Exemplo: os textos da famosa escola americana. A New Journalism, escritos por talentos como Truman Capote e Norman Mailer. (PENA, 2012, p.77, grifo do autor)

Um tipo também muito utilizado para a produção de uma reportagem é a reportagem estilo perfil, que tem como intuito descrever com grande riqueza de detalhes a história de um indivíduo. “Reportagem perfil procura apresentar a imagem psicológica de alguém a partir de depoimentos do próprio, assim como de familiares, amigos, subordinados e superiores desta pessoa.” (PENA, 2012, p. 77). O autor (2012, p. 17) cita um exemplo que aconteceu em relação ao cantor Michael Jackson:

Martin Bashir passou oito meses, em 2002, convivendo com o astro pop Michael Jackson para produzir uma reportagem para a TV inglesa ITV. Foi exibida em 2 de março de 2003, pelo canal Sony, com ampla repercussão mundial. Uma característica a ressaltar na citada produção foi a postura de frontal questionamento das mais diversas e delicadas, digamos, “fragilidades” do perfilado. Um observador mais atento percebe com que requintes de estratégia o jornalista apresentava as mais dolorosas questões: posturas que oscilavam entre a ingênua simplicidade dos mais humildes e a liberdade natural dos íntimos.

Segundo Lene (2006), há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode existir sem personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los e caracterizá-los. Em todo texto existe sempre um momento da narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de perfil. Lene (2006) ressalta que Perfil ou reportagem-perfil faz parte do gênero jornalístico informativo. E, dentro dessa classificação, inseri-lo na categoria dos textos noticiosos chamados de fature, ou seja, uma notícia apresentada em dimensões que vão além do seu caráter factual e imediato, em estilo mais criativo e menos formal. Nessa categoria estão incluídos os perfis e as histórias de interesse humano. Sob a visão de Lene (2006), o perfil pode ser leitura

saborosa quando consegue contar passagens relevantes da vida e carreira do entrevistado, colher suas opiniões em assuntos importantes, ouvir o que dizem dele os amigos e os inimigos, mostrar como e o quê faz.

De acordo com Blasechi (2015), a reportagem perfil é a descrição do ser e pode ser escrito de diversas maneiras. Pode ser direta, quando trata de atributos do personagem, ou indireta que traz atos e reações do personagem perante os outros. O perfil pode ser caracterizado por falas do personagem, aspecto físico, espaço, características psicológicas.

Para a produção de uma boa reportagem é necessário que o jornalista utilize algumas técnicas jornalísticas, que auxiliam o repórter durante toda elaboração.

3.3.2 Técnicas de reportagem

Como em todo produto desenvolvido no meio jornalístico a reportagem também precisa de técnicas durante a sua produção. A primeira parte para a produção de uma reportagem é a pauta, criada tanto a partir de fatos imprevisíveis, previsíveis, como também através da observação. De acordo com Guirado (2004, p. 22), as pautas realizadas para reportagem exigem mais do que as noticiosas, pois essas vão além de responder apenas as perguntas do lead. De acordo com Lage (2008, p. 34), a denominação dentro de uma reportagem se aplica a duas coisas distintas:

- a) Ao planejamento de uma edição ou parte da edição (nas redações estruturadas por editoriais – de cidade, política, economia, etc.), com a listagem dos fatos a serem cobertos nos noticiários e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestão de fontes etc.
- b) A cada um dos itens desse planejamento, quando atribuído a um repórter: Ele dirá “a minha pauta”, quer a tenha recebido como tarefa, quer a tenha proposto (o que é comum, particularmente com freelancers).

A pauta, portanto, exige do produtor uma apuração completa da reportagem, com dados, datas, horário e locais para que o repórter possa conduzir as entrevistas e escrever a reportagem. A apuração da informação é de extrema importância para o desenvolvimento da reportagem, pois permite ao jornalista ligar

os fatos ocorridos. Segundo Jorge (2008, p. 97), “apurar é colher os fatos, juntar todos os dados disponíveis sobre o acontecimento e construir uma notícia.”

Outra técnica importante na sua produção é a realização das entrevistas. Lage (2008, p. 73) define “a entrevista como procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, observando geralmente, a coleta de interpretações e reconstrução de fatos.” O autor também ressalta a importância do repórter realizar uma pesquisa antes de qualquer entrevista.

O último estágio da produção de uma reportagem é a edição. O editor, algumas vezes acompanhado do repórter, seleciona o que deve ser mudado ou retirado no texto da reportagem, como são tratadas as falas dos personagens, as fotos selecionadas. De acordo com Xavier e Rodrigues (2013, p. 7), a edição é o processo final de uma reportagem, o editor organiza de forma coerente o que será exposto. A edição permite mudar totalmente o foco da reportagem, tudo depende da forma que ela será usada, as imagens, as falas.

Tendo em vista à adequação a tecnologia nos últimos anos, Lage (2008, p.20-21), vê o papel do jornalista se ampliar, de forma com que não seja o suficiente apurar bem, mas também deve se aplicar em outras tarefas:

Hoje, com computadores, a responsabilidade do repórter cresce e se diversifica: ele não apenas deve apurar bem, mas formular o seu texto como o melhor dos redatores e participar das tarefas de edição; é inevitável comparar essa atividade múltipla com o modelo toiotista, que chegou à indústria ocidental, com a voga dos produtos asiáticos, na década de 1970. Para adequar-se a esse modelo, o operário deve ser versátil e interessado pela totalidade do processo de produção. Também o Jornalista. (LAGE, 2008, p.20-21)

3.4 O estilo magazine

A revista é um veículo de comunicação que trabalha não só com a informação, mas também com a interpretação e o entretenimento. Antes de adentrar em como a reportagem é tratada dentro do veículo, é importante saber os pontos principais que regem sua história. “A revista é um meio de comunicação com algumas vantagens sobre os outros: é portátil, fácil de usar e oferece grande quantidade de informação por um custo pequeno.” (ALI, 2000, p.18).

De acordo com Ali (2000, p.17), [...] no mês de janeiro de 1812, Silva Serva apresentou ‘As Variedades’ ou ‘Ensaio de Literatura’ como “folheto” – embora o termo “revista” já existisse desde 1704, quando Daniel Defoe, o autor de ‘Robinson Crusoe’, lançou em Londres ‘A Weekly Review of the Affairs of France’.

Para Ali (2000, p.17-18) a revista ‘As Variedades’ foi primeira revista brasileira – ainda que o rótulo só viesse a ser adotado em 1828, ano em que surgiu no Rio a Revista Semanaria dos Trabalhos Legislativos da Câmara dos Senhores Deputados (ALI, 2000, p. 17-18).

As revistas são encontros entre editores e leitores. Por meio dela firmam um que contato que une grupos de pessoas e constrói identidades, como afirma Scalzo (2009, p. 12). Villas Boas (1996, p. 9) explica que as revistas exigem grandes valores profissionais, com textos elegantes e sedutores:

Considerados os valores ideológicos do veículo, não há regras muito rígidas. Há isto sim, uma conciliação entre as técnicas jornalística e literária. Não fazem exatamente literatura, porque jornalismo não se expressa por supra-realidades. Ao contrário, tratam de uma realidade comum a todos. Mas a técnica literária é perfeitamente compatível com o estilo jornalístico. O estilo magazine, por sua vez, também guarda suas especificidades na medida em que pratica um jornalismo de maior profundidade. Mais interpretativo e documental do que o jornal, o rádio e a TV; e não tão avançado e histórico quanto o livro-reportagem.

Segundo Villas Boas (1996, p.35), o importante é passar a informação de um modo sedutor e, principalmente, não confundir. É descobrir a melhor forma de apresentar a matéria que o jornal e a TV já deram. Este é um grande desafio. Como na literatura, é preciso inspiração para escrever em revista, sem perder de vista, é claro, o estilo jornalístico, nosso passo seguinte.

Sendo assim, as revistas são escritas de acordo com um público específico. Sempre antes de ser criada, deve-se fazer uma pesquisa que procura saber os temas que mais agradam, quais serão os tipos de leitores. “A revista, por sua natureza, tem um contrato implícito com o leitor.” (ALI, 2009, p. 32). Ela foi responsável por causar uma reviravolta no jornalismo, que saiu do âmbito da redação e foi para rua a procura de reportagens:

O jornalista deixou o fundo da redação, ganhou a rua, passou a criar matérias para além do ramerrame. Esporte, política, artes e espetáculos, consumo, modos de vida – nenhum meandro da realidade brasileira deixou de ser desde então freqüentado pelo olhar atento das publicações [...]. (ALI, 2000, p. 22)

Portanto, é um produto jornalístico que apresenta reportagens com riqueza de detalhes, trazendo aspectos que não são vistos em outros lugares. Villas Boas (1996, p. 102) esclarece que a revista desenrola os fatos; busca testemunhos e solta nas palavras:

[...] narra e reporta. Por essa razão, costuma deixar algo “no ar” ou nas entrelinhas. Isto não significa que as revistas sejam infiéis ao fato reportado. E sim que, ao soltar as amarras da padronização, pode haver o risco de conduzir o leitor a um certo “juízo-de-valor”. Portanto, é importante separar do jornalismo interpretativo qualquer forma de visão localizada, absolutamente pessoal.

A maioria das revistas tem em suas páginas assuntos que trazem entretenimento, para que o leitor não se apegue somente em fatos noticiosos como políticas e tragédias. Elas podem trazer todos esses assuntos, como estar divididas em editorias.

Na revista o aprofundamento é muito importante, pois ele trará sempre algo que as outras mídias não relataram. Segundo Scalzo (2009, p.13) “[...] por que ler uma notícia que já se conhece de véspera?” O escritor colombiano Gabriel García Márquez é autor de uma frase lapidar, que serve especialmente para as revistas: “A melhor notícia não é a que se dá primeiro, mas a que se dá melhor”. Hoje, até os meios eletrônicos começam a prestar maior atenção a isso. Enquanto editores de *sítes* e portais da Internet disputam segundos e, na presa, correm o risco de veicular notícias imprecisas ou mesmo erradas, os consumidores parecem cada vez mais interessados na informação correta e não no imediatismo.

3.5 A Revista Prisma

A Revista Prisma, é um fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), criada no ano de 2013 pelos alunos Letícia Quirino da Silva, Vinícius Pacheco Bozza e Violeta Ayumi Teixeira Araki, e implantada no ano de 2014 em outro TCC sob autoria de Mariana Sousa Alves, Natalia Maiolini Zangilorami, Pamela Lorraingui Bulhões Dias, Thais Ferreira dos Santos e Thamires Ferreira dos Santos. Ambos trabalhos foram orientados pelo professor Doutor Roberto Mancuzo Junior.

Ela surgiu com o intuito de criar a prática para um jornalismo criativo, livre e analítico, diferente das revistas impressas e também com possibilidades

interativas, visuais, conectivas e multimídiaicas. Sua escolha começa porque a plataforma digital apresenta grandes possibilidades do desenvolvimento de um jornalismo interpretativo. A princípio, ela abordaria assuntos gerais, com reportagens que ampliariam discussões de temas transmitidos por outros veículos. O nome escolhido foi Prisma, pois é como os prismas dispersivos que decompõem a luz policromática branca, em infinitas componentes monocromáticas. (ARAKI; BOZZA; SILVA, 2013)

O projeto editorial da revista visa especificar a forma de produção e edição do conteúdo. Devido a isso, no ano de 2014 foi implantado o laboratório da Revista Digital Prisma, para dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos. A linguagem da revista explora o jornalismo interpretativo e aprofunda os fatos por meio dos recursos multimídia. A Prisma tem como intuito apresentar uma ideia de revista digital, que agrega jornalismo interpretativo com multimídiaalidade.

Os integrantes da implantação da Revista Prisma relatam a forma como são elaborados os textos e a sua classificação jornalística. Segundo Alves et al. (2014, p.126), os temas tratados são direcionados ao público-alvo, porém não são ditados pelo mesmo. A linguagem explora o jornalismo interpretativo, busca o aprofundamento dos fatos por meio de recursos multimídiaicos. Na revista os estudantes oferecem matérias em vídeo, áudio, infográfico, texto e galerias de imagens. Assim como todo meio de comunicação busca a atenção do usuário, dessa forma utiliza de seus assuntos e os benefícios da plataforma digital para alcançar tal fato, conforme relata Alves et al. (2014, p.129), a revista Prisma tem foco no interesse do leitor/usuário por isso os textos devem ser construídos a partir de assuntos que despertem o interesse, abordados de maneira nova e aprofundada e elaborados com o auxílio de outras mídias informativas como fotografias e vídeos.

A Revista lança no meio universitário um ideal de que a informação vai além do texto, outras ferramentas como fotografias, áudio e vídeo podem ser utilizadas de forma com que a leitura interativa prenda mais a atenção do leitor.

Hoje a revista conta com nove edições. É usada na disciplina de Comunicação e Novas Tecnologias, ministrada pela professora Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, como mostra a figura 1, na qual são postadas grandes reportagens realizadas pelos alunos do sétimo termo de jornalismo, com recursos multimídiaicos: texto, fotos, áudio e vídeo. A Figura 1, mostra a página da última edição da Revista Prisma, composta por capa, e as reportagens.

FIGURA1 - Página inicial da revista com a última edição e reportagens:



Fonte: UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA, 2016.

A Figura 2 mostra a página inicial de cada reportagem contida na Revista, ela é composta por uma imagem de capa, em seguida as opções para ter acesso imediato a galeria de imagens, vídeo e *podcast*. É possível também inserir o vídeo e o *podcast* dentro do próprio texto, assim como mostram as Figuras 3 e 4.

FIGURA 2 – Modelo da página das matérias:



Fonte: UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA, 2016.

A Revista permite que os vídeos colocados nas matérias entrem no meio do texto como mostra a figura abaixo:

FIGURA 3: Modelo da página das matérias com o vídeo no meio:



Fonte: UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA, 2016.

Assim como no caso dos vídeos, também é permitido a inserção dos *podcasts* no meio do texto:

FIGURA 4 – Modelo de página das matérias com o *podcast* no meio:



Fonte: UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA, 2016.

E no final da página se encontra a galeria de imagens de cada matéria, que permite o uso de legendas, como mostra a figura 5:

FIGURA 5 – Modelo de página das matérias, galeria de imagens:



Fonte: UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA, 2016.

4 JORNALISMO ON LINE

O jornalismo ao longo dos anos se adaptou a grandes mudanças adquirindo novos formatos de texto. Com a tecnologia cada vez mais avançada, ele migrou do meio impresso para o meio digital, onde a notícia vem mais rápida, ou seja, os sites noticiosos abastecem seus veículos 24 horas por dia.

O princípio das conexões de internet teve início na Guerra Fria. De acordo com Pinho (2003, p. 22), em 1957 a antiga União Soviética colocou em órbita o seu primeiro satélite espacial artificial o *Sputinik* e quatro meses depois o presidente norte americano *Dwight Eisehower*, anunciava a criação da *Advanced Research Projetcts Agency* (ARPA), que tinha como missão, desenvolver uma alta tecnologia para aplicações militares, que eram ligadas ao Departamento de Defesa. De acordo com Castells (2003, p. 13)

Algumas das histórias que circulam por aí insinuam que o gigantesco passo seguinte – a criação da Arpanet – foi dado pelos militares, para reduzir a vulnerabilidade dos sites onde a informação se concentrava. É verdade, embora seja apenas uma parte da história. O sucesso dos computadores de tempo compartilhado provocou pressões financeiras cada vez maiores sobre a ARPA, pois cada grupo de pesquisa financiado pela agência exigia mais computadores, mais caros e maiores. A ARPA procurou aumentar a eficiência dos investimentos, estimulando os grupos a dividir máquinas distantes entre si. Ao mesmo tempo, os fatores técnicos apontavam para a possibilidade sensacional de conectar as máquinas.

A Internet cresceu a partir dos anos 1990 e de acordo com Squirra (1998, p. 9), ela é um grupo que engloba redes e computadores e possibilita a troca de informações. Para os jornalistas é como uma mina de ouro. Os meios de comunicação descobriram a internet no ano de 1995 e de acordo com Pinho (2003, p. 49), é uma ferramenta de comunicação diferente dos meios tradicionais e a velocidade é uma de suas principais características:

A velocidade de disseminação da Internet em todo o mundo deve transformá-la efetivamente na decantada superestrada da informação. Oferecendo notícias, entretenimento, serviços e negócios, a rede mundial ainda é um novo meio de comunicação que rivaliza com a televisão, o jornal e outros veículos de troca e difusão da informação. (PINHO, 2003, p.49)

A expansão do jornalismo *on-line* no Brasil começa com versões similares de revistas e jornais americanos. “No Brasil, o jornalismo on-line começou

a se consolidar em 2001. Em pouco tempo, ele se tornou um grande concorrente para os veículos tradicionais” (MOHERDAUI, 2002, p. 59).

Segundo Pinho (2003, p.50), existe uma diferença do material impresso no papel e no computador, pois tudo que é visualizado na tela de um monitor fica maior, isso afeta o modo como as pessoas absorvem e reagem as mensagens. De acordo com Moherdauí (2002, p. 96), os recursos multimídia que os computadores disponibilizam conduzem a um novo planejamento da redação, porém, apresentam um novo desafio: organizar e apresentar de forma atraente o conteúdo. A autora (2002, p. 96) também ressalta as duas formas de se fazer jornalismo na rede:

O avanço no jornalismo na Internet propiciou novas formas de editar notícias na rede. Atualmente, há duas formas de jornalismo na Internet. A primeira delas é a informação puramente on-line, em tempo real. A segunda são os sites de publicações, especialmente da mídia impressa, transportada para a Internet. São sites que, normalmente, apenas reproduzem o conteúdo das publicações da mídia impressa, muitas vezes sem adaptar a forma do papel aos padrões da Internet.

Outra característica do jornalismo *on-line* é a não-linearidade. Pinho (2003, p.50) esclarece que a informação mostrada na tela, deve trazer ao leitor confiança.

O jornalismo na internet não está somente nos sites, mas tem ganhado espaço em outras plataformas. Por muitos anos os blogs e fotologs foram grandes locais de concentração de notícias. Chamados de “diários virtuais”, permitiam as postagens em tempo real, e o internauta podia participar através de sugestões ou de comentários.

O blog, por exemplo, surgiu no final de 1997, de acordo com Marcushi (2010, p.72):

A diferença essencial de um *blog* em relação a um *site* ou uma página pessoal é o fato de poder ser facilmente atualizado na forma de um diário datado e circunstanciado. Suas primeiras versões eram apenas para registrar as leituras que pessoas faziam em suas navegações pela rede mundial.

O que predomina hoje através da divulgação e a manifestação de notícias são as redes sociais. De acordo com Cruacianelli (2010, p. 84), a informação na Web 1.0 era entregue como se fosse um “pacote fechado” para uma simples leitura, e o feedback com o autor era somente por e-mail. A Web 2.0 quebra

essa tendência. Os próprios usuários deixam de apenas receber conteúdo, e começam a gerá-lo:

Essas plataformas servem para armazenar documentos em formatos diferentes, mas também permitem a comunicação entre os usuários, a publicação de comentários, a formação de grupos e todas as aplicações que permitem a criação de redes sociais, conectando pessoas comuns com interesses comuns. O conteúdo da Web “se socializou” e deixou de ser monopólio dos meios de comunicação. Os cidadãos se integraram a essas plataformas por meio de uma simples inscrição por e-mail. (CRUCIANELLI, 2010, p. 84)

O Facebook e o Twitter atualmente têm sido dois dos maiores locais para a disseminação de conteúdo, tanto de jornalistas, como do próprio público. Os jornalistas nesses casos assumem um papel, de manifestar a informação mais rápida através das redes sociais, alcançando todos os públicos. Não podendo esquecer que os grandes portais de notícia também aderiram as páginas nas redes sociais para conseguir disponibilizar seu conteúdo. Com apenas poucos caracteres, é possível passar uma infinidade de informações para o mundo todo. Para Crucianelli (2010 p. 89), jornalistas devem usar o Twitter, por exemplo, para noticiar os fatos cotidianos de uma maneira simples. E a presença dele pode ser útil, como a forma do marketing expresso no conteúdo produzido. Além disso, a autora ressalta a importância das redes sociais para as transmissões ao vivo. “Nesse sentido, os telefones celulares também se ‘socializam’ e desenvolveram aplicativos que ajudam a manter a atualização na tela do seu celular, com status e localização, sem ter de entrar na rede social.” (CRUCIANELLI, 2010, p. 89)

Dentro deste cenário de jornalismo na internet, estão presentes também as revistas em plataformas *on-line*. Na maioria das vezes é uma réplica do assunto da revista impressa, mas com o conteúdo na íntegra somente para assinantes. De acordo com Dourado (2012, p. 78) as revistas não eram tão diversas quando estavam somente no formato impresso, já no cenário digital elas mudam de periodicidade ou tamanho, mas alguns elementos continuam os mesmos, como folheto; portabilidade; estrutura; linguagens; análise dos fatos e a liberdade de pautas em assuntos não factuais:

O conceito do produto tem sido, há tempos, reformatado em programas audiovisuais, como os televisivos, mas, ao que parece, a identificação imediata da sociedade em relação ao produto remete sobremaneira às

publicações desenvolvidas para o suporte impresso. (DOURADO, 2012, p. 78)

As empresas jornalísticas também começam a explorar e disponibilizar suas marcas em aplicativos. De acordo com Cunha, (2011, p. 16), tanto revistas, como jornais, rádio, televisão e portais de internet, lançaram seus aplicativos para transmitir a mesma informação dos veículos, para os suportes móveis. O mercado de revistas, assim como o de jornais, TV e rádio, teve de se atualizar com a chegada da humanidade à Sociedade Digital. Hoje, toda revista impressa, que uma pessoa compre na banca ou ganhe na farmácia, tem estampada um endereço na Web, para ser acessada via *on-line* (GIRRANTE, 2012, p. 11).

Girante (2012, p. 12-13) apresenta quatro formatos de revista *on-line*. O primeiro é a versão em PDF, ou seja, a mesma revista impressa disponível para *download*. O segundo formato é Portal de notícias ligado a um título de revista, nada mais é que um portal, que possui assuntos de uma revista segmentada, e além de ampliar as publicações, oferece ferramentas e outros produtos e também uma parte do conteúdo impresso. O terceiro formato é o *Site* de revista impressa, é semelhante ao portal, no entanto não possui extensão abrangente. É um espaço onde a revista completa as informações com outras reportagens, notas e formatos que apostam na interatividade, como *games*, enquetes, fóruns, vídeos. Por fim, o quarto formato é a Revista digital é aquele que está presente apenas na internet, e não conta com a versão impressa.

De acordo com a autora, a digitalização de revistas influencia também na presença do site em redes sociais, tendo assim um relacionamento maior com o leitor.

4.1 Webwriting

Dentro do jornalismo *on-line* a linguagem deve ser totalmente diferente da usada no impresso, afinal quem navega na internet procura uma informação rápida, sem suspense, a notícia fica escancarada, um *lead* que responda a todas as perguntas. Franco (2010, p. 13) apresenta a chegada da Internet e sua popularização no meio informativo como algo que não recuperou apenas a pirâmide do *lead*, mas a modernizou e criou um novo estilo:

A velha pirâmide narrava três vezes o fato. Primeiro num título de seis palavras, em seguida no lide e finalmente no corpo. Anunciava-se o fato (título), ampliava-se com os dados essenciais (lide) e logo se glosavam esses dados (corpo). A nova pirâmide narra uma só vez, sem repetir, desde o título, que vem a ser o mesmo lide, até o final do corpo. Título e lide passam a ser um só, e o corpo agrega informação. (FRANCO, 2012, p. 13)

O novo modelo deve vir com frases curtas, e deve ser composta por verbos fortes e diretos. Advérbios e adjetivos não podem ser valorativos e exatos, e deve-se tomar cuidado com figuras e o jogo de palavras. Para Villela (2001, p. 2), o texto dentro da rede deve ser solto, descontraído, informal e intimista, no entanto precisa convencer o leitor com marketing que não fica tão evidente. Banners, efeitos multimídia, links atraem os leitores. “[...] a escrita não é nada que possa ser ensinado da noite para o dia, mas sim o resultado de um longo aprendizado.”(RODRIGUES,2001,p.5)

É sempre válido ressaltar a importância de um texto objetivo no âmbito *on-line*. Viana (2011, p. 41-42), defende a ideia de que as pessoas não leem os textos na rede, elas passam os olhos:

Isso tem algumas explicações: a) normalmente elas procuram uma informação específica; b) a grande quantidade de informações disponíveis na Web faz com que se queira ler tudo muito rápido para aproveitar o máximo possível; c) a baixa definição da tela do computador torna longas leituras cansativas.

No entanto, os textos longos, como na peça prática deste trabalho, não são proibidos. Mas eles devem vir com elementos que facilitem, como subtítulos, palavras destacadas e listas.

O *link* é outro recurso utilizado quando se trata de notícias *on-line*. Através dele, o usuário navega por vários sites. De acordo com Rodrigues (2001, p. 28)

O maior erro na utilização de um link dentro do texto é o excesso. Não faça de um texto Web uma estrada repleta de atalhos, saídas e paradas. Isso irá transformar algumas linhas em um verdadeiro labirinto no qual o visitante irá se perder e talvez nunca mais volte.

As revistas também precisam ser acessíveis a qualquer pessoa, ou seja, ter uma boa localização do que se procura e fácil navegação. Isso se chama distribuição de conteúdo, para Rodrigues (2001, p. 5) a tarefa mais difícil do *webwriting*, aliar texto, design e tecnologia, e tratar tudo como um componente

único. “[...] o webwriting é raciocínio puro, um exercício constante de pensar o conteúdo” (RODRIGUES,2001, p. 6).

Existem ainda, outras funções que auxiliam a navegação dentro de um site, são eles usabilidade; objetividade; navegabilidade, e a interatividade. De acordo com Rodrigues (2001, p. 15-16), a objetividade vai direto ao assunto, sem rodeios, afinal a web é um local onde o internauta procura informações bem específicas. A navegabilidade tem como design o elemento principal, mas seu texto que faz o internauta navegar em um website. Por fim a visibilidade possui recursos tecnológicos como menus *puul-down* e *appletsjava*.

Por fim está presente a interatividade, as notícias em mídia *on-line* são atualizadas constantemente. De acordo com Pinho (2003, p. 49), a velocidade da disseminação de conteúdo na rede é a peça fundamental para esse tipo de jornalismo. O autor (2003, p. 54) também ressalta as diversas formas de interatividade, como os grupos de discussão, que trazem um assunto de interesse específico para seus internautas:

A interatividade da rede mundial é muito valiosa para os que queiram dirigir mensagens e informações específicas para públicos de interesse. Na Internet, a organização não está falando para uma pessoa, mas sim conversando com ela. (PINHO, 2003, p. 54)

Como dito anteriormente, o leitor na web muitas vezes “pesca” informações, vai direto ao ponto principal da notícia, no entanto existem aqueles que procuram uma narrativa mais extensa, dependendo do assunto que ele se interessa. Para que o leitor não canse daquilo também, são necessários alguns métodos. Machado e Palacios (2003, p. 18) explicam como o jornalismo se mantém na atualidade:

No contexto do Jornalismo on-line, multimídia refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico. A convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade. (MACHADO;PALACIOS, 2003, p.18)

4.2 Planejamento e desenvolvimento de uma revista digital

Toda revista, antes de criada, precisa de um planejamento feito um bom tempo antes. Nesse planejamento, será decidido o foco central, o público-alvo e qual assunto será tratado. Com uma revista digital, que é um produto jornalístico, isso não seria o contrário. Como apontado no capítulo anterior, muitas revistas migram o conteúdo do impresso para o *on-line*, algumas vezes mantendo todas as informações, em outras trazendo conteúdos diferentes e na íntegra somente para assinantes. Sendo criada uma nova ou mantendo o modelo original impresso, toda revista passa por um processo de planejamento antes de ser transferida para a plataforma digital. Um dos mais exigidos nesse processo de criação/reformulação é a usabilidade. Todo site deve ser pensando com muita cautela antes de entrar na rede, ele deve chamar a atenção, mas da mesma forma ser de fácil acesso, para qualquer público poder usá-lo.

Nielsen (2000, p. 10) apresenta que a usabilidade assumiu um papel de grande importância na economia da Internet. “A usabilidade governa a Web. Mas diretamente, se o cliente não encontrar o produto, ele não comprará”. Dessa forma, uma revista deve atender todas as necessidades básicas de um usuário, ter suas manchetes separadas das outras reportagens; uma barra de menu; um fórum de discussões e comentários; uma barra de pesquisa que esteja bem localizada na página.

O design é outro fator importante na criação de revista, pois ele chamará o leitor para aquele determinado local, e quando a revista migra do impresso para o *on-line*, e o design já existente é coerente, o leitor sempre terá ele como uma referência quando for acessar. Nielsen (2000, p. 17) trata o design como a parte imediatamente visível do web design, os usuários olham uma única página de cada vez:

O design do site, contudo é muitas vezes mais importante para a usabilidade, pois os usuários nunca chegarão perto de páginas corretas, a menos que o site seja estruturado de acordo com as necessidades do usuário e contenha um esquema de navegação que permita às pessoas descobrirem o que desejam. (NIELSEN, 2000, p.18)

Outros fatores importantes, são os tipos de fontes escolhidas, as cores, espaços em brancos encontrados em uma página, tudo isso influencia na escolha de

leitura. Com o avanço tecnologia, isso pressiona mais as redações, pois o leitor tem se tornado cada vez mais crítico. Todo cuidado é pouco, Nielsen (2000, p. 217) explica o porquê:

Na Web, os usuários deslocam-se entre sites rapidamente e os limites entre diferentes designs (sites) são fluidos. É raro os usuários gastarem mais do que alguns minutos de cada vez em um dado site e a navegação dos usuários frequentemente os leva de site a site enquanto seguem os hyperlinks. Devido a esse rápido movimento, os usuários acham que estão usando a Web como um todo em vez de um site específico. Os usuários não querem ler manuais ou informações de ajuda para sites individuais, mas exigem a capacidade de usar um site com base nas convenções da Web e incorporam a sua experiência usando outros sites. Nos estudos de usabilidade, os usuários se queixam amargamente, quando são expostos a sites com modus operandi excessivamente divergentes. Em outras palavras, a Web como um todo tornou-se um gênero e cada site é interpretado com relação às regras do gênero.

Nesse trabalho os pesquisadores não desenvolveram a revista digital, pois optaram por utilizar uma revista já existe na faculdade, a Prisma.

5 A QUESTÃO AGRÁRIA NO PONTAL DO PARANAPANEMA

Nos anos de 1941 e 1942 o governo do estado criou três reservas florestais no Pontal, somando 297.339 hectares. Foram criadas para a conservação da flora e fauna e estabelecimento de florestas protetoras, remanescentes e modelo, mas acabaram sendo invadidas e destruídas. Essas terras passaram a ter novos donos, o povo representado pelo estado foi substituído por poucas dezenas de grileiros. (LEITE, 1998)

5.1 A questão agrária

Durante milhares de anos, pessoas viveram em comunidades, onde nada pertencia a ninguém. Morissawa (2001, p. 8) afirma esse pensamento e acrescenta que com o crescimento das comunidades, as tarefas começavam a ter que ser divididas, algumas pessoas plantavam, outras cuidavam dos rebanhos e ainda haviam aqueles que produziam os utensílios e instrumentos. Tudo era em prol as necessidades que a comunidade encontrava. De acordo com Bergamasco e Norder (1996, p. 10), a conquista de um espaço de terra não necessariamente significa que o trabalhador vai começar a usufruir de uma infra-estrutura social, como saúde, educação e transporte, muito menos para sua produção, como ter terras férteis, assistência técnica.

De acordo com Girardi (2008), o território brasileiro começou a ser ocupado nos séculos XVI e XVII no litoral nordestino e algumas áreas do litoral Sudeste. Os portugueses começaram a produzir açúcar, assim os primeiros povoados se iniciam. Segundo Stédile (1997 p, 13), no século XIX as elites e grandes potências da época resolvem expandir os mercados. Isso era praticamente impossível com a escravidão, aliás os escravos não possuíam recursos para compra, decide-se então banir a escravidão (STÉDILE, 1997).

Após o período de escravidão surgiu a necessidade de dividir as atividades e tudo que era produzido. Como toda a produção que acontecia dentro da comunidade, Morissawa (2001, p. 08-09) afirma que o resultado de tudo foi o comércio e as trocas, mas nem sempre o que um produzia interessava o outro. Sendo assim um dia surgiu o dinheiro. “É claro que, naquele tempo, não eram essas notas de papel e essas moedas que a gente carrega na carteira. O dinheiro

era sempre alguma coisa rara, que todos desejavam ter, como peças de ouro, prata, cobre” (MORISSAWA, 2001, p.09).

O regime de Sesmarias¹¹ foi suspenso em 1822, mas não foi substituído por outro direito de propriedade, na verdade, ele continuava funcionando sem que o governo exigisse novas concessões. Stédile (1997, p. 13-14) explica que se o regime de sesmarias fosse restabelecido, mesmo após o fim da escravidão, que estava próximo, os trabalhadores pobres e livres ocupariam as terras disponíveis e não iriam trabalhar para os donos. Sendo assim, o autor (1997, p.14) apresenta a fórmula que os trabalhadores encontravam para solucionar o até então problema: aprovar uma nova lei de terras, o oposto da colonização, em 1850 nos Estados Unidos.

Stédile (1997, p. 14-15) esclarece que no Brasil foi aprovado um regime de propriedade que impedia o acesso à terra, pública e devoluta, àqueles que não possuíam dinheiro. Ou seja, para legitimar a propriedade em seu nome, era necessário pagamento pela mesma. De acordo com o autor:

Qualquer título de propriedade territorial cuja cadeia do dominial chegue até o Registro Paroquial é um título perfeito, é um título que não está sujeito a discussão. Todos os títulos, cuja cadeia dominial não chegue a um ato original legal de transferência de terras do domínio público para o domínio privado, são títulos discutíveis. (STÉDILE, 1997, p. 15)

Sendo assim, Girardi (2008) esclarece que a posse da terra, até a independência do Brasil, só era feita a partir do sistema de sesmarias. Em 1822, as ocupações junto com os registros de paróquias permitiam a apropriação, mas foi banida com as Leis de Terras¹² de 1850. Devido isso, toda terra ocupada foi considerada pública e seu acesso passou a ser condicionado à compra, impedindo que os escravos libertos em 1888 e os migrantes tivessem acesso às propriedades.

Stédile (1997, p. 17) explica que só podia se tornar dono das terras quem fosse branco livre e, em alguns casos, até católico. Em meados do século

¹¹ Em 1375 foi estabelecida em Portugal, a Lei das Sesmarias, seu objetivo era ajudar no avanço da agricultura que se encontrava abandonada em virtude das batalhas internas e da peste negra. (<http://www.infoescola.com/historia/sesmarias/>). Acesso em: 24 out.2016.

¹² As Leis de Terras, foi a primeira iniciativa no sentido de organizar a propriedade privada no Brasil. Até então, não havia nenhum documento regulamentasse a posse de terras com as modificações sociais e econômicas pelas quais passava o país, o governo se viu pressionado a organizar a questão. (<http://www.infoescola.com/historia/lei-de-terras/>) Acesso em: 24 out.2016.

XVIII, o governo português banuiu a distinção racial como fator de criminalização, sendo assim todos poderia ter acesso aos direitos e até a posse de terras.

No ano de 1950, de acordo com Stédile (1997, p. 21), começa a surgir uma revolução dentro do campo e o governo passa a estimular a modernização tecnológica, juntamente com a mecanização das grandes fazendas, tudo isso através de financiamentos realizados através do Banco do Brasil. Houve a substituição dos cafezais velhos nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, por outros cultivos ou pastagens. “Com isso, começava-se a expulsar, das fazendas de café, os colonos residentes. Terminava, assim, o regime de colonato que nascera com o fim do tráfico de escravos e que durara cerca de setenta anos” (STÉDILE, 1997, p. 21).

Já as décadas de 1960 e 1970, de acordo com Swain (apud GIRARDI, 2008), foram caracterizadas pela modernização da agricultura brasileira realizado pelo governo militar. Os cafezais foram instintos e começou a produção de soja para atender as demandas internacionais e assim aconteceu a expulsão de pequenos proprietários. De acordo com Stédile (1996, p. 31):

[...] nem durante a ditadura militar, tiveram os governos o completo e efetivo controle do aparelho de Estado. Nem Getúlio na ditadura de 1937 a 1945. Você pode ir a qualquer lugar do Brasil, para tratar de qualquer assunto, desde o problema de saúde até reforma agrária e, inevitavelmente, encontra pela frente o poder, a presença indiosa desse pessoal, do político local, do oligarca, que age em função de seus interesses privados e que é incapaz de assumir com impessoalidade as funções sociais do Estado. [...]

No começo da ditadura militar, os sem-terra trazem à tona a questão agrária, e no primeiro governo da Nova República foi criado Plano Nacional de Reforma Agrária. De acordo com Fernandes (2013, p.116-117) o plano não se concretizou:

A maior parte dos assentamentos implantados durante esse governo foi resultado das ocupações. Ainda nesse período, os trabalhadores conquistaram o Programa Especial de Crédito para a Reforma Agrária – Procerca. Nos governos Collor e Itamar, as políticas criadas para tratar da questão agrária mantiveram a repressão aos sem-terra. Também nesse tempo, os trabalhadores conquistaram alguns assentamentos, criaram o Sistema Cooperativista dos Assentados, além de diversos outros setores de atividades do Movimento, dimensionando a luta pela terra e constituindo um projeto de desenvolvimento para o campo. (FERNANDES, 2013, p. 116-117)

De acordo com Fernandes (2013, p. 117), os três primeiros governos da Nova República fortaleceram o desenvolvimento econômico para a agropecuária, mas ajudando os capitalistas, e não criando um projeto para o desenvolvimento rural. Fernandes, Gonçalves e Welch (2012) consideram que a divisão regional, é um fato que explica as diferenças existentes nas políticas públicas:

A divisão regional explicita as diferenças constituídas pelas políticas governamentais e pelas políticas privadas por meio dos projetos das corporações nacionais e transnacionais. Outras instituições também participam da produção dos espaços regionais, mas em menor escala e com poderes limitados. É o caso dos sindicatos de trabalhadores e das organizações camponesas. Na maior parte das vezes, essas instituições não elaboram projetos de desenvolvimento, mas se submetem aos projetos apresentados pelo Estado e pelo capital. Esta postura subalterna dos trabalhadores e dos camponeses frente a postura ofensiva do capital que por meio das políticas de governos se manifesta, determinando predominantemente a lógica do ordenamento territorial.

O ano de 1980 é um dos mais importantes para a Reforma Agrária, pois foi quando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, (MST) apareceu neste contexto. De acordo com Fernandes (2000, p. 20), os últimos anos as ocupações de terra se tornaram a principal forma de acesso ao campo desde o governo militar. O resultado disso foi a criação de milhares de assentamentos espalhados por todo o país. Fernandes (2000, p. 25) explica que a origem do movimento se deu através das lutas camponesas:

As lutas camponesas sempre estiveram presentes na história do Brasil. Os conflitos sociais no campo não se restringem ao nosso tempo. As ocupações de terras realizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e por outros movimentos populares, são ações de resistência frente à intensificação da concentração fundiária e contra a exploração, que marcam uma luta histórica na busca contínua da conquista da terra de trabalho, a fim de obter condições dignas de vida e uma sociedade justa. (FERNANDES, 2000, p. 25)

Em 1990 também não foi fácil para os militantes que lutavam pela terra. Após o pedido de afastamento do até então Presidente Fernando Collor de Melo, Itamar Franco assumiu a presidência do país. Segundo Morissawa (2001, p. 53), Itamar trazia para seu plano de governo propostas como aumentar os salários e baixar os preços de tarifas públicas e mudar os programas de privatizações. Ainda segundo o autor, em 1993 Itamar nomeou como terceiro ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso (FHC).

Fernando Henrique teve grande sucesso junto às instituições financeiras internacionais, como aponta Morissawa (2001, p. 53), e no fim do ano ele foi eleito presidente, com apoio das mídias e das elites. “[...] a política econômica do governo FHC acelerou a expulsão dos camponeses da terra. A maioria deles foi buscar emprego nas grandes cidades. Somente entre 1995 e 1996, 1,5 milhão de trabalhadores rurais foram demitidos da agricultura. (MORISSAWA, 2001, p.54).” Segundo Girardi (2008):

As ocupações atingiram o seu máximo em 1999 (897 ocupações e 118.620 famílias em ocupações), ano em que Fernando Henrique Cardoso assumiu seu segundo mandato. Com o aumento constante do número de ocupações, no início do seu segundo mandato, Fernando Henrique Cardoso publicou a Medida Provisória 2.027-38 de 4 de maio de 2000, que criminalizava a luta pela terra.

De acordo com o Boletim Dataluta (2010, p. 2), desde o segundo governo de Fernando Henrique Cardoso, a reforma agrária tem recebido diversos conceitos e significados. O conceito clássico vem perdendo espaço, que é a punição para a desapropriação de latifúndios:

O Estatuto da Terra (1964), a Constituição de 1988 e a Lei Agrária de 1992 centraram-se principalmente na dimensão econômica, considerando apenas a utilização da terra e a eficiência da exploração. Tomando como referência os índices de produtividade, quando uma propriedade é declarada para fins de reforma agrária, a desapropriação é paga em Títulos da Dívida Agrária (TDA) e as benfeitorias em dinheiro. Considerando as diversas possibilidades de prazos (curtos e longos) para descontar os TDA e as probabilidades de inflacionar as benfeitorias, a desapropriação tornou-se um negócio interessante para muitos latifundiários e grileiros. (DATALUTA, 2010, p. 2)

Durante os anos de 1987 a 2006 foram realizadas 1.047.320 ocupações, assentando 913.046 famílias assim como mostra a figura 6.

FIGURA 6 – A luta e a conquista da terra no Brasil

	Ocupações de terra	Famílias em ocupações	Assentamentos criados	Famílias assentadas	Area dos assentamentos (ha)
1979-1987	-	-	436	105.778	7.247.245
1988	71	10.491	123	28.251	2.053.290
1989	86	20.350	115	12.136	696.200
1990	50	7.314	31	3.620	158.755
1991	85	14.990	87	15.464	774.640
1992	93	17.838	167	22.251	1.262.894
1993	116	19.442	74	5.513	196.473
1994	163	23.016	42	10.346	503.141
1995	186	42.746	409	63.622	2.957.220
1996	458	78.263	505	64.964	3.912.346
1997	513	69.453	710	92.296	3.645.960
1998	828	111.396	757	79.481	3.039.558
1999	897	118.620	599	51.379	2.215.473
2000	528	83.790	426	38.463	2.182.712
2001	283	45.537	475	35.606	1.833.080
2002	273	40.966	417	31.857	2.584.210
2003	555	92.883	327	29.553	5.290.618
2004	702	118.225	498	44.548	5.371.812
2005	569	73.283	1.056	124.040	14.523.107
2006	553	58.717	412	53.878	4.104.033
TOTAL	7.009	1.047.320	7.666	913.046	64.552.767
Dados: DATALUTA					
Org.: Eduardo Paulon Girardi					

Fonte: Atlas da Questão Agrária Brasileira.

(http://www2.fct.unesp.br/nera/atlas/luta_pela_terra.htm). [Acesso em: 14 set.2016]

As ocupações de acordo com o Boletim Dataluta (2010, p. 2) ainda são a maior forma de pressão para a desapropriação das terras. É por meio da resistência e dos conflitos que surge a implantação dos assentamentos. Com o crescimento dessa luta o governo FHC, passou a criar medidas que criminalizou as ocupações.

5.2 A terra, os usos da terra e desenvolvimento rural: a reforma agrária e políticas públicas

De acordo com Morissawa (2001, p. 57), a luta pela terra no Brasil começa a se tornar uma realidade a partir do momento em que os portugueses percebem que estão em terras sem cercas, onde tudo por ali parece ser disponível. Para Oliveira (2001), os camponeses lutam no Brasil em duas frentes: a primeira é entrar na terra para se tornarem proprietários. A segunda é permanecer na terra, mas como produtores. Isso é uma luta permanente, pois não é considerada uma política pública em relação ao governo. Segundo Oliveira (2001):

[...] a terra, na sociedade brasileira, é uma mercadoria toda especial. Muito mais do que reserva de valor, é reserva patrimonial. A retenção da terra não

é feita com fins de colocá-la para produzir, motivo pelo qual a maioria das terras deste país mantém-se improdutiva. Mais do que isso, esta terra improdutiva é retida com a finalidade de constituir instrumento a partir do qual se vai ter acesso por parte, evidentemente, das elites às políticas do Estado. Assim, as elites não têm permitido que o Estado implemente qualquer política de Reforma Agrária no Brasil. Analisando-se as políticas do Estado brasileiro e as possibilidades e/ou tentativas de Reforma Agrária, encontra-se um quadro bastante interessante. (OLIVEIRA, 2001)

Segundo Mazzini (2007, p. 61), o conceito de políticas públicas é ligado à compreensão da sociedade em que se vive. “Uma vez que é o funcionamento da sociedade e seu modo de produção que influenciam fortemente o direcionamento das políticas públicas definindo as regras, formais ou não, que estruturalmente direcionam a sociedade.” (MAZZINI, 2007, p. 61). A criação de políticas públicas para o povo assentado é uma das principais ações que o governo pode oferecer. Elas dão o suporte que o pequeno agricultor necessita para começar a vida no campo. O assentado quando ocupa uma terra e ganha por lei seus direitos, e encontra só o espaço sem nada. Para começar a desenvolver sua própria agricultura é necessário então o apoio do governo e entidades. De acordo com Fernandes (2013, p. 117-118), o governo tenta implantar o “Novo Mundo Rural”, um programa que conhece as necessidades dos agricultores e cria políticas públicas que os auxiliam para a vida no campo, e na questão agrária:

Esse programa contém a “nova reforma agrária”, que além da desapropriação de terras, inclui a compra de terra, procurando inculcar essa referência no conceito de reforma agrária, descaracterizando-a. Por não ter interesse político de enfrentamento com os ruralistas, tampouco em desmontar os esquemas fraudulentos de indenizações milionárias, o governo vem abandonando a sua competência determinada pela Constituição, em fazer a reforma agrária. Assim, optou por enfrentar os trabalhadores. Através desse programa, com a implantação de um conjunto de medidas para desmobilizar e enfraquecer os trabalhadores organizados, tenta redirecionar a questão agrária e impedir que a luta pela terra continue crescendo. (FERNANDES, 2013, p.118)

As políticas públicas, segundo Mazzini (2007, p. 62), são dadas ao povo de cima para baixo e suas características são a centralização e a rigidez. Grande parte nasce na forma de projetos governamentais, mas em muitas vezes não atende as necessidades do povo e surtem poucos efeitos. “As políticas públicas, enquanto governamentais, são setoriais e atuam por áreas de interesse, seja econômico, ambiental, social de ciência e tecnologia.” (MAZZINI 2007, p. 62)

De acordo com Fernandes (2005, p. 31), os movimentos socioterritoriais não usam de seu espaço somente como vantagem, mas um local essencial para sua existência. Ainda de acordo com o autor:

O espaço, o território, o lugar, as relações sociais, as escalas das ações nos ajudam a compreender os tipos de movimentos socioespacial ou socioterritorial e seus processos geográficos (isolados, territorializados ou espacializados). Esses movimentos são tanto instituições não formais, políticas no sentido lato, por sua materialidade, ação, estabelecimento e dinâmica, quanto são igualmente instituições formais como os sindicatos, as empresas, os estados, as igrejas e as organizações não governamentais (ONGs). Nesse sentido, é preciso diferenciar entre os movimentos socioespaciais e os movimentos socioterritoriais. (FERNANDES, 2005, p. 31)

Segundo Lima¹³, ainda não existe um projeto que dá suporte para o jovem ingressar a vida no campo. Um suporte que ajude os jovens a terem condições de investir no lote. Com a nova lei do INCRA 2016, cada lote deve virar herança. Antes quando o proprietário falecia a propriedade ia para a portaria e era vendê-la para os cadastrados no Itesp.

5.3 O MST e a luta pela reforma agrária

No ano de 1980 a Comissão Pastoral da Terra (CPT), em trabalho com as Igrejas Luterana e Católica e também alguns sindicatos foram responsáveis por fundar o Movimento Justiça e Terra, como esclarece Morissawa (2001, p. 121). Segundo o autor:

Digamos que a semente do MST foi plantada em 7 de setembro de 1979, ainda em plena ditadura militar, quando aconteceu a ocupação da Fazenda Macali, em Ronda Alta, no Rio Grande do Sul. Muitas outras lutas, nesse estado e em todo país, foram gerando lideranças e incrementando a consciência da necessidade de ampliação das conquistas em busca de um objetivo mais alto: a **reforma agrária**. (MORISSAWA, 2001, p.123, grifo do autor)

Segundo Fernandes (2000, p. 19), o MST, desde sua gênese, é o principal grupo na luta pela reforma agrária. “É impossível compreender a sua formação, sem entender a ocupação da terra. O MST nasceu da ocupação da terra

¹³ Entrevista com Cícero Bezerra de Lima, morador do assentamento Florestan Fernandes, no dia 09 jul 2016.

e a reproduz nos processos de espacialização e territorialização da luta pela terra.” Para Stédile (1997, p. 11-12), a questão agrária não começa e nem vai terminar com o MST, ela acima de tudo é uma questão política. Antes não existia a questão agrária, ela surgiu com o desenvolvimento do capitalismo. De acordo com o autor:

[...] não existe a questão da reforma agrária, existe a questão agrária. A reforma agrária é uma possibilidade de solução para a questão agrária. A questão agrária é o problema e a reforma agrária é a solução do problema. Há diferentes modalidades de reforma agrária que poderiam ser respostas à questão agrária. É preciso ver, primeiro, o que é a questão agrária no Brasil para depois ver quais são as propostas de solução que lhe estão sendo oferecidas. Não só as que o Estado brasileiro oferece, desde que a ditadura militar, para a questão agrária. Mas também, as respostas que os próprios trabalhadores, quando organizados, imaginam que seriam mais adequadas para a questão. (STÉDILE, 1997, p. 12)

De acordo com Fernandes (2000, p. 29), a guerra de Canudos foi um dos maiores exemplos da luta camponesa no país. Foi no ano de 1893, quando os camponeses se instalaram na fazenda Canudos e começaram a chamar o lugar de Belo Monte. Como dito no início do capítulo cada família teve que colaborar com o trabalho em conjunto para a formação de uma comunidade. Todos ali desenvolviam a produção familiar. Foram aproximadamente 10 mil pessoas que viveram em Canudos:

População equivalente às maiores cidades da Bahia. Acusados, falsamente, de defender a volta da monarquia, foram atacados por expedições militares de quase todo o Brasil. Mais de cinco mil soldados combateram contra os sertanejos de Conselheiro. De outubro de 1896 a outubro de 1897, os ataques do exército foram enfrentados e refreados até o cerco completo e o massacre do povo de Canudos. (FERNANDES, 2000, p. 29-30)

Para Stédile e Fernandes (1999, p. 13), o MST é a continuação de uma luta pela terra que acontece há mais de cinco séculos. É uma história de milhares de camponeses que lutam diariamente para trabalhar e viver com dignidade.

Durante os anos de 1979 a 1984, segundo Fernandes (2000, p. 50) ocorreu no MST o processo de gestação. Onde foram articuladas as primeiras experiências desde sua criação, até sua fundação, realizando assim seu Primeiro Encontro Nacional, em Cascavel no Paraná que ocorreu nos dias 21 a 24 de janeiro de 1984. Já no ano de 1985 nos dias 29 a 31 de janeiro, aconteceu o Primeiro Congresso do processo de territorialização do MST pelo Brasil.

No ano de 1985, segundo Morissawa (2001, p. 140), se deu seu primeiro congresso, o movimento se expandiu para as demais regiões do país, e na década de 1990, já era uma realidade em 23 estados brasileiros. Sua palavra de ordem era “Ocupar é a única solução”.

Para a formação do Movimento, foram anos de congressos para que ele se firmasse em todo o país, e também para criação do lema, significados do movimento:

O ano de 1989 foi de efervescência política. Nesse Encontro Nacional, realizado no Seminário de Nova Veneza, no município de Sumaré (SP), definimos a palavra de ordem “Ocupar, resistir e produzir”. “Ocupar, resistir e produzir” fortaleceu o sentimento de que tínhamos de gerar uma nova sociedade nos assentamentos, organizar a produção, ter um modelo para a agricultura. (STEDILE; FERNANDES, 1999. p.53)

No ano de 1991, de acordo com Morissawa (2001, p. 147), o MST participou de uma reunião em Brasília, que tinham como convidados a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag); Central Única dos Trabalhadores (DNTR-CUT) e o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), e outras entidades, tinham como objetivo mobilizações conjuntas que defendiam suas respectivas lutas. De acordo com Fernandes (2000, p. 259) de 1988 até 1998, o número de ocupações cresceu e as famílias dobraram. A organização de movimentos sociais, o desemprego e a política do governo para os assentamentos, foram os principais fatores. Ainda de acordo com o autor:

Nesses vinte anos de vida, o Movimento tem enfrentado grandes desafios, que são questões com as quais os sem-terra conviveram em seu cotidiano e procuraram soluções como condição de superá-los. Dois enormes desafios que os sem-terra enfrentaram foram: a manutenção da sua forma de luta e resistência, impedindo a divisão de um movimento de luta pela terra e outro assentados; outro desafio foi a persistência pela autonomia. Em todos os estados, os sem-terra receberam críticas por entenderem que são os responsáveis pela direção política do Movimento; ainda, outro desafio está sendo a implantação do modelo cooperativista que propõe para os assentamentos. (FERNANDES, 2000, p. 248)

Segundo Luz¹⁴, nos anos de 1980 e 1990 a região do Pontal do Paranapanema era um cenário de grande concentração de latifundiários e grileiros.

¹⁴ Entrevista com Marisa Luz moradora do assentamento Rodeio e integrante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no lote 12. No dia 11 jul. 2016.

Hoje é completamente diferente, o que predomina são os grandes empresários. “[...] não é mais o fazendeiro aquele antigo de bota, a gente até tem algum assim que circula o ‘coronelzao’ da região, hoje nós não temos mais esse cenário na região, hoje o predomínio na região é das grandes empresas multinacionais [...]”. Luz¹⁵ explica que existe um modelo chamado “girocultura” ao agronegócio, que seria o mesmo que uma apropriação das empresas em terras griladas. Essas mesmas terras poderiam ser ocupadas todas pela reforma agrária. Outro fator é o esquecimento da pequena agricultura, afinal o Pontal está sendo tomado pelo agronegócio. O Pontal segundo a mesma, deixa de ser um espaço de grandes ocupações, são poucos os acampamentos que existem hoje na região, e os existentes estão há anos esperando a liberação das terras pelo governo:

Aí pode haver um reacendo da luta pela terra,mas por enquanto nesse período ainda agente vive, um processo de resistência de luta pela terra e eu também creio de resistência da agricultura familiar, da agricultura camponesa dos assentados, vive um período de resistência, porque o que ta o modelo hegemônico que predomina, é o modelo do empresário na agricultura e grandes empresário. Então não é qualquer pequeno agricultor que vai competir com esse empresário na agricultura, então pra muitos é essa lógica perversa que está por trás e que por isso emperra o desenvolvimento dos assentados e também da luta pela terra, então por isso que agente vê menos acampamento.¹⁶

5.4 Os assentamentos e a conquista dos territórios

A luta pela terra consiste na formação de um espaço que será denominado de assentamento, ele nada mais que é que a conquista de famílias que ficaram um determinado tempo acampados em um determinado local, até que tenham o acesso a posse das terras. De acordo com Bergamasco e Norder (1996, p. 6) os assentamentos podem ser considerados, como a criação de novas unidades de produção agrícola para as políticas públicas governamentais. De acordo com os autores Bergamasco e Norder, “os assentamentos rurais representam uma importante iniciativa no sentido de gerar empregos diretos e indiretos a baixo custo e para estabelecer um modelo de desenvolvimento agrícola em bases sociais mais equitativas” (BERGAMASCO, NORDER, 1996, p. 8).

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

Durante uma ocupação, existe toda uma ação do movimento para conscientizar as famílias. Segundo Luz¹⁷, o processo de ocupação é organizado a partir do momento que uma determinada área é estudada por um líder. O líder tem contato com instituições como Itesp (Instituto de Terras do Estado de São Paulo), informa que determinada área está sendo discutida na justiça. A partir dessa informação o movimento passa a fazer um estudo de base nas cidades principalmente em periferias, que tem como objetivo principal realizar um trabalho de diálogo com famílias e expor a importância da luta pela terra. Luz¹⁸ também explica que as áreas ocupadas normalmente estão pendentes na justiça, ou griladas, ou estão com dívidas atrasadas. Sendo assim, o grupo combina uma determinada data, e vai para o local devoluto.

Para a organização de um acampamento, segundo Luz¹⁹, não é possível determinar o número de dias em que as famílias ficarão acampadas. São organizados processos nos quais as famílias ficarão em núcleos de trabalho, onde cada grupo possui uma função. Muitos acampamentos aproveitam o espaço para a alfabetização, usando do tempo para ensinar tanto crianças, como pessoas mais velhas. A partir do momento em que a terra é concedida, as famílias saem do espaço em que estavam e cada um vai ocupar o lote que ganhou. Marinotti²⁰, durante algumas ocupações no Pontal do Paranapanema, foi coordenador e ressalta a importância desta função dentro do acampamento. Segundo ele, são estudadas várias estratégias de ocupação. Como, por exemplo, rastrear a fazenda, prestar atenção se os locais onde pretendem se fixar são próximos a represas, pois vai ser a água daquele local que vai abastecer o acampamento. Sem contar as preocupações com cada envolvido em relação a saúde e alimentação.

Para muitos acaba sendo uma tristeza, pois os lotes ficam longes um do outro e perde-se o contato com as pessoas que conheceram durante o assentamento. De acordo com Lima²¹, durante as ocupações aconteciam muitos conflitos com os próprios jagunços e empregados dos fazendeiros. Os próprios

¹⁷ Entrevista com Marisa Luz moradora do assentamento Rodeio e integrante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no lote 12. No dia 11 jul. 2016.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Entrevista com Valdecir Marinotti morador do assentamento Água Limpa, no dia 14 jul. 2016.

²¹ Entrevista com Cícero Bezerra de Lima, morador do assentamento Florestan Fernandes, no dia 09 jul 2016.

acampados na sabiam os lugares em que as ocupações iam ser realizadas para a informação não se espalhar.

Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), existem 9.256 assentamentos em todo o país, ocupando uma área de 88.314.857 hectares. Já o estado de São Paulo, são 17.640 famílias assentadas, sendo divididas em 270 assentamentos com uma área de 344.939,48 hectares.

5.4.1 Presidente Bernardes e os assentamentos

A região do Pontal do Paranapanema, localizada no extremo sudoeste do estado de São Paulo, foi ocupada principalmente por meio das grilagens de terra, como esclarece Fernandes (2000, p. 66). Desde o século passado existem diversos conflitos entre grileiros, pessoas responsáveis por forjar documentos através de grilos, já os posseiros, pessoas que tomam posse de terras sem nenhuma documentação. Em sua outra obra o autor explica que o estado de São Paulo é uma importante referência para compreender o processo de ocupação de terras, realizadas através de grilagens:

O território paulista foi apropriado, principalmente, por meio da formação de fazendas de café. Para a abertura de novas fazendas, os coronéis criaram a indústrias das grilagens de terras, compreendida pela falsificação de documentos e outras atividades ilícitas, como subornos de funcionários públicos, além dos crimes praticados contra os camponeses. Era esse processo escuso que determinava o preço das terras, antes devolutas, passando, dessa forma, a ser propriedade particular. Por essas práticas, os grileiros eram verdadeiros traficantes de terras, semelhantes aos traficantes de escravos. (FERNANDES, 2000, p. 28)

De acordo com Luz²², o MST entre os anos de 1990 e 1992 realizou as primeiras ocupações na região do Pontal do Paranapanema, onde havia grande concentração de terra pública grilada. Esse período foi um dos maiores de resistência e luta registrada na região, emergindo vários acampamentos e posteriormente a conquista de assentamentos. O município de Mirante do Paranapanema, por exemplo, é o local que mais concentra assentamentos no Brasil. Assim como no município de Presidente Bernardes, acontece na época uma explosão não só de lutas, mas de conquista de territórios.

²² Entrevista com Marisa Luz. Moradora do assentamento Rodeio e integrante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no lote 12, em 11 jul. 2016. Todas assim

Localizado na região do Pontal do Paranapanema, está o município de Presidente Bernardes originário da antiga povoação Guarucaia. De acordo com o site oficial da Prefeitura Municipal de Presidente Bernardes, no dia primeiro de novembro de 1919, havia sido inaugurada a estação da Estrada de Ferro Sorocabana, que facilitava assim os interessados, e dava acesso a compra de lotes e terras férteis. Em 1920, o município teve seu projeto urbano traçado pelo Coronel José Soares Marcondes. Na parte norte da linha havia 50 mil alqueires, que pertenciam à firma Ramos, Porto e Cia.

Essa firma, segundo dados do site da Prefeitura, fazia parte da empresa dos irmãos Luiz Ramos e Silva e Arthur Ramos Júnior, que tiveram o primeiro loteamento aberto na cidade de Santo Anastácio²³ e Piquerobi²⁴ ambas desbravadas no ano de 1917. Já Arthur Ramos fixou-se na Fazenda Guarucaia em Presidente Bernardes. Segundo o censo realizado no ano de 2010, a população total de Presidente Bernardes é de 13.570 habitantes, sendo 10.500 residentes na zona urbana e 3.070 na zona rural. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) a área total do município é de 752 km².

De acordo Santos (2006, p. 53), as ocupações no município começam no ano de 1995. No entanto, desde o ano de 1990 famílias já estavam nas terras realizando ocupações. Hoje fazem parte do Município seis assentamentos, sendo eles Água Limpa são 30 lotes e sua instalação aconteceu no ano de 1996, com área é de 167 hectares; Florestan Fernandes são 55 lotes, instalado no ano de 1998 com área é de 1117 hectares. O Assentamento Palú 44 lotes, instalado 1996 e tem 1244 hectares. O assentamento Rodeio são 65 lotes, instalação em 1997 e sua área é de 1861 hectares. Por fim o Assentamento Santo Antônio, são 26 lotes sua instalação foi em 1996 e sua área é de 789 hectares.

Todos os assentamentos de Presidente Bernardes tiveram a origem de seus nomes, de acordo com os nomes das antigas fazendas. Somente o assentamento Florestan Fernandes, foi uma homenagem feita ao filósofo, Florestan Fernandes, que lutou durante anos pela reforma agrária.

De acordo com Santos (2006, p. 56), a primeira conquista do MST em Presidente Bernardes foi a Fazenda Fortuna. As famílias instaladas foram as que participaram do acampamento Primeiro de Abril de Mirante do Paranapanema. A

²³ Disponível em: <http://189.124.85.57:5656/transparencia_menu/>. Acesso em: 24 out. 2016.

²⁴ Disponível em: <<http://www.piquerobi.sp.gov.br/>>. Acesso em: 24. out.2016.

Fazenda Fortuna foi dívida em três áreas: Água Limpa I, Água Limpa II e Santa Eudóxia, hoje são todos apenas um assentamento, o Água Limpa. O assentamento Palú foi o segundo ocupado no município, após divulgações de carros de sons e palestras em Presidente Bernardes. A Fazenda Rodeio foi ocupada no dia 10 de março de 1997, famílias que estavam nos acampamentos Taquaruçu e Primeiro de Abril ganharam as terras no hoje assentamento Rodeio. O assentamento Santo Antônio foi liberado no ano de 1997 e foi dividido em dois assentamentos Santo Antônio I e Santo Antônio II. Como vários cadastros realizados pelo prefeito da época haviam sido realizados, o ITESP optou também pela Fazenda Quatro Irmãs, para dividir o número das famílias do assentamento Santo Antônio.

O assentamento Quatro Irmãs não se insere nesta pesquisa pois não possui famílias atualmente que participaram de ocupações. O último assentamento foi a fazenda São Jorge, hoje conhecida como assentamento Florestan Fernandes. Ocupado em 1998, fruto dos acampamentos Santa Rita; Taquaruçu e Antônio Conselheiro.

As ocupações de Presidente Bernardes todas foram realizadas pelo MST. As famílias sempre reclamaram que durante a chegada do movimento, faltava apoio de entidades. O município no início não recepcionou bem os assentados. Segundo Lima²⁵, eles encontravam dificuldades para realizar compras, na saúde e também na educação.

As formas de produção nos assentamentos são principalmente a pecuária, laticínio e a pequena produção familiar. Como dito anteriormente, hoje o pequeno produtor tem perdido espaço no Pontal e também em Presidente Bernardes, pois grandes empresas tomaram o lugar.

²⁵ Entrevista com Cícero Bezerra de Lima, morador do assentamento Florestan Fernandes, no dia 09 jul 2016.

6 PROJETO EDITORIAL

6.1 Introdução

A revista Prisma é fruto de uma peça prática de um Trabalho de Conclusão de Curso no ano de 2013, sendo implantada somente no ano de 2014, como laboratório de revista digital na Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp). A princípio, no projeto piloto, o intuito era trazer para dentro do ambiente acadêmico, a prática de um jornalismo interpretativo, usando os recursos que a internet proporciona. Na sua implantação, além desse objetivo, visava criar um laboratório dentro da faculdade, onde os alunos poderiam estagiar.

Os idealizadores da revista optaram pela forma digital devido aos avanços tecnológicos que foram surgindo no mundo e que consequentemente refletiram na maneira de fazer o jornalismo na web.

O nome da revista, denominada Prisma, foi escolhido porque segundo os autores, a revista digital visa trazer para quem a lê, diversas perspectivas de um mesmo assunto, contextualizando e informando por meio de análises, abrindo caminho para várias formas de interpretação. (ARAKI; BOZZA; SILVA, 2013)

Nesta nova edição, a revista Prisma será voltada para os assentamentos do município de Presidente Bernardes. Para isso, a revista será composta por reportagens explorando o jornalismo interpretativo e contará a história de cinco famílias que moram no município, que vivenciaram a luta, os acampamentos, ocupações e que por isso conseguiram seu lote. Será composta também pelos recursos multimidiáticos, trazendo galerias de imagens, áudio, vídeo e infográfico.

6.2 Objetivos

6.2.1 Objetivo geral

Produzir uma nova edição da Revista Prisma sobre a história de vida de seis famílias assentadas de Presidente Bernardes (SP).

6.2.2 Objetivos específicos

- Expor a luta que as famílias vivenciaram para conquistar a terra;
- Traçar uma visão diferente das famílias que são assentadas;
- Utilizar os recursos multimidiáticos para a produção da revista.

6.3 Justificativa

A revista Prisma Assentados tem o intuito de contar a história de famílias assentadas em Presidente Bernardes e o que elas passaram até a conquista das terras.

Os assentados hoje têm pouco espaço na mídia, geralmente só aparecem quando realizam grandes ocupações, o que já não acontece com frequência. Na época que ocorreram grandes conflitos com os latifundiários, na maioria das vezes, era mostrado apenas o lado dos fazendeiros, passando uma imagem um pouco distorcida dos sem terras.

Esses conflitos, originários da luta pela terra, fazem parte da história do Brasil. É interessante fazer essa contextualização histórica, relatando desde a luta pela terra, a conquista e o momento atual em que se encontram as famílias. Não deixando que isso se perca com o tempo, registrando essa história por meio da revista digital.

Utilizando os recursos multimidiáticos como áudio, fotografias, vídeo, infográfico e textos, é possível trazer um entendimento maior para o leitor, explorar melhor o tema.

As reportagens da revista no futuro podem ser um objeto de complemento de outros trabalhos e estudos que envolvam a questão agrária, as famílias assentadas, os sem terra.

6.4 Público-alvo

Esta edição da revista tem como público-alvo, o internauta que tenha interesse sobre o assunto, e queira conhecer as histórias das famílias e posteriormente procurar informações complementares sobre a luta, a questão agrária e tudo que engloba os assentamentos.

Será mantido o público-alvo das edições anteriores, que eram voltadas para os jovens de 17 a 30 anos e para alunos da FACOPP. Sofrendo uma alteração na idade, passando para 20 anos e se estendendo para 60. A alteração na faixa etária foi feita para que os estudantes e pesquisadores interessados nos assuntos abordados da revista possam utilizar o material como fonte de pesquisa. O que permite desenvolver um novo conhecimento para a produção de outros trabalhos acadêmicos sobre o assunto.

Para conversar e atrair o público mais jovem, será utilizada uma linguagem mais informal. A revista digital oferece recursos como: áudio, fotografia, vídeo, infográfico e texto. Os pesquisadores utilizam esses meios para abordar o tema, de forma que relate o conteúdo coletado durante a pesquisa, defendendo as suas análises e utilizando autores como fontes. As reportagens abordam a luta pela terra, a vida no campo, os conflitos e as dificuldades que as famílias passaram ao longo dos anos.

6.5 Linha editorial

Por se tratar de uma edição especial, a revista contará apenas com uma edição. Como já apresentado, o assunto central dessa publicação serão os assentados e não assuntos gerais como as anteriores.

Na produção das reportagens poderão ser utilizados textos de caráter dissertativos e narrativos, destaque para as reportagens que apresentam o perfil das famílias, trazendo uma riqueza de detalhe ao descrever as histórias vivenciadas desde a época das invasões até a conquista das terras.

Os textos foram realizados por todos os membros do grupo. Os integrantes desenvolverão todas as funções dentro da redação da revista. Antes de tudo foi realizado a divisão das funções. Por se tratar de um veículo que tem um *deadline* maior e não trabalhar com notícias factuais. é possível determinar um cronograma com as funções que cada membro desenvolveu.

Com sua função já definida, os prazos serão estabelecidos e cada aluno terá que ter a responsabilidade de se organizar e cumprir o *deadline* para não atrapalhar no desenvolvimento da edição da revista.

O primeiro passo após a escolha do encaminhamento de cada matéria é a realização das entrevistas, com as famílias selecionadas, e com o pesquisador

do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projeto de Reforma Agrária (Nera) José Sobreiro Filho (Nino), especialista no assunto. Depois é necessário avaliar todo o material obtido para analisar se as informações são suficientes.

Além das entrevistas os pesquisadores poderão buscar fontes complementares como documentos, arquivos que contenham informações relevantes para a produção das reportagens. Como se trata de uma revista digital, tem os recursos multimidiáticos que podem compor a reportagem.

Nesta edição as reportagens poderão conter infográficos e vídeos, além do texto e galeria de imagens, que são elementos obrigatórios. As fotografias terão que vir acompanhadas dos créditos e legenda.

O vídeo feito para esta edição traz depoimentos de cada um entrevistando. Trazendo assuntos como a chegada no acampamento, a infância dentro do acampamento, os conflitos, a satisfação de viver no seu pedaço de terra, a luta diária que ainda enfrentam e a falta de políticas públicas.

Os *links* se encontram ao final das matérias, sempre trazendo assuntos relacionados ou até mesmo redirecionando para outras edições da revista. Os *hiperlinks*, como no projeto anterior, poderão ser distribuídos no decorrer do texto.

Após publicadas, as reportagens ficam armazenadas na página da revista, podendo sofrer alterações caso necessário. Segundo a linha editorial do projeto de 2014 os únicos que podem excluir e disponibilizar um conteúdo são os membros da equipe Prisma. A revista conta com um sistema aberto aos administradores. É criado um cadastro no sistema no que os alunos e professor coordenador da revista podem abastecer o conteúdo. (ALVES et al., 2014)

6.6 Projeto gráfico

O projeto gráfico desta edição não trará nenhuma modificação em relação e edição passada. Para os autores da implantação da revista como laboratório da faculdade, o projeto gráfico bem elaborado que garantirá o interesse do leitor. (ALVES et al., 20014)

6.6.1 Página inicial

O *layout* da página inicial da revista Prisma passou por uma reestruturação no ano de 2014. A *homepage*, que no seu projeto original apresentava várias fotografias em formato mosaico, sofreu alteração passando a ter a capa no formato “galeria de imagens” e que será mantido nesta edição.

Baseado nos padrões das publicações, os autores optaram por uma capa com imagens grandes, dando um grande destaque para as fotografias. A escolha das cores azul, preto, branco e cinza, consideradas matizes sóbrios para a difusão da informação. O logotipo da revista e a barra de ferramentas acompanham o internauta durante a leitura por todo o *site*. No título, é utilizada a fonte Tahoma com tamanho 20,5pt e na linha-fina a mesma fonte, mas com tamanho 11pt. Com ícones na parte superior, é possível avaliar e compartilhar as matérias. (ALVES et al., 2014)

Na página inicial se encontra a imagem de capa da edição. Logo abaixo há nove divisões como mostra a figura (). Acessando a primeira o leitor encontra uma introdução sobre o trabalho e o porquê de se falar sobre assentados e o infográfico de Presidente Bernardes. O perfil de cada família se encontra na segunda divisão. A terceira está dedicada para o infográfico sobre o Pontal do Paranapanema. Nas divisões restantes se encontram as entrevistas realizadas com cada um; galeria de imagens; vídeo; áudio e um infográfico, abordando o aspecto da luta, o momento que conquistaram as terras e as lutas que enfrentam hoje.

6.6.1.1 Diagramação

De uma edição para a outra, a revista sofreu alteração, passou a usar a leitura verticalizada possibilitando uma melhor visualização por parte do leitor. As cores institucionais da revista são azul, verde, rosa, branco, laranja e dourado. Estão presentes no logotipo e nas páginas, como nos elementos enfáticos e *links*.

Os verbetes criados para orientar quem está lendo as matérias são, uma câmera para sinalizar que clicando ali o leitor vai para a galeria de imagens, um *player* sinalizando os vídeos e uma torre de transmissão correspondente aos *podcats*. Foi criado também um ícone enfático por meio do qual o leitor pode mudar de matéria sem que precise retornar a página inicial.

Os textos da revista não têm um limite de toques, mas é possível dividi-los em páginas, o que os autores da segunda edição chamam de “retrancas”. (ALVES et al., 2014)

6.6.1.2 Menu de serviços

Durante a navegação, o logotipo e o menu de serviços ficam fixos, e estão localizados no canto superior esquerdo da *homepage*. No menu de serviço, as opções disponíveis são: *Edições*, *Equipe*, *Contato* e *Blog*. A página de edições anteriores da Revista Prisma é composta toda por mosaicos. Cada edição possui uma *homepage* própria. (ALVES et al., 2014)

6.6.1.3 Matérias

Assim como no título e linha-fina, as matérias textuais estão na fonte Tahoma, porém no tamanho 12, e justificado. Quando houver menção ao nome da revista, deve ser destacado em negrito, o mesmo acontece quando aparece pela primeira vez o nome de uma fonte e os intertítulos. É usado o espaçamento entre linhas e entre parágrafos de 1,5pt e a cor da fonte é preta 15% mais clara.

Os *podcasts* são todos cadastrados na conta da revista na plataforma SoundCloud em formato mp3. Todos os vídeos ficaram armazenados na conta do YouTube, podendo assim usar todos os recursos que são disponibilizados pela plataforma. Os infográficos continuam sendo incorporados em dois formatos, o SWF da Adobe, e na plataforma Prezi. Os infográficos estáticos podem ser animados empregando os *templates* disponíveis. Para a galeria de imagens, não há limite fotografias, contando que esteja de acordo com a temática da matéria e o tamanho é de 1000x202 (foto de capa) e 1000x638 (fotos da galeria e no corpo do texto). Nas legendas das imagens, há um limite de toques. É obrigatório o uso de créditos em todas imagens. (ALVES et al., 2014)

6.6.1.4 Comentários e contribuições

Os comentários nas matérias estão vinculados a rede social Facebook. Através da ferramenta comentários, qualquer um que possua conta na rede social

poderá comentar. É possível também contribuir, o botão contribuir deve ser habilitado pelo repórter e através dele é possível que o internauta compartilhe fotos, informações relevantes e que traga o complemento para a matéria. Mas para isso é necessário preencher um relatório simples. Após a provação e apuração da informação, o estagiário/aluno já fica apto a correção ou edição da matéria. Se for ao ar, ao final da reportagem, próximo à caixa de comentários, é creditado o nome de quem forneceu a informação. (ALVES et al., 2014)

6.7 Recursos técnicos

Para esta edição, os recursos técnicos utilizados serão computadores dos próprios alunos ou os disponíveis nos laboratórios da faculdade. Para a produção das fotografias, foram utilizadas as câmeras Canon e Nikon, que se encontram disponíveis no laboratório de fotografia. Os gravadores do laboratório de rádio auxiliaram na gravação das entrevistas para posteriormente a decupagem. Para a elaboração dos vídeos foi usada a filmadora Sony do laboratório de TV. Todos os itens pertencentes a Facopp.

6.8 Recursos financeiros

Os alunos/pesquisadores só terão gastos com deslocamentos para a realização das entrevistas, idas as bibliotecas da Unoeste e a Unesp, e gastos com alimentação. Para a produção dos infográficos foram gastos R\$250,00. Com o desenvolvimento da revista não houve gasto.

6.9 Recursos humanos

Nesta edição os alunos responsáveis pela revista serão: Gabriel Freire Torres, Janaina Oliveira Santos, Mariane Ferreira Silva e Tamires Martins, e o professor/orientador Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior.

Os alunos desenvolveram todas as funções dentro da revista, desde apuração das informações até a edição do texto. Os trabalhos também contarão com a ajuda e participação do funcionário da Facopp Carlos Hideki Shirosawa para

a edição dos vídeos. E para a produção dos infográficos, os alunos contaram com a ajuda do designer Daniel Souza.

7 MEMORIAL DESCRITIVO

Este capítulo é de grande importância para avaliar o processo de formulação do projeto e da peça prática, analisando pontos positivos e negativos que ocorreram no decorrer do trabalho.

7.1 Discussão e debates

No segundo semestre do ano de 2015, as pesquisadoras Janaína Oliveira e Mariane Ferreira. Começaram a pesquisar diferentes temas para o Trabalho de Conclusão de Curso. A ideia, desde o início, era realizar um trabalho voltado para a Reforma Agrária. O interesse pelo assunto surgiu devido ao envolvimento que ambas tinham com os assentamentos. A mãe de Mariane trabalha no Itesp (Instituto de Terras do Estado de São Paulo) há 15 anos, e a mãe de Janaína é diretora da escola rural EMEIF Educador Paulo Freire, localizada no assentamento Rodeio, pertencente à Presidente Bernardes, há dez anos.

Ainda no segundo semestre de 2015, as alunas começaram a conversar a respeito do assunto com o Professor Doutor da Facopp Roberto Mancuzo Junior, pelo seu vasto entendimento em relação a Reforma Agrária, o professor orientou as alunas a começarem a pensar em temas e peças práticas que poderiam se encaixar naquele assunto.

No mês de novembro, o aluno Gabriel Torres demonstrou interesse na proposta. Em dezembro o trio realizou uma reunião com o professor Roberto Mancuzo, expondo as peças práticas que tinham interesse, e como gostariam de trabalhar o tema. A princípio eram duas ideias, a primeira um livro-reportagem ou um radiodocumentário que contariam a história do processo de ocupação do Pontal do Paranapanema. Nessa ocasião, o professor filtrou a ideia dos alunos, descartando a hipótese do livro-reportagem, e aconselhando a pensar na ideia de um radiodocumentário e também na questão do tema, para que os mesmos refletissem em algo menos amplo, afinal a Reforma Agrária no Pontal abrange várias vertentes. Foi proposto então que os alunos passassem o período de férias buscando informações sobre Reforma Agrária. Houve a sugestão que os alunos escolhessem um objeto apenas, afinal a ideia desde o princípio foi contar histórias relacionadas a

Reforma Agrária, propondo assim falar sobre famílias assentadas, ou sobre a educação no campo.

No ano de 2016, os alunos iriam dar início ao pré-projeto. Após a primeira aula de Introdução à Projetos Experimentais, ministrada pela Professora Doutora Maria Luisa Hofmann, o trio ganhou mais uma integrante, a aluna Tamires Martins também demonstrou interesse ao tema proposto.

A professora aconselhou os alunos a trabalharem com o ambiente digital e sugeriu uma revista relacionada ao tema. Recomendou ainda aos mesmos a procurarem o professor Thiago Ferri pela experiência com o ambiente *on-line*. O mesmo aconselhou a ideia do blog. Apesar de ser especialista no meio digital, não tinha domínio sobre a Reforma Agrária, indicando então que alunos procurassem o professor Mancuzo.

Na segunda reunião com a professora Maria Luisa Hoffmann, foi exposta a ideia do blog e a mesma aconselhou a produzirem uma revista digital, devido ao meio ter mais espaço para trabalhar com grandes reportagens. A professora sugeriu aos alunos usarem a revista *on-line* Prisma, fruto de um TCC no ano de 2013 e implantada no ano de 2014. Por fim, os alunos procuraram novamente o professor Roberto Mancuzo que aprovou a ideia do ambiente *on-line*.

O grupo ainda tinha um problema relacionado ao objeto de estudo, pois optaram em falar sobre famílias que viveram o processo de acampamento, mas não sabiam como fariam o recorte. A aluna Mariane Ferreira sugeriu escolher uma família de cada assentamento da região, mas no decorrer dos dias, os alunos refletiram e escolheram apenas falar de famílias de um município, o de Presidente Bernardes.

O projeto teve início e o grupo realizou um levantamento junto ao ESF de Nova Pátria (Distrito de Presidente Bernardes) procurando as famílias que se encaixavam no perfil que desejavam. Foram listados em torno de 60 famílias, e após muitas conversas foram escolhidas seis, sendo uma de cada assentamento.

No dia 5 de março de 2016, os alunos Gabriel Torres, Janaína Oliveira e Tamires Martins foram pela primeira vez visitar e conhecer os cinco assentamentos de Presidente Bernardes. Conversaram e fizeram a proposta do tema para onze famílias, apenas uma não aceitou participar do projeto. No mesmo dia também foram entregues as autorizações para cada participante da pesquisa.

Após as visitas, os alunos começaram a analisar o perfil de cada família, selecionando seis das dez escolhidas. Os próximos meses foram dedicados a produção teórica do pré-projeto, realizando pesquisas e fichamentos de livros e artigos relacionados ao tema. A professora Maria Luisa, responsável por todos os projetos do sétimo termo, orientava e corrigia o texto dos alunos.

No dia 15 de maio (terça-feira) às 20h, o grupo apresentou o pré-projeto intitulado como “Revista Prisma: O trajeto de cinco famílias dos assentamentos do município de Presidente Bernardes”. A banca foi composta pelos professores Carolina Costa Mancuzo, Giselle Tomé, Roberto Mancuzo e Rogério do Amaral. Após apresentação e troca de ideias entre professores e alunos, o projeto foi aprovado tendo como orientador o professor Roberto Mancuzo.

Os alunos começaram no mês de junho a ter reuniões com o orientador para o cadastramento e algumas correções do projeto, o mesmo passou livros e artigos para serem fichados.

7.2 Entrevistas

As atividades nos Assentamentos tiveram início no dia 8 de julho de 2016. Foram dois carros para o Assentamento Rodeio, em um as alunas Janaína e Mariane, que chegaram na escola por volta das 17h, já os alunos Tamires e Gabriel chegaram às 19h. O Assentamento Rodeio foi escolhido pelo fato de ficar no centro dos assentamentos e ter uma escola, onde os alunos ficaram hospedados.

O dia 9 começou com todos aproveitando e dormindo um pouco até tarde, era sábado e a entrevista seria feita só às 16h. A expectativa estava grande, afinal seria o primeiro contato com o entrevistado, mil e uma perguntas se passavam pelas cabeças, toda hora um lembrando o outro de como perguntar, de lembrar que eram ocupações e não invasões e mais mil e uma dicas que o professor orientador Roberto Mancuzo havia passado. A entrevista de Cícero marcou os pesquisadores, pois retratava muitos os conflitos que os acampados enfrentavam. Muito simpático, não media esforços para detalhar, e um fato de sua entrevista chamou a atenção ele falava de quando participou de uma ocupação, que depois foi exibida no Fantástico, programa da Rede Globo, onde vários companheiros morreram e um dos amigos voltou para casa e ele não, a esposa ficou desesperada achando que ele havia morrido junto com os outros. “[...] nós ocupamos a fazenda chamada fazenda, que

não me recordo o nome, num domingo umas 2h da tarde, nesse dia foram baleadas oito pessoas, teve um do acampamento nosso que levou um tiro no estomago e mais sete foi ferido a bala” (LIMA, 2016). Cícero também era grande amigo pessoal do famoso José Rainha, e contou aos alunos que tem contato como líder até, hoje, e que uma vez por ano recebe visitas dele em seu lote. Após a entrevista os alunos foram convidados a comer junto com a família e o bate papo rolou até por volta das 21h.

No terceiro dia a entrevista foi no assentamento Rodeio no lote 49, na casa de Gumercindo Ferreira Barbosa. A entrevista foi feita com ele, sua esposa Benedita e seu filho Arnold que mora em um lote próximo. A entrevista deles foi marcada pela luta de pai e filho. Seu Gumercindo era motorista na empresa Regina Festas e tinha casa em cidade, mas preferiu buscar um pedaço de terra para viver da própria agricultura. Ele e sua esposa são aposentados e hoje vivem disso, tem carro e toda a plantação que tem em seu quintal é somente para o próprio consumo. No ano passado eles distribuía alimentos para a Conab, Companhia Nacional de Abastecimento, uma empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento da cidade de Tarabai, onde eles vendiam manga, mas por motivos políticos foi cortada no começo desse ano. É uma família que acolhe a todos que visitam e sempre se preocupam no bem-estar das pessoas, uma família tradicional que sempre participa e realiza festividades que envolvem a igreja e a escola.

No dia 11, às 13h a entrevistada foi Marisa de Fátima Luz. Marisa é uma pessoa muito inteligente e até hoje ela e o esposo Cido Maia, que se encontra foragido por irregularidades em ocupações de terras, auxiliam em acampamentos da região. A professora participa de vários congressos em todo o país. Marisa explicou aos alunos como funciona o MST, falou sobre a falta de políticas públicas, dentro dos assentamentos. E houve uma surpresa, ao contrário das outras famílias, eles têm uma posição diferente em relação ao líder José Rainha, segundo Marisa, Zé era o que mais aparecia, mais haviam muitas outras pessoas envolvidas que ficavam atrás dos holofotes. No dia 12, as entrevistas tiveram início às 14h no assentamento Santo Antônio, com a família de Maurício Osório, lote 11 na casa estava ele junto à esposa Lena, os dois viveram o processo de acampamento, Lena conta que ela trabalhava na empresa de transportes Jandaia e todos os dias retornava ao acampamento. Maurício ficava revezava os dias em que acampava com um amigo

para poder trabalhar e levar dinheiro para o acampamento. Os dois foram um dos primeiros a participar de ocupações no município. Hoje cada um tem lote no mesmo assentamento.

Dia 13, a entrevista foi na casa de Adriana Aparecida de Jesus conhecida no assentamento como “Baixinha” ela mora no assentamento denominado Palú, com o marido e duas filhas. Só ela participou da entrevista. Adriana é um exemplo de mulher que lutou pela terra, ela ressaltou muito a questão do medo que os militares causavam, passou muita fome, e os pais ficaram doentes devido às más condições dentro de um acampamento. A entrevista foi feita debaixo de uma árvore no lote de Adriana (11). O tempo lá foi curto, Adriana falou muito em pouco tempo, com um jeito meio “afobado.” Valdecir Marinotti o último entrevistado não pode receber os alunos em sua casa devido ao seu horário de trabalho dedicado na empresa “EuroLeite”, sendo assim ele se dispôs a ir na escola as 06h. Os alunos acordaram cedo se prepararam e ficaram esperando. Valdecir veio do sul do país, e defende muito a questão do povo do sul. Ele também é casado com a assistente social Telma e durante doze anos conduziram junto com outros moradores a Cavalgada da Integração Cultural e Meio Ambiente, que acontecia sempre no mês de junho e o trajeto era feito na trilha que sai do assentamento em que eles moram Água Limpa até a escola no Assentamento Rodeio. A trilha era ponto turístico onde escolas e faculdades passavam, e tinham espécies raras de insetos. Com o tempo, falta de interesse dos próprios moradores e também dos prefeitos vizinhos o projeto teve fim. Hoje o agricultor trabalha na empresa já citada e auxilia mulheres e jovens a investir no leite dentro dos assentamentos. A entrevista foi até umas 08h. Em seguida os pesquisadores foram limpar a escola e organizar e guardar seus utensílios. As 10h todos voltaram para suas cidades.

Para a conclusão das entrevistas os pesquisadores realizaram o fichamento da dissertação e conversaram com o Dr José Sobreiro Filho (Nino) no dia 09 de agosto de 2016, no Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projeto de Reforma Agrária (Nera). Neste dia os alunos que o entrevistaram foram Gabriel Torres e Tamires Martins. As perguntas foram relacionadas à dissertação do mesmo. Nino tratava sobre suas experiências dentro dos acampamentos tanto no Brasil como na Argentina. No início, Sobreiro relatou a importância geográfica no cenário do pontal, citando as condições climáticas e a situação das terras. O entrevistado ainda ressaltou o princípio da luta pelas terras, a maneira irregular como foram

conquistadas no passado, a história de algumas cidades pertencentes ao pontal e a importância de personagens como José Theodoro de Sousa e José Rainha Júnior na questão agrária, pelo perfil de liderança e atitude. Esses dois nomes citados por Nino são de líderes que se diferem pela forma de como trouxeram os benefícios para o povo. A cultura nos assentamentos também é lembrada por Nino, que cita a música “O ladrão de terras” de Jacó e Jacózinho e “O mineiro e o Italiano” de Tião Carreiro e Pardinho que descrevem a realidade dos conflitos antigos. Sobreiro aborda na entrevista como surgiu o MST no Brasil e a sua chegada ao pontal no final da década de 1989 e início da década de 1990. Durante a entrevista, Sobreiro ainda cita o Movimento dos Agricultores sem Terra (MASTER), originário do Rio Grande do Sul na década de 1960 executava o papel de se preocupar com a reforma agrária antes mesmo da chegada do MST. A entrevista teve o seu término às 18h15 e após o término os integrantes seguiram para a primeira aula do semestre.

O pesquisador sugeriu livros relacionados à Reforma Agrária para a produção do trabalho.

7.3 Apuração, seleção, produção textual e edição

Após as experiências nos assentamentos os alunos retornaram as orientações semanais. Começaram a escrever a peça teórica do projeto, e a estruturar a nova edição da Revista Prisma.

No dia 25 de agosto os alunos Mariane Ferreira e Gabriel Torres conversaram com a professora Carolina Costa Mancuzo, que usa a Revista Prisma como ambiente de trabalho para os alunos do sétimo termo trabalharem com grandes reportagens. A professora explicou aos alunos as possíveis alterações que poderiam ser realizadas na nova edição da Revista, e também orientou e trabalharem com infográficos e vídeos através do Google fotos.

No dia 04 de setembro os alunos foram gravar os vídeos com os integrantes das famílias, usaram uma Canon 60D. Após mostrarem os vídeos para o orientador ele aconselhou os alunos a usarem os equipamentos de TV, para outra gravação.

O dia 18 de setembro, foi dedicado somente a produção da peça prática, começaram a gravar os vídeos as 06h, e as alunas Janaína Oliveira,

Mariane Ferreira e Tamires Martins ficaram responsáveis pelas fotografias que viriam a compor a galeria de imagens. O dia para os alunos terminou no último assentamento às 19h30. Para a produção foram usadas a câmera dois (Sony) e lapela da TV Facopp, e do laboratório de fotografia as câmeras: Canon 60D e Nikon D700.

O período de 9 a 29 de setembro foi dedicado a correção da peça teórica e abastecer a revista com as novas reportagens. Após várias orientações e inúmeras sugestões dos próprios alunos e do professor orientador Roberto Aparecido Mancuzo, foi feito o rascunho de como a revista seria dividida.

A primeira reportagem esclarece o porquê os alunos escolheram a temática do trabalho. No corpo do texto possui fotos dos assentamentos que ilustram e auxiliam a leitura. Na segunda divisão é composta por perfis de cada entrevistado, acompanhados da imagem de cada um deles, para o leitor possa saber de qual personagem está falando. A terceira divisão do trabalho é composta por um infográfico direcionado ao Pontal do Paranapanema, nele é possível no momento em que o leitor clique na cidade, ver a história dela relacionada a ocupações de acampamentos. Com nome da cidade, número de ocupações, assentamentos existentes, e área territorial.

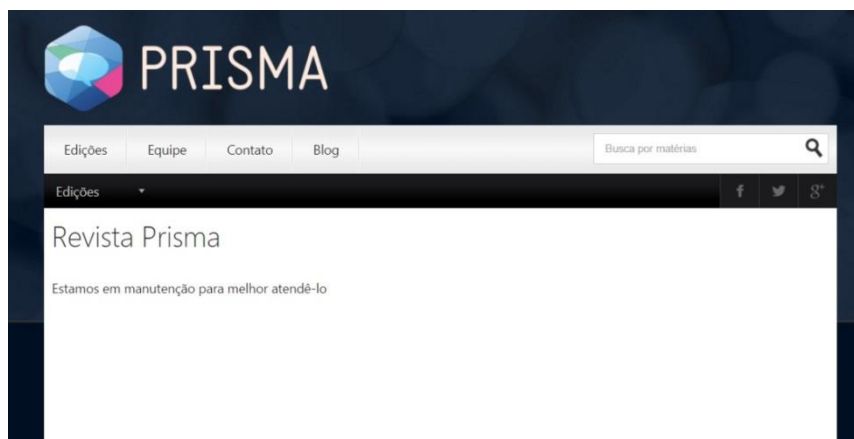
As seis últimas divisões da peça prática são dedicadas a reportagens completas sobre o perfil individual de cada assentado. Após muitas conversas foi decidido que seria composta da seguinte forma, a foto de capa do perfil de cada família, normalmente a foto não segue um padrão em todas as divisões. Elas foram escolhidas de acordo com a forma em que ficavam após expostas na revista, pois não é possível alterar as fontes e cores. Em seguida, cada reportagem possui a entrevista ping pong de cada entrevistado. Entre tantas questões as escolhidas para serem expostas, na peça prática foram, às relacionadas ao acampamento, o momento em que as famílias ganham a terra e como é o assentamento hoje. Todas são divididas por subtítulos. Após o texto encontra-se um vídeo. Na hora da produção do vídeo os alunos escolheram a parte da entrevista que mais chamou atenção, em um outro momento, foi proposto para que o mesmo assunto fosse falado novamente, mas desta vez com a presença das câmeras. No vídeo de Adriana Aparecida de Jesus, relata as dificuldades que passou durante a infância no acampamento. Cícero Bezerra de Lima conta como era difícil os conflitos que eles enfrentavam dentro do acampamento. Seu Gumercindo relata o dia a dia e as dificuldades que

encontravam. Marisa Luz fala sobre a educação no campo, que é um tema que ela luta há anos, Maurício trata no vídeo sobre a falta de políticas públicas e por fim Valdecir explica como é feito o processo para a formação de um acampamento.

Durante a entrevista individual com cada assentado foi escolhido ainda trabalhar com áudio. Durante o processo de produção da revista sempre surgiram dúvidas da forma que o áudio seria exposto, após inúmeras conversas com o orientador o grupo decidiu resgatar arquivos de rádio, neles estariam reportagens durante a ocupação do Pontal do Paranapanema. Infelizmente os arquivos não foram salvos e os alunos não tiveram acesso à esse conteúdo, mas para o áudio permanecer na revista os alunos optaram por trabalhar com a questão cultura. Sendo assim em uma das visitas feitas nos assentamentos cada morador falou uma música que marcou, seja no processo de acampamento/assentamento ou que gostava de ouvir. Dessa forma abaixo de cada vídeo na Prisma, tem uma breve explicação e o áudio com a música.

Para completar a página da revista, e ter mais uma opção para o leitor, os alunos decidiram realizar poesias e crônicas. Para isso o aluno Gabriel Torres escreveu e a aluna Mariane Ferreira incorporou os textos no programa “Prezzi”. O intuito de usar as poesias é dar continuidade no trabalho com a cultura de casa assentado. A última opção multimídia da revista prisma edição assentados foi a galeria de imagens. Dentro da galeria os alunos trabalharam com as fotos de cada família, e as legendas narram dão continuidade nas histórias além de apresentar o assentamento para as pessoas que não conhecem. Durante as postagens na revista, os alunos tiveram algumas dificuldades em relação ao sistema. Uma delas foi o fato de várias vezes quando finalizava uma publicação, o site automaticamente entrava em manutenção, assim como mostra a figura 7.

FIGURA 7 – Página da revista em manutenção:



Fonte: UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA, 2016.

Apesar do erro ter persistido por muito tempo, os alunos conseguiram colocar todo conteúdo na revista. Outros problemas que os alunos enfrentaram foi durante a publicação do infográfico, tanto do município de Presidente Bernardes, como do mapa que mostra todas as cidades pertencentes ao Pontal do Paranapanema. O arquivo não estando exposto na Prisma, permite ao leitor visualizar com clareza todas as cidades e informações contidas no mesmo. No entanto, quando o arquivo é colocado no sistema da revista, a fonte do infográfico automaticamente diminui, causando assim um pouco de dificuldade na leitura, como mostra a figura 8:

FIGURA 8 - Página da Revista onde está o infográfico do Pontal do Paranapanema:



Fonte: UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA, 2016.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os assentamentos de Presidente Bernardes se encontram em uma situação de dificuldades em relação às políticas públicas que são oferecidas. Durante as entrevistas que foram realizadas ao longo do ano de 2016, percebe-se que as entidades como Instituto de Terras do Estado de São Paulo Itesp e a Prefeitura Municipal de Presidente Bernardes, não oferecem o auxílio necessário tanto como necessidades básicas, saúde, educação, como no auxílio para a agricultura e cultivo familiar.

Acredita-se que a realização desta pesquisa traz à tona a importância que os assentamentos têm dentro do município, qual ao longo de anos tem sido tomado pelas grandes empresas e o pequeno agricultor cada vez mais perde seu espaço.

A escolha da revista digital como peça prática desta pesquisa, tem o intuito de levar a realidade dos assentados em especial os do município de Presidente Bernardes para uma plataforma onde todos possam ter acesso de qualquer lugar do mundo.

Os componentes narrativos usados (texto; áudio; fotos e vídeo) auxiliam no destaque de detalhes e aproxima os leitores dessa realidade. O trabalho de campo começou no mês de julho de 2016 até o mês de setembro, onde em várias viagens até os locais foram gravadas entrevistas, vídeos e realizadas fotos.

A intenção da pesquisa não é defender a reforma agrária, mas tentar mostrar o lado dos assentados que são taxados e discriminados pela sociedade. Mostrar a luta pela terra de um outro ângulo, podendo assim retratar os dois lados da história. Podendo assim exercer a principal função de um jornalista: a imparcialidade.

Acredita-se ter conseguido alcançar o objetivo da pesquisa, que a princípio seria retratar por meio de uma revista em ambiente virtual o perfil de famílias que participaram do processo de espacialização e territorialização no município de Presidente Bernardes em meados de 1990. Pode ser dizer que foi além dos princípios, pois foi possível conhecer a dura realidade daqueles que durante anos se empenharam para transformar o Pontal do Paranapanema em um ambiente coberto de assentamentos, pois antes era composto apenas por terras griladas e improdutivas. Também a conclusão que hoje o mesmo local não é mais

um ambiente para o pequeno agricultor, e produção familiar. O agronegócio tem tomado conta do espaço colocando assim grandes empresas no mercado.

Em relação à questão agrária, pôde-se perceber que ela nunca terá fim, no entanto ela vem perdendo seu espaço. Antes a busca pela terra era devido a falta de emprego, e falta de oportunidade. Jovens não querem dar continuidade à produção no campo e preferem migrar para a cidade. Pode-se ouvir de muitos moradores entrevistados, que pelo fato de uma crise estar afetando o país, pode ser que as pessoas voltem a dar valor à vida no campo, assim promovendo novas ocupações.

Os acampamentos também estão escassos em toda a região. Muitos existem há um bom tempo, mas até o momento as propriedades não foram liberadas para o acesso das famílias. O MST também acabou perdendo a força. Isso se dá ao afastamento de muitos líderes, pelo desânimo, e pelo fato do dinheiro ter entrado de forma irregular, e o que era para ser uma luta de um grupo, acabou se tornando acabou se tornando uma batalha de interesses individuais.

Os autores puderam colocar em prática através desta pesquisa, tudo que aprenderam durante a faculdade de jornalismo. Além do tema se encaixar com o perfil de cada envolvido, o que estimulou ainda mais em cada detalhe do mesmo. O trabalho ainda permite futuros pesquisadores a darem continuidade a série de trabalhos já existente relacionados a questão agrária. Podendo ampliar as vertentes em relação a falta de políticas públicas que são oferecidas ao pequeno produtor.

Os assentamentos, as ocupações e os acampamentos, vêm perdendo espaço no contexto social. O Pontal do Paranapanema hoje é um local tomado pelo agronegócio e pelas grandes empresas multinacionais. Essa luta não pode ser esquecida. Por isso a necessidade das pesquisas referidas ao Pontal do Paranapanema e da Questão Agrária não podem ter fim.

REFERÊNCIAS

ALI, Fátima. **A Revista no Brasil**. São Paulo: Abril, 2000.

ALI, Fátima. **A arte de editar revistas**. São Paulo: Ed. Nacional, 2009.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ARAKI, Violeta; PACHECO, Vinícius; QUIRINO, Letícia. **Revista Prisma: uma proposta de Jornalismo interpretativo e multimidiáticos na web**. 2013.254 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente – SP.

ALVES, Mariana et al. **Implantação da Revista Digital Prisma como espaço acadêmico de aprendizagem na FACOPP**. 2014. 233 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente – SP.

BAHIA, Juarez. **Jornal, revista e técnica: as técnicas do jornalismo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARROS, Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. DUARTE São Paulo. Editora Atlas S.A. 2009.

BERGAMASCO, Sônia Maria; NORDER, Luiz Antonio Cabello. **O que são assentamentos rurais**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BLASECHI, Aline. **Língua Portuguesa VI: jornalismo opinativo**. 2015. <file:///C:/Users/Mariane%20Ferreira/Documents/FACULDADE/2015/6ºTERMO/LINGUA%20PORTUGUESA%20VI/2ºBIMESTRE/05_Jornalismo%20opinativo.pdf>. Acesso em: 22 out. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COSTA, Lailton Alves da. Jornalismo brasileiro: a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2008, Santos. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2008. v. 1.

CRUCIANELLI, Sandra. **Ferramentas Digitais para Jornalistas**. Traduzido por Marcelo Soares. Uma iniciativa do Centro Knight para o Jornalismo nas Américas, da Universidade do Texas em Austin, 2010. Disponível em: <https://knightcenter.utexas.edu/hdpp_pt-br.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

DEUS, Sandra de Fatima Batista de; MONTAGNA, Amanda Pansera. **Jornalismo interpretativo na era digital: o espaço da reportagem no Globoesporte.com**, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

DOURADO, Tatiana Maria. **As revistas mudam porque os suportes mudam: panorama do produto em formatos digitais**. Curitiba: Pontifícia Católica do Paraná, 2012.

GIRRANTE, Carolina. As revistas na Sociedade Digital. In:XXXV Congresso Brasileiro de Ciências e Comunicação 35., Fortaleza, 2012.**Anais...** Fortaleza, 2012.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

FRANCO, Guilherme. **Como escrever para a web**. Centro Knight: Texas, 2009.

FERNANDES, Bernardo, Mançano. **MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra Formação e Territorialização em São Paulo**. São Paulo. Editora Hucitec, 1996.

FERNANDES, Bernardo, Mançano. **Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: formação e territorialização** e São Paulo: Hucitec, 1999.

FERNANDES, Bernardo. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais.**Revista NERA**, Presidente Prudente, v 8, n. 6, p. 14-34, jan./jun. 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico**. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, junho de 2013.

FERNANDES, B.M.; WELCH C.A.; GONÇALVES E.C. **Governança da terra no Século XXI: Sessões Framing The Debate**.Políticas fundiárias no Brasil–Uma análise geo-histórica da governança da terra no Brasil. 2012. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/td/politicas_fundiarias_brasil-bmf_caw_ecg.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIRARDI, Paulo. **Atlas da questão agrária**. São Paulo: NERA, 2008. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/nera/atlas/>>. Acesso em: 4 set. 2016.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUIRADO, Maria Cecília. **Reportagem de Investigação**. 11. ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

JORGE, Thais De Mendonça. **Manual do foca: guia prático de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em: <http://unoeste.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788572444088/pages/_1>. Acesso em: 15 jun. 2016.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

LEITE, Jose. **A ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo: Hucitec, 1998.

LENE, Hérica. **O personagem em destaque**. Observatório da Imprensa. Edição 400, 26/09/2006. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-personagem-em-destaque/>>. Acesso em: 11 out. 2016.

MACHADO, Elias; PALÁCIOS, Marcos. **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: Calandra, 2004. Coletânea de artigos do Grupo de Pesquisas em Jornalismo On-line da Faculdade de Comunicação da UFBA. Compilação de Elias Machado e Marcos Palacios.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In. MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MASCARENHAS, Sidnei, A. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MAZZINI, Elaine. **Assentamentos Rurais no Pontal do Paranapanema – SP: uma política de desenvolvimento regional ou de compensação social?**. NERA. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/ltd/Elaine_mazzini.pdf>. Acesso em: 4 set.2016.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOHERDAUI, Luciana. **Guia de estilo web: produção e edição de notícias on-line**. 2.ed. São Paulo: SENAC, 2002.

NERA, Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária. Presidente Prudente, **Boletim DATALUA**, n. 31, jul. 2010. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/boletimdataluta/boletim_dataluta_07_2010.pdf> Acesso em: 13 set. 2016.

NIELSEN, Jacob. **Projetando Websites**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária**, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300015>. Acesso em: 21 jul. 2016.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações**. Regiocom, Universidade Metodista de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20%C3%A9_%20para%20qu%C3%AA%20-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2016.

PINHO, José Benedito. **Jornalismo na internet: Planejamento e produção da informação on-line**. São Paulo: Summus, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL PRESIDENTE BERNARDES. **História**. Disponível em: <<http://www.presidentebernardes.sp.gov.br/novo/index.php>>. Acesso em: 22 out. 2016.

RODRIGUES, Bruno. **Webwriting – Pensando o texto para a mídia digital**. São Paulo: Berkley, 2001.

SANTOS, Jéssica Tamyres dos et al. **Mestres da Reportagem: a reportagem debatida por seus artifícios**. In: PRÊMIO EXPOCOM, 18., 2013, São Paulo – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, 2013, São Paulo. **Anais...**, São Paulo, SP, 2013, v. 1. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/expocom/EX38-0498-1.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA JUNIOR, Roberto A. Mancuzo. **O MST desterritorializado: Um novo olhar sobre a criminalização do movimento a partir do fotojornalismo e do hiperespetáculo**. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. PR. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000155917>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUSA, João Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa de comunicação dos media**. 2. ed. Porto: Ed. Porto, 2002.

STEDILE, João Pedro. **A Reforma Agrária e a luta do MST**. Petrópolis: Vozes, 1997.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

SQUIRRA, Sebastião - **Jornalismo online**. São Paulo, CJE/ECA/USP, 1997.

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA. **Prisma**. 2016. Disponível em: <<http://www.unoeste.br/facopp/prisma/>>. Acesso em: 22 out. 2016.

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA. **Prisma**. 2016. Disponível em: <<http://www.unoeste.br/facopp/prisma/revista-9-2016/conheca-as-cidades-que-fazem-parte-do-pontal-do-paranapanema.htm>>. Acesso: 26 nov. 2016.

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA. **Prisma**. 2016. Disponível em: <www.unoeste.br/facopp/prisma/manutenção.aspx?aspxerropath=/facopp/prisma/sistema/Artigos.aspx>. Acesso em: 15 out. 2016.

VIANA, Eduardo de Carvalho. **Para um manual de redação do jornalismo online**. 2001. Monografia (Especialização) - Faculdade de Comunicação Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ: Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/secs/cadernos.htm>>. Acesso em: 20 set. 2016.

VILLAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

XAVIER Aline; RODRIGUES, Liliana. **Técnicas e Práticas para elaborar reportagens telejornalísticas**. Manaus, AM: Faculdade Boas Novas, 2013

ANEXOS

ANEXO A
ENTREVISTAS DO TRABALHO E DA PEÇA PRÁTICA

CÍCERO BEZERRA DE LIMA
ASSENTAMENTO FLORESTAN FERNANDES LOTE: 05
DATA DA ENTREVISTA: 09/07 – 16h
Meio: Pessoalmente (Usado gravador)

Em que ano você decidiu ir acampar?

1996

Você acampou sempre no mesmo lugar? Ou foi em locais diferentes?

Não, vários lugares.

E quais foram os lugares que você foi?

Primeiro foi em Teodoro Sampaio, fazenda Santa Rita, Marcelo Negrão. Depois em Santo Anastácio, fazenda Santa Terezinha. E depois de volta para o Mirante do Paranapanema, município de Mirante, acampamento Antônio Conselheiro, fazenda Santa Clara. E de volta para cá.

Ai o último lugar?

É

Foi sempre aqui na São Jorge quando veio para cá?

Sempre aqui, é.

Como que era antes de você decidir ir para o acampamento? Você morava na cidade ou você sempre morou no sítio?

Não, morava na cidade, morava em Nova Pátria.

Morava na Nova Pátria?

É

O que influenciou você a ir acampar? Por que você quis ir acampar?

É, com intuito de não ser mais empregado, não trabalhar mais de empregado, tentar trabalhar para a gente mesmo.

Por conta própria.

É

Ai agora a gente quer que você conte um pouco para a gente como que é a vida dentro de um acampamento.

No acampamento? Na minha época?

É quando você foi, o que você encontrou lá. Como que era acampar.

Naquela época lá era de 96, era uma época muito difícil né, foi na época que se fundou a UDR União Democrática Ruralista lá da burguesia dos fazendeiros. Tinham, jagunços armados e atiravam nos acampados e foi sempre isso. Nós saímos da fazenda Santa Rita num conflito agrário na época da novela o Rei do Gado. Naquela época fomos para Santa Terezinha, na Santa Terezinha em Santo Anastácio, nós montamos o acampamento na beira da fazenda. A UDR já montou uma guarita atrás do acampamento. Voltamos para o Antônio Conselheiro lá no Mirante, também se montou uma guarita de seguranças armados. Antes na fazenda, quando a gente estava na fazenda Santa Rita do Marcelo Negrão, em Teodoro, nós ocupamos a fazenda chamada fazenda, não me recordo o nome, num domingo

umas 2h da tarde. Só que os acampamentos eram muito organizados, esse último acampamento do Mirante do Paranapanema chamado Antônio Conselheiro tinha 800 famílias morando, era uma cidade. Para você ter ideia de dia de sábado tinha 3 bailes, tinha missa, tinha dia de domingo de manhã missa, culto evangélico, tinha de tudo, tinha farmácia, tinha. Era muita, muita gente mesmo.

Como que vocês decidiam que momento vocês entravam dentro da fazenda?

Então, não era a gente que decidia na época, tinha uma cúpula, o MST tinha uma, tinha as lideranças e eles que decidiam pela gente né, tomava as decisões e eles sabiam exatamente a época, a hora e o momento de fazer as ocupações de terra que, que a sociedade chama de invasões né. A sociedade lá fora chama de invasão, nós chamamos de ocupação.

Você tinha algum papel importante dentro do acampamento?

Não, naquela época não. Eu era simplesmente um acampado.

Você sempre fez parte do MST, ou já foi de outro movimento?

Não. Depois que eu vim para o assentamento eu passei a coordenar acampamento sem terra, aí eu coordenei aquele acampamento aqui na beira da estrada, ali na fazenda São Luiz. Ai já mudou né, que o Zé Rainha foi tirado do MST e fundou a Frente Nacional de Luta, eu sou integrante hoje e a gente coordena ali nos acampamentos.

Quando você estava acampando, teve algum momento que você pensou em desistir, que você queria sair de lá, achou que não ia mais dar certo?

Teve, teve vários. Não assim achando que ia não dar certo, pelo momento que se vivia, era muito tiro, muito medo das pessoas serem atingidas por balas. Um dia eu cheguei, estava todo mundo desesperado, nesse dia que balearam 8 pessoas, achando que eu... eu atrasei de chegar e ninguém tinha notícia de mim e nada, ligaram, tinha um monte lá, quase tudo no hospital em Prudente, saiu no Fantástico, o povo assistiu e ficaram louco sem saber. Então tinha momentos mesmo nessa época que a gente tinha medo.

Qual foi assim, dentro do acampamento, quais eram as maiores dificuldades que você encontrava mais de moradia mesmo no dia a dia?

De moradia?

Isso.

Dificuldade, a dificuldade era todas. Você morava de baixo de um barraco de lona, sem água, sem estrutura, sem banheiro, sem nada. Era todas dificuldades imagináveis, a comida, o governo mandava cesta básica lá de vez em quando e a gente tinha que se virar. A dificuldade era todas inimagináveis.

Vocês então recebiam uma cesta?

Uma cesta lá no mês.

Mas dava para todo mundo? Ou era aquela coisa?

Dava, não na época dava, dava tinha bastante comida naquela época.

Teve algum momento que durante uma ocupação vocês tiveram um conflito direto com grileiros e fazendeiro?

Então, teve vários.

Como que eles tratavam, assim como era o tratamento deles com vocês?

Como assim, eu não entendi.

Entendi, então nunca teve esse contato direto com os próprios donos da fazenda nem com os empregados deles?

Não, não, com os empregados deles tinha porque a gente ocupava a sede, os empregados ficavam na dele e a gente também não mexia com empregados. Eles também eram iguais nós, trabalhava de empregado igual a gente, então não podia fazer nada com eles.

Não tinha nada para fazer né

É

Teve alguma entidade, na época ou alguma pessoa em especial que no tempo que você acampou no caso contribuiu, algum prefeito, ou alguma pessoa importante na região que ajudou os acampados?

Então, na nossa época o Julinho era prefeito, ele sempre ajudou nós. Ele ia lá em Teodoro, as vezes ele ia até lá, ele o pessoal de Presidente Bernardes que estava acampado lá na Santa Rita do Pontal lá em Teodoro, vinha em Bernardes, ele ajudava, era um prefeito bom na época lá. De gente maior era o Eduardo Suplicy, sempre apareceu no acampamento, o Lula na época não era presidente, ele apareceu umas vezes lá, numa época de um conflito lá ele apareceu depois só, mais era nós e nós mesmo.

E qual é a participação do Itesp, o Itesp tem alguma participação durante a ocupação? Durante o acampamento? Nenhuma?

Não, Não.

Eles só têm a partir do momento que vocês ganham as terras?

É, a função do Itesp é, quer dizer eles são o Instituto de Terras do Estado de São Paulo, a função do Itesp seria desapropriar as terras do Pontal, só que eles não fazem isso, se não tiver acampamento lutando para criar o conflito para poder como se fala, criar um conflito para o governo entrar no meio para comprar as fazendas. O Itesp é uma entidade muito fraca que não tem poder para isso, porque aqui no Estado de São Paulo as terras públicas do estado de São Paulo, as terras devolutas, é assim que funciona. Na época de France Montora um grupo de juiz lá decidiu que aquilo lá era terra pública, o que fazer com essas terras públicas? Vamos reflorestar de novo? Não dava, então doaram tudo para a reforma agrária, essas terras vão ser todas doadas para a reforma agrária, aí só que eles também criaram uma lei que o proprietário o como que se fala, quando a gente ocupa uma fazenda, nós ocupamos, eles também ocuparam no passado né, eles tomaram posse da fazenda, o posseiro antigo que era eles, tinha direito nas benfeitorias que eles fizeram. Aí que se cria a dificuldade de desapropriar a fazenda aí se entra na justiça, existe uma lei combatendo que é a lei que o fazendeiro tinha que pagar a fazenda, tinha que pagar para o estado o tempo que ele usou a terra que não era dele, mais não o estado é

que tem que devolver dinheiro das benfeitorias pros grileiros que ocuparam a área no começo, não sei se você está entendendo bem (risos)

Não eu entendi, a gente leu bastante sobre isso, então está ficando fácil (risos). É em relação a preconceito das pessoas que não eram acampadas, que eram da cidade, que conheciam vocês como acampados, vocês sofriam muito preconceito em relação a essas pessoas? Como que elas tratavam vocês quando tinha algum contato?

Era muito variado, por exemplo, uma vez a gente foi numa marcha para Prudente.

Qual que era o seu objetivo antes de você ir para o acampamento? Qual que era sua ideia antes de ir?

A não tinha, era meio vago, eu não sabia direito, trabalhava na fazenda ouro verde com cana, em nova pátria, não tinha, não tinha assim uma perspectiva uma linha certa.

Quando que você teve direito a suas terras e como que foi na época?

Então eu entrei em 96 no acampamento na Santa Rita, depois fomos pra Santa Terezinha, depois voltamos para mirante, no Antônio conselheiro e em janeiro de 98 nós ocupamos essa fazenda em definitivo. Ocupamos, ficamos na sede e montamos acampamentos e o fazendeiro já estava negociando com o ITESP, esse é um dos poucos fazendeiros que negociou sem precisar conflito nenhum. Ele negociou a área dele, nós ficamos na sede, esperamos seis meses. Dia 30 de julho de 98 a gente veio para o lote. Foi mais dificuldade ainda né, imagina você dentro de um quadrado de terra o pasto dessa altura com barraco de lona e sem água, tinha que cavar um buraco, cavar um poço foi difícil, mas foi bom, foi bom ser livre né.

Mas teve ajuda, ou vocês ficaram por conta própria? Teve que fazer tudo?

Não, nós ficamos 2 anos sem recurso, pouco recurso, pouca coisa ai de Itesp, coisinha mínima. Em 2000 que saiu o PRONAF que é um dinheiro para investimento, dinheiro para investimento na época e veio a luz, que foi um projeto de energia. Nós tivemos que pagar, nós pagamos por 2 anos ela parcelado, foi que começou a melhorar mais. Mais 2 anos foi dificultoso mesmo, a luz de vela, lamparina.

Vocês chegavam e tinham que se virar com tudo né?

Com tudo

Eu já perguntei isso para você, mas é só para confirmar, desde que você ocupou aqui, você nunca saiu daqui? Desde 98 você está no mesmo lugar?

Não, mesmo lugar.

Qual é a principal diferença de um acampamento para a partir do momento que você está dentro do assentamento, que você deixa de ser acampado para ser assentado?

A diferença?

É

A diferença que você conquistou seu objetivo, você lutava por aquilo e aconteceu aquilo e eu não sei se tem muita diferença porque a dificuldade do acampamento é

grande e a dificuldade quando você pega o lote também é grande, não tem nada fácil para você chegar nesse ponto aqui, nessas coisinhas aqui é difícil.

Hoje você não acampa mais, mas hoje você ainda sente preconceito em relação as outras pessoas?

Tem preconceito.

Você acha que ainda existe preconceito?

Existe, existe.

Porque que você escolheu o município de Presidente Bernardes, foi porque nos outros locais não deu certo e aqui foi a última opção ou porque você tinha, você queria Bernardes, porque você já conhecia sei lá.

Então, na época que nós estávamos no acampamento Antônio Conselheiro, então tinha um grupo grande de mais de vinte famílias de Bernardes lá, entendeu? E na época teve uma grande demanda e saiu várias áreas. Então o MST, organização do MST mandaram de preferência, mandava as pessoas dos municípios que estava lá para os municípios que tivesse área, entendeu? E aqui tinha duas áreas, essa e a Santo Antônio. Nós optamos por essa e a gente veio para cá né, que você já tinha mais um contato com um prefeito, você já estava mais familiarizado aqui na região.

Quando você veio pra cá, a água limpa, a rodeio, elas já tinham, já existiam?

Já existiam, Água Limpa, Rodeio a Palú.

Hoje o que você produz na sua propriedade?

Ai ó, semente de capim e leite (risada)

Hoje mesmo que você tem sua moradia, você auxilia em algum acampamento, ou você deixou?

Auxílio. Até um pouco tempo igual eu falei para você eu estava coordenando um acampamento ali na São Luiz, um acampamento unido né e auxiliando eles, coordenando mesmo, frente de massa, fazendo ocupações de terra, inclusive tem um juiz de prudente lá que estou respondendo um processo lá, é um tal de Marcondes.

Mas mesmo assim você continua ajudando?

Continuo ajudando

Você teve contato com o Zé rainha?

Vixe vários.

E como que era ele dentro dos acampamentos? Ele ajudava? É que assim a gente lê muito sobre ele, só que é diferente a gente lê e saber de uma pessoa que teve contato com ele.

Como que era ele?

É, como que era ele?

Ele, ele fazia parte da hierarquia ele era o topo, então tinha várias outras pessoas para organizar o acampamento. Ele era o pensador do MST e tomava as decisões do que tinha que fazer, no momento de ocupar, no momento de fechar rodovia, no

momento de, era uma pessoa super humilde, uma humildade que você não imagina. Uma vez nós fomos numa reunião, eu e o outro rapaz do outro acampamento ali em Venceslau, e estava um frio nessa época e o rapaz estava só com uma camisa de manga cumprida e chegando se encontrou o rapaz ficava meio encolhido assim, aí ele tirou a blusa dele e deu para o rapaz. Eu não esqueço desse gesto nunca, super humilde, sempre gente boa mesmo.

No momento que você estava acampando, muitas pessoas desistiam?

Desistiram.

E qual era o principal motivo delas desistirem, eram o medo mesmo como você explicou?

Era o medo, tinha gente que chegava, montava o barraco né. Chegava de manhã cedo, montava o barraco, trazia as coisinhas o fogão, aí de noite, tiroteio começava, no outro dia desmanchava o barraco e sumia. (risadas)

Deixa eu te perguntar uma coisa, não sei se eu vou falar o nome certo, mas é andorinha que fala né, que não vai tudo, toda vez?

É

Tinha muito nessa época também ou não?

Não.

A pessoa participava mais?

Participava mais

E o que seria um andorinha?

Um andorinha é uma pessoa que não mora no acampamento, ele só participa. As vezes ele tem um emprego não quer perder o emprego e também quer ver a conquista a terra quer se aventurar a conquistar a terra entendeu? Então ele só vem no final de semana, vem no sábado, domingo, fica voando, aí o pessoal colocaram o nome de andorinha e hoje o momento que se encontra o país né, agora não que está meio em crise, mas no momento em que se encontrava o país a uns tempo atrás inverteu isso aí, era pouco morador e muito andorinha, porque muita gente tinha emprego. Na época nossa lá faltava muito emprego né em 96, 97, 98 era muita falta de emprego, falta de moradia na cidade, então o pessoal ia, ia morar nos acampamentos.

Da para ver isso bastante naquele que tem de Bernardes, depois da reciclagem, você não ve ninguém lá né.

É. Não ve nada lá

Deixa eu te perguntar uma coisa, a gente leu muito sobre a CEBs sobre a igreja católica, durante o momento em que acampou a igreja católica a CEBs né que são as pastorais, ela teve uma função importante para auxiliar no acampamento? E qual foi a função dela?

Oh, além de levar a palavra de Deus, eles ajudavam mesmo com cesta básica com roupa, bastante roupa, eles ajudavam mesmo. A igreja católica toda vida ajudou, as

outras igrejas evangélicas iam lá fazer culto, mas quem ajudava mesmo com bens materiais mesmo era a igreja católica toda vida ajudou.

Entendi, quando você acampou você teve contato com o padre João Pereira?

Tive, tive aqui né no assentamento.

Aqui já né

É com ele não, no acampamento não, mas aqui eu tive, ele foi em Bernardes, até nós construímos aquela igreja lá, eu, ele e o Jair né, eu ele e o Jair digo assim, eu e o Jair construía e ele dava apoio, uma pessoa muito boa e sempre foi do lado do sem terra.

Isso eu até perguntei porque é até uma pergunta pessoa minha essa né, porque eu conheço ele e quando eu comentei para ele que o nosso trabalho seria em torno disso, ele ficou muito feliz ele falou que participou sempre ajudou né, sempre teve do lado do pessoal.

É

Se fossem nos dias de hoje, se você se encontrasse naquela situação igual você falou que você era empregado, como você hoje, você decidiria acampar novamente?

Eu tornaria a ir, eu acho que eu iria.

Vale a pena

É, vale a pena porque você é livre né, você fala hoje eu não vou trabalhar pronto, não vai trabalhar.

Não tem aquele compromisso de todo dia né

É não tem patrão para te mandar embora.

Você é dono do seu negócio né e deixa eu te perguntar, é os hectares são distribuídos os mesmos tanto para cada pessoa?

Não, é variável conforme a terra né. Essa área aqui eles fizeram vários, é análise de terra, então, aqui tem lote de 15 hectares, tem lote de 18 hectares, esse meu é de 17 hectares e 5 mil metros, então tem vários, conforme a terra, a terra mais boa menos terra, terra mais fraca mais terra.

Ah é assim que é feita. Entendi

Naquela época né nos dias de hoje, nunca mais saiu assentamento depois daquela época (risos). Não sei o que, disse que diminuíram até o tamanho do modulo. (risos)

Você vê uma diferença nas pessoas que acampam na época que você acampou pra hoje?

Tem, várias diferenças

Qual que que é essa diferença? Você acha que não tem tanto comprometimento igual antes ou não?

Então, não tem por causa da realidade que o país se encontra hoje né. Hoje o pessoal vem para o acampamento dia de sábado, tudo de carro novo, né difícil vir uma moto, vem tudo de carro novo para os acampamentos, fica ali o sábado domingo na segunda feira vai embora trabalhar. Na época ninguém tinha carro, você

ia para o acampamento morar, você ia trabalhar de boia fria nos acampamentos que vinha ônibus lá buscar e você ia trabalhar, mas a diferença hoje é grande, hoje a situação se encontra totalmente diferente.

Antes a luta era mais intensa, hoje tem menos

É, era mais intensa, por causa disso aí, se hoje tivesse uma crise difícil nas cidades, faltar emprego, volta tudo de novo.

la acontecer tudo de novo

Tudo de novo, o pessoal ia super lotar os acampamentos, ai a reforma agrária ia avançar de volta, o que faz a conquista é a luta.

Então é que nem você falou pela situação que encontra o país a reforma agrária, pelo menos aqui no município de Presidente Bernardes cada vez mais está diminuindo?

Está. O país inteiro, o pontal inteiro, porque o pessoal fala que o governo fez reforma agrária, mas não fez reforma agrária em lugar nenhum, quem fez foi o povo, o pessoal que fez acontecer, porque senão, não precisava eu sair pra ir pro acampamento né, o estado ia lá desapropriava o fazendeiro, fazia a seleção lá em nova pátria mesmo quem tinha perfil pra ir pra terra ia, era o justo, mas você que tem que fazer tudo, você que tem que forçar o fazendeiro ir lá negociar com o ITESP e as vezes forçar o ITESP ir lá negociar com os fazendeiros porque é uma má vontade dos dois que.

E agora aqui, tem alguma história, alguma coisa que aconteceu que mexeu muito com você no momento que você estava acampado.

Então, o que mais mexeu comigo foi aquele conflito lá que baleou 8 pessoas né, na fazenda São Domingo, do Osvaldo Paes. Eu me recordo, fazenda São Domingo era umas 2h da tarde nós fomos ocupar essa fazenda com 2 mil pessoas.

Nossa era muita gente

Muita gente, tinha um caminhão de som e a fazenda era linda, na beira do Panema assim, um lugar lindo, e nós descemos num caminhão de som, o Zé Rainha em cima né, animando o pessoal e quando eles deixaram o pessoal encostar bem perto da sede eles começaram a atira. Aquele foi o momento mais, mais dificuldade e medo né, eu achava que ia morrer na época. Você via um baleado outro baleado e você deitado dentro de uma braquiária e bala passando para todo lado, ai eu consegui entrar dentro de um mato alto assim, encontrei um cara que tinha levado um tiro na camisa, pego aqui varo aqui, não relou nele (risos)

Ainda bem né

É, mas nisso já tinha baleado 8 pessoas né, então esse foi o momento mais marcante para mim, depois teve a notícia quando eu cheguei em casa estava minha mãe chorando, Silvana chorando, todo mundo apavorado achando que, não tinha celular na época né, ninguém tinha telefone pra comunicar, ai chegava 1 hora da manhã em casa, nova pátria, estava todo mundo desesperado, esse foi o momento mais de dificuldade mesmo.

Quando você começou a acampar você já era casado com a Silvana, já tinha o Caike?

Já era, já tinha o Caike. Caike era pequenininho, Caike ia para lá, ia de sábado.

la também?

la, ia, inclusive o Julinho dava perua para eles ir, pra visitar.

Mas ela não ficava igual você? Era sempre você que ficava direto?

Não era só eu que ficava, ela ficava em casa, ficava trabalhando né, final de semana as vezes eu vinha as vezes ela ia lá.

Tinha uma pessoa que sabia qual terra era devoluta e qual terra que não era, que dai falava, vamos supor o líder de vocês falavam, a gente vai em tal lugar.

Não, sempre dentro dos órgãos públicos o Zé Rainha era um cara muito influente, então sempre acho que havia comunicação entre eles lá e falava, oh é aquela lá vai nela que né aquela é devoluta. Apesar de todas as terras do pontal é devoluta né, acima de 500 hectares você pode ocupar que, que na verdade o governo tem que desapropriar para a reforma agrária, só que também tem que fazer o acordo das bem feitorias. O estado não tem poder de chegar e desapropriar o fazendeiro sem um acordo e quem tem que fazer esse acordo, fazer o fazendeiro fazer o acordo é nós, através das ocupações.

A terra devoluta como você pode explicar, a gente sabe mais ao mesmo tempo a gente não sabe eu entendo que é uma terra que não tem produção, como que é?

Não, terra que não tem produção é terra improdutiva, que não se enquadra aqui no Pontal é mais terra que não é documentada, que não é devoluta que não tem escritura, que tem tudo, porque na verdade a terra tem que cumprir a função social da terra, não sei se vocês sabem, já estudou sobre isso, tem que ter tantos funcionários por tantos hectares, tem que cumprir e tem que produzir um tanto lá por hectares pra cumprir a função social da terra, então quando você tem a escritura de uma terra que você comprou por ela, mas que você não está produzindo nela, tem que ser desapropriada pra reforma agrária, isso é terra, agora terra devoluta, é a terra que era do estado , que era uma mata atlântica que pegava o paranazão e o panema os dois rios, então era tudo mata. Aí os grileiros foram abrindo e entrando, foram abrindo e entrando e exterminaram os índios tudo que tinha aqui na região né e abriram as fazendas, mas o governo ficou achando que era dele, na época não tinha comunicação, quando descobriram essas terras eram todas do estado, só que tem o posseiro, veio e fez casa, fez sede, fez cerca é ele quer receber isso aí, isso é a diferença.

Agora eu entendi. Eu estava lendo um livro, mas ainda ficou meio confuso, mas que os donos das fazendas eles grilavam os documentos para parecer que eram mais antigos era para mostrar que era a mais tempo deles? Era isso?

É o grilo na verdade, o grilo, o pessoal pensa o tempo do grilo era tempo de armada de tiro, era também né, mas na verdade eles pegavam um documento novinho desse aqui né colocava uma data lá de trás bem antigo mesmo, colocava ele dentro de uma gaveta, colocava um monte de grilo mesmo, aquele bichinho, e a urina deles parece que envelhecia o papel, e parecia que era um papel bem velho com data bem anterior, esse é o tempo do grilo.

Era com esse papel que eles conseguiam provar que era deles a muito tempo.

Era, que era deles a muito tempo.

Deixa eu perguntar para você, o que que um coordenador de acampamento faz?

Ele coordena um grupo, entendeu? Por exemplo, o acampamento tem 200 integrantes, então para uma pessoa só coordenar 200 integrantes é difícil. Então se divide em grupo, grupos de 40, 50 pessoas, aí entre eles se elege um coordenador. Para que serve o coordenador, é igual eu falei para você tem uma hierarquia né o MST, tem uma liderança né, tem o frente de massa, no caso seria eu, depois no acampamento tem os coordenadores de grupos e depois tem uma liderança mais alta, que seria o Zé Rainha né, no caso. O Zé Rainha quase não aparece, sempre a gente ia em encontro com ele em outras regiões, ele passava as informação pra gente. A gente fazia uma reunião com os coordenadores de grupo, antes os coordenadores de grupo passavam para o pessoal, para o grupo deles depois a gente fazia uma assembleia geral, entendeu? Funciona mais ou menos isso.

E como que escolhe a pessoa dentro do grupo?

A tem que se escolhe, as vezes a pessoa né se dispõe a ser coordenador e as vezes o grupo decide, não é você, e se a pessoa aceitar, entendeu?

Entendi, e deixa eu perguntar uma coisa, você não me leva a mal, mas é que é assim, você começou a falar eu fiquei curiosa, é que nem é um direito de vocês ocupar a fazenda a terra que não está produzindo a terra devoluta por que que a polícia fica tão em cima se é um direito de vocês?

Não, mas não é direito. É meio ilegal, que eles falam que é uma propriedade privada que tem um dono né, e por isso que eles falam que estamos invadindo, por isso que eles falam, vocês invadiram minha fazenda. E porque nós falamos nós ocupamos a fazenda, porque quando você invade, você invade por exemplo, Silvana e Caike estão morando aqui se entra aqui, querer entrar você está invadindo né, eles tão aqui e quando você ocupa uma fazenda, você ocupa um espaço vazio, você vai para uma área que não tem ninguém lá morando, ninguém está trabalhando naquele lugar e a terra é do estado então você não está invadindo nada você está ocupando a área, mas para justiça não é certo né.

GUMERCINDO FERREIRA BARBOSA

DONA BENEDITA FERREIRA

ARNOLD FERREIRA BARBOSA

ASSENTAMENTO RODEIO LOTE: 49

DATA: 10/07 – 14h00

MEIO: Pessoalmente (Uso do gravador)

Foi o senhor e o Arnold que acampou, né?

Seu Gumercindo: Ele também

Em qual ano vocês foram para o assentamento?

Arnold: Eu fui entre 95 e 96 – Seu Gumercindo: Eu também

E em qual lugar que você acampou? Foi sempre em vários lugares?

Arnold: Eu fiquei mais na Santo Domingo que era chamada de Taquaruçu.

Era em que município?

Arnold: Lá em Sandovalina.

Aí foi o primeiro lugar?

Arnold: É, só que a gente as vezes ia para outros assentamentos, não pra morar né, mas para dar força para o pessoal que ia montar acampamento.

E quando vocês vieram para o município de Bernardes?

Arnold: Em 97.

Daí desde que vocês chegaram aqui vocês já vieram para as terras aqui da rodeio ou foram em outros lugares?

Arnold: Não, a gente chegou aqui com oito mês lá em cima, lá próximo a escola, porque o lote demorou quase um ano para ser cortado.

Seu Gumercindo: Ficamos um tempo acampados lá também, né

Arnold: Depois de oito meses foi que viemos para cá.

Onde vocês moravam antes de ir para o acampamento?

Seu Gumercindo: Prudente.

E porque vocês falaram assim, “A, vamos acampar agora”? O que motivou a querer ir para o acampamento?

Arnold: Na verdade eu trabalhei em Prudente, trabalhei e diversos estabelecimentos lá e foi chegando uma época que estava ruim de serviço, como está até hoje.

Seu Gumercindo: Eu no caso, eu queria acampar porque apesar de ter trabalhado muitos anos na indústria, trabalhei de manobrista, trabalhei em posto de gasolina, eu era registrado em posto de gasolina, fui taxista né, depois fui tirar uma carta e trabalhar em uma firma de motorista, eu trabalhei, viajei durante 20 anos de motorista para a empresa, dirigi caminhão, ônibus e aposentei dirigindo ônibus de empresa, carreguei máquinas agrícolas, essas coisas, medicamentos, entregava em laboratório, essas coisas aí.

Teve alguma pessoa que chamou vocês para acampar, ou vocês ficaram sabendo? Como que foi?

Eu no caso fiquei sabendo, como eu falei que eu trabalhei esse tempo todo, mas nos primeiros anos da minha vida era na roça mesmo, aí eu estava na cidade, mas pensava, o que que eu aposentar eu arrumo um lugar para mim ficar, apesar que eu já tinha a minha asinha ali em Prudente, eu prefiri vir para a roça, pegar isso aí, para poder ficar como estou aqui hoje, ficar mais sossegado né, porque trabalhar eu nem trabalho mais, não aguento trabalhar.

Aí agora eu queria que vocês falassem para a gente como que é a vida dentro do acampamento, o que acontece dentro do acampamento.

Arnold: Bom, quando eu fiquei no acampamento acontecia de tudo um pouco, era briga, era peão fumando maconha, roubo, peão matando gado de terceiro, era meio sofrido, mas em termo de tranquilidade era bom também.

Seu Gumercindo: Eu a mesma coisa, a finalidade da gente era arrumar isso aqui né, mas a gente toda vida, não era só lá, em todo lugar tem coisa errada, se você trabalhar em uma empresa que tem cem empregados, não vai pensar que os cem são tudo bonzinho, tem uma turminha que a gente sabe que vão ser bonzinho perto

de você, mas a gente sabe que são tranqueira. E o acampamento é como o meu filho falou aí, tinha nego que gostava de fumar maconha, outros na hora que era para acampar, buscar alguma coisa, não queria, queria só facilidade. Uma coisa que eu nunca concordei de fazer foi cortar cerca de arame, roubar cerca do pessoal, nunca concordei com isso, a finalidade era pegar a sua terrinha como eu peguei aqui, então eu não concordava com isso, como não concordo até hoje né, por causa disso a gente as vezes tinha dentro desses acampamentos, a gente tinha inimigo, eles não declaravam, mas a gente sabia que não gostavam, não convidavam a gente para essas coisas, as vezes para ir beber cachaça, coisas que não é conveniente ao homem né, e a gente também, não pense que a gente veio para aqui que a gente não encontrou coisas difíceis não, no começo ia os tranqueira pra cá e a gente foi brigando, os cara graças a Deus foram embora né, hoje tá tranquilo aqui, mas teve uma época que eu, de vez em quando deixo esse carrinho meu aí na rua e o povo que tá aqui não mexe, mas naquela hora mexia, se deixasse lá na rua roubava pneu.

Dona Benedita: Deixa eu falar um negócio que você não falou, quando nós vinha para cá, eu não fiquei acampada, eu fiquei em Prudente trabalhando, nós tinha uma perua, então juntava eu e meu filho mais novo e nós ia no Seasa pegar aquelas verdura que eles não vendia, aquela sobra eles davam para nós, nós enchia a nossa perua, nós levava para lá, então aquilo favoreceu muito o meu marido, entendeu, porque ajudou muito as pessoas que estavam lá, porque as pessoas passavam dificuldade e outras passava fome, então quando nós veio para cá, por nós não querer ficar na agrovila, nós foi discriminado, nós quase perdeu o nosso lote aqui, porque eu não aceitava ficar na agrovila, porque se fosse para eu ter fiado na agrovila eu tinha ficado em Prudente, porque Prudente é um pombal, quem mora em CDHU, é um pombal. Eu queria a minha liberdade, quando eu vim para cá eu falei para o meu marido, nós tínhamos dois animais, vamos sair, vamos procura um pedaço para nós, onde que da para nós fazer um barraco pra ficar, aí nós saímos. Saiu nós, o Seu Grego, nós saímos em quatro, aí eu queria fazer lá embaixo, onde tem três pé de sucupira na beira da estrada, aí meu marido veio, fez um poço aqui, nosso barraco era onde tá aquele banquinho ali, aqueles barracos de lona, fiquei quatro anos e num belo dia o meu marido foi numa reunião em Bernardes e devido dele estar muito nervoso, todo mundo já tinha saído dos seus lotes né, meu filho, o lote dele era ali onde é o da Célia né, aí o Velho Chico veio conversar com ele, trocou com o do Velho Chico que era lá embaixo, aí o meu filho ficou com o do Velho Chico e ele pegou o do meu filho. E nós ficamos aqui esperando e nesse dia meu marido foi em Bernardes, numa reunião até com o Julinho, o médico era o DR. Renato, ele chegou em Bernardes mal, até porque ele estava muito nervoso, estava esgotado, porque nós não sabia para onde nós ia né, eu fiquei sozinha aqui trabalhando, porque nós chegou aqui, nós fizemos terra para ter milho, aí era três horas da tarde chegou o Seu Juarez, foi um anjo que Deus mandou aqui na nossa vida, que ele é arquiteto lá em Mirante, chegou ele e o Pascoal. Aí ele chegou e gritou, “ O Gumercindo”, aí eu sai pela disse e disse assim “ O seu Pascoal, meu marido não tá aqui não, tá doente, tá em Bernardes”. Aí ele foi e olhou pro Pascoal e disse assim “ O pascoal, o que vocês tão fazendo com essa família não é justo, já investiguei a vida deles, são pessoas trabalhadoras, são pessoas idôneas, porque que vocês estão fazendo isso com ele por conta de um pedaço de terra?” Aí naquele momento ele falou assim “ Custe o que custar, vai custar a minha vida, mas daqui eles não vai sair.” Aí naquele momento eu ajoelhei nos pés dele e agradeci tanto a Deus, e ele disse “ Dona Benedita, a senhora não precisa fazer isso não, isso aqui é

um direito de vocês, eu sei que vocês são trabalhador, a senhora pode ficar tranquila, eu vou para Mirante e amanhã venho com a resposta, eu não sei que jeito que vai ser o lote de vocês, se vai ser beirando a reserva”, porque isso aqui era reserva, isso aqui não era desse jeito não, era mato, aí falou para mim assim” Eu não sei se vai ser assim de comprido ou se vai ser atravessado, mas daqui ninguém vai tirar vocês.” E nesse meio de gente, tinha gente que torcia para nós não ficar aqui, porque nós fizemos poço, ele ainda falou assim “ Quem deixou água, quem deixou luz aqui ?” Aí naquele momento eu comecei a chorar, entrei para dentro do meu barraco, chegou meu ex-genro aqui com a minha irmã e eu falei assim “ Odalice, se você puder fazer um favor, liga para o Gumercindo ficar calmo, que nós não vai sair daqui não, aqui vai ser nosso paraíso, não sei que jeito que vai ser, mas vai ser aqui.” Aí o Seu Juarez foi pra Mirante né, ligou para Bernardes, foi o Artur que fez isso com nós.

Seu Gumercindo: Ele era coordenador da terra, eu não sei se vocês sabem, quem que é o coordenador agora do Itesp, quem tá ali agora é o Joel. Como o Itesp funciona vocês não sabem?

Dona Benedita: Aqui era igual uma mata que tinha aqueles que vivia bajulando o Branco, o Brendo né, tinha mais outros que era de Mirante também, que esse tempo o Itesp não era em Bernardes, era em Mirante. Aí né, o Seu Juarez foi pra Mirante, diz que ligou para Brasília, para São Paulo, aí resolveram deixar nós aqui. Nós ficamos aqui. Aí ele veio e disse “ Olha Dona Benedita, fala para o Seu Gumercindo que eles vão vir cortar o lote de vocês, não precisa nem tirar a barraca do lugar, pode ficar aí mesmo. Aí levou uns quinze dias para cortar o nosso lote né, aí custou o serviço do Juarez, tiraram o Juarez de Mirante, mandaram ele para o Mato Grosso e nós ficamos aqui, nós passamos muito, como vou falar para você? assim, a gente foi muito humilhado por colega de serviço, colega de acampamento, de barraca, daqui de dentro mesmo né. Aí eu corri atrás do Julinho, foi eu que fui atrás do Julinho, eu e uma amigo meu que tem aqui em baixo, aí o Julinho comprou a máquina esteira, meu marido comprou óleo, e nós fomos limpando isso aqui, limpando, limpando, até que a gente conseguiu limpar. Aí saiu aquele financiamento, na época saiu quatro mil para o meu marido, por conta do café que a gente tinha comprado café. Saiu quatro mil, nós não podemos comprar vaca, nós não podemos comprar madeira. Seu Gumercindo: Disse que nós compramos café? Nós compramos muda de café. Muda de café, nós compramos sete mil mudas de café. Aí, o meu marido cercou o que deu para cercar, o que não deu ficou aberto aí, aí tinha um vizinho que foi denunciar nós no Itesp, dizendo que nós estávamos roubando terra na reserva, sabe, daí veio a Polícia Florestal aqui em casa, meu marido não estava, eu estava sozinha. Sabe quando você não deve, que você está tão simples dentro da sua casa? Aí chegou o Brendo, chegou dois policial, aí o Brendo foi pela porta da cozinha e disse assim para mim “Dona Benedita, o Seu Gumercindo já fechou todo lote dele ?” e eu falei “ Não Brendon, nosso lote tá do jeito que você sabe, porque o dinheiro que veio para nós, não deu para nós comprar madeira, não deu para nós comprar arame, nós só fechou aqui embaixo, lá em cima tá tudo aberto. Aí ele falou assim “ Tá ok então, a gente vai dar uma andada” Aí eles entrou, foi olhar nosso lote foi lá em cima na cerca até lá embaixo, aí ele chegou aqui para mim e disse “Dona Benedita, tá tudo beleza”. E foi embora, e naquilo meu marido tava em Prudente e de Prudente ele foi para Bernardes, quando ele tava chegando em Bernardes lá no Itesp aí o Brendon falou para ele assim “ Seu Gumercindo, tô chegando da casa do senhor”, aí que o Brendon foi contar para ele que tinha vindo aqui investigar, nós passamos por muita coisa aqui mesmo.

Seu Gumercindo, vocês faziam parte do MST ou de outro movimento?

Seu Gumercindo: MST.

Sempre no MST, e vocês só participavam ou algum de vocês era coordenador, alguma coisa, ou era só participante mesmo?

Resposta: Seu Gumercindo: Eu, assim, por interesse de vir para aqui, que nós tava lá na Taquarussu, lá na Fazenda São Domingos, aquele acampamento tava acabando, aí o Itesp avisou que tava acabando aquele acampamento deles, aquele acampamento tinha umas terras para quem quisesse ocupar, quisesse ir embora e isso foi numa sexta-feira né, foi um sábado, e tinha o grupo 1 e o grupo 2 né, o grupo 2 já tinha um coordenador né, aí ninguém queria ser coordenador, aí apareceu o Seu Chico e falou “ Eu quero ser o coordenador”, mas o povo bateu em cima, “ Não, você nós não aceita”, falou na cara dele, porque ele era muito, ele tá em cima de uma cadeira de rodas, que Deus perdoe a minha vida, mas até hoje é muito pra frente né. Aí todo mundo fechou a boca, e ele abriu a boca de novo, não você não, você como coordenador não vai no nosso grupo não. E ele disse “ Mas eu quero ir com o grupo um” e responderam “Mas não como coordenador”. Daí o cara falou assim “ Já que não tem coordenador esse grupo tem que ficar a Deus dará, porque não tem coordenador.” Aí tinha uma senhora Dona Rosa que disse “ Seu Gumercindo, o senhor tem jeito de ser” e eu falei “ Não tenho jeito para nada não, eu sou apagado em tudo.” Daí teríamos que ficar, então eu disse “ Não senhor, se é pra ficar, se é para ir, eu sou coordenador. Eu sou coordenador a partir de agora” Aí viemos para cá. Aí chegamos perto da escola lá, e fizemos uma reunião com o pessoal, eu falei “ Olha pessoal, o coordenador de vocês aqui sou eu, que não sou coordenador de nada, já estamos acampados aqui ... Então, toda malandragem vinha procurar a gente, tinha cara que as vezes estava lá em Teodoro e Sampaio e ficava doido querendo vir para cá né. Aí eles falavam “ Olha, eu não to podendo vir aqui, mas quebra o meu gaio, deixa eu no grupo aí” se eu negava eles diziam “ O cara acha que é superior que a gente”, mas tinha outros. Aí eu comuniquei o MST e expliquei que o cara fulano de tal falou que já tava aqui e tinha que tirar fulano, e quase deu morte isso aí, acabou sobrando para ele mesmo e ele teve que ir embora. Fui coordenador só nesse sentido aí, mas coordenador igual o Cido Maia que diz que é coordenador, até hoje o Cido é um coitado, coordenador não tem nada e todo ano é perseguido pela polícia. Cê sabe que ele tá fugido né?

Seu Gumercindo: Então, o Cido ele gosta, mas eu não sei o que ele ganha com isso, já teve outros colegas dele que tão bem, conseguiu arrumar as coisas, conseguiu terra de deputado aí, tanque para peixe, comprar as coisas, maquinário e ele nem isso conseguiu. E é perseguido, porque ele que não tem nada vai em cima e os outros fiam de fora e pega as coisas

Seu Gumercindo: É a terceira vez que ele fica fugido, mas é tudo perseguição de fazendeiro, quando o fazendeiro é a cara dele, daí esses juiz da as coisas para esse povo grandão aí, então fica dinheiro Com esse povo aí, que é tudo porcaria.

Qual que é a maior dificuldade de estar dentro de um acampamento? O dia a dia assim. O que que é tudo de ruim que acontece dentro de um acampamento?

Uma das coisas ruim foi aquilo que nós citou aí, cara que quer beber, quer brigar, as vezes convida para coisas que não é para a vida da gente.

Dona Benedita: Quando volta para fazenda também.

Seu Gumercindo: Isso faz parte da ocupação né dita. Muitas pessoa que você vê que não tem nada o que comer e as vezes tem que estar ali, na época eu tinha uma camionete, eu tinha dó de ver aquele pessoal sem nada ali, e juntava ali n Seasa e enchia a minha caminhonete, vinha estourando o pneu, trazia coisa para o povo, chegava distribuindo para todo mundo, outros pensavam que eu pegava dinheiro para fazer, mas não ganhava nada, tem um homem aqui que chama Bangardi né, aquele caboclo chegou entrando na minha camionete e já foi tirando tudo as coisas e eu falei “Opa, desse da minha camionete” e ele falou que não era meu, então disse que não era dele também, e disse que eu ganhava por isso, aí disse então, mais uma para você não pegar mais, não ganhou um tostão por isso aí. Se você quiser pegar, você desce e espera repartir para cada um, saiu bravo, ficou um tempão bravo comigo. Daí, essas dificuldades a gente tem sempre né, todo mundo tem, cada um quer ser muito melhor, e tem bandido por aí né, criminoso, o MST junta tudo né, pra eles não tem essa, parece que eles gostam mais de juntar bandido do que pessoa honesta. Na época era assim, era uma situação difícil, viu.

E quando o senhor ficava lá, o senhor e o Arnold, dava medo assim na hora?

Não, porque o pessoal da Sesc lá me deu uma, porque a gente ficava em barraco de lona né, mas o pessoal da sec me deu uma casa lá que tinha geladeira, televisão, água, bem fechada, não tinha medo não, e ele (Arnold) também ficava junto comigo né, as vezes tinha que ir para a cidade e ele ficava no meu lugar, nessa parte eu não tinha medo não, eu sabia que tinha tiroteio, nego atirava no outro, mas no meio da rua lá ... Eu vou chegar a 75 anos e toda vida eu fui esperto nisso aí, eu só vou num bar para comprar um objeto e saio rapidinho, nunca fui de ficar em bar, por isso ninguém nunca bateu em mim e nem eu nunca bati em ninguém, não tá bom assim ? Graças a Deus quase não tomo uma bebida alcoólica, de vez em quando eu tomo assim meia latinha de cerveja já fico falando mole, cigarro também nunca me corrompeu.

Deixa eu perguntar uma coisa para vocês; Como que funciona uma ocupação, todos os detalhes assim, como que é?

Ocupação é com o pessoal que meche lá com os coordenador do MST, eles descobrem lá nos cartório, que lá nos cartório tem aquelas fazenda que é devoluta, que não tem documentação, aí eles junta o povão e vai ocupar aquelas fazenda, mas muitas vezes, nós por exemplos fomos uma vez em uma ocupação lá na São Domingos, com tanto tiroteio, rajada de metralhadora por nós, e eu por um lado, ele por outro, e meu filho tava nessa aí, os jagunço né, acho que foram mais de quinhentos tiros que teve, você via rajada de metralhadora que a bala passava voando em cima da gente assim, aí eu falei a coisa tá piorando, tinha um pedaço de pau bem grande. Eu deitei embaixo daquilo lá e era uma curva de nível, a bala passava por cima né e nisso eu vi pessoas passar com o braço quebrado, tanto que tem foto, um cara que tem um tiro na bunda assim, um curativo, outro com um braço quebrado. Ela não viu né?

Janaina: Foi ela que não tava no dia

Seu Gumercindo: Mostra pra ela se quiser depois, e ainda foi pouco porque a gente teve um dia que o pessoal foi entrar em uma outra fazenda no Santa Irene, e uma mulher lá do foi dirigir um trator que os homem tinha arrumado lá, ela entrou dentro do trator, o jagunço atirou no trator, aquilo é uma arma tão danada que pegou o cabeçote do trator, ultrapassou aquilo lá, ultrapassou, pegou na perna dela assim e estourou a perna dela, ele ficou lá ainda muito tempo. Arnold: Não, aquilo lá não foi

assim não pai, aquilo lá ela pulou de cima do trator, caiu no barranco. Seu Gumercindo: Mas falaram que era assim, então o povo mentiu. Mas o trator, a F15 atravessou o motor do trator. Arnold: Podia ser roda de trator que ela entrava de um lado e saía do outro e aí ela viu que o tiro ia pegar nela e ela se jogou ali de cima do trator e conforme ela caiu quebrou aqui, aí ficou aleijada. Seu Gumercindo: Isso aí foi assim, aquele dia a noite nós estava na parte de baixo na rua lá e eles vindo á de cima tudo com arma pesada né, nós entrou dentro de uma Toyota e nós só fez um buraco no barranco e ficou embaixo, aí vinha bala de cima para baixo, caía no asfalto e nós estava para debaixo do asfalto em um buraco que tinha, aquilo que caía bala no asfalto parece que pegava pedra grande e jogava na gente assim, foi rajada assim e os homens do pascoal foram lá, foi na Primeiro de Abril né ? Arnold: Foi na São Domingos_ Seu Gumercindo: Foi na São Domingos. Seu Gumercindo: Acho que nesse dia eu não estava não, esse da eu não estava.

Quando vocês, em alguma ocupação vocês já bateram de frente com os donos da fazenda ou com um funcionário dele? Quiseram procurar briga com vocês?

Seu Gumercindo: Tinha funcionário que largava o patrão lá e ia negociar com o pessoal lá no acampamento, tinha funcionário que vinha porque quando a fazenda é desapropriada o primeiro a ganhar a terra é o funcionário.

Arnold: E veja o seguinte, as ocupações ela nunca acontece assim, é, o dono da fazenda, eles não ficam sabendo quando a gente vai, a não ser que tiver um grupo por exemplo, vamos fazer um exemplo, aqui é um grupo que tá formando uma estratégia para tomar uma área aí, ou vai ser de noite ou de madrugada ou no dia seguinte, possa ser que no meio dessa turma que tá aqui alguém conhece o funcionário da fazenda ou o fazendeiro, aí vai lá e abre o bico pra eles, né, é dessa forma que acontece.

Isso acontece muito?

Resposta: Bom, ano que vem vai fazer 20 anos que nós estamos presente aqui, desde que nós adquirimos a área aqui eu nunca mais participei, nunca mais fui atrás.

Seu Gumercindo: Mas na época que a gente estava foi feio, quando eles chegavam para entrar dentro das fazendas a bala já comia em cima, eles já sabiam. Vem pessoas de fora, quer participar do MST, até com os jornalistas que vinha aí, o pessoal da folha, que foram descobrindo e estava afim de ajudar o povão, depois passava ia lá para São Paulo e de São Paulo conseguia comunicar com os jagunços aí.

Arnold: É, mas tem que saber também, teve ocupação que nós fomos participar lá com eles, que carro da Record foi metralhado, teve cinegrafista que teve a câmera quebrada, outros funcionários agrediram e foi um tempo feio.

Seu Gumercindo: Esse dia na Santa Rita que o menino contou, o pessoal tinha plantado era muito feijão, quando o pessoal fazia festa, o pessoal dos acampamento, tinha uma lavoura de feijão era a coisa mais linda do mundo, parecia pé de alface quando tá bem bonito, o fazendeiro mandou os cara gradear tudo né, aquele dia tinha um cara com uma máquina gradeando e tinha um *** em cima da máquina, não lembro se era um cara idoso aquilo lá, o povo tudo em volta e ele falou, se alguém cortasse uma árvore ele pregava fogo, aí o pessoal do MST fez a maior estratégia lá, abriu um buraco, os cara vinha com calibre 12, garrucha, todo tipo de arma né, aquelas arma pesada né, falou vamo derrubar o cara lá né,... eu corri pro lado dele, quando cheguei na beira do Ipanema, tinha uma represa que tinha uma descida da água e eu falei, se eu cair nunca mais vou sair né, aí eu falei e

agora hein, aí comecei a entrar para o lado que tinha um buraco e falei, vou sentar ali né, aí não aconteceu, sai todo mordido de formiga, tá doido (risos), é foi, isso aí aconteceu comigo, eu tava nesse dia aí.

Deixa eu perguntar uma coisa, ontem a gente conversando com o Circinho, ele falou que durante a ocupação que ele fazia parte, ele não tinha esse negócio de contato com nenhum fazendeiro, nem com os empregados da fazenda, só que sempre quando eles chegavam lá tinha uma guarita da UDR no local, quando vocês foram tinha também?

Arnold: Tinha, só na Santa Rita que não, entrava na fazenda e tinha umas três, quatro, tudo armada, agora na São Domingos e na Santa Rita o armamento deve ter vindo de fora, porque os fazendeiros ligados a UDR, eles tinham força maior que a da gente, então boa parte ele trazia de fora, que nem lá na Santa Rita tinha até campo de avião, não sei se tem hoje ainda.

Teve algum prefeito, algum governador, alguma pessoa maior que ajudava vocês? Que era a favor da causa, que dava a cara a tapa.

Seu Gumercindo: Prefeito, Governador, na época não tenho lembrança não, mas a igreja ela era muito do nosso lado né, a igreja católica.

Dona Benedita: Padre João, o Padre Jurandir, Padre Mauro.

E como que a igreja ajudava?

Arnold: Ela ajudava assim, por exemplo, tinha alguém passando necessidade ia fazer uma cesta, ia sábado, domingo, feriado, eles estavam presentes com a gente, tal, fazendo missas, louvores lá com o pessoal que quer participar, de modo geral.

Eu ouvi muito comentário né, que o Julinho chegou a ajudar, alguma coisa assim, ele realmente participou, era a favor do movimento?

Arnold: Desde quando a gente chegou, o Julinho dentre todos os administradores que teve aqui na época, ele ajudou muito o pessoal, ele e o Padre Umberto.

Agora, assim, durante quando vocês estão no acampamento o Itesp da alguma ajuda?

Arnold: Não, porque o acampamento não tem nada a ver com órgão governamental, o acampamento já diz, acampamento, então, ia de pessoas jovens, meia idade, pessoas já de bastante idade, também na esperança de adquirir um pedacinho de terra igual nós adquirimos aqui e é desse jeito aí que acontece. O Itesp ou o Incra, que são os dois órgãos estadual e federal, eles só vão mexer com alguma coisa depois que a pessoa entra com o lote.

Aí depois que você entra, o que que o Itesp tem a ver, qual é a função dele?

Arnold: A função do Itesp é entrar com os técnicos, com as partes de financiamento, de veterinária né, que as vezes a gente precisa que tenha um veterinário a disposição, e não é cobrado pelo serviço que eles fazem, a gente tem que comprar um remédio e outro. Pergunta: Mas eles ajudam bastante ou não? Resposta: Arnold: A princípio ajudaram, mas agora o pessoal tá trabalhando praticamente com os recursos que tem né, porque quando nós chegamos aqui, eu e boa parte do pessoal cada um teve um financiamento, uns de 9.500, outros já foram mais, conforme ia vencendo o prazo eles soltavam um custeio e outro pra ou fazer um plantio, ou fazer uma reforma na casa, então é desse jeito aí.

Que tipo de preconceito vocês sofriam na época que vocês estavam acampados, em relação as outras pessoas que não sabem qual que é a realidade, que não entende nada né, é que nem eu falo, tem muita gente que xinga de tudo quanto é nome, mas não sabe o que realmente está acontecendo.

Arnold: O preconceito que a gente sofria era por a gente se misturar om bandido, ladrão, pessoas desorganizadas e assim a diante.

Seu Gumercindo: Mas esse preconceito, a gente lá na cidade, tem um pessoal da burguesia que não sabe nada, até hoje existe esse preconceito, por exemplo, quando a gente tá lá no, eu faço tratamento no HR, eu vejo pela cidade aí, a mas você é sem terra, você mexeu com isso, aí eu falo não, as vezes respondo, quem deve ser sem terra é você porque eu não sou sem terra não.

Janaina: É, tem mais que eles, né. Seu Gumercindo: Eu fui uma pessoa que lutei para ter o meu pedaço de terra, eu não sou sem terra, porque é coisa de quem não tem o que falar, sem terra mesmo é aquele pessoal que está acampado né, nós tem, eu fui um sem terra e hoje sou com terra né, mas aí o pessoal fala, “mas como é que tomaram terra dos fazendeiros?, coitados, não merecem isso” Só que, se tiver gravando a entrevista eu também não tenho problema, só que a maioria que está lá na cidade é uns coitado, eu não to falando todos os fazendeiro, você que mora no Mato Grosso, eu sei da história de Mato Grosso, eu tenha a idade de ser já seu avô, muitos fazendeiros ali de Sandovalina que no passado há 70 anos atrás, isso aqui, essas coisas ainda eram muito mato, tinha muito mato, muitas mata, ainda existia muitos bicho, onça, essas coisa, antes disso tinha tudo, não tinha nada era muito E aquele pessoal que veio de fora, por exemplo, tinha um pessoal que veio da capital, veio de minas, do nordeste, chegava num lugar desse e ocupava um pedaço de terra aqui, a vez que eu fazia um pedaço formava uma área aí de 40, 50 alqueires, formava e formava-se uma sede ali, fazia uma casa muito boa e ia aumentando, tinha dinheiro né, o que que eles fazia, as vezes chegava outro, ia atrás junto o vizinho com ele, ocupava um pedaço, abria um abrigo e pegava uma parte ali que era de quatro, dez, vinte alqueires abria um lugar ali e fazia uma lavourinha. Quantas vezes aconteceu isso aí. As vezes o cara tinha família, esses cara que vinha alguns já tinha jagunço, sabe, eles pegavam o jagunço e usavam com os cara lá, convidava o cara para vender e dizia, “ Você quer vender sua parte que você já fez aí?” “ Então fala para fulano de tal que se eles não vender que eu e os jagunço vamo dormir com as filhas deles e com as mulheres deles, isso aí aconteceu, alguns fazendeiros usaram disso aí. Ali em Sandovalina mesmo, eu vi um cara contando isso aí, diz que o jagunço do finado Antonio Sandoval foi pra Presidente Prudente, aqui essa fazenda minha que a gente tá hoje, essa fazenda aqui não tinha documentação, por isso que nós foi usar aqui, que aqui é terra devoluta, aquelas fazenda que tem documentação que tá legal, o MST não mexe não, isso aí eu falei para vocês. Quando tem informação, lá nos cartórios o pessoal sabe, muitas vezes tem documento em cartório, mas é forjado, aí os cara vai lá com dinheiro que consegue fazer né, e pega tudo. E não era documentado isso aqui, o cara devia uma grana violenta para o Banco do Brasil e tinha outra fazenda lá em Álvares Machado, aí ele teve que vender essa aqui quando desapropriou, além dele não ser dono ele não perdeu nada, o governo pagou para eles caríssimo uma sede que tinha ali, fez as cercas ali, só recebeu foi multa agraria. Finado Beltrano mesmo, foi um homem da cana né, lá na São Domingos, ele entregou a fazenda dele lá e pegou uma aqui. Arnold: São Domingos não, Bom Pastor. Ele e a esposa são um

casal muito bom. ...Pagaram muito bem, foi do Mato Grosso, ele chegou e comprou três tantos a mais de terra que a fazenda que teve ali, e era terra devoluta. Eles não perderam nada não, hoje eles estão brigando pra mudar porque hoje tem uma lei aí que tem que pagar bem baixinho, perto do que ele pagou no passado para entregar as terra.

Dona Benedita: Janaina, você perguntou um negócio para o meu marido que aconteceu comigo em Nova Pátria. O posto de saúde era ali onde é o Correio hoje, né? Janaina: _Era. Dona Benedita: O médico era o Doutor Josias, né, foi no Doutor Josias eu e a Dona Bastiana, aí o Doutor Josias ele dava preferência para nós assentado, quando a gente ia se consultar com ele, colocava todo o povo assentado na frente para depois consultar os de Nova Pátria. Aí chegou duas mulher e falou assim “Esse médico só trata do povo sem terra, a gente fica para trás”, eu olhei bem para a mulher e falei assim para ela “ Escuta Dona, você paga aluguel ou você mora aqui em Nova Pátria?” Ela respondeu que pagava aluguel, e eu disse “Então porque você tá chamando nós de sem terra fia, vai no meu sítio, tenho terra para fazer três Nova Pátria e vocês chamar nós de Sem Terra e você com nada fia ? Porque você chama nós de sem terra?”ocê sabe que isso é uma coisa errada que você tá fazendo?” Daí a outra falou assim, “ Você podia evitar isso aí, vamos embora pra sua casa agora” aí ela pra não discutir mais, ela pegou e se mandou, e eu não gosto que ninguém me chame de sem terra, porque eu não sou sem terra, eu tenho mais terra do que aquele que tá em Prudente, que tá em sua casa. Porque olha menina, eu vou falar para você, eu tenho a minha casa no Cecap, eu passo dois anos sem ir na minha casa, porque aqui é o meu céu, aqui é o meu sossego, meu aposento, que não tem ninguém tomando conta da minha vida, isso para mim é o paraíso, cês tá vendo. Que barulho que vocês tá ouvindo aqui? Só o vento e as conversa perdida nossa né, então fia, nós somos felizes e as pessoas não vê isso né. Só não tem as vezes alguma coisa aquele que tem preguiça de ir atrás.

Dona Benedita: E eu não tenho vergonha de ser assentada, não tenho assim, vamos falar, inveja de quem mora na cidade, só uma coisinha que as vezes a gente tem é sobre a nossa saúde, que se a gente não correr atrás a gente não é bem atendido, porque eu já fui no fórum duas vezes, já fui na delegacia, por conta de ambulância, não tenho vergonha de falar, esses dias mesmo o meu marido tava ruim, precisava de ambulância, disse que não tinha ambulância, cheguei em Prudente e a ambulância lá em Prudente, fui no Ama e a ambulância lá em Prudente com o povo de Bernardes. Porque nós não temos o mesmo direito que eles têm? Por isso que nós juntamos cinco mulheres e fomos, porque a gente foi no fórum e foi na prefeitura, agora tão trazendo nós aqui ó, vamos ver até quando que vai, se precisar a gente corre de novo, mas tamo aqui fia, para lutar, para estar junto com as pessoas que precisa, é maravilhoso isso aqui, muito, muito mesmo.

Em que ano que vocês tiveram direito a terra?

Arnold: Então, foi, nós chegamos aqui em fevereiro de 97 né, eu acredito que eu não sei quanto tempo nós ficámos no acampamento ali em cima.

Dona Benedita: Nós viemos parar aqui, nós viemos pegar o nosso lote mesmo em Novembro.

Arnold: Então, foi entre Novembro e Dezembro, quando chegou aqui lá em cima já tinha energia, a gente tinha água da fazenda, então o pessoal optou em ficar lá em cima a princípio, aí depois um e outro aqui veio dois grupos, igualmente o meu pai falou, então o segundo grupo tinha preferência de escolher onde eles queria ficar né. Seu Gumercindo: A gente fala agrovila e não sei se vocês conhecem.

Janaina: É, tem uma pergunta aqui que pergunta o que é.

Seu Gumercindo: Então, o povo eu acho que é meio vagabundo né, as vezes eu falo o que tem na ponta da língua, é o seguinte. Se eu vim pra pegar terra, eu penso que eu tenho que ir para a terra, ..., quase todos os assentamentos tem, ali tem aquela igreja cristã lá, tem a igreja católica do outro lado, tem escola, ali tem um pedaço até lá na pista, lá no Zé Antonio, ali não é lote, é tudo agrovila, agrovila é o seguinte, cada pessoa que pegou um lote, tem um lote lá, que a intenção deles era formar tipo uma pequena, uma cidadezinha lá, mas a maioria não quiseram, eu fui um dos primeiros a vim para aqui né, ainda não tinha água e luz lá, eles ficaram lá, eu só vou depois que tiver luz, mas eu vim fiz um poço cacimba aí. Vocês sabem o que é um poço Cacimba?_Nós: Não. Seu Gumercindo: É aqueles poços de cano alto, que vai puxando água no tanque, o cara tem que entrar e vir por terra a baixo, vir trinta, quarenta metros aí tem outros que vai até cem metros, os caras vai lá embaixo tirar aquela terra e vai puxando, puxando aquilo até chegar na água. Aqui deu com dezoito metros, aí eu tive que ir buscar coisas nas fazendas aí e baixo para não perder o poço, área de primeira viu. E depois na hora que tava muito difícil eu passei a tirar naquela bomba que puxava na corda assim, a corda vai lá embaixo e a água vai puxando. Depois que nós marcamos os terrenos nós compramos uma bombinha a gasolina, aí chegou a energia e eu falei, vou furar um poço semi artesiano né, aí tá com 75 metros de chão abaixo aí. Janaina: _ E o outro não funciona mais? Seu Gumercindo: É aquele ali, era bem aqui ó, mas a água ela é muito boa, você tampava tudo, não entrava nada, tinha um caminho de puxar água, como é ali também, é bem funda, mas ali não consegue, é tão tampado que não entre nem uma formiguinha. Tamires:_Toda água ali do poço é ali do poço mesmo, né ? Seu Gumercindo: Sim, é dali mesmo, inclusive ali é automático, tem a caixa ali em cima né, e tem uma bóia automática, quando a caixa esvazia a própria boia já enche de novo e depois desliga sozinha. ... porque a bomba de puxar água fica lá no fundo da terra né, que é a bomba submersa que o pessoal fala, vocês têm que ver a água, a água é muito boa, foi feita análise tudo aí, tudo água que não tem ... Eu vejo na televisão eles falam tem nas água lá, a lagoa do rio. Janaina:_ Sal alguma coisa que fala né ? Seu Gumercindo: Nunca que eu tomo aquela água.

Seu Gumercindo, as ocupações aconteceram no Pontal todo, porque vocês vieram parar aqui em Bernardes, foi porque nos outros lugares não deu certo?

Resposta: Porque na época onde tava surgindo as ocupação era aqui em Sandovalina, só que a gente não sabia tinha umas ocupação mas a gente não sabia se ia ficar aqui, inclusive na época que saiu isso aqui para mim, saiu um lote para mim lá na Fazenda Alvoradinha, mas eu fui lá ver, longe demais de cidade e justamente o cara que ia pegar eu sabia que ia ter discussão com ele, aí eu falei vou lá pra rodeio. E ele disse “ Não rapaz, vamo pra lá” e eu disse não, aí deu problema pra nós aí, a polícia veio de noite e não deixou a gente entrar, nós ia no sábado a noite, porque na segunda feira cedo a polícia veio e não entrou né, mas o pessoal não deixou entrar, eles falou pode voltar para atrás, só deixou o cara que vinha buscar os estudante a noite e de madrugada aqui. Todos os carros que vinha, os policiais segurou tudo, parava e a polícia voltou e comunicou os comandantes lá e comunicou os cara do Itesp lá e falou, “ Não, aquela fazenda não era para eles, mas agora eles ocupou e vai ficar lá mesmo né, aí o pessoal liberou a estrada e vinha aqui pra sede aqui, chegou e enfrentou, você sabe que quem mais discriminou nós aqui hoje é amigão nosso, o Dino e a Dona Rosa, você já sabia disso? Janaina: Eles não participaram disso? Seu Gumercindo: Não. Janaina:_ Quando chegou aqui não

tinha nada? Seu Gumercindo: Não. Janaina: Era só terra, era só uma fazenda, a rodeio inteirinha? Seu Gumercindo: Na verdade era uma quiçaça né, um mato lascado aqui, tinha gado e mato, mas era um mato lascado.

Arnold: O Dinho e o Dida, eles eram funcionários dos fazendeiros, o Dinho era capataz e o Dinho era empregado. Dinho uma vez chegou aqui numa segunda feira edo e falou “ Não, vocês não podem ficar aqui, porque tem uma casa lá embaixo, lá na beira do rio lá, vocês pega a água do rio lá e vão pra lá. Aí o pessoal, aí inclusive nós fizemos uma assembleia, fo até eu que chamei o pessoal, falei para o pessoal que vamos fazer uma assembleia aí, se vocês concorda, se não concordar não vai. Aí chamou todo mundo, sentou, tinha umas 60 pessoas, e falei tem capataz que falou para nós ir lá para baixo, aqui tem água e luz, vocês sabem, cada um puxar um rabicho aí e puxar água para o barraco de vocês, água e luz. Vocês que sabem, vocês tem o controle da beira do Pirapó lá embaixo, Conversando uns quatro concordou e os outros não, disse que vamos ficar aqui, aí quando é assim começou a subir em posse, clandestino também né, puxaram fio de luz para lá, começou a água do poço artesiano que tem até lá hoje, era só para a sede, pois ele cortou tudo o cano, foi emendando em tudo, foi puxando, até que o cara da barraca entrou a falou “ Esses desgraçado, esse povo não presta, eles não vale nada”, hoje eles tá assim com nós, mas teve tempo que discriminou nós. Disse “Eu quero que vocês vão pro inferno, ninguém fica aqui” já não queriam nós aqui, aí nós falou “ Não, você vai ver, nós vai ficar sim”, hoje eles estão assim com nós né, mas discriminação tem em todo lugar né.

Então quando vocês chegaram aqui tinha só essas duas famílias que elas trabalhavam com os donos da fazenda?

Arnold: Tinha uma terceira família aí, mas eles foram embora depois.

Mas eles eram tudo empregado dos fazendeiros daqui?

Resposta: Seu Gumercindo: Não, o Dida e o Dinho eram empregados, esse outro não era empregado, ele tocava terra, arrendava terra para plantar lavoura aí. Para ele saiu um pedaço de terra até maior para ele, ele não quis, foi embora, ele queria que os fazendeiros dessem para eles uns 5alqueres de terra mais ou menos, o MST ofereceu para ele, ele não quis e foi embora, ninguém, sabe nem para onde foi, ele não era empregado não.

Vocês lembram aproximadamente quantas famílias ocuparam aqui?

Arnold: Foram cerca de 65 famílias, e é até hoje né, porque é 65 hoje.

Seu Gumercindo: Na verdade veio mais de 65, eu não sabia quantos desses lotes ia cortar aqui, aí teve um pessoal que não pode ficar por um motivo particular deles, aí eles foram embora, mas foi cortado para 65 famílias. Mas tem tanta terra aí, que se quisesse colocar mais umas cem famílias tem terra aí adoidado, tem uns matovéio aí que não vale nada.

Vocês tiveram contato com o Zé Rainha?

Seu Gumercindo: Tinha, ele que veio fazer reunião com nós aí.

Como que era a relação dele com os acampados?

Arnold: O José Rainha, como se diz, é um cara que foi líder do MST e pelo menos a pessoa dele é bastante agradável, teve uns problema com ele aí.

Dona Benedita: Não tinha medo de nada, dava a cara a bater a qualquer um, sentava em casa, precisa nascer muito Zé Rainha para sair terra, viu minha filha ? Porque depois que o Zé Rainha caiu fora não teve mais assentamento.

Seu Gumercindo: Pra vocês ver como que a traição é tanta, né ? O Zé Rainha saiu aqui uma vez do acampamento de Teodoro Sampaio e ia não sei aonde aí no carro dele. Esse cara tava dirigindo para o Zé Rainha né, esse cara pegou uma arma e pôs do lado dele, segundo contava a história né, por de trás do banco, pegaram eles e prenderam o Zé Rainha como se o Zé Rainha fosse o dono da arma, o cara que levou a arma ficou na boa. Esse próprio motorista armou para ele isso aí. E a prisão dele foi assim, ele tava com uma arma pesada no carro, não tô dizendo que ele foi bonzinho, se ele roubou quem vai pagar é ele né. Porque depois acho que ...muita coisa também né, tem ladrão pra todo lado, mas esse dia foi armação que fizeram com ele. E era arma pesada, motorista dirigindo, Zé rainha do lado de ajudante, do lado do carona e a arma do lado do motorista. Como que a arma tá do lado do motorista, não prendeu o motorista e prendeu o Zé Rainha ? Foi tudo combinado, e ele foi preso Venceslau ou Epitácio ? Arnold: Foi para Venceslau na época, não tinha Caiuá ainda.

Dona Benedita: Tanto ele como a Diolinda né, eu vou falar, eu não fiquei acampada com o meu marido não, mas euvou falar para você, foi um casal que ele lutou e eu agradeço a Deus, isso eu falo, falo com orgulho, primeiramente Deus, segundo o meu marido e terceiro o Zé Rainha, se não fosse o Zé Rainha nós não tinha isso aqui não, tinha não, porque tem que nascer muito Zé Rainha pra encarar a luta da terra para poder assentar. Porque eu viajei com o meu marido por esses tempo aí né, fui pra Campo Grande, se você ver o que é acampamento. Você já viu acampamento pro lado de Campo Grande ? Gabriel:_ Eu já vi umas coisas por lá, quando fui trabalhar com o meu pai.

Dona Benedita: Menino, você fica triste o que é gente na beira das estradas e tem minha fia, tem terra e tem gente plantando cana, e olha, nem presidente, nem governador, nem prefeito, ninguém tá olhando pra pobreza, ninguém tá olhando pra ninguém, só tão olhando pra si.

Seu Gumercindo: Quem vai de Campo Grande para Porto Murtinho tem uma cidadezinha no meio lá, você conhece aquela área lá ? Gabriel: Algumas vezes eu fui trabalhar com o meu pai por lá. Seu Gumercindo: De Campo Grande para Porto Murtinho tem uma cidade à 60 km, você não lembra ? Dali do Alvorada por dentro de terra sai lá, Alvoradinha. Gabriel: Anhanduí ? Seu Gumercindo: Não, no Anhanduí você entra e vai sair lá na estrada. Janaina:_ Quando a mãe começou a dar aula, a gente ouvia comentário, a minha vó fala que ouvia comentário que ia começar a dar aula para os filhos dos acampados, então a mãe foi uma das primeiras professoras que começou a dar aula para eles.

Arnold: Pra você ter uma ideia, lá perto do lixão em Nova Pátria, tem um acampamento lá que é praticamente da época que nós chegamos aqui e até ontem não saiu terra para aquele pessoal lá. Seu Gumercindo: 1alquere é quantos hectares meu filho ? Arnold: 1alquere é 24.200 metros. Seu Gumercindo: É dois hectares e pouco ? Arnold: É. Janaina:_ Eu até comentei com o Circinho ontem, porque é que nem você falou, você perguntou a minha idade, desde que eu me entendo por gente eu sei daquele acampamento, e sempre tá no mesmo lugar né, aquele perto de Bernardes. Dona Benedita:_ E cada vez mais pobre, porque você passa ali, sempre tem bastante barraco, o tempo tá acabando com os barraco, esses dias eu passei ali, você não vê os barracos mais, então onde esse povo foi ? Voltou para trás. Seu Gumercindo:_ Mas aquele juiz de Bernardes não ajuda não. Gabriel:_ É bem isso

que você falou mesmo, Seu Gumercindo. Por ali é o seguinte, é muita gente com muita coisa e eu nunca ouvi falar muito de assentamento com força por lá, que tem força força, vai lá, busca direito, nunca tem. Seu Gumercindo: O Juiz não dá, ele vai dar força para o fazendeiro mesmo, essa fazenda que o pessoal tá acampado aqui a São Luiz. Janaina: _ Essa São Luiz faz um tempinho que já está lá né ? Eu já fui uma vez lá, a igreja foi levar roupa. Seu Gumercindo: O governo já liberou isso aí, mas o juiz de Presidente Bernardes pertence a ele, ele não assina. E o prefeito também depende do juiz dar a área, e o prefeito tem que se esforçar também, tem que falar, eu quero. Janaina: _ Aqui é do MST também ? Arnold: É, tem um pessoal por aí que se diz fazer parte aí, mas isso aqui, quando nós viemos para cá era o MST que fazia linha de frente. Seu Gumercindo: Quem é do MST aqui é o Claudécir e o Cido Maia, o seu Balbino foi até embora. Janaina: _ Seu Balbino tá morando em Sandovalina agora. A minha mãe até lembrou dele, mas eu falei assim, “ Ai, não vai adiantar, porque ele não tá morando mais no lugar, né ? . A gente quer pessoa que conquistou ali e tá morando ali. Porque se não, não faz sentido. Dona Benedita: Aqui já tem bastante gente que já foi embora. Janaina: Aquele lote ali do Zé Antonio, também já passou em um monte de mão , né? Eu comentei isso também. Seu Gumercindo: _ Parece que ele quer vender também, né ? Janaina: Quer vender, porque ele comentou com a minha mãe. Seu Gumercindo: Quem não é da terra, não fica na terra minha filha. Tem que gostar, porque isso aqui não dá lucro não, dizer que dá dinheiro isso aqui, eu até tenho umas cabritinha aí, que meu filho tira um leitinho aí, de vez em quando vende uns garotinho aí, mas dizer que isso aqui enriquece não. Pra começar, as pior terra é a que o governo libera para o povo. As terra onde é terra de primeira que o pessoal fala mesmo, talvez seja , você não sabe se essa terra é de cultura. Não sabe, né ? Quando ele vem para aqui só dele olhar para a vegetação já sabe que a terra é muito fraca, mas é onde eles libera. As terra de cultura mesmo, onde tudo o que se planta da, com muita adubação, a São Domingos mesmo, meu filho citou, a São Domingos lá, todo mundo quer plantar lá, porque é terra de primeira, até hoje essa fazenda era suja também, não tinha documentação, até hoje ela não foi liberada. Arnold: Mas eu acho que lá deve arranjar assentamento pro povo. Seu Gumercindo: Não, não tá não. Arnold: Passa lá, você vê um monte de lote lá, onde nós ficava já não tem mais. Seu Gumercindo: Mas eu não sei não, eu não vi né ? Seu Gumercindo: Mas a fazenda do Osvaldão, que foi liberada ali foi a de perto de Sandovalina, bem fraca também a terra, igual aqui. Se já soltou lote lá, melhor ainda. Arnold: Eu passei lá ultimamente, tinha casa construída igual assentamento. Seu Gumercindo: Pode ser que liberaram ali, essa fazenda São Domingos que eu to falando mesmo aí, a terra aí ó, a nossa área aqui é fraca, a área ali das terra para lá as terra é outro tipo de terra. A fazenda São Domingos até hoje não foi liberada, os cara tão lá acampado, fica lá os coitado lá. Que é terra própria para plantio, para lavoura, se plantar da, aqui você planta da, mas tem que gastar muito, tem que depois jogar um calcário aí , depois jogar um adubo de plantio, depois tem que jogar uma cobertura em cima e mesmo assim as coisa é fraquinha. Mas a gente gosta de ficar aí, a gente fica aí uai, essas árvore aí foi tudo plantio meu aí ó. Essas árvores mais grossa tudo aí, assim que eu cheguei eu plantei, olha que grossura já tá. Aquelas na volta da estrada ali, faz 21 anos que eu tô aqui. Arnold: _ Vai fazer vinte anos. Seu Gumercindo: _ Isso, vinte anos.

Quando vocês ficaram acampados, muita gente que foi com vocês voltaram atrás, desistiu?

Seu Gumercindo: Muita gente saiu fora.

E vocês também já pensaram em largar tudo?

Resposta: Seu Gumercindo: Não, quando tava acampado não, eu tive sorte né, eu quando acampeei com seis meses já peguei terra aqui.

Seu Gumercindo: Tem pessoas que está acampado até hoje, é porque não quer pegar terra, aquele homem que mora ali no Falcão mesmo, aquele homem foi acampar junto com nós. Sabe pra onde que é ? Janaina: _ Não. Seu Gumercindo: A saída lá. Janaina: _ Mas na entrada da fazenda. Seu Gumercindo: É, até hoje não pegou terra porque quer andar né.

Dona Benedita: Janaina, quando o meu marido ficou acamado, o povo do movimento conhecia a gente, eles iam muito na nossa casa, então eles iam muito na minha casa. Vocês lembram o menino da... Como é que chamava aquela mulher do cabelão que vivia junto com vocês lá ? Seu Gumercindo: Tinha tanto cabelão lá.

Dona Benedita: Você é besta (risos) Seu Gumercindo: A Ilda, a Ilza, Isis ?

Dona Benedita: É, Isis, então, o filho dela vinha dormir em casa, ele ia com nós no Seasa, ele ajudava em tudo com nós. Seu Gumercindo: A mulher do Doutor Glauco lá de Prudente. Dona Benedita: É, ele ajudava nós a recolher as verduras, nós ia no depósito de batatinha, nós ganhava batatinha, então isso ajudou muito nós, ganhava muita roupa da igreja, a gente levava, maior preocupação com o moleque e com os meus filhos. E nós ajudamos muito, eu não acreditava ser, olha, a nossa vida, meu pai ficou doente nesse meio de tempo e o meu marido e o meu filho pra lá né. Eu não acreditava, eu achava que isso aqui era uma ilusão, meu marido ia para lá, chegava o final de semana ele vinha. Aí ele ia embora, ia, ficava para lá, aí quando foi o mês de março meu filho chegou em casa, meu pai tinha vindo a falecer e ele falou, mamãe, eu vim buscar a perua pra nós carregar a nossa tralha. Eu não acreditei, que a terra tava saindo, quando eu tava saindo de Prudente na entrada da fazenda aqui eu comecei a chorar, porque eu não acreditava. Isso aqui eu vou falar para você, ela veio com sabor de mel para a gente. Hoje eu olho assim, de manhã cedo eu levanto da minha cama, eu vou trabalhar, eu vou carpir e eu falo, obrigado meu Deus, porque eu nunca imaginei que fosse pisar em um pedacinho de terra e saber que aquilo ali era meu. Eu que to mandando, eu faço o que eu quero. Isso aqui é de Deus, não é de ninguém mais. Quando nós tava nessa luta, você tava na barriga da sua mãe.

Quantos hectares vocês recebem ? É igual para todo mundo?

Resposta: Arnold: Geralmente, foi partido em 16,5 hectares aqui que da 7 alqueires e meio, 8 alqueires. Mas um ou outro devido a declividade da terra sempre pega um pouquinho a mais. Seu Gumercindo: Então, 7 ou 8 alqueires de terra em um lugar bom, é uma quantia bem boa. O meu em hectares é 18 na documentação, então é uma área boa.

Seu Gumercindo, depois que o senhor conquistou aqui o senhor continuou ajudando o pessoal dos acampamentos?

Seu Gumercindo: É, a gente foi em umas ocupação aí

Arnold: Teve uma época em que a gente ajudou sim, onde é o confinamento aqui, não sei se você lembra, tinha um acampamento ali, então a gente chegava no fim de semana mandava leite, tinha alguma coisa mandava para eles, tinha aí épocas boas, tinha um pouco a mais então juntava o pessoal e um levava uma fruta, outro levava um leite e assim ia.

Seu Gumercindo: Tem um casa que ele tava falando, tinha um acampamento que a gente tava que não tinha tiroteio lá, pessoal estava lá para esperar, já estava

prometido de dar terra para eles, já tinha o acordo da terra né, igual onde é o confinamento ali, era um acampamento ali, mas o próprio dono da fazenda deixava o pessoal acampar lá, sabe. Deixava o pessoal acampar, dava água, dava tudo aí. Lá não tinha encrenca com fazendeiro não.

**De quando vocês acampavam teve mudança para os acampamentos de hoje ?
O pessoal não vai mais com tanta vontade?**

Arnold: Praticamente quando a gente chegou aqui, de lá para cá quando a gente chegou aqui no assentamento não teve mais assentamento, teve um ou outro, mas acampamento mesmo os que tinham tem até hoje, sempre diminuindo o número de pessoas, não estão mais acreditando.

Teve alguma história no acampamento que marcou vocês enquanto estavam acampados?

Arnold: Teve um fato, mas não foi propriamente dentro do acampamento que a gente tava né, por exemplo, boa parte do pessoal que vai para o acampamento, eles precisam trabalhar, eles precisam de alguma forma ganhar um dinheiro também, foi o que aconteceu comigo. Eu tava trabalhando em um assentamento já bem próximo a Sandovalina, quando aconteceu a ocupação lá na Santa Irene que houve o tiroteio contra o pessoal que ia ocupar lá, então devido a gente estar bem próximo da localidade, eu e outro cidadão que estava lá, estávamos trabalhando em dois, ele tava preocupado com a mãe e com o irmão, aí ele chamou eu para a gente ir até lá ver como que tava. Aí no que a gente foi encurtar a distância, fomos até uma altura e devido a área ser muito fechada nós voltamos né, aí quando pensa que não a gente da em cima de uma pessoa morta. Era uma mulher que os bombeiros e os policiais já tinham procurado da área que mais ou menos já tinham indicado para eles, até no Rio Paranapanema. Aí na verdade essa mulher não tinha caído na água, o pessoal disse que foi o marido que matou, mas a gente não sabe de nada então não tem como confirmar.

Ela acampava?

Arnold: Não, ela era assentada lá na São Bento, acho que ela tomava uns remédios controlados e o marido, segundo a gente ficou sabendo, não sabe se é verdade, tinha outra mulher, aí de alguma forma levou para aquela localidade lá e acabou de matar ela.

MARISA DE FÁTIMA LUZ

ASSENTAMENTO RODEIO LOTE: 12

DATA DA ENTREVISTA: 11/07- 14h00

MEIO: Pessoalmente (Uso do gravador)

Vocês sempre fizeram parte do MST, qual que é a principal função do MST?

Como vocês sabem o MST é o movimento social da luta pela terra, ele foi fundado desde o ano de 1984, organizando os trabalhadores sem terra pra luta e reivindicação da conquista da terra e mais do que a conquista da terra, a luta pela reforma agrária, que uma questão muito mais profunda vamos dizer assim, do que somente a luta pela terra. O fato de você conquistar um pedaço de terra não significa que você conquistou a reforma agrária, então a gente fala que a reforma agrária hoje ainda é a entrave do Brasil hoje, a concentração da terra, do latifúndio,

um dos grandes, não só a atrasos, mas traves, o desenvolvimento do Brasil. Então o MST nasce e ele é fruto assim de um contexto histórico de resistência e de luta dos trabalhadores pra conquista da terra e pra reforma agrária, então é um pouco nesse sentido e por conta disso então vários trabalhadores se inserem nesse processo. Então como vocês me sabem já atuava desde a minha infância e faço parte desse processo de luta pela terra, junto aos meus pais no Rio Grande do Sul, então é desde esse período da minha infância que eu já vamos dizer assim transito nesse contexto de luta pela terra junto com os meus pais. O MST, sobretudo na década de 90 ele se espalha por vários estados no Brasil e no ano de 1990-92 ele realiza as primeiras ocupações no Pontal do Paranapanema que era uma região de grande concentração de terra publica grilada, então o MST realiza as suas primeiras ocupações já no início da década de 90, organizando os trabalhadores para fazer as ocupações de luta pela terra. Toda essa trajetória de luta, onde o MST passa a articular, organizar esses trabalhadores também traz pro cenário da região, pro contexto, pro território do Pontal, um contexto de intensas lutas e repressão ao mesmo tempo. Vários estudos têm mostrado que a década de 90 foi uma década de muita resistência, muita luta concentrada na luta pela terra na região. Foi um período vamos dizer assim de diversos conflitos agrários na região, então é nesse cenário, vamos dizer assim da década de 90, onde emerge vários acampamentos e também vários assentamentos, onde também na região se conquistou através da luta do MST e dos trabalhadores a conquista de inúmeros assentamentos na região, então no município de Mirante, por exemplo, é onde mais se concentra acampamentos no Brasil, tem uma referência no número de assentamentos no Brasil. É o município que concentra o maior número de assentamentos, assim como no município de Presidente Bernardes, outros municípios que eles então, a década de 90 foi uma explosão, não só de lutas, mas também de conquista de assentamentos. Então é nesse processo vamos dizer assim que emerge que a gente consegue avançar na conquista também dessa área aqui que é o assentamento do município de Presidente Bernardes, como o Cido, anunciou na entrevista anterior. Então assim, pra dizer assim que o MST então ele tem sim um papel fundamental, na organização dos trabalhadores em torno da luta pela terra. Eu acredito que sem a presença do MST na região, certamente nós não teríamos um contexto grande de ação de assentamentos, como é o caso aqui do Pontal do Paranapanema, então sem dúvida cumpriu um papel relevante, importantíssimo ai no contexto da criação de inúmeros de assentamento, colocando o Pontal do Paranapanema num cenário muito importante, porque hoje o Pontal do Paranapanema é visto como uma das regiões de maior concentração de assentamentos do Brasil, então assim, fruto desse processo da década de 90 ai de grandes conflitos na região e que segue claro até hoje, então é claro de uma forma diferenciada, mas também segue também hoje e na atualidade com as ocupações e com a organização dos trabalhadores.

Podemos entrar no assentamento?

Em relação ao assentamento Rodeio, conforme o Cido já havia informado na entrevista, em relato, o assentamento Rodeio, também é um assentamento, bastante presente no município, tem uma relevância importante no município de Presidente Bernardes. Muitos de nós, filhos de assentados, tivemos a oportunidade de estudar e fazer também outros estudos sobre o assentamento, eu mesmo realizei um estudo também sobre o assentamento, fiz o meu TCC, nem tinha falado pra vocês isso e uma descoberta grande que eu fiz sobre a característica do assentamento é de que a maioria das famílias aqui é assentadas e eu não sabia e

acabei em pesquisa mostrando isso de que elas, uma das grandes motivações pra elas também ocupa a terra e eu creio que vocês vão ouvir de outros relatos, era justamente pelo processo de falta de iniciativa, de ausência de perspectiva de vida das famílias, então isso que motivou elas a entrarem na luta pela terra, a fazer as ocupações. Devido a todo um processo vamos dizer assim, porque grande parte, muitas famílias que eu também conversei, muitas tinham vínculo com as fazendas, trabalhavam em algumas fazendas, na região que na época, então foram sendo, saíram dessas fazendas e não tinham mais pra onde ir então isso, também motivou e foram um dos motivos pra sair, pra fazer parte das ocupações. O outro motivo era de que essas famílias também, pelo que eu pude também observar nos meus estudos é porque elas não tinham também, como elas eram, muitas famílias tinham um histórico de trabalho em fazendas aqui da região, elas nunca tiveram a possibilidade, por exemplo, um lote um pedaço de terra na sua vida e pelo menos pra poder vamos dizer assim, cuidar, conviver com os seus familiares dignamente então o fato de aparecer à luta pela terra MST na região proporcionou a essas famílias também um espaço de conquista pelo menos de uma área, de um espaço onde pudessem então, conviver com os seus familiares, fruto dessa herança, vamos dizer assim desse processo histórico de trabalho e nas fazendas aqui da região. Pra mim também foi uma descoberta, assim de muitas famílias, eu não imaginava de que também tinha uma ânsia assim, não era só a conquista das terras, tinha também uma perspectiva também de querer melhorar de vida, de querer um espaço para morar e eu creio que vocês vão ouvir muito isso em outras entrevistas. Então assim com a chegada, com a instalação do assentamento, vêm também os desafios, não só da organização da produção, né o Cido mencionou na entrevista, no relato, então, o desafio da produção também foi grande desde o começo assentamento com algumas iniciativas de grupos coletivos. Ai quando dividiu os lotes as famílias como o Cido relatou, algumas foram morar direto nos lotes e outras poucas famílias, continuaram nas agrovilas, ai tem toda a história de porquê agrovila, porque a maioria foi pro lote, projeto do ITESP da energia foi pro lote e não veio pra agrovilas, então imagina ficar numa situação sem água, sem energia elétrica, agora é muito difícil, na época, então a maioria das famílias migraram para os lotes no começo do assentamento e claro junto, todos esses desafios da produção e também uma das vamos dizer assim, preocupações logo no início foi com a educação, que ai motivou as discussões, também não só junto ao ITESP, mas junto às famílias pra necessidade de construir a escola no assentamento. Há uma demanda forte de também aqui no assentamento foi vista logo no começo do assentamento foi necessidade de construir uma escola aqui pro assentamento, havia está avaliação das famílias da distância dos deslocamento das crianças até Nova Pátria, então nesse sentido, a comunidade passou a se organizar e reivindicar junto à prefeitura uma escola pro assentamento. Isso também se deu a partir de, logo dos primeiros anos de assentamento, no assentamento Rodeio, então a demanda da produção, a demanda da educação ela sempre também permaneceu com as famílias.

O Itesp sempre esteve presente desde a demarcação do assentamento, é claro que com bastante limites, pelo menos há uma avaliação de que o Itesp como instituição poderia, deveria atuar com mais relevância, sobretudo, na organização das políticas públicas no assentamento, então essa é a minha avaliação de que ainda há um limite e que o próprio estado coloca, no sentido de que a assistência técnica que hoje nos recebemos do Itesp tem muitos livros no sentido não só do acompanhamento, mas também do avanço da qualidade do acesso as políticas públicas que poderia ser um instrumento que pudesse fomentar o acesso a essas

políticas públicas. Por isso que no meu modo de ver, uma das grandes dificuldades que os assentados enfrentam hoje é a ausência dessa política pública efetiva, tanto para as mulheres na organização das mulheres. Nós temos um potencial de grupo produtivos de mulheres nos assentamentos, temos um potencial de organização da juventude dentro dos assentamentos, temos bastante jovens, adolescentes dentro do assentamento que acaba tendo muita pouca perspectiva porque há uma ausência, não se considera, sobretudo a juventude rural nas políticas públicas de viver. Então isso é um limitante, porque ai acaba que o jovem acaba desanimando né, querendo migrar pra cidade, achando que na cidade com aquela ilusão vai encontrar solução, então isso também é um limitante, bastante grande, então a política pública para as mulheres, pros jovens, a própria qualidade da escolarização, o tema da escolarização, da qualificação das famílias assentadas também tem um limite. O que a gente vê são ações muito pontuais, não são políticas, são programas pontuais, por exemplo, nós tivemos o PRONATEC, que é uma ação bem especifica bem pontual, mas que de fato ela não atinge uma qualidade necessária, ela é uma ação pontual, algumas ações, por exemplo, nós, a partir da organização dos assentados procuramos desenvolver que foi a escolarização de jovens e adultos, então construir turmas de escolarização de jovens e adultos, porque aqui também a gente vivencia como nos demais assentamentos um processo e um contexto do analfabetismo também, temos bastante casos e ai vocês vão observar isso também nas entrevistas, esse tema da escolarização pros assentamentos é um tema do analfabetismo é um tema bastante preocupante. Então a gente buscou desenvolver ações em torno da escolarização, da analfabetização de jovens e adultos, mas são muito assim, ações pontuais, é isso que eu queria chamar atenção. A grande questão é que se coloca pro público assentado hoje eu imagino pra reforma agrária é justamente a ausência da qualidade de políticas públicas para o público assentado, isso desde aqui do assentamento Rodeio, todas as famílias, como os demais assentamentos do município de Presidente Bernardes. Há também uma avaliação de que os assentados se sentem muito abandonados pelo poder público municipal, vocês podem também observar nas entrevistas, eu tenho bastante concordância, ainda há essa ausência no diálogo com o poder municipal em termos também de projetos, de ações, mesmo que sejam pontuais, aqui pros assentados. Há ainda esse limite, tanto há uma dificuldade ao meu ver de organização dos assentados também pra buscar essas políticas, como também há essa dificuldade do contato do poder público, municipal com os assentados então isso também coloca um limite no desenvolvimento e na qualidade de vida dos assentados. Isso é fundamental observar, porém a gente pode dizer assim que é uma comunidade no assentamento rodeio que é bastante diversificada. Aqui podemos destacar assim que é um público, é um conjunto de famílias, bastante solidária, então a gente tem, por exemplo, algumas ações que a gente desenvolve na comunidade, por exemplo, a festa junina que a própria comunidade articula, ou então organiza se propõe então todo mundo aqui é solidário, um ajuda o outro, um procura. A solidariedade aqui entre as famílias, elas acontecem no meu modo de ver, então é bem importante isso também. Então sempre nas atividades ai que a gente desenvolve sim, tem bastante solidariedade, acho que isso também, caracterizam um pouco o assentamento que é a organização de diversas religiões grupos religiosa aqui dentro do assentamento, então são várias religiões, e cada religião enfim tem sua igreja, enfim e então essa também é uma característica que ai gente pode inclusive adentrar o quanto isso também repercute na própria conscientização de cada assentado, enfim que partir da visão também de cada igreja enfim, como que cada igreja.

Eu vi que tem uma pergunta aqui sobre a igreja católica. É que a CPT, Comissão Pastoral da Terra, a CEBs, historicamente foi grande parceira da luta pela terra e parceira do MST, até nos atuais, então sempre teve esse vínculo não só com a luta pela terra como também com os assentados. A igreja Católica em especial, eu não vou adentrar nas demais religiões que eu também não tenho esse entendimento esse aprofundamento, mas em especial a igreja católica, ela sempre foi muito parceira, desde a luta pela terra no período de acampamento, como também no assentamento, né, hoje as pessoas também tem muita, sobretudo da religião católica tem muita referência junto à igreja e sempre temos tipo apoio da igreja católica aqui, as iniciativas que a gente desenvolve nos assentamentos.

A escola era pra ser voltada para o campo, o que falta pra escola funcionar?

Inclusive na conquista da escola, a gente trabalhou muito com a comunidade, a importância da comunidade assentada, primeiro conquistar sua escola, conquistar seu espaço educativo que pra nós, ela é e era até hoje mais do que um espaço pra escolarizar, pra formar os filhos, ela é um espaço de sociabilidade. A escola acaba sendo aqui pros assentados, o espaço de tudo, aqui faz casamento, faz celebração, é o espaço também de escola, mas é assim, a gente faz festas. A escola acaba ocupando um espaço central na organização do assentamento. Muito bem, era justamente esse o objetivo quando a gente fez a discussão com os assentados, sobre a conquista da escola. Agora do ponto de vista pedagógico, da concepção da escola, esse é um embate que a gente tentou e que tenta hoje construir com o poder público, porque isso perpassa também por um entendimento e uma indecisão política, indecisão de governo sobre a concepção, geralmente pro governo do município é muito mais interessante assumir a concepção que já tem pronto de gestão, de orientação pedagógica, de currículo do que já tem, do que inovar. Dá muito mais trabalho você ter que construir um currículo novo, um projeto político novo, uma proposta diferenciada, o que isso exige formação de professores, exige todo um desdobramento, então isso pro município também, exige uma decisão que dá trabalho, então a gente sempre, por mais que insistiu muitas vezes com o município e a escola é municipal, a gente até hoje não conseguiu na prática implementar uma concepção de educação no campo, que de fato pudesse existir essa realidade e as demandas dos assentados infelizmente, mas é um sonho que permanece, é um sonho que permanece dos assentados, no sentido que do ponto de vista da concepção e do ponto de vista pedagógico, a escola pudesse de fato atender demandas que a comunidade apresenta, mas pra isso também o poder público precisa, aceitar e também se colocar a disposição na construção, então isso ainda persiste, teve momentos que a gente teve mais abertura outras vezes menos abertura na construção dessa escola, mas que a gente tá ainda insistindo e não desanimamo ainda de construindo aos poucos essa perspectiva de uma concepção diferenciada aqui pro assentamento e pra escola, por mais de que hoje, a escola enfrenta bastante dificuldade, as crianças cresceram, então não tem mais, o número de crianças caiu por conta, com todos esses anos. Então os meus filhos estudaram ai, já estão concluindo o ensino médio, então o número de crianças cresceu, porém o desafio de que nós precisamos ir pra outra perspectiva, se não tem crianças, acho o que podemos, eu acho que a escola é um espaço onde ela concentra esse contexto da sociabilidade do assentamento, a escola é um grande espaço e ela deve ser valorizada, nós temos que fortalecer iniciativas que justamente fortaleçam o papel da escola aqui do assentamento, então é um pouco nesse sentido.

Porque você acha que aquele USF que tinha ali não conseguiu se manter, porque de qualquer forma, ele tava atendendo toda a comunidade aqui e é bem mais fácil vocês virem aqui do que ir na nova pátria, acredito que também tenha um esquecimento de ambulância vindo aqui, porque eu não falo isso só pelo assentamento, eu falo na própria nova pátria e a gente tem essa ausência na área da saúde, o que você acha que falta pra manter, porque aquilo era muito importante pro assentamento.

Inclusive essa questão do tema saúde, transporte, é muito interessante, vocês vão ouvir na entrevista com os assentados ter várias avaliações, no sentido não muito boas, porque os assentados é isso, a ausência dessa qualidade das políticas acaba gerando um conjunto de dificuldades, então essa questão da saída do posto de saúde aqui do assentamento ela se na minha opinião por dois fatores, pela incapacidade dos próprios assentados se organizarem, mesmo que na época a gente tentou e teve resistência dos assentados de não deixar levar e do outro lado, um descaso do poder público em relação aos assentados e a acredito que há uma falta de consideração do poder público sobre o potencial que os assentados podem ter no município, o potencial produtivo, por várias questões, então me parece que faltou também da parte do poder público enxergar essa potencialidade que os assentamentos oferecem isso serve tanto pro posto de saúde que acabou fechando, se deslocou pra cidade, pro município, quanto à escola. Quando eu falo que a escola tem que se espaço, o poder público tem que ver como um potencial, não como algo que vai dar despesa, olhar só pra questão de orçamento, também olhar pela qualidade de vida, um outro foco, que o poder público, no modo de ver teria que olhar, essa questão dos assentados, então faltou ao meu ver, claro, essa organização, maior, esse fortalecimento entre as famílias e ao mesmo tempo, faltou esse olhar do poder público, sobre a potencialidade que tem os assentados, em um assentamento, então foi um, agregou esses dois fatores aí que fizeram o posto de saúde saísse do assentando infelizmente. Deveria estar aqui e atuando com muita ênfase, pois temos grandes demandas também na área da saúde, da prevenção das famílias.

Muitos lotes foram vendidos, você acha que tem uma hora que a pessoa desanima de morar no lugar, mesmo após a conquista pela terra?

É um poço daquele histórico que eu relatei pra vocês no começo, ao estudar as pessoas aqui do assentamento eu descobri, é muito interessante a gente entender um pouco o histórico dessas famílias pra ente entender, um pouco muitas vezes as decisões que são tomadas, pois muita gente acaba julgando sem conhecer, a história das famílias e isso é interessante, por isso que eu não generalizo. Tem caos que são de pessoas que venderam o lote que não tem identificação com agricultura, que são casos, por exemplo, de pessoas que já compraram lote, aí chegaram aqui e não se adaptaram e resolveram vender novamente. A própria legislação do Itesp, a própria regra de lote do Itesp proporciona isso, mas eu acho que nós precisávamos entender ter um certo cuidado de fazer essas crítica e não generalizar, porque a gente tem que entender o contexto de cada família, porque aí fácil dizer, fulano porque não quer trabalhar mesmo, porque todo mundo é vagabundo, então vende mesmo porque não quer nada com nada. Eu não olho dessa maneira eu acho que carecia no caso da venda de lotes, de muitas famílias, estudar um pouco mais, a história de vida dessas famílias, do que fizeram com que elas fossem pro acampamento, acampassem, enfrentassem todo aquele processo, chegassem aqui no assentamento e tomassem essa decisão de venda do lote. Então eu não me

arriscaria aqui de da opinião fechada, é porque fulano é isso, isso, eu acho que cabe analisar, olha assim a situação específica de cada família, e aí a gente vai conseguir entender um pouco mais essa dimensão, mas é um caso que tá colocado. Isso acontece, não é a maioria e não acontece com a grande maioria, são algumas famílias dentro do assentamento, assim como outros assentamentos acontecem, não é a grande maioria. Essa questão da venda de lotes, a gente pode dizer que não é a grande maioria e por isso que a gente não pode generalizar isso e achar que isso é o principal elemento que atrapalha, são casos que a gente encontra e vai encontrar em vários assentamentos, a gente tem esses casos. Na minha opinião pra entender esse processo de venda de lote e saída dos lotes a gente tinha que estudar um pouquinho mais as histórias das famílias, talvez seria uma boa dica, pra entender um pouquinho porque acontece isso também porque também vai encontrar o contrário disso, o outro lado disso de pessoas que jamais vão querer vender o seu pedacinho de terra, vocês vão encontrar pessoas que nunca, eles fazem de tudo, mas não vendem, eles falam, a gente morre, mas morro aqui, mas não saio do meu cantinho eles falam. Então a gente tem que entender um pouquinho mais desse contexto da história das famílias pra entender um pouco mais isso.

Você acha que ao longo dos anos a pessoa tem desanimado lutar pela reforma agrária?

É justamente uma mudança, aí existem vários estudos que apontam as consequências e o contexto da luta pela terra, da luta pela reforma agrária hoje no Brasil vamos dizer assim. Existem vários estudiosos da questão agrária que debatem sobre esse tema, bom pelo menos eu compartilho com a leitura que no campo brasileiro, sobre tudo no que envolve a questão agrária isso afeta diretamente os assentamentos, nós estamos vivendo um novo contexto de ofensiva. No período anterior, na década de 80,90 por exemplo, aqui no pontal, nós vivíamos num cenário onde havia a concentração grande de latifundiários, grileiros que concentravam as terras na região, hoje, já é um cenário, completamente diferente, hoje é um cenário, onde os empresários da agricultura se apoderaram dessas terras, então não é mais o fazendeiro, aquele antigo de bota, a gente até tem algum assim que circula, o coronelão da região, hoje nós não temos mais esse cenário na região, hoje o predomínio na região são das grandes empresas multinacionais o qual a gente denomina do agro negócio que se apropriam, estão se apropriando das terras e dos recursos naturais e isso afeta diretamente e indiretamente a luta pela terra, então assim, muda a característica, é isso que o Cido colocava lá, não é mais o enfrentamento, a ocupação. Naquele período, anos 80, 90 tinha uma forma, era uma forma, hoje a ocupação exigiu também construir outras formas, então porque é isso a agricultura lá se “modernizou” através do empresariado na agricultura, e isso gera consequências muito negativas pro avanço da reforma agrária e da luta pela terra na região, no meu modo de ver tem um impacto direto na luta pela terra e também nos assentamentos, porque esse modelo que nós chamamos do capital de giro cultura do agronegócio, ele afeta porque assim é uma apropriação da empresa sobre as terras griladas, isso é mais sério ainda, aqui no pontal. Além de ser terra grilada as empresas se apropriam de terras griladas que eu acho assim é um absurdo, vim Odebrecht, usinas, usineiros são muito grandes que temos na região, e elas também vão se apropriando das terras, as quais deveriam desapropriadas pra reforma agrária, então além do latifundiário grileiros, nós temos hoje a empresa que estão se apoderando dessas terras, então isso é um a situação muito séria, é um novo contexto e ao mesmo tempo isso também repercute pra dentro dos

assentamentos. Então assim, porque, porque nós, ai os assentados vão dar vários depoimentos pra vocês também, tem assentamentos que está completamente rodeados de cana de açúcar por exemplo que aqui é um grande manicultivo da região que é a cana de açúcar, que os usineiros, então isso também repercute, porque na verdade essas grandes empresas acabam se tornando a grande poderil econômico no município. Querendo ou não essas empresas também agregar um poder político, econômico no município, no s municípios que tem assentamento , claro que vai ter uma tensão maior dessas grandes empresas e deixando de lado, também a pequena agricultura. Desta maneira também a agricultura familiar, os pequenos agricultores , eles enfrentam conseqüências diretas no sentido de que o grande incentivo se dá pra grande propriedade, pro agronegócio. Enquanto pra pequena agricultura, essa ausência da política pública, o porque não temos acesso até as necessidades básicas, ter o posto de saúde, a escola no assentamento, é porque justamente, a tensão a concentração da economia ela está centrada numa outra perspectiva , lógico que a parte empresarial da agricultura, no meu modo de ver, essa lógica que ta colocada , afeta diretamente as políticas e a qualidade de vida dos assentados por que eu acho que por conta disso que se enfraquece a luta pela terra na região, então, porque a gente não vÊ mais acampamentos como se tinha enormes, a não ser que tenha uma crise de desemprego, envolve tudo isso, de desemprego realizado na sociedade que é a gente tenha. Ai pode haver um reacenço da luta pela terra,mas por enquanto nesse período ainda agente vive, um processo de resistência de luta pela terra e eu também creio de resistência da agricultura familiar, da agricultura camponesa dos assentados, vive um período de resistência, porque o que ta o modelo hegemônico que predomina, é o modelo do empresário na agricultura e grandes empresário. Então não é qualquer pequeno agricultor que vai competir com esse empresário na agricultura, então pra muitos é essa lógica perversa que está por trás e que por isso emperra o desenvolvimento dos assentados e também da luta pela terra, então por isso que agente vê menos acampamento. Não parou, a lua não parou e nem vai parar, mas existe muita contradição, a gente , não deixou de fazer a luta pela terra, faze as ocupações , a gente continua fazendo, mas num outro contexto, com outro formato, o meu inimigo mudou é outro contexto tem que mudar também mudou o perfil. Não é mais, antigamente, nos acampamento não tinha isso, vinha família, vinha criança, vinha o pai, a mãe , o gato, o cachorro, todo mundo ai, pro acampamento o acampamento era cheio, hoje não, é isso que o Cido falou, são acampamentos menores, vem somente, uma ou duas pessoa, porque a outra pessoa tem que ficar trabalhando , empregada pra se manter, então é outra característica, não vem toda a família mais,pro acampamento, mas as ocupações continuam e a luta continua de resistência. É um período de bastante resistência, mas também de não tamo amparado, tamo continuando.

A luta pela reforma agrária é uma luta que nunca vai ter fim?

É porque enquanto tem concentração fundiário e um dos países que maior tem concentração de terra é o Brasil , eu também tenho essa avaliação de que a luta pela terra ela não para, ela pode ter momentos de desaceleração ,como é o momento que nós estamos vivendo de resistência de quando o capital na agricultura ta muito forte , é tendência é diminuir, dar uma diminuída, que a gente fala um período de resistir a força grande do modelo do agro negócio , mas nós não estamos parados então tem assim , papel de luta de ocupações na região por mais que tudo que mostra, tem os gráficos da Unesp, os grupos de estudo que desenvolve estudos

em determinados períodos onde avançou mais, menos as ocupações . Então a gente mantém essas ocupações, porém com grau menor do que o período da década de 90.

Ouvimos falar bastante da UDR, você poderia explicar como funcionava?

Aqui na região foi o pólo da UDR né , a união ruralista. Era uma espécie de uma organização de fazendeiros , uma espécie de uma articulação dos grandes fazendeiros da época que se juntaram e criaram uma espécie dessa associação vamos dizer ruralista na região , cujo objetivo era justamente discutir a estratégia de paralisação .Com o avanço do luta pela terra na região, mas também combateu movimentos sociais no caso o MST , eles tinham um propósito claro de inibir a atuação política e de luta dos movimentos sociais e também paralisar com o avanço da reforma agrária na região. Então teve um papel importante a UDR , até hoje a gente vê uns comentários, mais é isso. Pra mi, a UDR hoje já se traveste de uma outra roupagem , que é justamente isso, essa junção do empresário na agricultura , então já é uma UDR mais moderna vamos dizer assim da pra se dizer hoje. Eu creio que ainda exista , mas de uma outra maneira , travestida de uma outra roupagem aqui na região .

Eu li num livro do Bernardo que não tem um perfil da pessoa que participa do MST , são todos os desempregados , os assalariados, todas aquelas pessoas que buscam direito pela terra. Porque que você acha que assentado ele só sofre tanto preconceito em relação a sociedade?

Essa é uma pergunta bem profunda e muito assim importantíssima desvelar isso , é justamente isso que nos interessa até esclarecer pra sociedade, pros espaços aonde a gente atua né , é porque o MST e as organizações, claro a luta pela terra emerge da organização dos trabalhadores excluídos da sociedade então ela parte desse pressuposto, justamente que organizar as famílias que estão excluídas da sociedade como um todo. A gente fala os desgarrados da terra porque é isso, eles não tem condição mínima até de sobrevivência, muitas vezes a gente recebe famílias nos acampamentos que não tem numa perspectiva de vida, desempregados , sem condição, então é assim, inicia-se uma luta por um trabalho de resgate dessas famílias que não tem perspectiva mesmo de vida. A gente tem muitos casos , a gente faz trabalho de base , nas cidades, nos bairros e a gente identifica muitas famílias assim sérios problemas, então essas famílias que a gente agrega , pros nossos acampamentos e onde nos acampamentos a gente desenvolve todo um trabalho também de formação pra essas pessoas também se enxergar como sujeito, como cidadão. Porque também tem todo um processo , a família ta tão assim desprovida, porque eu também não se , ela não se considera mesmo, então existe todo um processo no MST, nos prezamos muito isso por essa condição da pessoa também se sentir parte se sentir sujeito , protagonista, e a gente fala protagonista, na luta, porque é isso. Eu acho bonito aqui no assentamento, tem muitas pessoas que gostam, se sentem são animadas , eu acho que é isso, a pessoa tem que se sentir parte , acho que esse é o primeiro passo , então essa visão de que o assentado , o preconceito né que é visto, no meu modo de ver é uma questão ideologia que se coloca na sociedade e ai pra mim o central disso tudo é o trabalho que os meios de comunicação fazem sobre a visão, a mídia sobretudo tem um papel fundamental no sentido de formar a consciência da sociedade , essa consciência ideológica vamos dizer assim da sociedade. Então nos vivemos numa sociedade onde a ideologia presente é a ideologia do mercado, do consumo ,isso que é interessante agora , quem não ta nessa espaço do mercado os que não ocupam

esse espaço são aqueles que não são reconhecidos , então o sem-terra, o MST os assentados, são justamente aquelas pessoas aos quais ainda não estão , que não devem estar a serviço dessa lógica de mercado, então, portanto, elas não são visíveis, são pessoas invisíveis na sociedade. To usando até um termo esquisito que eu não gosto, mas enfim , me parece que esse descaso, esse preconceito tem muito a ver com essa visão de com que a mídia a apresenta a luta, com o fato eu acho de desconhecer a luta e ai eu acho que é muito relevante o trabalho que você procuram fazer que é justamente evidenciar a lutar, trazer presente esses estudos sujeitos, no sentido de que eles não fiquem escondidos, que a história não fique escondida mas que ela apareça, então me parece que a questão do preconceito tem muito a ver com uma ideologia do mercado que está colocada na sociedade e que isso me parece que faz com que, por exemplo o assentado , o sem terra, o MST, a luta pela terra se coloque em outro patamar, no patamar do desqualificado, o que é pobre, o que não tem , o que passa necessidade e na verdade no meu ver, é uma falta de desconhecimento da capacidade, do potencial que tem todo cidadão. No caso o sem terra , o assentado, no período de luta que enfrentou, que hoje vive , que resiste no seu pedaço de terra e que tem um potencial muito grande de mostrar pra sociedade o seu valor, a sua condição , seje no aspecto da produção , da educação , enfim de várias outras formas de organização então eu acho que esse elemento ai do preconceito tem muito a ver com isso , com a visão ideológica que ta presente na sociedade e que é muito forte, todos nós convivemos com isso.

Hoje existe uma instituição que é a voz do assento pra cidade, a voz da cidade pro assentado, ou pelo menos deveria ter vocês desenvolvem isso?

Nós temos tentado, mas aqui é , a gente até tentou, mas não deu certo , vale ainda a tentativa de construção de por exemplo, rádios comunitárias que são as possibilidades de alternativas de comunicação alternativa mais efetivas, pra gente de fato conseguir trazer informações , noticiários de relevância para o público assentado, então a proposta de rádio escola comunitárias temos também parceria em, temos o jornal sem terra também que chega muito pouco nos assentados, nós temos uma crítica interna também ao movimento. A gente faz, mas não chega na ponta que deveria chegar toda semana aqui pro assentamento , ainda não chega, chega alguns, de vez em quando chega, mas é muito difícil chegar alguma coisa aqui e essa é uma crítica que a gente tem feito, temos que aumentar , melhor e qualificar , assim como temos também o movimento tem muito parceira com mídia laternatia, com grupos , amigos , jornalistas. Temos inclusive jornalistas de esquerda, amigos , simpatizantes, aliados que também produzir jornais, materiais assim com noticias relevantes pros assentados , eles ainda não tem acesso a internet, ainda é um limite, por isso que eu falo qualificar, inclusive isso é um grande instrumento pros assentados mostrar o seu potencial que ainda nós temos um limite, talvez é um grande desafio pra nós qualificar esse acesso aos meios digitais, para os assentamentos, são poucos os que dominam aqui nos assentamentos, que eu acho que ajudaria muito pra disseminar e descaracterizar esse preconceito igual a sociedade enxerga , como a sociedade vê a luta pela terra e os sem terra e os assentados. Porque assim os assentados muitos falam assim, não eu ganhei a terra agora eu sou assentado, eu não sou mais sem terra , do ponto de vista do MST , todos somos sem terra, porque, sem terra é uma identidade , então a partir do momento que você ocupou a terra , você participou da luta pela terra, você assume uma identidade, sem terra, por mais que você é assentado, mas você é sem terra, então a gente sempre fala que não tem que ter vergonha que é sem terra, porque

sem terra , não é por que você não tem a terra, é uma identidade de luta. Então é isso, sem terra , é mais do que não ter a terra é uma identidade, então a gente sempre fala isso , sempre tem que falar, por mais que os assentados falem, não eu já tenho a terra , eu não sou sem terra, agora eu sou com terra , eles falam assim. Sem terra é uma identidade.

Você lutaram, tem gente luta consegue o espaço paro , não se sensibiliza com a causa, porque você continuam ajudando , assim a sua opinião, porque quer ta sempre ajudando as pessoas.

Ah eu não paro, cê sabe, porque enfim é isso, pela pertença que a gente , o Cido também tem muito essa visão, pela pertença que a gente também tem a luta pela terra , o MST, então é isso que eu falo, é uma identidade que a gente assume, mas é mais que uma identidade , é também uma pertença , no sentido de tenta sempre atento e também estar a disposição de contribuir na continuidade da luta pela terra. Porque a luta pela terra não é só uma ocupação , daí o MST vê com uma dimensão muito maior , a luta pela terra é uma ocupação, é construir um acampamento , é conquistar o assentamento, mas também é lutar pelas políticas publicas, pela qualidade de vida, e isso que eu falava, é lutar pela reforma agrária. Conquistar um assentamento não quer dizer que você fez reforma agrária. Reforma agrária ela é muita mais ampla do que uma conquista pelo assentamento , né, é uma política grande , é uma organização de um conjunto de políticas, sociais, política, econômica, cultura, pros assentamentos, ela é muito mais ampla do que só conquistar o assentamento,então por isso que agente vê essa perspectiva de continuidade, porque não basta só você conquistar a terra. Conquista a terra é apenas o primeiro passo , um dos passos que nos devemos continuar e não desistir, sempre continuar fazer, mas o fato de você conquistar a terra, não significa que você já conquistou a reforma agrária. Essa persistência continua é justamente pelo fato de compreender que não só muitas pessoas precisam conquista a terra, continuar ainda,nessa luta mas sobretudo precisa continuar, para que conquista a reforma agrária , conquiste as peloticas que são negadas historicamente aos trabalhadores, então é dentro dessa visão que a gente entende que devemos dar continuidade. Isso a gente entende, tem assentados que compreende um poucos, outros que compreende um pouco menos , isso também depende o grau de participação de cada família também nas ações. Por exemplo eu conheço assentamentos que quando tem acampamento vai todo mundo pra ocupação, ou então os assentados ajudam com a produção pros acampados , não muito o caso daqui , mas deveria ser no meu modo de ver. De ter esse elo de solidariedade entre as famílias assentadas e as novas ocupações. Aquele acampamento é articulado pela CUT e não pelos MST, tem outros movimentos acampamentos e ocupações, no caso a CUT também tem, o MST tem contato com a CUT, a gente dialoga, mas é outro caso , no qual a Cut acompanha, que reivindica uma área do município de Bernardes é um outra área que eles reivindicam no município.enfim, então assim eu acho que é essa questão da continuidade tem muito a ver com isso com esse elo de solidariedade e de compromisso, com aqueles que necessitam, que passaram por todo o processo que a gente passou e que necessitam também da colaboração e da contribuição , no caso nosso meu e do Cido é mais da dedicação mais firme, mais permanente, porque alem da gente participar da organização da famílias , das atividades nos acampamentos , também o processo de acompanhamento na acampamento. E ai a gente desenvolve todo um processo de debates também da educação , vários outros temas que a gente debate nos acampamentos e também nos espaços de articulação

, justamente pra tentar buscar políticas públicas pro assentamento , então a gente também acaba circulando ai em vários outros espaços na tentativa de melhorias pros assentados, não só aqui pro assentamentos, mas pros assentados no geral, então nós temos feito essa militância mais permanente, não e caso do assentamento todo mas mesmo assim a gente valoriza muito. Tem muita gente , tem muitos assentados que são muito compromissado,independente de estarem mais no lote, tem muito uma viso bastante compromissada, de compreender a luta, de apoio e solidariedade, na grande maioria, claro tem exceções , a gente sempre vai ter, nunca é 100%, mas a gente conta com o apoio da grande maioria dos assentados.

Quando vocês visavam ter um pedaço de terra, vocês tinha uma idéias, os objetos quem vocês tinham antes, foram cumpridos a partir do momento que você conseguem terra?

A conquista da terra já foi um grande salto, nos objetivos, porque o fato de conquistar a terra, ela nos ajudou muito a nos animar e ai assim desde o começo do assentamento sempre tinha um objetivo primeiro essa dimensão , principalmente do trabalho coletivo era uma dos pontos importantes que nos sempre tentávamos discutir e também da produção , por mias que o assentamento aqui tenha uma característica do gado leiteiro, da produção do leite, uma coisa que ocorreu durante a historia aqui do assentamento,foi uma mudança ,uma certa transição não só na organização dos assentados, como no que se diz respeito a produção, então dos últimos anos pra cá , com o incentivo de algumas políticas .A gente também avançou na diversificação da produção, então muitos assentados que produziam leite , sempre desde o começo do assentamento, produziam leite, hoje não, hoje produzem muitos produtos hort fruit , hortas, enfim que a gente não imaginava, isso foi impulsionado pelas políticas de governo sobretudo com a criação do programa PAA, programa de aquisição de alimentos e isso foi um grande incentivador prai na diversificação de produção e eu imagino que é um termo que aqui o assentamento Rodeio pegou. Então a gente vê entre as famílias assentadas que antigamente não produzia quase nada no lote era só o leite, e que hoje não, tão produzindo bastante alimento e agente sempre trabalha essa perspectiva de que o assentado, a agricultura familiar tem que produção primeiro pra sua subsistência e ter diversidade de alimento na mesa , produzido, a gente sempre defende isso , sempre conversamos com os assentados nesse sentido . o que a vê é uma mudança aqui no assentamento, então além de discutir a necessidade de organizar a formas coletivas de organização dos assentados, é a diversificação da produção ,que sempre foi uma demanda nossa e que as políticas poucas que acabaram vindo pelo assentamento contribuiu bastante nessa diversificação da produção no sentido de comer com mais qualidade, a comida com mais quantidade e maior qualidade mais diversidade e isso tem ajudado os assentados a qualidade na vida das famílias . Essa questão da organização dos assentados foi também incentivada a organização de grupos coletivos , associações , então a maioria vocês perguntarem se faz parte de alguma associação, algum grupo , é uma maneira importante das famílias se organizarem pra buscar algum tipo de política que possa contribuir do ponto de vista econômico e social aqui e também essa questão da diversificação da produção que eu acho que é um salto que o assentamento deu, até então pra sair da produção especifica apenas pra produção do leite, até ai pra não ficar preso as grandes empresas de laticínio na região, porque tem produtivos assim , temos da diversificação da produção tem horta tem um monte de coisa assim. Assim como

tem outros que ainda tem limites , mas a grande maioria , então eu vejo que forma dois grandes saltos a organização dos assentados e a diversificação de produção , foram dois grandes saltos de qualidade que a gente avançou na historia do assentamento , claro temos outros desafios, mas esses são os principais.

Como que é feita a distribuição de terras , hectares por pessoas por famílias, é igual pra todo mundo?

Sim , porque quando a área é arrecadada , o estado a terra passa pra mão do estado, então o Itesp assume como responsável pra fazer um processo de homologação das famílias, então é o Itesp que encaminha esse processo que eu falo que infelizmente o Itesp tem pouca, poderia exercer mais essa função , mas qualidade infelizmente, mas essa é a política geral, o Itesp enquanto instituição. Então a partir da homologação das famílias, o Itesp assume nessa questão da homologação e da organização dos lotes na área definida, então a partir daí o Itesp já encaminha a lista que tem previa de seleção de famílias, o Itesp todo Itesp no município tem uma lista de famílias selecionadas no município as quais vão ser assentadas na determinada área com isso então o Itesp inicia um processo de discurso com aquelas famílias, no caso vieram pra cá e ai a partir de reuniões onde se houve opinião tanto do Itesp, quanto das famílias. O MST sempre a direção a militância do MST sempre ta presente no sentido de dialogar qual a melhor proposta, de divisão, de organização dos lotes, a gente já, pra vocês ter idéia nós já fizemos varias experimentações aqui no Pontal, a gente até faz uma critica que o Itesp tem muito esse quadrado que o lote é um quadrado, nós poderia inovar. Em Teodoro Sampaio tem um assentamento que é um formato de uma roda de carro, é muito legal, a divisão dos lotes, a sede é totalmente diferente e isso dá uma outra qualidade de vida para os assentados dependendo da forma como organiza, então aqui, por exemplo, o diferencial aqui do assentamento rodeio foi à agrovila. Agrovila de um hectare pra os moradores ficarem próximos, a minha vizinha, a minha comadre mor ali e esse um hectare é o local de moradia e o lote no caso fica lá embaixo o nosso lote, fica mais ou menos, um quilometro daqui do assentamento na organização foram às agrovilas, todo teve direito há uma agrovila de 1 hectare. Ai o restante dos lotes foram dividos, então passa por uma discussão entre o Itesp, as famílias e o MST enfim naquele período no caso pra discutir o melhor formato e ai se discute se é melhor sorteio, nesse caso eles fizeram sorteio, existem varias possibilidades, ou faz sorteio, ou vamos resolver aqui, não precisa fazer sorteio, quem quer ficar em lote tal, tem um mapa da área apresentada, apresenta pras famílias, ai com esse mapa em mãos, as famílias também conseguem se identificar mais ou menos, acha que é melhor eu aqui, não perto da mata, não perto do rio, então por ai que organiza um pouco dessas famílias. Há varias metodologias no caso aqui foi feito um sorteio com aqueles dois grupos, tentando ficar mais próximo, porque tinha aquele, a questão da produção plantando roça de mandioca, roça de feijão, um monte de coisa e ao mesmo tempo então foi feito um sorteio dos lotes. Então cada família a partir do sorteio, demarcação de cada lote, isso é tudo um trabalho que o Itesp faz ai as famílias começaram a já deslocar pros seus lotes já “definitivo” porque vocês sabem que o assentado não tem o documento né, eu não concordo, eu acho que não precisa de documento de terra não e tem muito assentado que quer o documento da terra, eu não concordo com isso, mas enfim, a gente não é dono da terra, quem é dono é o estado. Porque na verdade essa área é como todos os assentamentos foram cedidas ao estado, então o assentamento é um assentamento estadual que pertence ao estado e ela foi desapropriada a fins de

reforma agrária pra entender e assentar determinadas famílias, então nos termos um documento que um documento do estado, é um termo de concessão de uso e incluso ta escrito Tau, então esse termo de concessão de uso a gente tem somente, porque não é o dono do lote, mas assim, mas pode morar, explorar o lote, até o final da vida, não tem isso assim, então é um pouco esse o processo, geralmente um sorteio pra destruir as famílias na área, depende muito, no caso aqui foi um sorteio.

É só a Rodeio que teve esse processo de agrovila ou outros assentamentos tiveram?

Aqui no município de Bernardes, só a Rodeio, a intenção da agrovila era justamente ser um espaço pra agregar pras famílias ficarem mais próximas das outras e ai é isso, como o Estado sempre é sacana, ele só encaminhou o projeto de energia pros lotes e não pra agrovila ai naquela época a maioria foi pros lotes e as agrovilas ficaram sem moradias, o que ocorre anos depois 10, 12 anos depois, os filhos, tem varias situações, mas a grande maioria que a gente ta vendo é que os filhos dos assentados tão voltando pras agrovilas uns casarão. Por isso que eu falo, a juventude com pouca perspectiva, a hectare ta contada num valor se não me engano, 18 hectares, no total, o pessoal fala 8 alqueire, 7,5, 8 alqueire, então a agrovila faz parte, um hectare conta no valor total, o que aconteceu é que a juventude tem puxado o campo todo final de semana, joga bola. A juventude, senhores assentados que também estão puxando essa iniciativa também da pra envolver a juventude também e agora enfim, nos tamo tentando com uns desafios grandes ai de retomar essa organização da juventude, aqui no assentamento é isso tem um potencial de jovens que muitas vezes ficam ociosos, a gente precisa também se movimentar. Então nós precisamos tomar algumas iniciativas pros próximos dias de organizar essa meninada no final de semana você tentar o que a gente consegue fazer, é uma forma de segurar vivas as resistências. Na minha humilde visão é isso é pela ausência de política que possam fomentar a permanência desse jovem no campo, se tivesse uma política que incentiva a permanência do jovem não sai que possa possibilitar uma renda pro jovem não sobreviver do seu trabalho, o jovem conclui o ensino médio e ele acaba saindo infelizmente.

Porque as pessoas que participam de assentamento, acampamento sofrem tanta perseguição?

A luta pela terra e a própria atuação do MST ela querendo ou não, ela afronta os princípios da propriedade privada, então, sobretudo o fazendeiro, a propriedade privada hoje aqui na região então, a ocupação em si já é uma afronta grande, então é claro que o fazendeiro e no caso hoje o agronegócio das grandes empresas elas não vão permitir isso, então elas vão seguir, sobretudo as lideranças dos movimentos sociais, a coordenação, quem ta mais atento a exemplo do Cido agora, ele ta passando por um processo justamente por causa disso, então o que a gente chama é que nós vivemos nesse período um momento de forte criminalização dos movimentos sociais em especial do MST. É uma forte tendência a criminalização que claro em determinado momento essa se acirra mais outros menos, isso depende do grau de embates e onde se encontra a luta pela terra, então os fazendeiros, as empresas aqui da região elas não vão permitir com que as ocupações, com que os assentados queiram questionar a lei da propriedade privada, então por isso que eles incidem sobre a questão da criminalização o que eles fazem apelam para o judiciário. O judiciário acaba acatando denuncias e assim são

denúncias estapafúrdias no meu modo de ver que acompanha e a gente tem total clareza que de fato é um processo de criminalização, porque eles acabam não só do ponto de vista da presença da polícia, da intimidação né, que quando a gente faz a ocupação mesmo o assentamento, a polícia vem, procura intimidar as famílias e isso pra mim é um processo de criminalização como também enquadram militantes na justiça, como é que fala, bando de quadrilha, aqueles artigos mais perversos que tem, como se fosse um bandido, alguma coisa assim muito perigoso pra sociedade, como se fosse uma pessoa muito perigosa na sociedade. Nós temos aqui na história do pontal inúmeras situações de companheiros e companheiras que foram inclusive presos pelo processo da luta pela terra, vários companheiros e companheiras que respondem inúmeros processos, vide Zé Rainha, mas outros militantes que foram presos por essa questão das ocupações, então os latifundiários e hoje os grandes empresários acabam levando essas ações de ocupação pro caminho da denúncia via judiciário como se fosse algo criminoso e por isso muitos militantes respondem ordens por processos na justiça hoje e no nosso ver é uma tentativa clara de criminalização dos movimentos, então é um pouco isso que inclusive o Cido tá passando nesse momento. Então é um pouco esse o processo, por isso que a gente tem vários casos de muitas histórias de pessoas assim que uns mais, uns menos, têm militantes que tem inúmeros processos por conta das ocupações sendo que imagina, não roubou uma galinha, mas é justamente questionar a propriedade, pelo fato de questionar a propriedade privada, criminaliza-se essa pessoa, claro porque eles não tem como criminalizar o MST, o MST não é uma pessoa, é uma entidade jurídica, então é um movimento social, então eles tem que criminalizar alguém e aí a pessoa acaba sofrendo esse processo que não é fácil, mas não é por isso que se desanima.

Como funciona uma ocupação, mas eu falo assim, vocês sabem que era que pode ser ocupada e como que funciona chega lá e beira da estrada, entra, como é esse processo na ocupação, como vocês ficam sabendo de um lugar e como funciona?

O processo da ocupação ela é organizada a partir do momento em que há um estudo da situação de determinada área, sobretudo, porque a gente tem um histórico de terras aqui na região que tá na justiça, o estado está requerendo através da justiça uma quantidade inúmeras de área aqui na região, então até tem nas bibliografias, nos livros, então o Itesp tem esse estudos também, então assim, sobretudo o MST faz um estudo dessas áreas e a partir daí não só o estudo da área mais também um potencial de mobilização, que daí a gente faz um processo de um trabalho de base nas cidades, sobretudo, na cidade e no campo, sobretudo na cidade, nos bairros, nas periferias das cidades, a gente faz um trabalho que a gente chama de trabalho de base que é justamente dialogar com as famílias sobre a necessidade da luta pela terra, família que quer conquistar um pedaço de terra, vive com sua família, então que ela também possa participar dessa ocupação, então definida a área a partir desse estudo, vendo assim, geralmente são áreas que a gente ocupa são áreas que tem pendência judicial, áreas griladas que o fazendeiro não é dono que se acha dono enfim, tem vários históricos, tem áreas que são áreas que estão com dívidas atrasadas, que não paga impostos, há muitos anos, então existem, então são vários elementos, pra diagnosticar uma determinada área que ela possa ser potencial de ocupações, então é nesse sentido que define a área, a gente também faz um processo de trabalho de base nas periferias e articula determinado período dessa ocupação. Então a gente chega então na área com

essas famílias, a gente combina uma data, uma determinada data e a gente vai então pra essa área, normalmente a gente não sabe e também não informa essas famílias, porque tem que ser uma coisa com muito cuidado, por questão de segurança mesmo que tem áreas também que antigamente era mais forte isso, acho que o companheiro lá contou pra você eram recebido na bala, que tinha o pessoal da fazenda que recebia na bala e o pessoal entrava, então assim, hoje não é tanto assim, é menos comum, mas isso pode acontecer, então tem também que ter muitos cuidados com a questão da segurança, então a gente preza pela muito por isso. Ainda mais que são famílias novas, então a gente entra na área, se instala nessa determina área que pode ser parte desse breve estudo e aí chegando na área a gente organiza o acampamento. Essa organização do acampamento, e a gente também não conseguem determinar quantos dias a gente vai ficar lá, porque isso depende muito da situação, por exemplo, tem áreas que a gente ocupa, chega à reintegração de posse, porque geralmente o proprietário vai, entra na justiça e pedindo reintegração de posse, notifica a já vem no nome do fulano, aí você já pega por ali e aí a gente já tem que muitas vezes até resiste, tem um processo de resistência, mas aí vem o oficial de justiça, vem a polícia e aí começa todo um processo de negociação, então aí não tem dias definidos pra desocupar a área pode ficar dois dias, uma semana, pode ficar 15 dias, como pode ficar um tempão, muito tempo dentro dessa área, então não tem como prever o número de dias não. Dentro do acampamento, a gente faz um processo de organização dessas famílias dentro dos acampamentos, aí divide elas em grupos, em núcleos, trabalha a organização delas, então cada grupo tem uma função determinada dentro do acampamento, tem o momento da assembléia geral, que a gente faz uma assembléia com todas as famílias, tem o processo de formação, geralmente no acampamento tem um processo de educação e daí tem a questão do analfabetismo na sala de EJA, da iniciação de jovens e adultos, tem o momento do estudo, tem a equipe de segurança, que faz a segurança da área, das famílias, enfim, existe um conjunto de funções que expõe tarefas internas dentro do acampamento na ocupação. Chegando a reintegração de posse depender da negociação é isso que eu falo, depende muito de cada situação, dependendo da negociação tem os prazos assim, também isso pode-se durar muito tempo, como pode-se durar, num dia você tem que recuar, aí normalmente a gente recua num outro local assim, ou prum canto do assentamento, ou prum lugar assim, geralmente a beira da estrada que você vê um acampamento que também dá muito problema em beira de estrada, na nossa avaliação nós tem que avança, sai dessas beira de estrada aí. Aí a gente recua que chama um campo de recuo provisório pra novamente fazer a ocupação, essa que é a idéia, de que não para, ela tem gente seguir, então a gente recua, mas no dia, eu vou pra mesma área ou vou na outra.

Existe alguém que, uma forma de comunicação eu falo assim, vamos supor, os primeiros acampamentos que aconteceram a viu que reunir mais de 200 famílias era muita gente, como que esse pessoal fica sabendo que vai ter uma organização de um acampamento de uma ocupação existe uma comunicação? É isso que eu falei, existe todo um processo anterior que é um trabalho de base, então por isso, tem militantes do movimento que se deslocam pra várias cidades períodos antes, meses antes, seis meses antes, um ano antes, que vão pros bairros, as periferias fazer o trabalho de base, é lá que falam com as famílias e é aí que buscam. Aí a gente faz reunião nos bairros, já teve isso em Nova Patria, reunião no bairro, pra explicar pras famílias o que que é uma ocupação, mas o que que significa

ir pra luta pela terra, participar da luta pela terra, o potencial que é o que não, tira duvida, tem assentado que vai também, pra fala olha dá certo, eu to lá, da o depoimento né, pras famílias perceberem da importância que é, existem varias formas, hoje com essa questão digital também ta mudando algumas formas, assim até pra chama, convoca, a gente por exemplo já usou carro de som nos bairros, olha quem quise terra, reunião tal hora em tal lugar, ai o pessoal vem que tem interesse, vem geralmente à igreja católica dá essa ajuda,ela no salão paroquial da igreja tal, tal horário, ai consegue, então são varias formas, é isso o que existe é um processo anterior da apropriação, não é só no dia, é todo esse processo, é longo, exige bastante trabalho.

A família de vocês teve contato com Zé Rainha, como era esse contato com as pessoas acampadas?

O Zé Rainha foi uma liderança importante na luta pela terra na região, desde a chegada do MST na região, as famílias aqui do assentamento, é assim, porque no período na década de 90, ele atua bastante na região, então ele teve sim, essa relevância política e grande importância política no contexto da luta pela terra da região. Porém a gente chegou a conhecer o Cido mais e eu menos, na época que eu cheguei já era um período que ele tava afastando do MST, e ele saiu do MST, ele afasto do MST, por questões políticas, enfim, uma decisão tomada do MST, então hoje ele não responde, ele não faz parte do MST, mesmo que os assentados é muito referência mesmo, vocês vão vê por ai os assentados fala muito do Zé do Rainha, mas ele teve sim uma importância no sentido de ser uma liderança de massa da organização também dos trabalhadores. Só no final da década de 90, começo de 2000 que ele foi afastado do movimento, hoje ele já criou um outro movimento, ele não atua mais no MST, mas ele teve sim a sua contribuição, teve sua importância sim, inclusive lá, com outros militantes e dá seqüência na luta pela terra na região, então na historia da luta pela terra ele também teve assim como outros. Por isso que eu falo, teve o Zé Rainha, mas teve outros também, teve muitos outros, é porque na época o Zé Rainha aparecia mais na televisão, mais nos livros, só entrevistava o Zé Rainha, ai televisão vinha fazia uma reportagem e entrevistava o Zé Rainha, ai eu acabou ficando a pessoa mais, o foco ficava nele, mas tinha outros, ele é a síntese de um processo, de um processo amplo, maior de luta e resistência, mas bacana esse processo.

Durante o assentamento aqui em Bernardes, teve um prefeito, algum vereador, algum padre, algum governador que assim pegou a causa, defendeu um dia, ou assim nunca teve ninguém até aqui da região, uma pessoa importante na região que ajudou você nesse processo?

Eu creio que nós tivemos sim, bastante apoio, eu falava anteriormente da igreja católica que foi uma referência e é ainda até de apoio, aos assentados, a luta pela terra, o movimento sempre tem contato amplo com vários setores, seja com o campo sindical, a gente também tem muito contato no sindicato ai, a própria CUT, os sindicatos em Prudente, nível nacional, nível estado de São Paulo, parlamentares também em certas medidas assim, com bastante limitações e especificamente aqui no município, ai vai depender assim de varias opiniões que você vão ta encontrando por ai, a partir das entrevistas o pessoal comenta muito de uma contribuição efetiva da Padre Humberto, que foi prefeito, inclusive foi o padre que inaugurou a escola, no período do Padre Humberto que foi a inauguração da escola, que ele que ta em Santo Expedito. O padre Humberto era um padre aqui do município que se

candidatou, então ele tinha bastante os olhos voltados pras demandas dos assentados, tinha muita receptividade, porém o limite dele era divisão de administração vamos dizer assim, ele tinha muito o seu limite, tinha uma pessoa que tinha uma boa compreensão, mas do ponto de vista administrativos, ele não conseguia, então isso dificilmente dificultava pra trazer políticas, investimento para os assentados, mas a grande maioria dos assentados, claro que tem exceções, que vão dizer que não, mas enfim, tem uma boa avaliação de que naquele período teve o padre Humberto como prefeito do município, foi um período que a gente conseguiu avançar mais, do ponto de vista do olhar do poder publico municipal sobre os assentamentos, então, agora vocês vão encontrar outras avaliações também, outros prefeitos. Vocês vão encontra diferentes opiniões dos assentados sobre essa questão, eu acho que de um modo geral é isso, ainda temos uma ausência do poder publico de um modo geral de o poder publico no olhar de decisão política do potencial dos assentamentos, mas na minha opinião o que mais destacou foi vamos dizer assim, não que tenha feita tudo que deveria fazer e acho que nem deveria conseguir sozinho, mas assim, a questão do prefeito padre Humberto vamos dizer assim como gestor municipal. Agora vocês vão encontrar outras avaliações, fiquem atentos a isso, que vão aparecer outros, assim como vão aparecer outras do que eu falei.

Quando vocês acampam, muitas pessoas desistem, fica cansado, não quer mais, a resistência ainda é grande?

Acontece, pode acontecer de famílias desistirem, por vários motivos, também pelas condições, porque no acampamento também a vida não é fácil debaixo de um barraco de lona, você tem que ter muita insistência, e resistência mesmo pra poder guentar que existem acampamentos em que a gente fica mais de oito anos debaixo de uma lona, então assim, naquele sol de queimar até o juízo, então isso cansa muito, desgasta muito, por isso que precisa ter uma organização forte dentro do acampamento, ou seja, não resiste todos esses percalços ai, então ocorre sim de ter desistências conforme vai demorar, por exemplo, determinada área, a gente ocupou aquela determinada área, mas aquela área, por exemplo, ta com pendência na justiça, isso não sai de um dia pro outro, ela pode sair semana que vem, como pode ela sair daqui dois anos então não tem como prever, é a pressão, a organização dos trabalhadores que também vai, é a correlação de forças, então isso depende muito, por exemplo, têm acampamentos que tem oito anos de acampados, famílias que tem oito anos de acampamento. Ocorre sim, determinado período desistência, mas não é a maioria são casos, não é a maioria são as exceções que ocorre de desistência, pelo cansaço, muitos acampados, ou pela dificuldade mesmo, a família, permanecer dentro acampamento, ou enfim, existe diversas, o próprio acampamento tem regras de convivência, então também existe um regimento, é um espaço de convivência coletiva, no acampamento, vocês têm que conhecer um acampamento, então ali você tem que estabelecer o mínimo de regras de convivência no coletivo, então se você extrapola, sobretudo regras e o coletivo, então vocês precisam, tem casos de famílias que por não respeitar regras definidas no coletivo, ter que sair do acampamento, aconteceu. Mas assim, não é a maioria dos casos, é minoria, e são exceções, então seria bom eu acho que pra vocês seria bem legal conhecer um acampamento, até antes de vocês sentarem. Tem o de Sandovalina e tem um aqui em Mirante tem também. Marabá Paulista tem um acampamento grande que nós tamo encostado da área da Fazenda Nazaré que é do Agripino, aqui da região, então nós estamos do lado e já saia a matricula da fazenda Nazaré liga a família, foi

cancelado e agora ela tá sendo encaminhado pro estado, a fazenda, a matrícula que o registro da fazenda. É uma área que não tem mais volta, vai ser pra reforma agrária vai sair e as famílias, estão lá acampadas já aguardando o corte, a distribuição da terra pra essas famílias, então nós temos um acampamento bem interessante pra vocês conhecer lá.

Vim pra Presidente Bernardes foi porque não tinha acesso a terra, porque vocês escolheram Presidente Bernardes?

As famílias estavam acampadas no município, ali na Mirante, Taquarussu, no vale do Mirante, acho que era Sandovalina, Taguarussu, porque assim, a gente faz a ocupação num determinado local, que no caso, num determinado município a gente reivindica aquela área vamos dizer assim, mas dependendo da pressão, porque vamos dizer que saiu essa de Presidente Bernardes naquela época, como saiu depois a Florestan Fernandes, saiu às outras, porque era justamente por conta da pressões das ocupações, porque naquela época todo dia tinha ocupação, todo dia era uma ação nova e aí uma pressão muito grande de em cima do governo, pra resolver, a questão do conflito agrário na região porque tava muito forte, o conflito agrário das ocupações na década era muito intenso. Então exigiu uma camada de posição do governo, naquela época, Mario Covas, o governo anterior que eu não lembro do Mario Covas, então exigiu uma posição no sentido de uma saída encontrar a minha saída, então foi fruto dessa pressão do movimento, a partir das ocupações e também sobretudo do conflito instaurado entre os fazendeiros e o sem terra que fez com que o governo do estado pudesse agilizar a arrecadação de áreas de outras áreas em outros municípios, então também o governo do estado através das suas secretarias, fez o estudo de outras áreas que pudessem ser desapropriadas, a fins de reforma agrária, então foi por conta dessa pressão e desse conflito que se desapropriou essa área no município de Presidente Bernardes.

Bernardes foi a ultima?

Ela apenas participou, fez parte desse processo de pressão daquele período, então de 95, 96, 97 aquele período, então não quer dizer que você se ocupa a área de Sandovalina que você vai que vai ser a pressão das negociações, talvez uma outra área saia primeiro em outro município e aí é uma consulta com as famílias. As famílias foram consultadas se elas queriam vir pra cá, no município de Bernardes, nessa fazenda aqui que tinha essa desapropriação foram consultadas, as famílias aceitaram vir pra cá, então assim, elas estavam num acampamento grande, foram consultadas e aceitaram vir pra cá e chegando aqui inicia todo o processo. Então não quer dizer que ocupa naquela área fica lá, você pode deslocar da região, depende muito da pressão e do avanço das apropriações das áreas em qualquer um dos municípios da região.

MAURÍCIO OSÓRIO

MARIA HELENA DE BEZERRA LEITE

DATA DA ENTREVISTA: 12/07 – 14h00

MEIO: Pessoalmente (Uso de gravador)

Em qual ano você decidiu ir para o acampamento?

Mauricio – 1991, eu servi o exército em 90, sai do exército e fui pro sem terra.

Sempre acampou aqui no Santo Antônio?

Não, no São Bento, Mirante.

Por que você quis ir acampar?

Por que na época que eu tava no exército, ai tava ruim aquela guerra que tinha do ai saiu aqui no pontal que você pegava sete alqueire e meio de terra e sete mil e quinhentos real, eu falei, naquele tempo era muito dinheiro, sete alqueire de graça, logo quando saiu o real, ai nós já veio pra cá eu fiquei.

Você trabalhava na época?

Mauricio Não.

Teve uma pessoa que chamou você pra ir em especial ou você escutou o comentário e correu atrás ?

Mauricio - Não, na época, quando eu tava no exército, quando eu sai de lá e fizeram um grupo na Nova Patria, a turma Pio, do Zé Lopes, ai juntaro um monte gente, ai nois foi num ônibus numa faixa de umas quarenta pessoa, tudo da Nova Patria.

Você ficou quanto tempo dentro do acampamento?

Mauricio -Eu peguei o provisório em 96, ai na época peguei três alqueire, no Curata, em outra fazenda,ai vim pra cá.

Você já era casado com a Lena?

Mauricio - Nós namorávamos.

Como é viver dentro de um acampamento, as coisas que acontecem lá dentro?

Mauricio - Lá é bom, você é amiga de todo mundo, só é ruim quando você separa é pega o lote, ai vira tudo inimigo, um pra lá, outro pra cá ,ninguém conversa mais com ninguém, some tudo, mais quando ta lá dentro é alegria toda hora, parece uma família. Ai depois cada um pega o lote e cada um cuida do seu, assim se faz seu serviço lá eu faço o meu aqui não tem tempo, só se um amigo do lote precisar a gente vai lá ajuda ele mexe com o gado, volta, mas é poucos, cada assentamento não é todos que fica junto, sempre fica um mais lá, uma família mais enjoada que não quer nada com nada, fica lá separado, então é assim.

Lá dentro eram vocês que se viravam com comida, com tudo ou não, tinha alguém que ajudava?

Mauricio - Vinha sexta básica, mais não era toda vez que vinha não, vinha no começo do mês, começou em 94, por ai, depois de um dois ,três ano de acampamento.

Ai quando você saiu do Mirante veio pra cá ou você ficou toda vez lá e depois veio pra cá?

Mauricio - Não, eu troquei, eu tava na São Bento passei pra Curata, no provisório três alqueire, ai de três alqueire eu vim pra Rodeio, ai d Rodeio eu fiz permuta pra cá.

Você fazia parte do MST?

Mauricio - Não, era parte deles, mas não fazia nada favorável deles, não usava boné, nem camisa, nada, nunca comprei nada do MST.

Qual que é a parte mais difícil de ficar dentro de um acampamento?

Mauricio - Naquela época não era difícil, que nós ficava lá, ficava vinte dia, trinta dia, o Zé Rainha, mandava nos i embora trabalha com uns oito, dez dia, nós vinha pra Nova Pátria, tinha muito serviço naquela época de tomate, ai nós vinha, trabalhava uns quinze dia, juntava o dinheiro e votava de novo, mas sempre assim, quando eu não podia, tinha que pagar pra ficar lá, sempre tinha que pagar pra uma pessoa ficar responsável por mim lá na, ai eu vinha, igual, ah fica ai eu te dou comida se não vinha embora, ai na outra semana você vinha e eu ficava lá cuidando, era uma troca.

Você chegou a participar de ocupar uma fazenda?

Mauricio - Já, ixi , muito , na cabeça mesmo, cortar arame e tudo .

Como que é assim, tem uma pessoa responsável?

Mauricio - Assim, Zé Rainha né,.

Ai ele fala o lugar?

Mauricio - É tal fazenda, nós vai lá e vamos entra, naquela época quando nós entro tinha umas duas mil pessoa ou mais, saia assim cortando arame, colocando fogo em tudo, até sai do outro lado da fazenda, não tinha dó não.

Já teve vez dos próprios dono de fazenda ou empregado brincar com vocês, tentam entrar em conflito com vocês ou não?

Mauricio - Ah no começo, tinha jagunço, eu só não participei dos jagunço ali perto, de onde foi que saiu aqueles tiro, era na época do Circinho acho, naquela época eu já tava no lote já, que em 96 eu peguei o lote, e em 95 ele entrou ai ele foi mais pra esse lado aqui de Sandovalina, naquelas fazenda braba.

Esse aqui foi um dos primeiros assim, você foi primeiro que o pessoal que nós vimos aqui.

Mauricio - O Circinho mesmo pegou a terra e ficou dois anos só, essa pare da UDR eu não participei, já tava no meu lote. A i era eles, que 95, 96 pra frente que eles começo o entra. Ele levou sorte que saiu a São Jorge ali, acho que ele não ficou dois ano e já pegou a terra. Ai saiu aquela fazenda, ele tava no grupo e ficou ali e pegou a terra.

Teve alguma pessoa assim da época que ajudou, algum prefeito, algum vereador ou até uma pessoa mais algum governador que ajudava os acampados?

Mauricio - Na época que foi assim que ajudou muito nós foi o Mario Covas que morreu, se ele não tivesse morrido na época noós tinha, o de vez também ajudou muito, o Julinho na época. Mas o nosso governo mesmo era o Mario Covas, se ele não tivesse morrida da época, pois ele, logo que ele entrou, depois ele já faleceu, ele ajudava muito.

O litesp enquanto vocês são acampados, dá algum auxilio pra vocês dá alguma ajuda ou não ele só ajuda, depois que vocês ganham o lote?

Mauricio - Só ajuda quando nós ganha o lote.

Qual que é a função deles pra vocês hoje?

Mauricio - Eles tem o técnico, se a gente quiser fazer projeto, faz projeto, e eles faz assim algum projeto de, assim o que precisar tem veterinário, tem tudo, se precisa eles sempre inventa uns projeto lá, vem faze aqui.

Durante os acampamentos, eles nem participa de nada?

Mauricio – Não.

Ai é só o pessoal mesmo que tem que correr atrás de tudo né?

Mauricio - Na época quando eu tava ai do Zé Rainha, entrou o Itesp, ai era Tania que é lá de São, ai ela falou assim quem quer ir pro lado do estado, quem quer ficar pro lado do MST. Ai eu fui pro lado do estado não fiquei misturado com o MST, ai saiu umas fazenda pro lado do MST e pro lado do estado, ai eu parti pro lado do estado na época.

Quando você acampava, você acha que as pessoas que era da cidade de outros lugares tinham preconceito com vocês , de brigar com vocês, de chamar vocês de sem terra na época?

Já, muito

Lena – Preconceito?, muito, até hoje, você entra na loja, se você fala que é que do assentamento, a bola vai lá embaixo. Ai não vendo fiado não, se tem nota, cê tem dinheiro, cê tem talão de cheque.

A Lena chegou a acampar com você?

Lena- Claro

Mauricio – acampar não, ficar morando, não eu que ficava lá

Lena – eu era a famosa andorinha, só quebrava a cerca e caia fora e deixava os outro lá.

Até hoje tem preconceito né?

Lena: Tem

Mauricio: hoje praticamente já mudou muito.

Mas antes era mais difícil?

Mauricio: Quando nós pegou era, ixi, se chegava numa loja pra compra as coisas não tem jeito.

Lena: outra coisa que ele não falou que eu participo mais eu sei mais, de projeto de ajudar o povo, tem os financiamento, PRONAF, essas coisa , o cara tem um projeto, oia eu vou lá faze um financiamento, ai cê conversa com a Ivana do banco, ai chega lá e fala assim, o Ivana pode fazer o projeto, ela vai lá, cata a lavoura, busca sua a relação de gado, vai lá , tem quarenta cabeça de gado, vinte cabeça de vaca, vale três mil real cada cabeça, pode fazer 20 mil , 30 mil, quanto cê quiser, ai nois chegamos no Itesp, sabe Joel não vai dar certo. Ai não vai dar certo não, vocês tem que entender que tem que ter cerca, ai cê vai lá no banco, pro investimento, nós tem que ter a garantia também não tem que ter. então não é melhor nós compra a vaca e trabalha com pouca vaca e vaca boa, do que tomba, que nem no Japão, cê ganha um milhão de real num pedacinho de terra, tipo confinamento e aqui como você vai tomba toda essa terra, jogar calcário ,fazer a cerca, arrumar tudo, a não ser que cê faz um alqueire por ano,não é?, vai lá e financia um alqueire de terra pra você tomba, grande, reforma o pasto, e se você reforma você vai cria nada, nada dez, quinze vaca ali dentro, só nois não tem esse apoio também, não deixa faze, tudo podre.

Quando você tava acampando você tinha um objetivo de fazer o que aqui, quando você ganhou essa terra você pensava assim, ah eu vou plantar?

Mauricio - Só plantar, eu não pensava em mexer com gado nada, só roça, só roça, quebrei a cara e bem quebrado que naquela época nós plantava mandioca que era bem baratinho o preço e só trabalhei e nós só foi melhora um pouquinho quando partiu pro lado do gado.

E era uma coisa que você não tinha idéia antes?

Mauricio - E não tinha, que eu morava em fazenda e mais negocio de gado assim não, só queria saber de terra, porque, ah vamos planta roça que dava tanto. Vamos planta roça que dá tanto.

Lena - ai plantou algodão, feijão, milho, mandioca

Mauricio – e nós ganhava dinheiro porque o algodão tinha aqui na região, tinha maquina, tudo enquanto era lugar tinha maquina então cê trabalhava, plantava, já vendia lá. Na época o padre ajudou, o padre Humberto deu dinheiro da maquina lá que pegou não sei quantos mil e financiou nós com adubo e tudo, nós foi pagando, foi uma boa, mas depois cabo.

Você ganhou o seu lote em que ano?

Mauricio – 96

Lena – não Mauricio, em 96, naquele tempo o governo, ah você te dá dois alqueire, se você produzir em dois alqueire eu vou te x , não é, ai o que acontecia, aqueles que ficava no dois alqueire que ficava, ficava lutando, conseguia pega um desse, aqueles que simplesmente largava pra lá, não plantava, não ligava, eles simplesmente não ia investi nos dois alqueire e faze um sitio, aqui o povo não pensava assim, era o sitio, sitio.

Mauricio -mas ai nois ficava nos três alqueire que nem eu falei, nós tava no barraco de lona ainda, era provisório, esperando a fazenda sai pra nós coisa. Igual o Circinho ficou na São Jorge aqui, esse cara aqui acampado, igual a turma que entrou aqui os outro fico, aqui, uns três ano, debaixo da lona e sabe que a fazenda ali, podia até corta lote, na onde que eu fiquei na rodeio, ficou nove mês pra mi pega o lote definitivo, sem saber onde que era.

Lena- Na quatro Irmã eu fiquei um ano, a fazenda tava comprada, negociada com o governo, mudamos lá pra dentro sabendo que a fazenda era nossa, tanto que foi quinze família, não entrou ninguém acima dessas quinze. Então antigamente, quando o povo entrava dentro da fazenda, já sabia que a fazenda tava negociada, ai você entrava sabendo. Que nem eu falo assim antigamente você colocava ai um acampamento de 6 mil pessoa e não colocava ninguém pra ocupa, que nem aqui tem quantos ano, ai tudo é uma relação do coordenador, vai sai, vai sai, não vai sai eu assisto a voz do Brasil. E nosso governo x era Lula, era Dilma, era PT, era o governo do assentamento. Num compro uma fazenda, a fazenda aqui era tudo Mario Covas, então faz as conta, Fernando Henrique, não tem como, até nisso o PT foi decepcionante.

Deixa eu perguntar uma coisa pra vocês, o Circinho brincou com nós que a hora mais difícil foi quando ele o lote, daí ele via aquele lote, com aquele monte de grama, que ai você não sabe onde começar.

Lena -Ai você ta sozinho

O que passa na cabeça assim na hora que você passa tantos não lutando na hora que você consegue.

Lena -Ai você olha a terra e você cadê a cerca, cadê o poço, cadê a luz, cadê a casa, cadê o dinheiro, ai na época que nois pegamo na quatro Irmã que foi o ultimo que saiu aqui na região foi 99, eu peguei 9 mil e 500, até hoje se eu caça o projeto tem ai dentro de casa. Nove mil e quinhentos, quarenta por cento de desconto que chama PRONAF A, eu podia usa quarenta por cento desse dinheiro pra mim faze a casa, o poço e por luz e tudo, como é que você faz isso tudo, não tem como. É por isso que o povo sofreu, foi aquele pizão todo dia, porque teve gente que simplesmente, conhece muita gente que daí Manfré, Mani, Renatinho, nossa to rico, peguei oito alqueire de terra, quando pego.

Mauricio – mas esses ai não ficaram um dia debaixo da lona

Lena – veio e pau na estrada , acabou

Mauricio – a gente fico muito tempo, mas esse povo que pego, até chega lá Lena, a turma que pego, não ficou nenhum debaixo da lona, saiu a fazenda e ponho lá, seu lote ta aqui, cê num precisa , que era lá da região de Bernardes, chegou direto no lote, agora quem tava acampado, eu mesmo quando eu peguei o meu no Rodeio, os três alqueire ah pra mim nossa, quando o cara falou, esse é o seu pedaço aqui oh, esse quadro aqui é seu, pode fazer o que quiser ai dentro. Ai é meu lote é, ave Maria pra mim foi um sonho quando eu peguei , agora teve gente que pegou assim a fazenda, foi sorteado, igual aqui mesmo, quem os primeiro. Ah é 24 põe dentro duma sacola, toma , o lote é seu número tal de 1 a 24 e cê foi sorteado e foi passando as placa onde que era.

Lena – quando você trabalha, você compra, você luta, que você dá valor, agora você ta lá na cidade, ah as fazenda é só lá, ta escrito, cê chegou lá, ué é isso, mas atrás disso né, é uma briga, uma luta, teve muita gente mora também.

E porque que você não quis ficar lá na rodeio?

Lena – ele queria ficar comigo aqui

Mauricio – que a Lena tinha lá, ai eu troquei, ai depois, ela trocou aqui, nós ia tentando troca os lote pra junta, ai nós troca da quatro irmã nós veio pra cá e eu vim também trocando.

Você e a Lena pegaram lote né?

Mauricio – é

Lena – claro

Ai agora os dois da frente é aqui né ?

Mauricio – é, mas o meu lote era aquele ali, quando ele perdeu lá a política dele, ai de lá , eu troquei pra cá, ai nós emendo lá no fundo.

Hoje vocês só mexem com gado aqui né?

Mauricio -É

E no outro?

Mauricio – Também.

Os dois é de alguma coisa?

Mauricio- só o gado, é gado, leite e planta uma cana assim, só pra tratar do gado, roça não.

Lena- olha sem conta que nós sofreu pelos, aquele negocio da laranja , que nós pagamo caríssimo na laranja, enchia o quintal de pocan, tudo quando tinha, você pode ver lá atrás, tem pé de limão desse tamanho, quando tava carregado de laranja

o pessoal chegava cortava, o cara aqui da policia veio de Bernardes com um mandato de pra mim, se não cortasse ia presa.

Mauricio – ai nós fez o que plantou essas pranta essas arvores que não dá nada, porque não podia pranta, tinha as laranja no lote dela lá embaixo, tinha bem uns 20 pé de laranja, chego, cortou, na época dos índio.

Lena - Eles vinham , não respeitavam na época, eles passavam um veneno, aquele vermelho que mata árvore , no lugar que matava o pé de laranja, matava todos os pé depois, então foi um desaforo.

Lena – Todo mundo sofreu junto, quem lutou sabe que cê se chega assim, ai cê que cem mil nesse lote, quero nada, nem de graça, nem duzentos mil eu dou, porque nós correu risco de vida. Outra coisa na época que eu peguei o lote esse lote mesmo, eu trabalhava registrava, eu tinha dez anos de carteira, o Pirapó inteiro me chamava de trouxa, eu acabava de chegar em casa e pega roupa. Eu cansei de trabalhava na andorinha, cansei de ir no uniforme pra São Bento ocupar uma fazenda de uniforme da Jandaia, chegava lá, metia o pau, cortava a cerca, eu pegava a andorinha com a roupa suja de carvão de terra, prantava mandioca, que o Zé Rainha prantava, tombava terra prantava mandioca, ai tombava de novo ai nós perdia o serviço. Ai nós tacava fogo no pasto, a coisa do fogo pegava em mim, cê acha que eu tava ligando, ah ta, mas que ia não pagava passagem eu ia.

Tem mulher que participava?

Tinha, e botava tudo as criança na frente e as mulher , os homes atrás, os covarde, tanto que um levou um tiro na barriga.

Depois que vocês conseguiram o pedaço de terra de vocês, vocês continuaram ajudando o movimento ou não?

Mauricio – Não

Lena – não , porque ia virou sacanagem, entrou aquela tal de Cocan, entrou a tal de confederação que saiu no jornal que deu aquele negocio todo, eles fazia uma associação , chamava nois pra federação, era associação chefona, ai no governo pegava um pouco de dinheiro ia moitava e deixava o nosso nome lá, tem muita gente que ta com o nome sujo até hoje, ai não dava dinheiro pro cara. O dinheiro ia para Federaçao, muita gente ta sua.

Mauricio – Cê já foi lá em Teodoro, que tinha a Cocan ali?

Lena - Aqui mesmo o Lorival ta sujo no banco, por causa da associação. O Lorival é fiador de três pessoa, por causa dessa federação, porque eles o dinheiro e você era fiador de dois, três sabe. Cê fiada três e três p'ce. Fechava um grupo ai um não paga, o ultimo se lasca, ele de dois mil e pouco que ele pegou, seis mil três pego ai, pego pro governo, volto pro tesouro nacional, que quando nois não paga volta pro governo, ai vai pra fundo perdido. Só sei que ele ta com 12 mil de três pessoas que era seis, então cada um pego dois e deu seis, ai foi pro governo volto com juros ta 12. Ele ta pagando, ele paga ach0 300 reais por mês lá, faz quantos anos.

Vocês tiveram contato com o Zé Rainha nesse tempo?

Mauricio – Tinha.

Como que ele era nessa parte, ele ajudava mesmo as pessoas, como que era?

Lena – quando ele era humilde ele era o cara, fazia a coisa bem feita sabe, ele ia nos registro, na cidade, caçava o documento da terra, tudo certinho, quando não tinha documento, ai que entrava tudo certinho. Ai começou a entrar um dinheiro, ai começou a entrar deputado, um monte de gente e foi crescendo em cima dele. O

povão tinha medo do movimento, o Agripino fecho, quando nois fomo lá, e Agripino do lado de lá no sol passsando mal e nois sapatiando. Ai ele caiu pa trás e foi embora e nois passo, até hoje eu lembro. O povo, nois tinha investigador dentro do povo delas também, pessoa que apoiava nois e tava junto com ele sabe , ai falo, não foi enfarto não, cai d metira, porque ele não podia não permiti a passagem nossa, mas pra fica com vergonha, ai caiu pa trás e falou que tava passando mal. Pensa o que a **gente** fez naquela praça e o povão xingando nois, vagabundo, ceis tão robano terra, ceis. Robo a terra e robo a sua casa também. Um dia esse povo da roça ia vira ladrão e o viro o que, o que que nois ia vira, meu filho ia vira o que se eu não tivesse. Na cidade se eu tivesse trabaiano 26 anos de Jandaia, e eu não tinha uma casa pra mora , o meu salário era o mesmo.

Maurico -CÊ faz uma pesquisa de laticio, quanta coisa tem aqui.

Lena- E o leitinho que você toma, voces pensa que vem do fazendeiro? É de assentamento. Cadê o Molina com aquela base leiteira que tinha, que arrasava meio mundo. Hoje o povo tem uma tal de renda familiar, do pequeno produtor, isso ai eles pegaram de nois que nem os situantes, que dia que situante teve moral? Se você quiser ver, vai ali no Nova Pátria e um tal de Americo, quando eu era desse tamainho ele já tinha um sitio e do a minha cara a tapa se ele não tem uma casa dessa. Não tem, não tem nada, então o situante, a vida inteira não fez uma casa dessa porque, porque não conseguiu? Porque não tem apoio do governo, é tudo sozinho, agora junta aqui uns cinqüenta que vai lá e fecha, lógico. Tudo aqui você tem que luta, a sua que eu, sua mãe nós estudamos em Bernardes colegial, na eestrada de terra, a gente pegava o ônibus em nova pátria , passsava pelo 8,5 e atolava o ônibus, quando nois sai de Bernardes que entrava ali no posto o ônibus pa atolava. Dez e meia, onze hora da noite nois pegava de lá e chegava em Nova Patria cinco hora da manhã e subia no caminhão e ia trabaia de bóia fria. Aquilo eu tava vendo as veia e o caminhão abria pras veinha subi, eu falei um dia. Um dia eu vo ta aqui, do mesmo jeitinho que essas veinha ta. Ai o que eu falei, rapaiz se nois tem que pegar, nois tem que pega, não dá pra fica aqui não e ninguém dava valor. Você subia em cima de um caminhão, o pessoal falava, o dono da roça , eu te chamei.

Mauricio -O Osvaldo que nois ia trabaia pra cá na época eu prantava tomate, quantas vezes nois pedia serviço e ele chava nos de vagabundo porque nois tava no sem terra, é assim, canso de fala pra npis, ceis é tudo vagabundo, eu não vou dar serviço pra vocês não, o Osvaldo, deixa nois cata tomate e carpi. Ceis é vagabundo ceis ta no sem terra. Hoje ta li, a mesma coisa, morando lá e hoje ta lá pior que nois, na época ele era produtor e hoje tinha tomate, tinha trator e perdeu e ficou com nada, os filho mudo, uns foi Canadá, ai vestiu, compro o gado, os fio compro tudo se não, não tinha nada, porque eles tomo tudinho as coisa que ele tinha e gasto tudo. Ai banco foi lá, ta no leite hoje

Lena- O pessoal falava, ce trabaia limpinha, eu não, vo fica aqui a vida todo, que eu parei o colegial, por trabalha, porque tinha que trabaia, dez fio pra cria, meu pai ganhava poço, ai eu falava, não pai, vamo comigo, ai o pai falava, larga de ser doida, cê vai leva um tiro, não entra na fazendo de fulano não, ta com jagunço lá, ai aqui pra dentro de Bernardes foi poco , de Bernardes, de nova pátria pra lá, naoa foi nem uma fase. Se fosse hoje eu fazia tudo de novo, eu encarava, se falasse, vamo de novo, um pessoal verdadeiro que luta, de entra de encara, eu tinha coragem de ir, pensa eu vende o lote né.

Porque que as pessoas vende o lote?

Mairicio – porque ta velho

Lena- porque o assentamento ta ficando, quando eu pefuei eu tinha 37, eu tenho 50 hoje, ce vai fica aqui dentro ainda, suor se não encarar, ce ino embora acabo

Os jovens não que ficar aqui não né

M – não

L – não, eles não tem apoio. Essa semana não sei se você fivou sabendo, o itesp junto uma guange da social né e botaram num hotel, fizeram um projeto que ia dá 150 mil financiado pelo governo, que o jovem vai ter o direito, nois tamo brigano por um moleque de 16 ano morano aqui dentro, ele não pode trabaia, ele não pode ir pra Prudente, porque é de menor, ele ta aqui vagabundando perante o governo, o coitadinho tira leite, o coitadinho ajuda o pai cadê a adap dele provano, pra nois da uma vaca pra ele, pra ele pode começa a te nota, pra que daqui há um cinco ano, já começa a incentivar, da um cavalo bom, dá uma tralha, aqui, cadê, o itesp não ajuda. Essa adap ai era pra te dado, procura na internet a nova lei do INCRA, que o INCRA devia, vai ter que virar herança, antigamente, por exemplo, se eu falta, o itesp vinha, colocava o lote na portaria 50, ele podia vende pra quem quisesse, , tanto que eu perdia, como é que se vai vende uma coisa sem segurança, ai fizero uma lei que tem tudo certinho, só que eles não dão isso de jeito nenhum pra nós. So que eu fui na reunião, tava os advogado, Mauro Bragatto, tava todo mundo. Ai eu sei da lei por causa que eu fui, e esse livro saiu, spo não sei onde é que ta, sei que foi aprovada , por são Paulo, eu escutei na voz do Brasil.

Tinha pessoal que desistia?

Mauricio - Ah não desistia não , só fazia aumentar mais gente. Agora não, agora é só vem 30, na época que eu entrei, ia duas mil pessoa. Quando nois entrava numa fazenda, nois tinha que faze os barraco de lona, nego chegava, entrava no barraco, perdia o lugar dos barraco que começa aqui, daqui a pouco tava lá no asfalto. Mai de mil barraco de lona, tudo igual, ai eles tinha que marca, fazia o grupo de 30 pessoa, ai tinha um coordenador lá e marcando os numero. O numero seu é 25, ai põe lá uma tinta 25 na barraco, ai cê já sabia onde você tava, mas a gente se perdia a noite, não sabia onde tava, nem de dia. Cê saia, proce volta lá, menina, até acha o barraco de volta.

A igreja católica teve uma participação importante, na época que vocês acamparam, você apoio da igreja católica?

Mauricio -Acho, que teve sim, teve depois eu nois pegou no lote, o padre Humberto, ajudou ajudou bastante a gente, porque na época, era prefeito, mas agora padre, ele saiu, mas ajudou sim.

Na hora que o Itesp cedia as terra , todo mundo recebia o mesmo tanto?

Mauricio- É o mesmo tanto.

Que é quantos hectares?

Muaricio - 18,9, quase assim,alguns que sai um lote maior quando sai num canto .

Porque você acha que eles perdeu o interesse?

Mauricio - l eles vão, tem aquele movimento ali, só que ali, fica ali pode vê , só tem os coitado que ta ali, o circinho memo, é coordenador dali, duvido se ele falar pra mim, que não tava ganhando por trás, assim, o cara tava trabalhando na cidade, tem um barraquinho lá e o coordenador só vai contar mentira, ponha na cabeça do cara,

que vai sair terra, vai sair, vai sair e já tem mais de dez anos que não saiu, o fazendeiro encheu de cana lá e cabo.

Lena - Porque tá descredito.

Maurício - Não é descredito

Lena - Tem 2 mil pessoas cadastradas no Itesp pra compra de lote, só que o Itesp tem um sério problema de vergonha, se vai lá, faz um cadastro, eu quero comprar o lote na portaria 50, aí por exemplo, o fulano não quer o lote aí você que compra, aí você é solteira, 10 pontos aí se tem um filho, aí se tem 20, aí você trabalha na roça, aí você tem 70 pontos, então se não chega pra compra, a não ser que você seja pequeno dos homens. A sobrinha, a minha prima, a filha da Isabel, a Amanda, ela faz faculdade, conhece ela, ela faz faculdade tudo bonito, só que o avô dela, tem um sítio, aí quem pegou foi a nota, do avô, aí falou que ela era da roça tudo certo, e ela vem perante a lei que ela mora no sítio, tal tal, aí o pai é rural, ué o pai e a mãe os irmãos tudo moleque, não, não vai da esse lote pra uma menina de 24 anos num vai daí, vai dá esse lote pra Isabel, pra Amanda. Aí o Zé Luiz que é um cara um justo, ele falou assim, gente pensa, todo mundo tá querendo sair dos assentamentos, uma menina de faculdade tá querendo ir pro assentamento, ela veio pra acrescentar, é tanto que ela deu aula na rodeio, né no EJA, aí não queria deixar. Como que você tá lá na cidade e tem um sonho de vim pro campo, pro sítio, pra tá aprendendo, pra estudar o povo, a família veio junto, é tanto que compro o sítio com 30 dias dentro, tá tirando leite já, tirou o emprego da cidade deles, simiu, com uma vaca sobrando, não tá sobrando e eles muito bem obrigada aí, o menino é o cara, tem dezesseis anos e montava cavalo, cavalgada, tira leite, tá doído pra por um refrigerador sabe máquina, tudo, porque a vaca é boa, e tem 16 anos, no meio de mil ele acha um, e ele ficou doente porque não foi chamado pra essa reunião em Prudente. Aqui é escolhido assim, a Lena é cri-cri, tem uma reunião de assentamento, a Lena não vai, porque se ele for e ele sabe dá problema, porque ele cobra, então chama aqueles besteira que tá comprando lote, quem não entende nada, sabe, ele não sabe discutir, ele não sabe falar, ele não sabe o que tá falando, se não tá dentro do problema, então é assim. O seu Elias era um cara que matava e morria pelos assentamentos, ele era de São Paulo, e em Congresso e no Palácio do governo, tudo que tinha ele ia, aí o que foi acontecendo, ele foi desgostando, é muita conversa, na hora nada, quantas vezes, eu vi aqueles projetos, que foi feito numa semana chamando o povo, fala sobre o ponto de ônibus, a segurança dentro dum assentamento, o investimento, quem vai atrás disso, nós pagamos esta rede nós pagamos, nós pagamos pra te luz no assentamento, pode ir lá na caixa que tem todo mundo pago, quando veio pô aqui, a caixa financeiro, nós pagamos na época, era 2 mil e pouco, 1.600 reais pra vim pô, aí por exemplo era um grupo de 15, fazia um monte lá, dava 26 mil, a caixa financiava, tinha no nome de cada um, dividia, então nós pagamos. Aí passado muito tempo o advogado falou não nós não tem que pagar, é obrigação pra eles pra nós, então até isso, não é proveita, tudo é proveita, o leite é controlado você pode olhar aqui, pode olhar na televisão o preço do leite, que o papel ali você vê o preço, R\$1,15, na época tá falando R\$1,50, aí ele vai na Seu Carlos seu Carlos não paga, aí ele vai na líder não paga, ele vai no outro num paga, porque um tá ligado com outro, já tá na linha, nem tem jeito.

Maurício - No mercado tá cinco reais o litro

Lena - Aí ele vai lá e vê quem tá ganhando em cima de nós e não sei se nós tão sabendo, parece que, é na Rodeio que tão falando que tão pagando R\$ 1,05, que toda vez dá ácido, todo mês, não tem ninguém que não dá, todo mundo, todo mês dá ácido, aí joga o leite pra queijo, aí vende mais barato, aí tira um pouquinho acima ainda, é pa

não paga. Se nois tive uma coisa boa, ai vem, oh o eucalipto, o aprova, tem um monte de caminhão atrás, neguinho chego aqui, oh eu vo eucalipto, pago 30 real o metro, não tem eucalipto pra vende, não você vai vende, você pranto você vai vende, vo deixa de enfeite, eu acho bonito, qué 65 o metro nois conversa, ta compro e paga e ta lá grandão e ta engordano, deixa ele lá, você vende se você quisé. Agora a pressão é tão parece que te pega quando tão devendo, ai começa a panelinha não vai subi o preço, deixo,deixa vai pra selaria, só que ce tem que te os pe no chão, não pode deixa os outro te domina, por você ta sempre devendo sabe, sempre perdeno, eu to sempre ai pegano a demora. Eu ajudei muita gente, assim a pensar direito, ah tudo nosso não tem valor, é chega um aqui, vamo leva? Vamo, um cara amigo nosso passo aqui na fazenda, o genro do Agripino, ele tem um caminhão de boi, ai foi, passou, ai paro o caminhão de boi e uma roça,não sei se a roça ta seca ou já mueue pra faze a ração do boi, ai o cara paro o caminhão foi lá, desceu cato oito espiga de milho, quando ele saiu pra fora a caminhonete, falo que o fazendeiro tava atrás anotano a placa do caminhão, como é seu nome? Fulano de tal, oh, eu to indo na delegacia faze um boletim de ocorrência procê ta, você ta robano as minhas coisa. Você chega numa roça de sem terra, e ai tem tomate? Tem, tudo de graça, oferece, a vo pega, pode pega, e o fazendeiro com o caminhão, dá frango pro outro, tudo que tem leva, toma, leva, olha vo pega ali, tem um pé de limão rosa, ah tem ali, pode pega o quanto você quise, pode pega, agora eu vo fica vendendo coisa, vai estraga, eu vo lá vende em feira vo nada. Ai o cara simpresmente teve coragem de ir em Bernardes e conversa com o delegado e abri um boletim, e vai responde como ladrão por oito espiga de milho, como é que pode, povo egoísta, faze ração pro boi, o milho era até trangenico, nem prestava pra come. Ma pego robano e na cabeladele, podia até faze um favor pra ele, tinha caminhão de boi, ta sempre na estrada, aqui a estrada quando chove atola, puxa o povo, podia te faze um favo, vai lá pega, ninguém vê maldade não. Outra coisa boa que a gente tinha aquele projeto o PAA, então aquele projeto era bom, era associação, igreja, a gente catava aui, prantava hora, ce catava 500 pé de alface levava lá, catava 50kj abobra, levava lá, tudo que ta sobrano, e recebia igual leite, entregava lá quatro, ai recebia. Você chega lá e pesava e depois que pesava ia paga, eu posso pega e dá p'ce , posso pega e da pra qualquer pessoa, o governo que vai paga.

Mauricio – em Tarabai tinha 500 familia cadastrada daqui

Lena – é Tarabai , o pessoal fazia assim, chegava na fila, o seu Dorcilo entregou alface hoje?, a pampinha verde veio entrega alface?, não, ah então não quero não, porque era coisa boa sabe, escolhida, o fulano veio traze. Ai um dia num sei quem levo moranga, ah verde eu vo faze o que, o fi é dada, o governo ta pagano, então até nisso a pessoa paga, tudo que é demais sobra.

APARECIDA ADRIANA DE JESUS GOMES DE PAULA
ASSENTAMENTO PALÚLOTE: 01

Data da entrevista: 13/07 – 14h

Meio: Pessoalmente (Foi usado gravador)

Em que ano você foi para o acampamento?

Foi logo no começo, na São Bento.

Na São Bento?

Foi.

A São Bento é em que município?

Pertence a Mirante.

Você não lembra o ano, mais ou menos não?

Eita, foi logo no começo hein.

Será que foi o mesmo que o Mauricio? Você foi junto com o Mauricio ali da Lena?

Não, eu fui por causa, que na época ele foi para outro assentamento, outro acampamento. Nós fomos lá no fundão do Pontal mesmo, lá no fundão. Que quando começou foi naquela época que as polícias, o governador trazia as policias, caixão tudo. Veio as policias de Venceslau tudo para, como se diz, tirar nós, para gente desacampar da fazenda.

Mas não foi na mesma época?

Assim foi teve muita revolução aqui no Pontal, o Pontal teve muita briga, muita violência.

Você foi a São Bento e depois de lá que você veio para cá, como que foi?

Não. Meu pai adoeceu, ficou doente. Nós no acampamento não tínhamos comida, ele foi tirar baqueara, ai nós tínhamos que tirar com ele, foi na época que o coração dele diminuiu e nós tivemos que voltar pra Mirante. Logo com 6 meses depois meu pai faleceu por causa da doença, aquela poeira, não sei se vocês viram aqui no Cicinho, tirando aquela poeira faz um mau tão grande para o pulmão. Foi na época que a doença atacou ele e ele faleceu, não conseguiu reagir, diante daquilo.

Antes de você ir para o acampamento você morava em Mirante?

Morava em Mirante.

Foi você e seu pai?

Não foi a família toda, nós todos.

Quantos anos você tinha mais ou menos? Você lembra?

Acho que eu tinha 8 anos. Foi uma coisa muito, sabe assim, foi a época que a gente passou fome, época que não tinha comida. Nós chegamos a comer pé de galinha, fubá e água. Não tinha óleo, não tinha sal, não tinha nada. Nós fazíamos aquela meleca, eu falo assim meleca. Minha mãe fazia aquela meleca para a gente comer ai nós, como se diz, somos vivos por causa daquilo né. Ai naquela época foi muito sofrimento. Foi eu e meu pai e mais gente, aí o fazendeiro falava assim: vocês não podem mexer no gado não que o gado é tudo registrado. Todos os pais estavam vendo seus filhos pedir comida nós não conseguimos nisso. Aí os pais juntaram todos nós, um monte de criança, cada uma carregando um pedacinho de carne, vazia, tudo sujo, se vocês pensarem assim, se vocês imaginarem cada criança carregando um pedaço de carne, cada pai carregando um pedaço para o seu filho, mas na época a gente não sabia que era proibido, mas como se diz para matar a fome nos acampamentos foi assim. Depois começou que o pessoal do MST tinha que ser preso, por causa disso, mas assim eles fizeram, eles não, nós fizemos isso, nossos pais fizeram isso para matar nossa fome. Eu aceito até hoje, porque se ele não tivesse feito isso eu acho que um dos meus irmãos tinha morrido tudo. Eu

cheguei a comer banana verde cozida, ave eu não posso ver banana, tem hora que me da trauma quando eu vejo ela verde, eu gosto muito dela, mas tem hora que dá um pânico quando eu vejo ela assim verde eu lembro tudo, pé de galinha ele lá longe e eu aqui. Peguei trauma de galinha, mas não é fácil, é bem complicado assim.

E lá em Mirante vocês tinham trabalho como que era? Ou não? Ai por isso que vocês foram para o acampamento?

Não, tinha trabalho não, meu pai lá ele pegou uma data para plantar, para fazer horta e ele vendia aquelas verduras, quiabo, feijão de corda essas coisas.

Vocês moravam lá dentro da cidade mesmo?

Morava.

O que que deu na cabeça de vocês para vocês resolver acampar?

Por causa que não estava tendo sobrevivência na cidade, estava sendo mais apurado na cidade do que ficar no sitio e todo mundo falou que quando fosse para o acampamento ia pegar um pedaço de terra ai foi na hora que todo mundo se desesperou, da cidade.

Ai foi todo mundo.

Foi, sabe assim dava 60 barracos, 70 barracos.

Nossa não é nem perto do que tem hoje né.

Não, hoje tem pouquinho gente, nossa.

E como vocês ficam sabendo que vai ter um acampamento? Tem um pessoal que vai avisa vocês?

Não. Porque quando a gente começa, quando a gente passa andando na cidade tem bastante gente comprando lona, pedindo nas prefeituras, os prefeitos doam lona também a gente sai pedindo. Muitos saem pedindo para os deputados e políticos, aí consegue é para vereador, para prefeito, sempre os prefeitos ajudam, todos os prefeitos né, eu não sei hoje, antigamente os prefeitos ajudavam com as lonas. Mas feio mesmo era aquelas tempestades quando vem, nossa na hora que vem aquelas tempestades vem aquele vento rasga a lona é uma emoção tão grande é tão gostoso (risos) não é verdade. Eu, quando eu cheguei aqui na Palú depois meu pai falecido, a gente veio para cá e minha mãe não quis vir mais devido ao sofrimento todo que a gente teve, aí a gente teve uma reunião lá em Mirante com o ltesp, prefeitura tudo, falando vai sair uma fazenda lá perto de Bernardes, ai todo mundo soube aí lá vai a gente, um monte de gente tudo com, um correndo atrás do outro.

Você lembra quando foi esse ano da Palú?

Nós estamos com 20, 21 anos, nós estamos.

Mas nessa época você foi sozinha, você e seus irmãos só?

Não eu vim sozinha.

Só você?

Sozinha, porque como meu pai já tinha falecido, minha mãe preferiu ficar na cidade do que vim para cá.

Ela continua morando em Mirante?

Continua até hoje. Eu sei que a final disso eu vim para cá eu enfrentei, todo mundo me chamava de filha, todo mundo me respeitava eu fazia café dava para todo mundo, foi a época daquela, daquela geada que teve, bem fria a 20 anos, 21 anos atrás. Foi bem sofrimento. A gente fazia mandioca, colocava aquela panela no fogo e a gente ficava na beira do fogão conversando, era a única coisa que a gente podia fazer, era entretenimento para a gente, na época era única coisa que a gente tinha.

Aqui na Palú ficou para lá para cá?

Não, nós ficamos aqui em baixo.

A ficou ali em baixo?

Foi. Aqui em baixo que nós ficamos tudinho. A primeira missa que teve aqui para a gente foi ali no pé de árvore com nós acampado. O padre ainda veio com medo de nós. Diz que o povo de Bernardes falava que a gente brigava demais, aí o padre veio com medo da gente. Quando nós chegamos aqui o pessoal de Bernardes não aceitava os acampados, acho que até hoje, eles são meio de escanteio, quando vê fala assim é acampado, ixe, pegaram trauma, pessoal de Bernardes não aceitava. A gente ia nas lojas para a compra qualquer coisa, eles ficavam com medo, no mercado, no mercadinho de Nova Pátria, nossa o pessoal tinha tanto medo quando a gente ia consultar, ave não esqueço disso é muito complicado.

Você pode explicar, contar para nós detalhar como que é a vida dentro de um acampamento, as dificuldades que vocês passam?

É sofrido gente, não é fácil não. Assim o certo era vocês conseguirem passar pelo menos um dia não dá para vocês conseguirem, que o primeiro dia é emoção, que todo mundo chega, todo mundo está cansado, mas no máximo 2 dias vocês tinham que passar porque vocês iam ficar sem energia, iam ficar sem celular, em acampamento não tem celular, vocês tinham que esquecer isso. Vocês não têm que trazer celular nada de energia porque vocês vão ficar numa velinha, no escuro, vocês vão ter que ir lá no rio toma banho, naquela água fria, para vocês sentir como que é, aí eu acreditaria que vocês conseguiriam falar assim sobre o sofrimento do acampamento. Também para lavar louça também não é em é na beira do rio, é nas minas, ou então vocês têm que ter uma vasilha uns baldes para carrega, para trazer para dentro do barraco para lavar ali no barraco. Cama não é cama normal, vocês têm que pegar 4 forquilha e enfiar na terra no chão, escolhe o local que vocês que que seja a cama de vocês dentro do barraco, aí faz aquelas 4 furquia, depois vocês têm que tirar um monte de pauzinho fino para colocar para fazer, que é tipo tarimba, ai para colocar o colchão em cima para colocar um pano, ai depois vocês tem que arrumar papelão pra colocar entre a lona.

E a madeirinha né?

É porque depois não pode aquela água pingar em vocês porque senão da pneumonia, dá muita infecção no pulmão, tudo isso.

E no acampamento você, você era coordenadora, você tinha um papel importante ou não, só participava?

Não, só participava.

Você participava do MST? Era o MST?

Participava. Era.

Quando você estava acampada, teve algum momento assim que você pensou em largar tudo, que você achou que era muito sofrimento, que você quis voltar a morar com a sua família lá em Mirante?

A o momento foi quando chegou aquelas polícias com os caixões, com os cachorros aí o pessoal do movimento falou assim primeiro tem que ser as crianças depois as mulheres para depois vir os homens é assim que nós coordenamos. Quando chega para a gente ocupar a fazenda a gente tem que fazer isso, mas é muito triste quando você vê aquelas policias tudo armado, apontando aquela arma para criança. O primeiro impacto é meio chocante, mas depois nos acostumamos porque era tudo criança, era tudo diversão para a gente. Eu falo que era gostoso, porque a gente criança, a gente não liga para essas coisas as polícias traziam marmitex, eles ficavam dando para gente, para nós ficarmos ali comendo marmitex para tirar a gente da frente, mas mesmo assim nós não saíamos ficava. Muitas vezes nós pegamos flores dessas arvorezinhas assim do mato e dava para a polícia. As polícias até encantava com nós. Muitas vezes, tinha muitos que ia embora triste, mas tinha muitos que não, tem muitos policias que é meio, que é meio rebelde, mas a gente nem ligava para isso não.

E assim você chegou a ocupar né fazenda, como que funciona uma ocupação numa fazenda? Vocês têm uma pessoa que avisa vocês do que que é, aí vocês chegam na fazenda e vocês fazem o que vocês esperam alguém avisar?

Não. Quando nós estamos no acampamento e fala vai ter invasão, vai todo mundo. Sabe que cada um é para ganhar um pedaço de chão, ai todo mundo vai, faz barraco, nós cortamos os arrames, corta cerca, tem vez que quando não é porteira é colchete a gente corta com alicate, é assim que a gente faz.

E em alguma ocupação que você participou, teve contato com o próprio dono da fazenda? Ou com algum funcionário dele que procurou briga com vocês alguma coisa ou não, ou eles tipo assim, eles aceitavam, ficavam na deles?

Não, nunca aceitavam sempre nunca vinha o dono, sempre vinha o empregado falar com as pessoas, vem falar com o representante que não é para mexer em nada, e que iam avisar a polícia, o dono, ai com uma semana depois chegava polícia, mas sempre quando a gente vai fazer uma invasão, quando a gente vai invadi sempre é no final de semana, nunca é no começo de semana. Porque no final de semana não dá tempo de a polícia vir. Porque a gente, assim sexta à noite, sexta à noite a gente arruma tudo, põe a roupa num saco, sai todo mundo correndo, colocando as coisas no saco aí nós vamos para o barraco, nós chegando lá nós quebramos tudo, a gente entra para dentro e faz nossos barraquinhos, na noite.

Tudo de noite?

Tudo de noite nós conseguimos. Porque não dá tempo para avisar é final semana e a polícia quando vai saber, a gente está tudo acampado.

Não dá nem para impedir né?

Não dá, não tem como, nós fazemos isso tudo no final de semana. Porque o pessoal fala assim que a polícia só funciona de terça feira para a frente, eles falam que abre o fórum, os advogados, os fazendeiros falavam isso para a gente né, mas tinha muitos que eram bonzinhos, mas tinha muitos empregados que era ruim em nossa, principalmente da São Bento, os da São Bento eram ruins. O Sandoval, Sandoval

Neto era ruim aquele homem era ruim. Já quando a gente entrou aqui na Palú, o dono da Palú até que não veio até nós, ai naquela época era o Miro que morava na sede, foi ele que veio até a gente conversar.

Ele era funcionário?

Era funcionário. Aí ele falou para o patrão, o por favor o patrão falou para ele, fala para eles não mexer com nada, aqui na Palú nós nunca mexemos com gado nenhum do fazendeiro, assim foi uma ocupação muito tranquila sabe, mas foi muito sossegado aqui.

Quando você começou a participar aqui em Bernardes, teve alguma pessoa, eu falo assim, algum prefeito, vereador, algum padre aqui em Bernardes que dava a cara a tapa ajudava vocês, defendia o movimento?

Quem ajudou na época quando a gente chegou aqui na Palú foi o prefeito, foi o Julinho, o único que apoiou a gente. Ele veio de frente, não teve medo de nós, quando nós, ele falou a fazenda foi cortada aí ele ajudou, deu combustível para a gente para mexer a terra, que ai ele falou que ninguém tinha condições no começo ai ele ajudou bastante a gente hein. Muita gente ele ajudou, aqui no município de Bernardes, ai depois foi o outro o prefeito que foi o padre.

O padre Humberto?

É, também ajudou, o doutor Helio também ajudou, doutor Helio na época que era prefeito, ele operou as mulheres que não podiam ter filhos, ele ajudou bastante as mulheres nessa parte, ele foi gente assim, foi um prefeito muito bom para a gente nessa parte, para as mulheres.

E quando vocês vinham aqui pra Bernardes aqui nas ocupações, vocês tinham que se virar com comida com as coisas, ou alguém, prefeitura, ou algum órgão ou o MST providenciava comida para vocês?

Não cada um carrega suas coisas.

Cada um se vira com o seu?

Se vira com o seu, mas depois que está acampado, o movimento uma vez no mês manda cesta no acampamento, uma vez no mês.

E divide para todo mundo?

Divide, aí cada um, cada família pega uma cesta.

A ta, é distribuído por família então?

É.

Aqui em Bernardes também não quando vocês ganham a terra, mas ainda quando vocês ainda são acampados o Itesp ajuda com alguma coisa, na hora que vocês estão, igual você explicou no barraco de lona o Itesp ajuda com alguma coisa?

Não, nada. Isso não por causa que ainda não é lote ainda, ainda nós estamos acampados depois que fala assentamento ai começa.

E qual que é a participação dele na vida dos assentados? O que que o Itesp faz, ele cumpre o dever dele direito como que é?

A nem tudo, primeiro tem que ter o técnico, veterinário, é assistente social, nem todos fazem a parte não. O pessoal pega muito no pé, aqui a Palú ficou acho que 2 anos 3 anos sem técnico agora que chegou o técnico.

Esse técnico ele faz o que? Ele olha a plantação essas coisas que ele mexe?

Ele agora está mexendo primeiro com as papeladas para depois ele começa.

A tá.

Está pegando muito no pé do povo, né ele está pegando, nessa parte da documentação, cuidando né, no começo, mas depois ele vai, ele falou que vai melhorar.

Tem uma pergunta aqui que você já até falou um pouquinho dela, mas para você explicar mais um pouquinho, qual que é os preconceitos que vocês sofreram na época que vocês, até hoje você acha que tem preconceito com vocês?

Assim nas escolas ainda continua, na cidade, quando fala que é assentado, em qualquer lugar que você chegar e falar que você é assentado tem um preconceito, mas depois que você chega com dinheiro, com cheque, com cartão, a pessoas dão mais valor para você, mas quando você pede uma carona para você ir até na cidade, nos carros do transporte o pessoal também fica olhando com aquela cara feia, nossa já vem vindo, é assim.

Quando você veio para a Palú você tinha vontade de plantar de mexer com alguma coisa, ou você só queria um pedaço de terra para você construir sua casa como que era?

Não, ainda, como se diz? Ainda não está definitivo, ainda não plantei as coisas ainda que é para plantar. O lote não era no meu nome era no lote da minha mãe, ai agora que está com 4 anos que passou pra mim, mas ai que veio eu comecei mexer mesmo com o lote mesmo foi o ano passado, em novembro que eu comecei. Eu só consegui plantar o Napie e as vaquinhas eu peguei 8 cabeças de vacas. Eu consegui pelo banco, mas ainda estou com 4 alqueire que eu vou plantar de grama agora para piquetear para as vacas, ainda não consegui né, a gente quer plantar as coisas ainda, roça tudo, mas ainda.

Tem que ser devagar as coisas né

É, aos poucos nós vamos conseguir.

E você lembra o ano que daí você ganhou seu lote?

Acho que foi em 97, 96, 97. Foi em maio, março, acho que foi dia de São Pedro, alguma coisa assim né, foi dia de São Pedro porque aí nós fizemos a missa. Foi dia 5 de maio meu pai faleceu e ia fazer 1 mês que meu pai tinha falecido que as terras saíram está com 20, 21 anos que meu pai faleceu. Eu sei por causa dessa data que meu pai faleceu e as terras já saiu e a gente já veio para cá.

Todo mundo ganha o mesmo tanto de terra?

Não, tem lote que é, esse aqui é 7 alqueires e 1 quarta, já tem lote que é 8 alqueires e 1 quarta, por causa da reserva, tem tudo isso. Nem sempre é o mesmo tamanho.

Você falou aqui que nem acampou lá em Mirante em outros lugares você veio parar aqui em Bernardes porque foi o único lugar que vocês conseguiram mesmo a terra? Os outros lugares não tiveram oportunidade?

Não porque foi o único lugar que depois que meu pai faleceu que teve foi essa, nós ficamos sabendo aí eu vim para cá. Teve reunião lá na cidade avisando onde ia sair as terras, vinha a prefeitura, aí a gente pegou e veio. Foi na época do prefeito do Tadeu junto com o Julinho, naquela época.

E hoje mesmo que você tem o seu cantinho, seu pedaço de terra, você ajuda ainda em acampamentos em alguma coisa ou você não participa mais?

Não, não participo mais.

Você chegou a conhecer o Zé Rainha?

Sim.

Você podia assim, como que era o contato dele com o pessoal, porque todo mundo fala que ele foi muito importante né para tudo aqui no Pontal né.

Para nós, ele foi tudo. Eu penso assim, senão fosse ele, a gente não tinha esse pedaço de chão. Ele foi a melhor pessoa para a gente, ele é como se diz, o pessoal diz assim que o presidente lá em cima, Deus lá em cima e o presidente, para nós era isso, ele ensinou nada de errado, mas o bom e o honesto, ele falava: vocês têm esse pedaço de chão nós estamos lutando para seus filhos, e era por isso que a gente ia atrás e como se diz, por causa dele a gente está aqui hoje, graças a ele.

Quando vocês acampavam muitas pessoas desistiam? Achava que não ia dar certo, voltava embora ou o povo sempre acreditou que ia ganhar as terras?

No começo o pessoal sempre acreditou, mas tem muitos que desistem por causa de doença, por causa de parente doente.

Tem outras coisas né que.

É sempre acontece.

A gente está lendo bastante livro sobre o assunto e a gente vê muito falar sobre a igreja católica, a igreja católica realmente tem participação nos acampamentos, ela ajuda de alguma forma?

A no começo assim, nós não fomos abandonados eles acolheram a gente, graças a Deus, eles foram umas pessoas boas, o padre João, foi o padre João outros padres lá de Teodoro. Lá da região vinha todos fazer missa para a gente. Nós nunca fomos abandonados se falar que fomos abandonados, nós não fomos.

Sempre eles ajudaram né

Sempre.

E vamos supor, se fosse para você, vamos supor que aquela época que você viveu fosse hoje, você tinha coragem de fazer tudo de novo que foi de novo para você conquistar seu pedaço de terra?

Acho que sim, porque a melhor coisa, foi a melhor época que nós passamos. Assim é a melhor coisa da nossa vida, foi a época que eu tinha meu pai, estava toda aquela família unida, se fosse para voltar nós voltávamos tudo de novo, fazia tudo de novo, se fosse para fazer fazia. Era bom demais, eu não esqueço, como se diz,

comer aqueles pés de galinha, comer aquela meleca, comer aquelas bananas verdes, carregar aqueles pedaços de carne, nunca vou esquecer isso, nunca, mas foi a melhor época. Porque eu falo até hoje para as minhas filhas, tem época que elas falam assim, aí mãe queria comer tal coisa gostosa, aí eu falo: filha será que você conseguia ser daquela época que a mãe foi, a mãe será, será, aí eu falo assim, filha hoje a mãe não pode dar, mas amanhã ou depois a mãe dá, aí elas aceitam que eu, assim eu explico tudo certinho como nós conseguimos um pedaço de terra. Então assim tão encaminhando, tão entendendo, diz que não quer sair nunca daqui. Uma diz que o sonho é ser professora, a outra quer ser veterinária para mexer com as vacas do assentamento, aí é o sonho delas, vamos ver se vai realizar mesmo.

Foi até bom você comentar das suas filhas porque em todo lugar que a gente foi a gente ouviu assim reclamação que hoje não tem um apoio para os jovens permanecerem no assentamento né, porque hoje eles não cria nada para os jovens continuarem aqui, o que que você acha que era necessário porque era que nem você falou, você ganhou isso aqui suas filhas vão continuar, mas pode ter muitos aí que na hora que o pai e a mãe envelhecer pode querer ir embora né, que não quer ficar dentro, você acha que falta um apoio para permanecer os jovens para dar continuidade no que os pais deles fizeram?

Está faltando muito, muito porque todos estão indo embora, todos assentamentos não têm apoio da prefeitura para fazer faculdade, está indo todo mundo embora para poder estudar e morar lá fora, todos filhos de assentado. O pessoal está arrumando serviço lá fora, não tem mais assim eu quero morar no sítio vou vir viver do sítio os filhos de assentados não tem porque a gente tinha corrido atrás para ver se conseguia um ônibus para vir até aqui da faculdade diz que vinha mais não chegou, não veio, aí o pessoal pegou desistiu, pegou e foi todo mundo, os jovens foram embora para morar lá e estudar lá em Prudente. Foi assim que eles fizeram os filhos dos assentados, aqui do Pontal.

É então todo lugar que a gente foi que tem filho assim a gente escutou essa mesma coisa que falta né, e que querendo ou não os assentados nessa parte são muito esquecidos aqui em relação à saúde né, em relação a tudo.

Assim, principalmente aqui, só que lá em Mirante o prefeito está ajudando os filhos dos assentados, está tendo o transporte para levar para a faculdade e a gente não está conseguindo em Bernardes, nós ainda estamos meio sofrendo ainda, mas vamos tentar né, vamos ver se a gente consegue ainda.

Antigamente eram muitas famílias né que participava era 200, 300 famílias, todo mundo fala que era muita gente. Hoje em dia a gente não vê nenhum terço do que era naquele tempo né, pode até falar daquele que tem em Bernardes, daquele que tem aqui na beira da estrada, porque que você acha que o pessoal desanimou? Não acredita mais?

Não porque não está tendo apoio da prefeitura. Sempre o preconceito, mas o único acampamento grande que tem agora é lá em Marabá Paulista, é na rodovia, não é nem dentro da cidade, é na beira do asfalto mesmo, o certo seria vocês ir lá para vocês verem.

A Marisa falou desse para a gente. Ela falou para a gente. Porque é que nem a gente falou, a gente puxou o foco aqui para Bernardes, mas aqui para Bernardes não tem nenhum acampamento funcionando ainda né, aí foi até o que a gente

falou se a gente coloca no nosso trabalho pra explicar pro pessoa o que é um acampamento daí ela passou pra gente está indo lá também lá conhecer, que é que nem você falou, que daí ver de perto é outra imagem né que a gente tem né.

Grandão não. Nossa lá vocês chegam na hora, o impacto. Vocês vão ver crianças, muitas peladas, muitas descalço, muita só de cuequinha, de calcinha, o cabelo avoado lá para a cima que não tem como cuidar, é assim, muito diferente. Assim quando vocês chegam, tudo certinho bonitinho, não isso lá não, isso lá não existe, porque é muito difícil ter as coisas, consegui.

E hoje em dia o povo vem mais assim, não pode nem se dedicar a ficar todo tempo no acampamento porque tem que ganha dinheiro né, tem que trabalhar de outra forma.

Não está fácil em, é meio complicado.

Porque antigamente o povo vinha e ficava né hoje a gente vê que o pessoal vem mais final de semana né.

Principalmente nesse aqui né. Mas já o de Marabá não, o pessoal mora, o pessoal mora lá.

Acredito que falta esse impacto da população da cidade ver a realidade desse acampamento como você descreveu de Marabá Paulista eles pode mudar um pouco o pensamento, pensar em ajudar, pensa em não ve o assentado como alguém que não faz nada que ta ali trabalhando.

Isso tem, mas o município, o pessoal da cidade que ajuda são poucos. É assim é muito diferente, o pessoal, na hora que chega e fala sou acampado, eita é bandido, vai roubar.

Tem medo né.

Tem medo, ai então fala, ai sou assentado, ai é cheque ou é dinheiro? É assim nós tudo é isso que a gente que é acampado e assentado escuta essas palavras, qualquer lugar para qualquer coisa que você vai comprar, acampado, assentado se usa essa palavra, para o provo que é acampado ou assentado.

E você participou daquela interdição que teve do Agripino é e nessa época você ainda era acampada?

Era.

Como que foi?

Assim, para a gente, nós saíamos andando na beira da pista. Eu acho que o MST tem tudo gravado, a TV Fronteira até tem gravado ainda. A gente saia, nós pegamos de lá de baixo, de Teodoro e veio andando na beira da pista. Nós paramos antes de chegar em Prudente, no aeroporto ali perto do aeroporto para dormir, dormimos lá. Nós chegamos lá dentro de Prudente a pé, andando, mas é muito gostoso sabe, é foi assim por uma causa boa, nós, para a gente foi. Nós conseguimos muita coisa, mas se for para ir de novo a gente vai, para conseguir mais melhoria, assim para nós.

É uma luta que nunca para né? Mesmo quando vocês conseguem o pedaço de terra vocês continuam lutando né, porque daí tem outras questões né.

Não. Agora que é pior, tem muitas vezes que a gente não consegue plantar, vem a geada mata tudo, você fica devendo no banco, aí o desespero para conseguir pagar. A gente fica sofrendo tem noites que não dorme, aí depois vai planta de novo, aí vem a chuvinha, fica tudo bonito e você alegre. Ai está a época que você está triste, época que a gente sofre mais é na época do frio, mas se Deus abençoar, daqui uns 2 meses a gente está tudo animado, tudo contente de novo, tudo verde e tirando 100, 100 e poucos litros de leite ai o pessoal anima. Essa época é a época mais triste para nós.

A época do frio?

A época do frio. Porque tudo que você planta, morre. A gente está levando bastante coisas aqui do sítio para vender na cidade é limão, alface, verdura, essas coisas. Tem muita gente que leva ovo, leva frango, tudo para vender na cidade, mas essa época que dá menos coisa é a época que produz menos.

Teve alguma coisa quando você acampava que aconteceu que marcou você durante o acampamento, alguma coisa que você lembra até hoje? Que marcou você de alguma forma, as vezes algum conflito, alguma briga, porque a gente ouviu falar o Circinho contou muito para a gente de tiroteio né que teve da UDR.

Teve, teve muito.

Teve alguma coisa que você lembra até hoje assim.

Assim marcante se juntar eu e os meus três irmãos, eu vou falar para vocês, nós com 8 anos, pegamos uma galinha, o vizinho tinha um monte de galinha, ai gente nós pegamos, crianças para limpar a galinha fomos limpar a galinha mas nós não colocamos na água quente pra limpar, fomos limpar na água fria e as penas não saiam. Nós tudo com fome, tiramos as penas da galinha, a gente não sabia corta, cortamos tudo errado. Colocamos na panela para cozinhar, mas não na panela de pressão, panela normal, só que a gente salgou e fomos comer. Nós abaixamos a panela. A gente sentava no chão para comer né ai o cachorro veio e fez a festa da nossa carne, foi emocionante, mas nós ficamos ao mesmo tempo contente, porque o bichinho também estava com fome, e ai a gente ali, tudo criança olhando, mas que que a gente ia fazer. Quando a gente se junta, falamos que foi castigo porque nós pegamos a galinha do vizinho. Mas a gente estava com fome, não tinha comida naquela época e nós pegamos a galinha. Só que o coitadinho do cachorro também estava com fome, o coitadinho também comeu, é assim nós não esquecemos disso.

Marcou né.

Marcou nós. Assim teve muitas histórias, muito tiroteio, muita violência, tudo isso, mas nós não conseguimos esquecer esse momento, pra nós não morrer de fome, pegamos a galinha do vizinho. O que uma galinha, 4 crianças, acho que meu irmão caçula tinha 4 anos aquela escadinha sabe, nós tudo pegamos, e a gente puxava, porque a gente via os adultos, via minha mãe limpando galinha.

E quiseram fazer também.

Ai nós fomos fazer também, mas duro que não saia, não sai a pena, só saia o couro junto, ai pra nós foi o maior sucesso né. Já viu comer galinha sem tempero? Só no sal e água? Mas nós conseguimos né, mas na hora de comer foi aquela guerra, que

tristeza que o cachorro comeu. Ai nós ficamos assim naquela festa, mas passou e até hoje como se diz se fosse pra nois começar, fazer, nois fazia tudo de novo.

E você tinha medo de ficar dentro do acampamento tinha hora? Tinha medo de acontecer alguma coisa, alguém morrer?

Medo a gente tinha, porque o medo mesmo foi na hora que chegou aqueles caixões. A gente perguntava para o pessoal o que era isso, é nossa casinha, não podia falar para as crianças o que que era né, ai falava que era casinha de brincar.

Mas caixão mesmo?

É caixão.

E servia para que? Se alguém morresse colocar?

Não porque tem que trazer caixão porque caixão, cachorro e as policias, vinha de Venceslau, aquelas policias de Venceslau eles trazem que é não sei se é do exército o que que é.

Trazem as armas lá dentro, não é?

Não, trazem os caixões para colocar os defuntos, que assim se alguém morresse na ocupação já estava o caixão lá. Eles traziam para botar medo nas crianças e nas mulheres que ai as mulheres saia e as policias conseguiam entrar no acampamento pra tirar a gente, mas as mulheres e as criança não saiam, ai eles não matavam a gente, ficavam com dó por causa que estava as crianças e as mulheres pra depois os homens. Mas nossas armas eram foice e facão e as crianças ali com flor, com pauzinho na mão, era assim, nosso jeito de briga pela terra, foi essa.

As vezes tem ali, perto da TV Fronteira, tem aquelas feiras de, do assentamento vocês sempre vão lá participar, porque eu já vi alguma coisa.

É só quando é convidado só.

E como que funciona normalmente eles convidam e vocês levam tudo que vocês produzem?

Ai o pessoal do Itesp pega convida, avisa para a gente. Cada um tem, tipo assim, hoje eu tenho verdura, tem gente que faz tapete tem outros que faz farinha de mandioca, faz queijo, ai leva pra gente vende, ai põe a banca pra gente vender essas coisas.

Você entregava alimento na CONAB também?

Já entreguei.

Ai agora ela parou né?

Parou. Mas disse que não vai voltar mais e assim era bom para nós mulheres. Nossas verduras para ia para Bernardes, nossas verduras já foram para o hospital, para a creche, para as escolas de Bernardes, mas parou aí a gente fica assim, meio chateado que para nós era um incentivo né, para o pessoal da cidade saber dar mais valor nos assentados, mas acabou, parou.

Tinha muita mulher que participava também ou era mais homem?

Não as mulheres.

Sempre participou.

As mulheres fazem mais a frente né, negócio de horta. Homem faz, mas faz pouco, a mulher vai com os filhos para a horta, a mulher ela sempre mais na frente da horta, homem é meio complicado de horta.

Não entende muito.

Não, não ele vai, mas a mulher fica ali de joelho plantando as mudinhas arrigando.

Mais delicada né

É, mas homem vai, mas é.

O que você acha que falta hoje no município pra, para incentivar e ajudar todos os assentados?

A, se o prefeito desse mais apoio, vivesse mais, andasse mais aqui dentro do assentamento, para ele sentir onde que é o problema, para ele vê o problema, se tivesse alguém de lá que ficasse nos assentamentos olhando, igual quando era o Julinho, a cada 15 em 15 dias, o prefeito, ele passava.

O filho dele da aula pra gente.

O Julinho passava em todos os assentamentos, olhando as estradas, ele ia nas escolas, ele perguntava para as crianças, chamava as crianças na escola, pergunta como que estava a comida, perguntava tudo, a minha filha sempre meio doidinha, não a comida é boa, é boa, eu só gosto de macarrão, ai ele dava risada, quando era essas coisas, mas assim ele olhava as estradas, as pontes tudo, mas agora como se diz, ainda não compareceu ainda né, dentro do assentamento pra vir, ainda não veio não, vamos ver quando que ele vai vir né, se vai vir também.

VALDECIR MARINOTTI

EMEIF EDUCADOR PAULO FREIRE (ASSENTAMENTO RODEIO)

DATA: 14/06 – 06h00

MEIO: Pessoalmente (Uso de gravador)

Em que ano você foi para o acampamento?

1990.

Você acampou sempre no mesmo lugar ou foi em lugares diferentes?

Vixi, vários lugares.

Você lembra quais foram mais ou menos?

São Bento, hoje é São Domingos, Taquarussu. E a São Bento é a Rodin, sempre nos acampamentos era na São Bento. Particpei da primeira daqui, da de Mirante, nós fomos um dos primeiros aqui dentro. Em 1990 começou na Nova Pontal lá embaixo, que teve aqueles rebuliço lá, você ainda não era nascida. Teve cavalaria, aqueles cara com cachorro, helicóptero , caras seqüestraram o oficial de justiça, fui um rebuliço. Daí de lá viemos pra Mirante e de Mirante aqui.

A água limpa foi o primeiro daqui?

Não, água limpa é o seguinte, todo mundo que foi pro Taquarussu, São Domingos, daí vieram e foram saindo das fazendas e o pessoal foram disseminando. Saíram de lá, uns foram pra Venceslau, outros pra Epitacio, outros pra Bernardes , outros

ficarm pra Mirante mesmo ocupando aqueles outros fazendas e tudo foi descendência da São Bento e da Taquarussu.

Você fazia o que antes de ir pro acampamento? Você morava onde? Você trabalhava onde?

Morava e nova londrina, Paraná.

E porque você decidiu ir pro acampamento?

Porque nós trabalhava pros outro, tipo trabalhava numa fazenda de parceira, né, que fala, tocava café, ai colhia o café, 50% era do patrão e 50% era nosso e esse era o parceiro ou meeiro.

Como que você ficou sabendo do acampamento tem alguém que chama o pessoal?

Tem, daí tem um pessoal do movimento o Valter, o Bil, na época, o Bil é lé da gleba 15 e o Valter é um vereador que ta preso de Rosana, e daí ele convidaram, na época eu trabalhava na roça, mas tinha pegado serviço na auto peça, meu primeiro serviço, tinha uns 20 anos mais ou menos. Daí eu sai da auto peça, pra vim pra ocupação. Que o sonho meu e do meu irmão era sempre ter um pedaço de terra, daí trabalhando do jeito que tava ali não dava certo e o desemprego assolou todo mundo na época que acabou a barragem de Rosana. Daí juntaram um pessoal e a solução era ocupar.

E como é morar num acampamento, a dificuldade que vocês passam lá?

Não é fácil não, foi uma batalha, hoje é fácil, hoje eu posso considerar que é fácil, os cara entra ai, o governador e tal, mas na época não. A gente ocupa, é despejado, a cavalaria e vinha, pessoal não dava moleza não, ou saia ou caia no pau.

O Val teve gente que comentou com a gente, que ficava uma semana e voltava, você como morava longe mais longe, você ficava direto?

Fica direto, quem praticamente fez esses assentamento tudo foi os paranaense, porque vinhero de mudança e ficaram com as família, quem morava aqui em Mirante, aqui perto o que eles fazia, qualquer coisinha, eles ia embora e ficava os besta lá.

Vocês arrumavam serviço por aqui ou só ficava no acampamento?

Nós arrumava, só que a gente tinha que mentir, porque os fazendeiros não dava serviço pra acampado, ai eles fizeram esse cerco pra ninguém da serviço pra gente, pra gente ir embora, porque os únicos que resistia eram paranaense e para manter tinha que trabalhar. Daí o que a gente fazia, vim pra Mirante, aluguei uma casa em Mirante, né, meu pai, minha mãe, eles ficavam com os meus irmãos daí eles ficavam na cidade e pra gente trabalha, tinha que vim pra cidade. Vamos supor, começava passar apuro faltava gás, daí tinha que vir pra cidade, pra trabalhar uma semana, daí tinha que falar que era da cidade ali. Os cara perguntava e ai da onde oceis viero, ai a gente tinha que falar viemo do Paraná, mas tamo aqui pra colhe algodão. Daí os cara criticava os assentado, os acampado lá dentro do caminhão e tal. Ai um dia eu me estorei e meu pai ficou bravo. Daí os cara começou a chamo os assentado de vagabundo, que num trabaiava e tal e nois trabalhando ali e de repente vamo supor nossa marmita era ovo frito, salsichão e as mistura da roça maxixe e tal e nois pelo menos comia bem, assim uma comidinha da roça mesmo e a gente sentava do lado e os cara que critica a gente chegava do lado tinha um que

comia manga com farinha que morava na cidade e comia manga com farinha. E criticando os assentado eu falei, será que os cara vão fica comendo a vida inteira manga com farinha e não te coragem de enfrenta os fazendeiro e nois tava ali pra enfrenta, é uma historia meio complicada.

Quando você acampava você tinha um papel importante no acampamento?

Eu sempre fui coordenador

E o que um coordenador faz?

Todas ocupação é decida por um grupo de coordenador e eu fiz escola nacional, tinha ate estratégia de ocupação e tudo. Fiquei dois meses no Rio Grande do Sul, então, toda essa estratégia a gente sabe, ocupação tem que ser perto de água, tem que rastreia a fazenda, vê como que ta, nós participamo de vários tiroteio, então é tudo isso e outra vê as dificuldade do acampado , problema de saúde, alimentação, não é atola, cada um pra si, antes era tudo humilde.

O pessoal da ajuda com alimento ou vocês tem que se virar com tudo?

O sindicato, São Bernardo, ajudava muito os que acampava, a prefeitura, a igreja sempre ajudou.

Você participava do MST ou era outro movimento?

Não, era o MST.

Em relação aos outros movimentos, você acha que o MST naquela época era o mais organizado?

O MST era pra ser um dos movimentos mais poderoso do Pais, só que os cara, eu sai mesmo por causa disso, tinha cara que queria se beneficia.

Você pensou em desistir?

É que é muita coisa, os despejo acontecia sempre dia de chuva, dia de frio, pra castiga mesmo, entendeu, cê que aquela pressão psicológica, o que eu to fazendo aqui, passando frio, chuva, é uma pressão psicológica que se o cara não fosse forte desistia.

Muita gente você via indo embora assim?

Muita gente desistia, daí a gente era obrigado a um reforça o outro, aquele que vamo supor nois tava aqui, daí um ou dois queria desisiti, daí tinha que juntar, não vamo fica e a coisa foi difícil mesmo, eu fiquei praticamente entre os dois seis anos e participei de todas as ocupação de Mirante. Essas fazenda toda, praticamente as 32 de Mirante a gente participou, tinha coisa que a gente não aprovava, né, só que como a decisão era maior, ce tinha que ta, muitas coisa, a gente como coordenador a gente queria trabalha certo e tinha que, é que nem a política se entrou dentro da política, tem os bom, tem os ruim. Os bom que i junto e dos acampamento foi assim, ce via muita coisa, muita coisa errada, muita mentira, muita enganação e eu era um dos que sempre batia de frente. Até hoje, os cara me respeita só que eles sabe que eu sei tudo os podre deles e eu não posso falar muito.

Você falou que era coordenador, tem uma pessoa acima que fala tal fazenda pode ocupar, como que é, tem todo um mapa em volta, vocês sabem o lugar certinho?

Tinha tem, sim.

Em alguma vocês já tiveram contato com os próprios dono de fazenda ou empregado deles que barravam vocês? Ou os donos nunca botavam a cara assim?

Assim, eles faziam pesquisa que a no pontal é tudo terra devoluta, fazia a pesquisa e entra pro abate.

Qual a diferença da terra devoluta pra terra grilada, ou não tem diferença?

O grilo é uma terra sem documento, ai o que eles faz, eles pega um documento, coloca na gaveta e deixa o grilo rue, ai ele fica velho, mas é com documento falso.

Quando vocês participaram, aqui no município de Bernardes, teve alguma pessoa importante do município que defendia a causa de vocês, algum padre alguém ou era muito difícil ?

Aqui na época, quando vinhero, já vinhero com a fazenda praticamente liberada, as ocupação aconteceram em outras regiões e aqui já vinhero com as fazenda praticamente já propicio pra assentar já, viero pro emergencial, que dero o emergencial de 5 alqueire pra cada família pra depois aumenta pra sete.

Enquanto vocês acampavam o ltesp ajudava, tinha alguma função durante esse processo ou eles só tem depois que vocês ganham as terras?

Não, na negociação, pegava o emergencial, eles era obrigado a dar o primeiro a dar suporte, as casa de madeirite, fazia as documentação dos financiamento de 8 mês d alimentação pro assentado, hoje eles estão ai pra cuidar, orientar.

Quando você decidiu que é que nem você falou, você e o seu irmão sempre quiseram ter um pedaço de terra, as ideias que vocês tinham naquela época, foram realizadas a partir do momento que vocês ganham a terra, você conseguiu fazer tudo que você queria?

Tudo até hoje.

O que você mexe lá no seu sitio?

Tem leite, eucalipto, praticamente o meu lote é mais do que eu sonhei. Sonhava em ter um pedaço de terra e o meu foi mais.

Em que ano que vocês tiveram direito as terras?

Em 98.

E hoje mesmo você já tem a sua casa, você ajuda em algum acampamento?

Não, hoje no trabalho eu não só vendo, eu faço um trabalho social de orientar o produtor pra dar certo e o pessoal se fizesse isso, hoje a realidade do pontal era outra, tinha emprego pra todo mundo e minha batalha tanto nas política que eu participei. Até hoje eu tava pensando, se eles tivesse me ouvido, um projeto que eu tinha na cabeça e tenho, e que eu to empregado no meu trabalho e orientando o pessoal, hoje a realidade era outra, né, mas nem tudo depende da gente, depende das decisões lá em cima, e cê vê que os próprio assentamento tão acabando, o jovem ta indo pra cidade e o meu trabalho é tudo divulgar o jovem e tem vários jovem já inserindo no leite e vários mulher inserindo no leite, tem um grupo de 50 mulher tirando leite. Professora que dá aula, tira o leite, organiza a propriedade, então eu acho que o caminho do Pontal é se organizar na produção, se organizar na

produção, porque é uma corrente, mas professores, mais outras áreas. O fato é esse desorganização mesmo, só pensaram neles, muitos projeto furado que fala que tem sustentabilidade, fala d sustentabilidade, mas cadê?.Rapaz eu já tenho 10 vaca, qual que é o inicio ai, é trabalhar a produção da propriedade baseado nessas vacas, daí ta, baseado nisso daí , um projeto de horta, mas só que não acaba com o alicerce que é o projeto do gado. O gado hoje o alicerce do Pontal, se você vê toda a cidade que tem produção de leite, ta crescendo, você vai em Teodoro, é um movimento danado, você vai em Mirante , agora Bernardes não gosta de assentado. Bernardes assentamento é lixo. Tanto que você vê o abandono nosso aqui, tanto que eu parei com as cavalgada, parei com tudo e até ambulância nois tinha que paga pra Bernardes, não tem apoio, então pra que se vai ficar batendo, se cê vê que não vai. Nois ia faze um projeto de turismo aqui, eu tenho o projeto, as coisa escrita. A Luana fez um TCC sobre, ai ia faze de outra fazer, ai eu contei a história que a gente tinha um roteiro, tinha feito um curso de turismo rural , faltava alguém, daí ela escreveu pra gente e foi aprovado, teve a verba na mão da prefeitura e a prefeitura deixou ir embora, ou desviou, ai eu consigo um receptiivo da água limpa um restaurante baseado no valor de 15 mil reis, mas até agora não apareceu nada, daí eu desisti. Daí esses dia me procuraro o Sebrae, teve uma reunião pra faze um trabalho de turismo na região , daí parei.

Antigamente eram cerca de 200, muitas familias que participavam de uma ocupação que acampavam hoje da pra gente contar se a gente for nos lugares, principalmente se a gente for pegar aqui, você acha que não tem mais terras ou o pessoal ta desanimando da reforma agrária, não ta mais sendo uma realidade para o pessoal hoje aqui na região do Pontal?

Depende da situação, se a coisa se agravar mais, vai ter muita ocupação assim em termos de desemprego, né, de acordo com a necessidade do povo na época. Teve uma época boa, que todo mundo tinha emprego, tava todo mundo trabalhando, então pra cê vai, mas uma hora que a coisa aperta daí cê , po tem que da uns pulo e a forma mais fácil de viver sem dinheiro é na roça daí que se planta e come, e na cidade cê tem que compra tudo e fala em ocupação, as ocupação que eu participei todas foro bem grande de, a primeira foi umas quinhentas familias e a segundo foi quase 2mil e teve uma que foi em Epitácio que eu não participei que foro 4 mil pessoa, então teve na época. Em Epitacio foi um dois maior acampamento do Brasil, 4 mil pessoa, até hoje tem gente lá.

Você teve contato com o Zé Rainha?

O Zé Rainha quando veio da expedição, o primeiro barraco que ele morou foi o nosso, ficou um ano com a gente e eu tiro o chapéu pro cara, o cara é bom, ele quando ele chegou não tinha nenhuma fazenda ainda ganha, daí nois conversamo lá a noite sentado, moremo um ano praticamente junto, a barraca era de solteiro, eu meu irmão, mais cinco e o Zé Rainha ficou no nosso barraco. Ele falou, um dia esse Pontal aqui vai igualar Rosana com Prudente e ainda não tinha nenhuma, e hoje é o que aconteceu. Se não fosse ele hoje o Pontal não era o que é hoje com todas as dificuldades ainda tá bom, porque imagina Mirante sem 1500 familias , imagina o Pontal sem 6 mil familias assentadas, tudo na mão de 4, 5 fazendeiro, tudo isso, então a realidade mudou e muito e as vezes a cidade não enxerga isso e esse que é o problema, critica, ah os cara é vagabundo, eu trabalho no campo eu sei a dificuldade que o assentado tem, muito enganado, muita enganação e se tivesse

mas um respaldo do Itesp, tanto quanto desses movimento popular, ai realidade era outra, do governo, porque esse governo também não faz nada.

Nós lemos muito sobre a participação da igreja católica durante as ocupações, como ela participava?

O apoio moral, que sempre teve e alimentação, doação de roupas pros mais necessitados é isso que eu vejo.

Tiveram contato com o Padre João?

O padre João em Mirante foi bem positivo em Mirante, ele ajudou bem, eu praticamente conheci o padre João em Mirante, eles levavam o grupo de jovem para interagir com o nosso pessoal lá e fiquei conhecendo muita gente de Mirante por causa dele.

Se fosse hoje e você se visse naquela situação que você tava no passado que nem você falou trabalhando pra alguém, se fosse nos dias de hoje, você teria coragem pra enfrentar, tudo que você enfrentou?

Olha é que nem eu falei pro cê é a crise que faz a situação, não adianta eu falar se hoje, se eu to hoje onde eu to é por causa da luta que eu tive, se não fosse isso eu num tava onde eu to hoje, claro que assim financeiramente um não to assim, to rico, mas eu tenho minha casinha, tenho meu carro, tem um lugar de morar e trabalho ajudando os outro praticamente de graça que ganhar dinheiro não ganho não.

E quando vocês vão recebeu o numero de hectares é igual pra todo mundo ?

De acordo com o modulo e a fertilidade da terra. Vamos supor, você pegou terra melhor, o modulo é menor, você pegou terra mais fraca, o modulo é maior e também tem o pararrural que é para os aposentados que já é menor ainda tinha uns 3 alqueres.

Quando você participou tinha muito conflito com a UDR?

UDR é o inimigo numero 1 é o dos fazendeiros.

Teve alguma historia que ocorreu durante o acampamento que marcou assim, que você sempre vai lembrar, um medo que você passa, dava medo de ficar lá dentro?

Medo dava, as perna tremia quando tinha os tiroteio, mas cê tava lá, tinha que enfrenta, mas, quando cê ta na briga num tem jeito de correr, tem que enfrentar.

Valdecir – Por que eu sei que a realidade hoje do produtor é tirador de leite, não é produtor, a gente ta tentano transforma o tirador de leite pra produtor. Tirador de leite é aquele que tira de baldinho, eu ainda sou tirador de leite, por causa de situação financeira, que quem tira 30 litro de leite é tirador de leite, acima de 30 litro é produtor de leite. Daí já começa a produzir com mais quantidade, tem melhor preço e ocê, qual é a idéia? Orienta o produtor pra ter, vamo supor, não adianta você te pasto bom, compra gado bom e na hora de tira o leite sem higiene de qualquer jeito e a idéia nossa é vamo supor você pranto uma roça como você vai colhe se não tem como coloca colhedera, como que vai colhe bem pra você e não deixa toda a lavoura no chão, então a gente orienta que, dentro da manguera é o local da colheita do produtor. Ali ele vai colhe com qualidade e agente também vai ver higiene, como faze uma manguera com se você tivesse aqui dentro d'uma cozinha, por isso que as mulheres ta ino pra manguera, tem gente que chega em mim, puts a minha mulher nem ia pra mangueira, hoje é ela que vai, ela que assumiu

lá. Você chega na ordenha, igual a cozinha, então é outra realidade que a gente ta passando hoje, que é uma batalha. Eu no inicio como eu ia e acompanhava tudo isso daí eu fiz curso pelo movimento também de formação de cooperativa, fui tentei levantar aquela cooperativa lá do movimento sem terra mas vi que era uma panela e eu só levava porrada, então cai, e agora essa idéia que eu tenho que eu to trabalho pras empresa era pra ta acontecendo lá dentro. Imagina um assentado com esse respaldo que a gente tem, com a produção do leite do assentado, nois mesmo fazemo o projeto, pro próprio assentado. Que é assim, todo lugar que eu trabalhei, eu coloquei gente assentado pra trabalha junto comigo, a Leticia Marinheiro, filha de assentado e trabalho junto comigo, fez engenharia de agrônomo e ela que fazia os projeto pra mim, que antes era outros cara que fazia o projeto pra mim, da empresa e como eu vendia bastante, daí ele não deu conta e pediu pra mim indica uma pessoa, daí eu indiquei ela, essa colega minha e ela aprendeu o fazer isso. Então hoje nois tinha condição de faze esses projeto todo pros assentado, só que cooperativa é de quem de meia dúzia, não é do assentado, isso é a minha revolta, isso é, daí duns tempo pra cá , me revoltei com esses cara, me revoltei com essas política ai que ajuda e depois pensa que vai te um respaldo e não tem. Daí eu chega numa época política e todo mundo vem atrás de mim, é Devanir, é uns quatro, cinco candidato que vem atrás de mim, só que daí usa o meu conhecimento e eu penso que vai ajuda o povo e não ajuda nada , tudo os projeto que prometero, cadê? Nois fizemo cavalgada aqui, dez cavalgada sem cobra alimentação do povo, tudo com a comunidade ajudano. Daí esse ano eu falei, não vo faze mais, não adianta nois fiquemo, tivemos que tira 200 reais do bolso ainda, procê dá alimentação pra 70 pessoa.

JOSÉ SOBREIRO FILHO (NINO)
UNESP – PRESIDENTE PRUDENTE

DATA: 10/08- 15h30

MEIO: Pessoalmente

Qual a importância da questão geográfica no cenário do pontal?

Pra entender a geografia é uma questão muito simples e complexa ao mesmo tempo é porque os com suas possibilidades, as culturas elas tem as suas bases em condições climáticas em condições de solo, em condições de relevo, quando você pensa que os solos das montanhas em Mendoza na Argentina, você vê que de acordo com as estações do ano os povos tem determinados tipos de comportamentos. Quando eu penso por exemplo Reforma Agraria aqui no Pontal, eu tenho que pensar que o nosso solo é arenoso, então só o fato do solo ser arenoso, ele vai impactar na produtividade da terra e impactando na produtividade da terra, eu preciso de uma maior quantidade de área pra sustentar uma família, porque existe uma equivalência entre a porção de área e aquela que é pra família, então eu só consigo identificar e entender isso de acordo com os elementos com que compreende a geografia, por exemplo, a incidência de chuvas aqui por exemplo, precipitação, eu tenho que pensar nisso também então pra eu fazer um cálculo de área de quanto que uma família necessita por exemplo eu preciso entender esses elementos. Aqui nós estamos numa área que aqui ela é mais plana, é uma área de interflúvios amplos, então quer dizer, os rios estão distantes e isso quer dizer que é menos montanhoso nesse caso, facilita muito, se tivesse por exemplo um processo

de mecanização, mas como os elementos econômicos aqui eles são bem limitados, as pessoas não conseguem fazer isso, mas ao mesmo tempo não cria muita dificuldade e precisa de muita mão de obra para você poder fazer colheita nessas condições. Entender a geografia nesse caso, assim em termos de condições físicas é fundamental, agora quando você pensa no ponto de vista da parte humana a coisa se complexifica ainda mais, porque nós temos por exemplo um histórico aqui de depredação ambiental muito forte e que isso empobreceu muito o solo, vocês pegam o capítulo 1 da dissertação vocês vão identificar isso e esse processo de desmatamento tirou a maior parte dos recursos do solo, então, por isso que importante entender os processos espaciais, como que isso vai se dando no tempo pra poder analisar a região, contextualizar a região. Hoje nós temos, mais ou menos uns 4 por cento da vegetação que nós tínhamos no passado, então eu compreendo que é importante por causa disso, viver os processos e se identificar como ser humano no tempo e no espaço.

Como se procedeu essa idéia desse assunto pra tese?

Quando eu resolvi fazer esse recorte pra dissertação é porque eu pensei no seguinte eu falei assim, olha eu quero mostrar qual que é a justificativa desses nossos movimentos sociais no Pontal do Paranapanema, então nada mais eu pensei do que a sua própria primeira pergunta. Eu quero mostrar que na realidade a justificativa, a existência desses movimentos, está relacionado a um passado de apropriação ilegal de terras, que é histórico no Brasil quando você pega as primeiras políticas e colonizações levadas a cabo pela Coroa Portuguesa, você tem nada menos do que uma distribuição de extremamente desigual que corroborava suas elites e que isso teve os seus limites, porque não passou muito de uma franja litorânea no Brasil. Ai quando vieram outras estratégias, ações do governo, dos impérios de tentar comunizar a parte do interior e se converteram em grandes possibilidades pra falsificação das terras e é ai que eu começo o trabalho no Pontal do Paranapanema, pra mostrar que é o seguinte, a existência desses movimentos, está atrelado a um processo de falsificação, que eles estão reclamando nada menos do que uma dívida interna histórica e que é o direito de todo cidadão e nada mais é que mostrar pra sociedade e dá uma aula pra sociedade sobre um outro possível modo de se viver e pensar o espaço e que nós desmunidos desse instrumental teórico analítico, nós não realizamos esta luta. Nós não reivindicamos os nossos direitos, e nós fazemos o processo contrario, nós julgamos essas pessoas como pessoas mal intencionadas. Quer dizer, a gente não consegue nem identificar o mínimo que eles vão gerar de impacto pra gente, uma produção agroecológica, então caminha nesse sentido, eu vejo isso como produto de um estado, de um governo extremamente fraco que não dá pra gente a educação necessária pra gente ter uma noção crítica sobre esse fenômeno. Eu me ative a chegar no primeiro sujeito que se arriscou a chegar aqui, porque no começo em que começam a existir as falsificações no estado de São Paulo, as pessoas chegava no estado de São Paulo, até a vila Botucatu, que era, imagina o município de Botucatu, que está no meio do estado praticamente, então, dali pra frente nos mapas, se você pegar os mapas que tinham naquela época, por exemplo, o relatório da Comissão GeograficaGeologica de 1886, essa porção oeste do estado de São Paulo, era tido, tava nos mapas, terras habitadas por selvagens, indígenas, então nesse período antes de 1850, quando começa a falsificação, esse período, a parte inteiro do estado de São Paulo era isso. E ai você imagina, quando você tem a lei de terras você cria um espaço de seis anos pra fazer um registro, então eu fui tentar entender

e identificar esse sujeito que é o José Teodoro de Souza, como que ele sai de Mogi, quer dizer ele era do sul de Porto Alegre, do Sul de Minas ele vai pra Mogi, onde ele fica sabendo que essas terras ainda não eram conhecidas e ele vai pra lá, conhece isso, volta, junta um pessoal e sai pra lá, pra fazer o registro disso, porque ele era analfabeto, e aí nesse registro inclusive, ele é roubado pelo cunhado dele que é o João Oliveira da Silva. Então isso é muito interessante, é uma história de roubo, sobre roubos, é um grilo sobre o grilo, porque ele vem e de João Ramalho pra cá praticamente ele grila tudo, até as barrancas do rio e claro cheio de ilegalidade nesse processo, só que quando ele volta pra fazer esse registro nesse período, quando se findou já os seis anos e aí eles fazem o que, falsificam as assinaturas dos freis, ele faz isso em um período concomitante ao grande herói da cidade de Presidente Prudente, então o Goullart, só que o Goullart é grilado uma superior que se chama Boa Esperança do Iguapei, então eles fazem esse processo e o Goullart era um cara mais educado, o Goullart era um agrimensor, então ele já tinha as experiências. É muito interessante, isso acontece em vários lugares do Brasil nesse período no Brasil, inclusive eu até cito numa parte final do segundo capítulo, tem músicas que falam sobre isso, Jacó e Jacozinho, uma música chamada O Ladrão de terras, Tio Carreiro e Pardinho, O Mineiro Italiano, então as músicas e os elementos desses imaginários, daquele período, entende, então isso é muito interessante quer dizer, a coisa não tá dispersa é uma história que eles já fizeram questão de acabar, porque claro quem tomava conta, quem é os fazendeiros, também eram os juizes, também eram os engenheiros, eram pessoas letradas, então eles fizeram conta de apagar essa história pra poder promover isso daqui. Isso é uma grande loucura. Eu fiz questão de chegar no princípio primeiro pra mostrar como esse processo de grilagem foi acontecendo e depois como as pessoas vão roubando ele, porque ele era analfabeto, o cunhado rouba ele e depois as pessoas trocam e ele acaba com o filho como morador de rua. Um dos caras de mais roubou, que mais grilou o filho acaba como morador de rua, tem um livro do Armando Nogueira cobra, eu cito esse livro e eu tenho uma cópia dele, porque esse livro quase não existe mais, ele é de 1927 ou 37 eu acho que eu tenho digitalizado e posso mandar pra vocês, só que ele é chatíssimo, dá desespero, insônia, você tem mania de perseguição, na metade do livro, então ele é muito chato. Esse Armando Nogueira Cobra, era advogado da família acho que Furquim também e ele conhecia muita dessa parte dos processos que acontecia, até lá ele descreve partes como os indígenas eram assassinados, mas são coisas assim bem brutas, bem pesadas, que vai mostrar todo o passado de violência no qual a estrutura fundiária, do qual o Pontal do Paranapanema foi se dando, mas então fui identificar tudo isso pra poder chegar e mostrar que na realidade a luta dos movimentos, é uma luta totalmente legítima, é uma luta que expressa complexificação de um processo social, que a gente tá olhando um movimento que tá tentando avançar em termos de sociedade.

O que é protomovimento e qual o seu objetivo?

Um protomovimento ele ainda não apresenta suas características enquanto movimento, eu até uso como sinônimo de proto, a ideia de quase movimento, porque pra você ser um movimento você precisa se reconhecer enquanto movimento. O José Teodoro de Souza, ele organiza as pessoas, existe um espírito de corpo, existe uma pauta, existe uma bandeira, mas ele não se declara enquanto a isso, enquanto movimento. Você não tem uma agenda tão bem estabelecida, você não tem campanhas, então você não tem os elementos de um movimento, mas você pensa, você racionaliza o espaço esse movimento então racionaliza o espaço, ele

pensava o tempo e espaço e ele tinha um objetivo, de conquistar aquela determinada terra, então a conquista daquele território era um trunfo para ele, era o que justificava a existência dele e ele organiza mais pessoas em prol aquilo. Conquistar as terras do pontal mesmo que por meio da ação, era a essência da existência dele, foi um motivo pelo qual ele se organizava e pelo motivo pelos quais ele se realizava.

Como se dividiram as etapas da marcha do capitalismo rumo ao oeste do estado de São Paulo?

A marcha do capitalismo ela já começa do meu ponto de vista com José Teodoro, ele foi o pioneiro nisso, porque só a área oeste do estado de São Paulo, ela era despovoada, só o fato do José Teodoro de Souza ter se deslocado, até aqui, ele já se desloca trazendo valores capitalistas na sua lógica, porque ele se desloca com o sonho de ter uma propriedade. A noção de propriedade privada ela é um dos alicerces da lógica capitalista, pra você explorar via de regra você precisa de uma estrutura que vai te permitir aquilo e a propriedade privada figura uma parte esse alicerce, é um dos tripés do capitalismo, então ele é o pioneiro, a partir daquilo ele começa a retorna em varias viagens para o Sul de Minas Gerais em um período de baixa orifera e onde havia ali uma perseguição aos trabalhadores que estavam desempregados para levar eles pra ir pra Guerra do Paraguai. Ele começa a ver nessa oportunidade que foi a grande sacada dele de ir lá, pegar essas pessoas que estavam correndo, que não se sentiam assim tão patriotas pra ir pro frente de batalha e trazer pras terras dele e ele trocava essas terras, ele a noção de comercialização daquelas terras, porque é muito interessante, ele realiza isso, num período em que a gente o marco da propriedade privada no Brasil que é com a lei de terras. A lei de terras ela é fundamental pra gente entender a propriedade privada no Brasil, porque antes as terras eram todas por concessão , a partir da lei de terras, opa agora é propriedade privada então é um marco significado, ai ele trás, nesse marco significativo essa noção de propriedade privada pro Pontal, ele foi o pioneiro. E ai ele vai arregimentando essas pessoas até o Pontal pra comercializar essas terras, ou trabalhar pra ele, e ai por exemplo, ele acaba fazendo trocas, como eu dou exemplo ele faz uma troca de um escravo que tocava acordeom, por vinte mil hectares, alqueires de terra , então ele começa a estabelecer relações de consumo e compra lastreada em lojas de exploração, bom e ai ele começa a comercializar essas terras e esse processo vai se complexificando, porque as pessoas vão trazendo parte dessa lógica pra cá também. Nesse sentido a gente também tem o grande choque com as culturas indígenas, porque são choques de valores, as culturas indígenas tinha a noção de propriedade comunitária, já eles não, era de propriedade privada individual, não comunitária. Um dos primeiros conflitos se estabelece quando os indígenas começam a adentrar nas casa das pessoas e pegar os utensílios de cozinha e levar para o mato, porque não existia a noção de meu, seu, eram outras noções, pode ser o meu, seu na comunidade aldeia, mas era o meu seu que pode ser utilizado pra outras pessoas também, quando entram em choque com homem branco, e ai que aparecem os primeiros conflitos, até o próprio extermínio dos indígenas também é fruto dessa primeira etapa do capitalismo aqui, porque você tinha que fazer limpeza territorial também, então isso veio com o extermínio indígena e veio em forma de desmatamento também. As primeiras formas de você assegurar uma terra que não tinha legitimidade era na verdade desmatando ela, pra falar assim, estou ocupando aqui a muito tempo, uma das primeira estratégias pra sustentar o grilo era desmontar casas de outras regiões de

trazer pra cá e montar aqui pra falar que aquela casa era de madeira muito antiga. Eles faziam isso inclusive com arvores frutíferas, árvores grandes e eles plantavam elas de maneira alinhada, porque ? porque a natureza ela é dialética, a natureza não planta em forma de linha, se você planta em forma de linha é uma forma de você fazer o que, construir a paisagem nós estamos modelando a paisagem, a natureza ela modela mas não de maneira linear, então a antropização da paisagem, então é uma forma de falar o seguinte, olha essa árvore é frutífera, pra ela chegar nesse tamanho ela demora 30 anos, então quer dizer que nós estamos nessa ocupação aqui a 20,30 anos, antes da lei terras, então pra isso e pras casas. Isso tudo aqui é fruto desse primeiro flanco de estabelecimentos do capitalismo aqui, só que ai depois começam a vir as primeiras culturas, porque ai conhecendo esses primeiros grupos, a gente tem culturas de auto-sustentação, criando porcos, criando milho em pequena escala, produzindo milho em pequena escala, produzindo arroz, então culturas mais restritas. Depois disso começam a vir alguns ciclos e alguns deles vocês já conhecem, o ciclo do café que foi um dos mais importantes, sobretudo essa região do oeste do estado de São Paulo, alinhado com o norte do Paraná, que era uma área também de eximia produção, depois tem a decadência na década de 30 que a gente já conhece bastante de 29, até a quinta-feira negra dos Estados Unidos que é famosíssima e ai depois outras pequenas culturas vão se estabelecendo, mas o Pontal nunca teve uma participação extremamente significativa em termos econômicos no Brasil. Isso é fato, depois do café a gente tem algumas culturas, alguns ciclos vão ser significativos, mas o amendoim, a menta, o algodão, tanto que tem algumas rugosidades que são resíduos disso na nossa própria cidade por exemplo de Prudente, ao lado da Toledo tem algumas fabricas que vão exemplificar isso, o Instituto Brasileiro do Café , um dos exemplos disso, então a gente tem alguns resquícios, são poucos, as são espaços que são testemunhos desse período. Mas o gado, a produção gado sempre acompanhou tudo isso e o gado sempre foi o principal responsável pra mascarar a produtividade da terra, o gado sempre foi a sacada .Por isso que o gado ele co-existiu com todas essas outras culturas e hoje a gente tem o estabelecimento da cana, a cana se estabeleceu em detrimento da soja, porque a soja foi muito mal estabelecida aqui por causa de longos prazos sem chuva, que é um fenômeno chamado Veranico, por isso que não deu muito certo no Pontal do Paranapanema, se vocês passarem por exemplo indo pra Teodoro Sampaio por Sandovalina, vocês vão passar perto de um acampamento chamado DorcelinaFurlador, ele já fica quase ali na barranca do Rio Paranapanema e ali do lado direito tem a fazenda São Domingos, a fazenda São Domingos, tem uma estrutura muito grande, abandonada, plantava soja, eu fiz ocupação com o movimento. Vocês tem que entender que a Reforma Agrária ela não foi feita pra dar certo, isso é a primeira coisa, o sonho de vocês tem que acabar assim, porque que muitos assentados da certo, porque as pessoas trabalham muito, essa é uma das principais coisas que me levam a acreditar muito, porque as pessoas imagina, você mora na beira da rodovia, no seu barraco, ai você ganha o lote, o que eles fazem, eles vão lá e te transferem pro lote e ai você sai do seu barraco e você tem que colocar em produção 17 hectares de terra e com os mesmos recursos que você tinha aqui, como é que você vai fazer isso? E ele vão lá liberam três mil pra construir uma casa, cinco mil pra alguma coisa ali, e ai depois libera 20 mil pra compra vaca, ai o cara compra dez vaquinhas, todo feliz, pra ele foi um grande salto, porque ele não tinha nada, mas você imagina o quanto de trabalho que esse sujeito teve que dispor, olha o dispendo de energia,pra ele conseguir desenvolver isso. Então quer disse tem até um cara chama Chayanov, ele vai falar sobre a unidade produtiva, a

lógica familiar da unidade produtiva e ele vai falar sobre a penosidade do trabalho. Quanto mais acirrada é a situação em que a pessoa se encontra maior ela vai se dispor a um grau de auto-exploração, onde a penosidade, é extremamente elevada e o sucesso desses assentamentos provém desse casamento entre a elevada penosidade e essa auto exploração, é muito interessante você ver isso na pratica, como que os governos não tem interesse nisso, eles oferecem as piores terras, em porções pequenas , não dão recursos e essas pessoas ainda conseguem se matar em fazer isso, mas obviamente é menos da metade do que eles demoraram pra ter. As pessoas demoram 20 anos, pra conseguir desenvolver isso, porque é do interesse da bancada ruralista, que a Reforma Agrária, nunca dê certo, porque você imagina, se todos esses lotes dessem certo, muito certo, igual a gente, tem uns que as pessoas tiram 7 mil reais por mês, 6 mil reais por mês, imagina se tudo isso desse certo, será que a gente estaria pagando caríssimo num preço de tomate, quer dizer se a sociedade se convencer de que a Reforma Agrária valia muito a pena. A gente deveria fazer isso de uma maneira efetiva e não paleativa.

A gente uma cultura do patrão e dentre essa lógica do patrão uma cultura de idolatria perante os grandes proprietários de terra é quase noção feudal em determinados modos, em que por exemplo, as pessoas se orgulham que trabalham pra determinada patrão, ao mesmo tempo que, a gente vai ter aqui no Pontal ao mesmo tempo estruturas extremamente modernas e avançadas que são referências no mundo tal como a usina da Odebrecht, nova conquista do Pontal, em que nós temos colheitadeiras controladas por GPS, tudo monitorado o tempo todo,ela é uma usina auto sustentável que inclusive vende energia elétrica pra Usina de Itaquarussu, porque ela processa o bagaço da cana e ela transforma isso em energia. Ela tem uma estação de água pra tratar a própria água dela, então ela é auto sustentável, ao mesmo tempo nós temos isso, nós temos pessoas que vivem em acampamentos em condições desumanas e nós temos o capitalismo de laços antigos, onde a pessoa respeita o patrão, o latifundiário, porque ele fala assim, ele é igual a gente, ele senta na mesma mesa pra conversar com a gente, onde que essas figuras, esses imaginários são criados pra que?, pras pessoas idolatrem eles. O mesmo acontece em Presidente Prudente, com o reitor da universidade de vocês, que é o Agripino Lima, onde ele em dois mil e alguma coisa, não lembro, vendeu o carro dele e comprou tudo brinquedo pra criança e falou que ia andar a pé, porque tinha recebido uma mensagem de Jesus de Nazaré, por exemplo, é uma das formas de populismo, clientelismo e coronealismo que nós temos e a história de Presidente Prudente, ela é uma história traçada nessa linha sabe, se vocês pegarem a tese de livre docência do Diógenes de Abreu,é um professor que vai falar sobre essas políticas, da sucessão, Antônio Sandoval Neto, por exemplo que foi um dos maiores grileiros, a minha avó trabalhou de empregada pra ele e ele era um populista, ia comer comida nordestina escondida na casa da minha avó, que era da Bahia, só que era um escondido que as pessoas sabiam e falam assim: Isso é gente da nossa gente,mas não era gente da nossa gente, tem loucuras assim.

Dentre as produções agrícolas quais mais se destacaram no estado de São Paulo, mais em específico na região oeste?

Agora a gente vive o auge da cana, mas eu acho que não dá pra ser, antes da cana, a gente teve uma tentativa da soja, muito mal sucedida, mas antes eu até estabeleço na minha própria dissertação e ai tem dados pra vocês , vocês podem olhar lá,essa cultura do amendoim que teve um período rápido, algumas hortaliças que teve um período rápido também ,a menta sobretudo a trajetória, a influencia

japonesa aqui, e o algodão e antes o café claro, o café foi fundamental, inclusive a nossa estação aqui era importantíssima pra distribuição de café. Antes disso, por isso que eu falei pra vocês que sempre conviveu, co-existiu a gado com tudo, por exemplo o primeiro lugar a ser criado na região pra ter uma importância foi em Indiana, porque Indiana era um entreposto, a nossa região não tinha importância por si mesma, mas na lógica reticular, como um ponto importante, porque o gado vinha do Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, região de Vacarias e aqui em Indiana ele parava pra engorda, era quase o mesmo trecho que nós chamamos de Raposo Tavares, que era a estrada boiadeira na época, era um trecho muito parecido. Dali depois nós temos, o gado começa a estabelecer aqui, aí depois entra o café, o algodão, a menta, então são esses ciclos assim, que são as ocupações principais que desenvolveram as cidades.

Como aconteceu o processo de ocupação rumo ao oeste paulista e qual foi a realidade encontrada nessas ocupações?

Foi basicamente como eu expliquei pra vocês, pra entender a história do Pontal, a gente precisa entender a história do País, e um pouco de América Latina, a chegada das primeiras pessoas no Pontal, está relacionada a Lei de Terras, como eu mostrei pra vocês, até então era uma região desconhecida, uma região que tinha necessidade de ser desbravada e esse termo é extremamente pejorativo, porque ele vê os indígenas como os bravos. Era como na Europa as pessoas chamavam os Nórdicos de Barbaros que eram os pagãos porque tinham outros deuses, então havia essa mesma lógica para cá, então esse José Theodoro de Sousa no auge do desenvolvimento do capitalismo aqui no Brasil, foi por causa da instalação por meio das sociedades privadas da lei de terras, ele acaba vindo para a região, ele acaba montando um grupo, regimentando esse grupo, para fazer um registro das terras, e a partir dali então ele aciona uma estratégia pra promover a vinda dessas pessoas para cá, para ele amplificar o processo de comercialização dessas terras, e é a partir desse comércio que aparecem a surgir os primeiros núcleos urbanos, eu até tenho um mapinha lá onde exemplifico isso. São José dos Campos novos, que hoje a gente chama de Assis, uma cidade que não é Quatá, é alguma coisa do Turvo, fica ali perto, ele vai fundar três cidades, ele nem tinha chegado ainda, onde a gente vai chamar de Pontal ainda. Quem vai chegando aqui depois é os grileiros do grilo dele, uma via de regra de quem roubou ele, e numa franja superior chega o genro dele, e numa franja inferior chega o cunhado dele, que foi um dos que derrubou ele. Então, esses três sujeitos aqui do pontal, eles fizeram um trabalho precursor, foram os pioneiros dessa ocupação, claro, depois eles vão trazendo outras pessoas que sabendo das ilegalidades vão fazendo mais grilos dentro do grilo. E aí começa a se estabelecer uma guerra, tem até um trecho do José Ferrari Leite em que ele fala sobre a figura do quebra milho, aqui já na década de 40, 30, por aí, nessas datas. Ele fala que era muito comum ver corpos de famílias inteiras boiando pelos rios, por conta dos conflitos por terra. Se você escrever no localizador no pdf, escrever assim, quebra milho, vai aparecer esse trecho, na minha dissertação. Tanto que o começo da dissertação é meio pesado nesse sentido, que eu vou falando sobre a violência mesmo que acontece com as pessoas. Então você tinha esse período muito forte de comercialização das terras estabelecimento do grilo, levado por esses três sujeitos, só que esses três sujeitos sabiam ao mesmo tempo que as terras deles não seriam tão valorizadas quanto se elas fossem legais de fato. Eles passam a assumir diversas estratégias pra tentar a legitimidade da posse da terra, e aí eles entram em diálogo com o Goulart, que é o Manoel Goulart, tem dois Goulart na história, e aí

muitos autores se confundem, porque assim, esse é um problema sério, vocês vão olhar lá que eu coloco várias notas de rodapés, porque muitos nomes se confundem quanto a ordem, porque o João da Silva, que é o cunhado, uma hora é João Oliveira da Silva, outra hora é João da Silva Oliveira, outra hora é só João da Silva, porque não tinha essa preocupação, esse critério com os nomes das pessoas, tanto que muitos autores confundem o Goulart pai com o Goulart filho, mas um morre em 1914 mais ou menos por aí, e aí o outro passa a levar, ele herda as coisas do pai e vai tentar levar isso para frente, você vai ver que é uma zona, mas eles entram em diálogo e falam o seguinte, olha, já que o estado não quer reconhecer nossas terras, porque eles vão tentando legitimar de vários modos, o que que nós vamos fazer ? Nós vamos fazer uma permuta, nós vamos trocar uma propriedade pela outra, porque a gente não consegue registrar as terras, mas uma permuta a gente consegue registrar. Então a permuta, se o estado reconheceu que ocorreu uma permuta, a gente pode usar isso como um reconhecimento de que, olha, só se troca aquilo que de fato é seu, então essa foi a estratégia deles, falaram olha, vamos trocar aquilo que de fato é nosso, então eles fizeram a permuta, a partir da permuta eles vão intensificando aquilo, só que os agentes do estado sempre vem para o pontal para tentar, olha, vamos verificar se isso aí tá acontecendo mesmo. Aí uma das principais cartadas do Goulart, que já virou o dono do pontal, a família do Gouveia que é um dos que tinha roubado eles também, você vai ver que é uma zona, eu até faço uns organogramas assim, para ficar mais fácil, o Goulart, ele solicita no Ministério da Imigração da época, a locação de estrangeiros e colonos. E aí o ministério declara numa nota assim, recorrência do direito de alocação de estrangeiros em suas terras. Esse em suas terras foi o argumento necessário para ele começar o processo de alocação na comercialização das terras. Foi daí que vieram muitos imigrantes para cá, tanto que em Venceslau na época, a segunda língüamais falada era o alemão, você tinha várias cidades que era isso, até existe uma colônia chamada Colônia Aimoré, que o Armando Pereira Antônio, é um pesquisador, ele faz um trabalho sobre isso, uma dissertação do mestrado dele é sobre isso, tem na biblioteca da Unesp aqui também, e ele inclusive mostra os folhetos em alemão sobre as terras do pontal, que eram apresentados na Alemanha, que as famílias trouxeram, só que chegaram aqui e descobriram que era uma grande sacanagem, e aí, essa colônia ainda existe em Venceslau, ela ainda existe, se vocês procurarem vocês conseguem chegar nela. E tem gente dessa época que está vivo, tem dois ou três que estão vivos. _Gabriel_: Você disse que pessoas desse período estão vivas. Você tem informação de quem são ? _Nino_: Olha, o professor Thomaz, Antônio Thomaz Junior, vocês já ouviram falar dele ?acho que já. Ele tem um contato nessa colônia, ele até me chamou para ir lá com ele, só que eu tive que viajar, acho que eu fui para a Argentina, e eu não pude ir. Ele foi fazer um trabalho de campo nessa colônia, essa colônia vem desse período e o trabalho desse cara é um trabalho muito bom, é uma dissertação de mestrado. Esse trabalho é muito bom, o do Vasques também, acho que é Cláudio Branco Vasques, ficou legal, só que em determinado ponto ele fica muito descritivo, então o comecinho dele para vocês seria muito bom, e claro, o José Ferrari Leite que é uma leitura obrigatória para quem vai tentar entender alguma coisa do Pontal. É que eu vou misturando todos assim, então eu pego o Giores, que eu falei para vocês, ele explica a parte política, todos esses laços, quem era o Seravo, quem era o Goulart, quem era o Marcondes, porque o Marcondes e o Goulart depois eles assumem uma postura de protagonismo na região. O Marcondes entra na região quando o pai Goulart morre, e aí o filho acho, comercializa dois terços dessa terra para a família

do Marcondes, só que o Marcondes ele era um político em São Paulo, então o Marcondes ele disputava a hegemonia da cidade aqui, mas ele disputava a distância, ele quase não conseguia vir para cá. E aí que nós temos uma divisão da cidade de Presidente Prudente, onde a Marcondes é muito menos desenvolvido do que a Goulart, porque elas surgem na realidade como duas vilas. Vocês sabem mais ou menos a história né ? _Tamires_: Da Vila Marcondes ? Eu já morei lá, a minha avó conta as histórias que lá era um sítio._ Nino: Então é muito complexo, porque na realidade está relacionado a esses vícios políticos daqui, aqui ficava o limite da área que era de posse do Marcondes e aqui era o Goulart, só que o Goulart morava aqui. E aí o que o Goulart fez ? Aqui é a estrada de ferro que divide as duas, daí o Goulart falou o seguinte, eu quero desenvolver o meu lado porque eu quero valorizar as minhas terras, então o que ele fez ? Ele doou terreno para a primeira escola, Arruda Melo, ele doou terreno para a Catedral, aí ele doou para as praças então todos os principais atrativos da cidade vão ficando do lado dele, e aí depois ele consegue uma sacada genial, que é que a saída da estação ferroviária fosse construída para o lado das terras dele. Então quer dizer, as pessoas que chegavam por aqui, saíam com as terras dele, e ali ele cedeu terreno para a construção dos primeiros hotéis. Então você cria as condições necessárias para o cara ficar ali, para ter vínculo na terra dele, e tudo isso era uma forma de, claro, valorizar todo o resto da porção dele. Então quer dizer, o cenário político era utilizado para isso, e a gente tem visto isso até hoje

Como funcionou a comercialização de terras no Pontal do Paranapanema?

Os grileiros eram os maiores beneficiários, nesse caso que o Armando Pereira Antunes vai exemplificar, são ações de algumas companhias colonizadoras, elas conseguiam determinadas porções de terras e elas saíam por aí para vender elas. E era uma das principais formas de gerar capital, porque você explorava pessoas, principalmente os imigrantes, você explorava pessoas que não tinham mais opção. São pessoas que vinham da Europa, de onde eles eram os Sem Terra da Europa. Quando a gente fala os sem terras, os sem terras já começam ali, vira uma mescla, entre os sem terras da Europa com os sem terras negros, que é um dos maiores crimes da humanidade o que nós fizemos aqui com a população negra, que nós exploramos ela a medida que era interessante, depois a gente joga ela na rua sem direito a nada. E ali eles começam a elaborar um procedimento documental que nós vamos chamar de protocampesinato naquele momento. Eles vão ser os camponeses, e aí os sem terras do Brasil ele é a mistura dos negros, os sem terras europeus, que vieram ainda claro, numa posição mais valorizada, porque eles eram brancos e dos indígenas em determinadas porções, porque diferente da colônia espanhola, que não tinha matrizes na África para trazer os negros, a gente tinha, então por isso a gente exterminou boa parte dos indígenas. Por isso que nós somos pouco miscigenados, diferente do resto das colônias da Espanha, que usavam mão de obra indígena. Essa porção de comercialização vai se dar em boa parte com esses imigrantes, e outra parte, claro, com os grupos mais privilegiados. Só que por exemplo, no Pontal do Paranapanema você tinha um sério problema que era o de ilegitimidade da terra, a ilegitimidade da terra jogava o preço lá embaixo, mas mesmo assim eles continuavam vendendo. Se você observar, por exemplo, a tese do Cláudio Branco Vasques, ele vai mostrar que os maiores fazendeiros eram os políticos. Então vocês viam que quem iam comprando isso eram os políticos, normalmente era prefeito, pessoas que tinham cargos importantes, juízes,

advogados e tudo mais. Então, mas essa comercialização se dava por esse sujeito também, e esses também foram os grandes promotores do desmatamento, uma coisa se dava com a outra, mas essa comercialização ela se dava acompanhada de um processo de falsificação dos documentos, e essa falsificação de documentos se dava ao mesmo tempo em que ocorria o desmatamento. Por que eles falavam assim, “Olha, essa terra é minha”, mas como essa terra é sua se só tem mato aqui? Você quer alegar que ela está ocupada faz vinte anos, mas só tem mata. Aí que eles faziam o que, aconteceu isso com os colonos também, eles diziam o seguinte, olha, se vocês limparem esses mil hectares aqui, eu te dou 30, 40 hectares para a sua família. Só que quando eles terminavam o serviço depois de dois, três anos eles eram desapropriados. Quer dizer, os patrões não cumpriam com as palavras, e ali, dessas relações não cumpridas que vinham muitos assassinatos, eles diziam, você não vai sair da terra, a terra é minha, então mata a família inteira. Então acontecia muito dessas coisas assim, mas aí é uma comercialização totalmente questionada, que foi muito prejudicada em termos de legitimidade, e claro, essa comercialização não transformava essa terra ilegal em algo legal, por isso que a gente tem um processo extremamente moroso hoje para a criação de assentamentos, porque você chega no proprietário, entre aspas, e vai falar assim para ele, olha, você não é o dono disso. Mas não, eu comprei de não sei quem, eu paguei de modo legítimo, eu paguei. Tudo bem, mas ele roubou, a gente não pode fazer nada, isso é uma relação entre vocês. O Estado não pode ser lesado. Isso é uma questão básica, o Estado não pode ser lesado de modo algum. Então esse processo de comercialização se dava acompanhado dessas outras relações, é para além disso. É muito difícil explicar isso assim.

Eu percebi que aqui na entrevista e na sua dissertação você citou muito sobre José Theodoro de Sousa, existe algo de mais importante dele e da sua família em relação ao pontal?

Esse cara é um dos principais para a gente entender o pontal. Eu até uso uma música do Jacó e Jacózinho, que meio que faz uma alusão, se chama Terra Bruta, inclusive tem um romance, que eu não conseguir ler ainda, mas conversando com um professor ele leu, que é uma ficção que fala um pouco sobre a história do pontal, tem na biblioteca aqui. E nessa música do Jacó e Jacózinho, que também se chama “Terra bruta”, vai falar sobre a chegada desse sujeito em uma determinada área, como esse sujeito ele arruma a casa, ele organiza as coisas, ele enfrenta os primeiros indígenas, ele abre a floresta, ele faz a cama para as pessoas deitarem. E ele morre sem aproveitar, bom, julgando isso de uma perspectiva judaico-cristã a gente acha isso maravilhoso, mas ele roubou todo mundo também, mas de certo modo é lastimável ele não ter gozado daquilo, mas ele foi o protagonista, de ter arregimentado, ele foi um visionário. Ele arregimentou o futuro de muitas pessoas ali. Então ele foi, digamos assim, o protagonista por trazer as primeiras pessoas, por despertar o interesse para determinada porção, que depois essa porção do estado de São Paulo seria inserida dentro da lógica de acumulação do capital. Quando a gente tem o estabelecimento da pecuária por exemplo, que depois vieram os primeiros frigoríficos aqui e aí aqui assume uma porção com um papel importante na exportação de carne, por exemplo, de carne e outros utensílios, especialmente durante o período da guerra mundial, então ele começa a colonizar, então no ponto de vista da colonização ele teve um papel de protagonismo. Óbvio que em detrimento de populações indígenas, então foi um protagonismo que foi acompanhado de um extremismo muito bruto, que favoreceu um pensamento que já

era hegemônico nesse período, que era dane-se os indígenas, dane-se os negros, o que importa são os brancos. Então quer dizer, a gente já perdeu muito da cultura indígena, tanto que falam assim, o que restam de indígenas no pantanal são os nomes dos rios e alguns nomes de cidades. Não resta mais nada, ou esses indígenas foram assassinados, ou então eles fugiram para o Mato Grosso do Sul, na época Mato Grosso ainda. Mas o protagonismo dele foi nesse quesito, pena que a vida dele foi breve e a família dele hoje, até existia um movimento chamada “Herdeiros de Teodoro Sampaio”, um movimento social no auge da década de 90, onde tinham vários movimentos como fragmentações, era uma acampamento chamado “Os herdeiros de Teodoro”, inclusive uma filha dele, teve um professor amigo nosso que encontrou uma filha dele em São Paulo.

Eu vi que você citou a questão indígena, do conflito dele com o branco. Como foi o cenário de conflito entre os indígenas e os latifundiários?

Olha, nessa época, olha que interessante, só uma curiosidade, os primeiros dicionários em guarani produzidos foram no pantanal. Durante a omissão geográfica geológica, onde o Teodoro Sampaio Fernandes, que era um dos engenheiros que produzia isso, acho que ele foi um dos escritores desse dicionário. Ele colaborou a ter esse dicionário. Que tristeza, ali é uma região muito rica nesse sentido. Os primeiros conflitos, como eu falei para vocês, relata nesse choque cultural e alicerçado, no ponto de vista do homem branco, numa base política, jurídica e econômica, que era a propriedade privada. Só que ganhar as terras, ter a soberania sobre essas terras era algo importante. Então o que acontece ? Começam a ser realizadas alguma campanhas de extermínio, de limpeza territorial. Essas campanhas eram chamadas de *dadas*. Eu uso até algumas fontes onde eu vou descrever essas *dadas*, e o requinte de crueldade das *dadas* era algo muito grande. Um exemplo disso; Para promover esse extermínio havia uma preparação. Existiam algumas pessoas mais experientes, eram os capitães mais experientes, e por exemplo, antes de irem fazer o extermínio, onde localizavam uma aldeia eles deixavam de tomar banhos duas semanas, por exemplo, para não serem reconhecidos pelo cheiro, os animais não identificarem eles pelo cheiro, os animais das aldeias. E aí eles começavam a se preparar para fazer esses extermínios e eles identificavam os dias de festa por exemplo, e nesses dias de festas os indígenas consumiam algumas bebidas, ou estavam um tanto cansados no dia seguinte, e aí logo quando o sol despontava, eles se preparavam no centro da aldeia, chegavam perto das ocas, promoviam barulhos, e as pessoas, esses indígenas acordavam, e aí começava um grande massacre. Tem até relatos que são bem pesados, de como que com facas eles rasgavam os ventres das mulheres grávidas e arremessavam os pequenos indiozinhos com as suas cabeças nos troncos até explodir elas, ou como espetavam os corpos em lanças, com requinte de crueldade muito elevado, então quer dizer um processo de desapropriação territorial, de limpeza, com um grau de desumanidade elevadíssimo. Então isso acontecia, isso era tido como um processo natural, e para aqueles indígenas que não estavam naquela aldeia eram colocados venenos nas comidas, para não tivessem nenhuma chance de sobreviver. Então os que sobreviveram foram por conta da fuga, certo, então tiveram vários indígenas vindo para o Mato Grosso, o Mato Grosso do Sul hoje, que na época era Mato Grosso, então atravessando o Rio Paraná, que não tinha a mesma dimensão, eles atravessavam o rio e fugiam. Então foi um período de limpeza territorial com um alto grau de requinte de crueldade. Essas eram as principais táticas, também tiveram, há uma correlação de forças mas é extremamente desigual. Também há relatos de

indígenas invadindo algumas fazendas e matando, inclusive os donos, mas nem 0,1% proporcional ao contrário. Então isso aí, eu não sei se respondi a sua pergunta, mas os fazendeiros para tentar assegurar a legitimidade da posse da terra e para fazer essa limpeza, esse processo começa lá em 1800. No século XIX ainda esse processo se dá e até a gente não tem mais índio hoje. Eu aposto que vocês, eu não sei se vocês são de Prudente. _Gabriel: Eu sou de Bataguassu_ _Tamires: Eu sou de Prudente_. Nino: Mas é muito raro a gente estudar com um coleguinha de escola que tenha algum traço indígena, ou que se reconheça enquanto indígena, porque a maior parte dos colegas meus que tem traço indígena não se reconhecem. E aqui no Pontal do Paranapanema é mais um espaço em que se reforça isso.

Como foi a relação de José Theodoro de Sousa com os indígenas?

Alguns relatos que dizem que no começo a relação começou até um pouco pacífica, mas depois como eu falei pra vocês, essa ansiedade, essa divergência de valores, por conta da propriedade privada e que os brancos falavam que os indígenas estavam roubando eles é que se estabeleceu o grande conflito. Quando você tem a ganância de ter mais terras, e aquele é um entrave, aquele entrave, perante a sociedade da época, significava nada, você podia matar um indígena como ele fosse um animal, hoje um animal tem um significado muito grande, as pessoas hoje, você não pode matar um cachorro, mas matar uma pessoa, beleza. Naquele período, acho que o animal valia muito mais que o indígena .

Qual foi a importância da exploração dos rios Itapetininga e Paranapanema?

O governo brasileiro ele tinha expectativa de ampliar a produção rumo ao oeste do estado de São Paulo, só que como nós sabemos, as vias era extremamente precárias, vias de circulação, então, não havia meio seguro de ter uma circulação, não adianta você só expandir, não tem como escoar essa produção. Qual que foi a estratégia tomada, vamos verificar se pelo rio Itapetininga e depois o rio Paranapanema a gente consegue ver se os rios tem potências pra embarcações trazer essa produção, então eles foram mensuradas as capacidades desses rios como uma via de circulação de mercadorias, então que é lançada essa Comissão Geográfica Geológica que durou entre três, quatro meses pra eles percorrerem e saírem de São Paulo pega um cegar até o Rio Itapetininga e mensurando esse rio, trecho por trecho, inclusive o José Teodoro Sampaio, essa comissão foi coordenada por um francês, mas o José Teodoro Sampaio teve um papel fundamental nisso . Ai depois eles pegam e chegam no confluente de ambos os rios e ai eles vão chegar até o Pontal, que é o encontro do rio Paraná, com o Paranapanema. Depois eles retornam esse trecho a pé, isso 1886 e ali ele já encontra o relato de que a estrada que era a estrada do João da Silva que era o cunhado do José Teodoro de Souza. Ali eles tem um dos primeiros contatos com os indígenas, eram os primeiros relatos oficiais, a maioria já estavam sendo mortos antes, conhecer esses rios, era importante para o capital da época.

Como ocorria o processo de atrair pessoas para as ocupações?

Essa pergunta, ela se casa com o processo de comercialização da terra, porque veja bem, eu preciso de pessoas para ocupar essas terras, para desenvolver elas e pra ter mais população, gerar capital, atrair aquilo, claro que isso ai também se deu associado a mais falsificações de falsificações, então é o grilo, dentro do grilo mãe. O José Teodoro de Souza foi um protagonista nisso, porque ele reconhecendo aquele período que eu exemplifiquei para vocês, a guerra do Paraguai, ai você tinha

uma baixa orifera em Minas Gerais, ai você tinha um grande bolsão de mão de obra trabalhadora ali, esse sujeito ele saia do Pontal do Paranapanema e fez varia viagens pra ir até a região sul de Minas Gerais, Pouso Alegre, algumas cidades, ali ao redor, pra regimentar essas pessoas, em alguns momentos ele vendia as terras e em outros ele até doava, as terras, porque ele sabia que se doasse, as pessoas não poderiam ter mais terra. Então ele trabalhava, o importante é trazer as pessoas agora, então ele ia pra lá e trazia as pessoas, ele ia pra lá e trazia essas pessoas. Se você pega o livro do Amador Pereira Cobra, você vai encontrar, vários nomes de famílias que foram até protagonistas, no quesito de fundar cidades. A gente encontra por exemplo, o família Nandes, nesse livro, então a gente encontra as pessoas que tem os sobrenomes que são relevantes, muitos mineiros chegaram, por exemplo, o meu avô que até foi considerado uma pessoa importante em Pirapozinho, ele veio nesse bloco, a família do meu avô e da outra parte, eu sou meio descendência alemã veio nesse bloco ai também das colônias. A nossa própria história, se você olha pras pessoas aqui, vocês vão ver que a mistura do que é mineiro com os imigrantes, ai um período um pouco mais póstumo por conta da dispersão do processo migratório dos nordestinos, então eu sou essa loucura ai, um pouco do português-mineiro, o alemão, ai o espanhol que vem da Bahia.

Como se desenvolveu o processo de coronelismo no pontal e quais foram os seus principais personagens?

Depois da permuta, ai está cerne da questão, o ponto central, porque o Goulart foi um dos caras mais sacados de todos, foi um dos gênios disso, porque ele fez a permuta e a partir dali ele tinha as estratégias mais sacadas para o comercialização, e ele vende boa parcela das terras dele pro Marcondes. A história de Presidente Prudente, é uma historia que estabelece o centro do coronealismo, e ai é o que vai determinar toda a historia da cidade, a historia da região, porque é uma das maiores cidades da região, então você tem de um lado a Vila Goulart, porque antes isso chamava Vila do Veado, por causa do córrego do veado, esse rio que corta o shopping hoje é podre, mas essa aqui era a região do veado, um pequeno agrupamento de casas, mas ai chega o Goulart e monta a Vila Goulart, chegou o Marcondes e compra uma parcela da família do Goulart de terras muito grande, e ai monta Vila Goulart e Vila Marcondes. A cidade passa a se desenvolver e a não se desenvolver por conta da disputa entre esses dois sujeitos, e ai as pessoas brincavam, a cidade se desenvolve quando eles estão dormindo, porque enquanto eles tão brigando não vai, nada anda, porque eles significam o atraso. A obra mais brilhante pra vocês entenderem isso de verdade, nos pormenores, essas relações dos partidos, como isso se relacionava com o Governo Federal, o governo estadual da época é a tese de livro docência do professor Dióres dos Santos de Abreu que tem na biblioteca também, é uma tese fácil de entender, porque ele é positivista, muito fácil de leitura, uma tese muito boa, maravilhosa, vocês vão poder entender bastante como se dá esse termos de sucessão. Porque depois desses sujeitos eles vão mais ou menos até 1930, é relevância deles, depois disso um novo sujeito que eles vão chamar de a queda do coronealismo, que a gente tem resquícios até hoje. Mas ali começam a entrar outros sujeitos, ai entra Antonio Sandoval, mais pra frente Cerávolo, ele chega até a falar sobre o Constantino, que é de trajetória mineira, que o meu pai trabalhou pra ele, o Constantino foi, por exemplo o bairro Ana Jacinta, Ana Jacinta é o nome da mãe do Constantino, a nossa cidade carrega os resquícios das relações clientelistas e colonialistas, a avenida Ana Jacinta, olha que louco isso, do capitalismo de laços que ele transforma o estado em

algo mais promiscuo. O Antonio Sandoval Neto que foi um dos maiores coronéis desse período também que ele vem da linha de sucessão ai, claro haviam disputas também, cada um tinha o seu candidato e eles tinham o benção, porque era o candidato do Goulart, isso é do, entende, é muito interessante, os coronéis eles representavam a figura do estado, porque a gente não tinha eleições ainda nesse período, eleição tão firme assim, então, eles representavam o estado, eles que faziam a eleição, tanto que nessa época eles tinham, por exemplo, a compra de fotos de uma maneira bem descarada, eles chegavam e falavam assim, aqui uma bota pra você, se eu ganhar eu te dou o outro pé, dava o pé direito se eu ganhar eu te dou o pé direito. As coisas funcionavam muito assim, era compra descarada, como eles representavam o estado, eles falavam o que eles queriam, então o titulo de coronel não ta relacionado a posição hierárquica do ponto de vista da trajetória dos caras dentro do exército, mas a relação de poder é a prestação do estado que ele exercia ali, e eles faziam o que eles queriam. O titulo de coronel não ta está relacionado a posição hierárquica, do ponto de vista da trajetória do cara que ele exercito mais a relação do poder e prestação do estado que exercia ali, quer dizer o Estado, o brasileiro sempre foi frágil nesse sentido e sempre teve atrelado as relações monetárias, as relações de interesse .

Como se desenvolveu a implantação e o fortalecimento do MST no Pontal?

A historia do MST no Pontal remonta o final da década de 89, na década de 90, o MST chega aqui e vai consultar o professor Bernardo, ele foi um dos principais, se não o principal intelectual sobre o MST no mundo, acredito que ele seja o principal, porque ele fez a principal obra que transformou o MST em algo a ser discutido, que construiu um livro assim científico, bem elaborado sobre o movimento, ele foi o protagonista, ele rodou 88 mil Km pra rodar a tese dele, pra ter propriedade pra falar sobre o movimento. E ai esse movimento sabendo que o professor tinha ingressado aqui na universidade ele chega aqui e vem fazer um dialogo com esse professor pra falar o seguinte e ai professor, a gente tem capacidade de organizar o MST aqui? Ai o Bernardo fala isso : olha, eu acho que aqui não vai acontecer, porque aqui os latifundiários são extremamente organizados e aqui ele matam mesmo, aqui a coisa é feia. Passados seis meses ocorre a primeira ocupação aqui, eu acho que na fazenda Nova alguma, tem na dissertação, eles fazem na década de 90, a primeira ocupação, a partir dali num período de quatro anos, eles realizam dezenove ocupações de terra, nos primeiros quatro anos, que ali eu considero, tanto que eu vou periodizar essas ocupações do MST, acho que vai dar no terceiro ou quarto capitulo que eu vou falar o seguinte, olha de 1990 a 94 eles estavam aprendendo a organizar acampamentos, estavam aprendendo a fazer as ocupações, a identificar as fazendas, então foi um período que foi os primeiros passos deles, era num período, olha como nós vamos construir, fazer trabalho de base, como nós vamos chegar nas pessoas na cidade que moram condições extremamente desumanas e chamar elas pra vir pro acampamento, então foi um período de aprendizagem. Se você for parar pra pensar dezenove ocupações é pouco demais em quatro anos, mas porque? A gente precisa identificar o quão adverso, o quão violento é o nosso adversário, o quão animosa vai ser a realização de uma ocupação e também onde começam a se formar as primeiras lideranças que viraram, os engenheiros imaginários digamos, eles passavam a olhar a realidade e interpretar a realidade, utilizar de toda a experiência deles de que eles já tinham em outros lugares e adquiriam os cursos de formações e com o dialogo com os intelectuais e a organizar a multidão, a levar aquela multidão a fazer aquela ocupação e promover um

processo de conscientização. Porque você imagina, nós que temos acesso a universidade, nós já somos extremamente ignorantes, você imagina a falta de capacidade, capacidade não de instrumental, capacidade era muito grande, instrumental teórico e analítico pra interpretar essas relações iguais na sociedade. Se você chegar num trabalhador rural, ele vai saber que ele é explorado, mas ele não sabe identificar como, porque?, porque ele parte da experiência do que ele sente na pele, do tempo que ele tá submetido ao sol pra conseguir gerar ou ganhar um dinheiro, mas ele não consegue identificar nisso teoricamente igual nós que não temos essa experiência carníça de exploração tão forte, mas não temos esse aparato intelectual para conseguir ir diferenciando as coisas, claro, foi construído aí, ao longo de séculos também, então esses engenheiros comandar essas pessoas pra isso, por isso que eu acho que esse primeiro período, ele foi maravilhoso nesse sentido, onde eles foram identificar e a universidade aqui, especialmente professor Tomas e o professor Bernardo eram grandes auxiliares desse período. Depois daí começa a entrar um período de massificação da terra, das ocupações que é o período 95, até 98 que ali é quando começa a crescer e eles vão fazendo as ações enfrentativas mais duras, por exemplo a fazenda São Bento, ela teve vinte quatro ocupações e ela era a fazenda de posse, não de posse porque ela era grilada, de posse do Antônio Sandoval Neto, olha que interessante, então se cruza, por isso que eu falo que é um capitalismo de laços, então você tem o prefeito, é a mesma coisa que o Agripino hoje, o Agripino ele tem a universidade, ele tinha um jornal, ele tem uma ou duas rádios, ele dono pelo grupo Oliveira de uma parcela da empresa de ônibus, e ele tinha ou tem uma parte da TV Fronteira, que eu não sei se ele já perdeu tudo ou não e ele tinha um hospital, quer dizer ele comandava, ele é como se fosse o agronegócio, ele comandava diversos setores estratégicos na cidade e aí o Antônio Sandoval Neto era de certos modos a versão mais primitiva disso.

Como se qualifica a participação da igreja católica na luta pelas terras?

Desde a história do MST ela teve um papel fundamental, mas tem que saber interpretar também, porque existem diferentes vertentes dentro da Igreja Católica. A vertente da teologia da libertação e na própria origem do MST, lá no Rio Grande do Sul, a igreja luterana, também contribuiu muito, então não é só a igreja católica nesse período. Que a católica ela assumiu um papel de protagonismo em todo o país quase, tanto que nós temos hoje alguns freis que são exemplo que são exemplos, inclusive alguns que foram até escorraçados da igreja depois, mas a gente tem por exemplo o Frei Dom Pedro Casadagua, que é uma referência, o Dom Tomas Balduino, que virou nome da assentamento agora, que antes era o Guarani, e agora virou Dom Tomas Balduino, que até você não pode homenagear uma pessoa viva, só pode homenagear uma pessoa morta, então o pessoal do assentamento brinca, infelizmente nós tivemos que esperar morrer pra homenagear ele. A Igreja Católica teve um papel fundamental, por exemplo, quando você ia fazer trabalho de base, o MST ia fazer trabalho de base em uma cidade, a igreja católica, o sindicato dos trabalhadores e o partido dos trabalhadores, o PT, esse grupo, esses três era os alicerces do movimento pra começar a fazer o trabalho de base. Então todas as cidades já tinha esse direcionamento, quer dizer, a igreja católica, ela auxiliava na existência dos acampamentos, no início, na gestação do MST, por exemplo eles foram combater casos de violência extremada, então teve acampamento de chegar dezenas de padres pra tentar auxiliar a questão, porque chegou ao ponto de chamarem o exército, o exército pra fazer cercos em acampamento e ali a igreja católica promovendo uma lógica de defesa, então foram

protagonistas. Aqui em Presidente Prudente, alguns momentos houveram adversidades, mas a maior parte foi muito bem recebida, o bispo aqui tinha uma relação bom com o ultimo, tanto que quando teve o curso especial de geografia para assentados , os assentados vinham pra cá e ficaram na cúria diocesana, então eles ficavam por meses, durante cinco anos na cúria, todo final de ano eles ficavam na cúria, então a relação era muito boa e foi fundamental, por isso que ela tem papel de protagonismo também, mas hoje ta decaindo muito.

Antes de surgir o MST como eram os movimentos de luta pela reforma agrária?

Nos tivemos na década de 60 já com pauta de Reforma Agrária, com pautas de questões pela terra, nós tivemos o MASTER, que foi um movimento no Rio Grande do Sul, que depois teve até apoio do Brizola e tudo mais, mas não era algo tão elaborado, tão complexo, tão compreendido por diferentes localidades tal como o MST, porque o MST, ele está em mais de dezoito estados, mais ele já teve vinte e três estados, então ele é muito grande nesse sentido, as experiências foram importantes, elas fazem parte desse processo de construção do MST, só que a parte política ela foi repensada de certo modo, porque era muito atrelado a determinado partido. Bom, mas antes do MASTER, a gente já teve e claro se findou por causa da influência da ditadura de uma maneira muito clara. Antes do MASTER, a história do Brasil é uma história de várias insurreições políticas, a gente começa desde a confederação dos Tamoios, ainda no Século XVI, logo depois chega os portugueses e depois de terem vindo o povos Guaranis, a gente tem centenas de insurreições políticas que não vão pautar diretamente no tema reforma agrária, mas pautam no que, olha a gente precisa de um espaço para existir. A gente precisa de um espaço, a gente quer um espaço para produzir. Então aí você vai ter balaiada, você vai ter desde aquela perspectiva do cangaço que eles faziam lutando contra as hegemonias, que de certo modo era tratado como banditismo, mas bom, os coronéis também eram bandidos, né. Então você tem várias insurreições, Canudos é um exemplo disso, eles não precisavam pautar necessariamente a reforma agrária, mas o que eles estavam querendo era isso. Então, por isso que eu falo quando vou falar de protomovimento, não necessariamente você precisa configurar com as palavras declaradas, mas eles carregam em si uma lógica, uma racionalidade nesse sentido. Mas para pensar nessa questão dos movimentos anteriores eu acho que o MASTER foi um dos protagonistas, as Utabes foram uma das protagonistas também e as ligas camponesas, especialmente a Liga da Galiléia, que era de Pernambuco, onde a gente tinha uma figura fundamental que era o Francisco Julião, que foi um dos sujeitos que mais entendeu o campesinato, inclusive, tem um texto dele maravilhoso sobre a imagem do campesinato. Eu acho que essas influências aí elas ainda existem, tanto que hoje você vai ver o assentamento canudos, os próprios nomes dos assentamentos eles testemunham as figuras importantes e os eventos importantes, por exemplo, Paulo Freire, eu sei que tem o assentamento Paulo Freire que fica ao lado do Antonio Conselheiro, que era o líder da guerra de Canudos, Florestan Fernandes que foi um dos maiores sociólogos cabeças que tivemos no Brasil, a gente tem orgulho dele, então tem vários testemunhos assim.

Qual o papel do PT no surgimento do MST ?

Então, como eu falei para você, o PT ele era um dos tripés nesse período aí. Ele era fundamental para você fazer um trabalho de base, porque você tinha diálogo com os trabalhadores diretamente, então assim como a igreja, o PT era uma peça

importantíssima na engrenagem para chegar nas pessoas, para ter um primeiro contato num terreno estranho. Você imagina, é como se um amigo seu falasse, “ Eu tenho um amigo daquela cidade”, então você já não vai chegar lá sozinho, então é uma das primeiras formas de se inserir, então o PT e o MST eram muito parceiros nesse período. Então o PT é muito importante mesmo, para dar esse primeiro diálogo, depois para fazer a manutenção, sustentar também, contribuir nesse sentido. Olha, tanto que sabendo dessa importância do PT e dessa relação com o MST e sabendo dessa importância de uma conexão entre um partido e um movimento, é que em 1998, o Fernando Henrique Cardoso, pela SDS, que é a (Social Democracia Sindical) que é como se fosse equivalente a CUT, muitas vezes quando você vai ver lá, a CUT auxiliou, a CUT vem como uma forte relação do PT também. Fernando Henrique Cardoso, ele querendo promover uma política de isolamento ao MST, ele fala o seguinte, olha, primeiro a gente precisa fazer um monte de coisas, porque os sindicatos estão putos com a gente, de modo bem claro. Então vão criar o que ? O sindicato da direita, que ele cria a Social Democracia Sindical, e aí, dentro da Social Democracia Sindical, ele pega uma liderança que ele teve com o Lula na frente das revoltas na década de 70, nos sindicatos em São Bernardo do Campo, chamado “Alemão”, Ednilson de Moura, alguma coisa assim, e esse cara vai virar a liderança da SDS, e esse cara vem para o pontal e pega um grupo que tinha sido uma dissensão, que tinha sido afastado do MST, que tinha sido desligado do MST, ele pega e cria o MAST, que é o (Movimento dos Agricultores Sem Terra), então quer dizer, o FHC reconhecendo da importância dessa articulação e sabendo o potencial do MST, ele fala, vamos criar um sindicato nosso, vamos criar um movimento nosso. Eles financiavam com dinheiro, eles davam um respaldo político para esse grupo, ele recebia esse grupo, então a gente tinha lideranças que eram pagas para fazer um processo adverso ao MST, eles queriam construir uma imagem de que o MST era bandido, de que o MST não servia para nada, queria que a sociedade isolasse o MST, que a sociedade excluísse o MST, e ele cria um movimento social que faz uma luta, entre aspas, legítima da terra, em diálogo, mas na verdade é uma luta subordinada, e que aqui no pontal serviu como um movimento para lavar o grilo da terra, para transformar aquela terra grilada em uma terra legítima. O PT tinha uma participação fundamental, pro outro governo pensar em copiar as relações que esse grupo aqui conseguiu criar, para tentar desmobilizar, então olha a complexidade disso.

Qual a importância do Zé Rainha na luta pela terra e como se desenvolveu a sua caminhada até a liderança do MST?

Eu tenho um conjunto de divergências políticas hoje, mas ele foi um cara brilhante. Ele foi um dos principais criadores da identidade do Sem Terra. Nós temos inúmeras lideranças que são brilhantes, se vocês conversarem com o Zé Litro, que é uma das lideranças aqui da região, o cara é brilhante, o Mancuzo até conhece ele. É, o Zé litro e a companheira Regiane, eles são casados, brilhante também, o companheiro Laércio, o Valmir é um grande amigo, o Valmir e a Fátima são casados também, os dois companheiros são brilhantes e o Zé Rainha era um desses, o Zé Rainha, ele é muito astuto. O Zé Rainha ele é sacado, ele tem uma formação boa, e ele foi um dos protagonistas nos termos de construção do MST no nordeste e no norte do país. Na década de 90, na década de 80 ainda, ele sai do Espírito Santo, depois de ser ameaçado de morte, eu até escrevo isso na dissertação, e ele sai com a missão de organizar o MST no norte, no nordeste. E ele vai parar até no norte, em Imperatriz, no Maranhão, e de lá ele faz esse percurso, montando o movimento, e ele vai

andando, continuando o segmento, e quando ele chega em Imperatriz também tem um problema, e de lá recebe uma proposta de vir para o Pontal. E aí aqui, ele chega com uma experiência vastíssima, e ele se cruza com outras figuras que são extremamente importantes e que ajudou, por exemplo, imagina o que era no período de luta pelas terras você ter que lidar com acampamentos que tinha duas mil, quatro mil famílias. Quatro mil famílias, de acordo com o IBGE, poderia dar cinco mil pessoas morando em acampamentos sem terra, na beira da estrada. Você está entendendo o quão brilhante esses caras eram? No sentido de, não tendo o apoio do estado, o estado não querendo dialogar, você ter que sustentar 20 mil pessoas na beira de uma rodovia, e ainda com jagunço com arma ameaçando, todas essas condições, então olha só, ele conseguia com capacidade oratória, com conhecimento de uma trajetória muito grande arregimentar uma grande quantidade de pessoas e essas pessoas promoverem ações em lugares onde você tinha declarações de violências muito nítidas. Muitas vezes as pessoas falavam, se entrar aqui nós vamos meter bala, eu listo cerca de 96 ou 94 manchetes de jornais da década de, entre 94, 98, eu acho à 2002, em que as pessoas falam de uso de arma, de maneira como se fosse algo normal, que saíram ou no Estado de São Paulo, ou no Imparcial, ou no Oeste Notícias. Então você imagina a importância desses caras, quer dizer, qual o significado simbólico que esse sujeito, José Rainha tinha para as pessoas? Hoje, na atualidade, depois de ter sido preso, de ter sido afastado do MST, ele não faz parte de nenhuma instância diretiva do movimento, qual a importância que ele tem ainda para as pessoas? Daí eu entrevistei um acampado que era coordenador de acampamento dele, e aí o sujeito me respondeu assim, “O José Rainha para mim significa esperança”, você consegue identificar o peso então de uma pessoa dessas? É de arrepiar, porque você acaba depositando a sua vida e a vida de sua família nas mãos de um sujeito, certo, e esse sujeito tem uma trajetória relevante, que é inegável, por mais que tenhamos divergências em termos políticos, é inegável a contribuição dele em termo de ter ajudado a assentar milhares de pessoas, então pensa, por mais que você tenha divergências políticas, ele conseguiu contribuir para a retomada da dignidade das pessoas. E o papel humanitário de um sujeito desses é gigantesco para ele ser tratado como um mero bandido. As pessoas falam, “mas ele só fez isso?”, e eu falo, poxa, devolver a dignidade das pessoas e oferecer uma esperança é só isso? “Mas ele tem acusações”, olha a justiça vai julgar isso, eu espero que ela julgue da maneira mais correta possível, porque a gente sabe dos vários laços que existem. Uma hora ele vai chegar e vai ser julgado, esse não é o nosso papel, o nosso papel é reconhecer a importância dele como militância. E nessa mesma entrevista o cara me falou uma coisa muito interessante que me arremeteu a identificação de como é ainda mais complexo as pessoas, não é só significar a esperança, as pessoas falaram assim, “Para mim ele é um mito”, o sonho do Che é o que ele faz, ele é o cara que bate no latifúndio, então olha a importância dele nesse sentido, ele tem um papel revolucionário nesse caso. E tem uma praticidade muito grande, porque poxa, hoje as pessoas estão vivendo, estão vivendo como um conjunto de evento, como um processo acumulativo de eventos onde esse cara foi protagonista também, mas nunca só. Esses outros sujeitos foram determinantes nessa história também. Então, nós não podemos esquecer isso, que ele sempre saia nas entrevistas e ele foi bem citado, porque ele fazia parte da frente de massa, um movimento composto por diversos setores, e os da frente de massa eram os que davam entrevista, então claro, pela capacidade oratória e por ele ter sido um dos principais criadores da identidade do sem terra, um dos criadores mais disseminadores disso, ele está

alocado em uma das regiões mais conflituosas em que ele tomou tamanho reconhecimento de ser bem citado, de ser tratado como o cara que bate no latifúndio, então ele tem que ser respeitado sim

APÊNDICES

APÊNDICE A
PAUTAS

PAUTA-01

PRODUTOR: Gabriel Torres

RETRANCA: Assentamentos / Autorizações

DATA: 05/03

HORA: 08h30

LOCAL: Presidente Bernardes

PROSPOSTA: Expor o projeto para as famílias assentadas e entregar as autorizações para as que aceitassem ser entrevistadas.

Roteiro:08h30 – Assentamento Água Limpa

10h00 – Assentamento Palu

11h30 – Assentamento Santo Antônio

13h00 – Assentamento Florestan Fernandes

14h30 – Assentamento Rodeio

PAUTA- 02**PRODUTORA:** Tamires Martins**RETRANCA:** Entrevista/Florestan**DATA:** 09/07/2016**HORA:**16h00**LOCAL:** Assentamento Florestan Fernandes – Presidente Bernardes (SP)**PROPOSTA:**Entrevistar o assentado Cícero Bezerra da Silva**ROTEIRO:** – 16h00 – Assentamento Florestan Fernandes**ENTREVISTADO:** Cícero Bezerra de Lima**SUGESTÕES DE PERGUNTAS:**

- 1- Em qual ano você decidiu ir para o acampamento?
- 2- Você, acampou em lugares diferentes, ou foi sempre no mesmo lugar? Quais?
- 3- Como era sua vida antes de você decidir ir para o acampamento?
- 4- Alguém te influenciou para ir acampar?
- 5- Porque você escolheu acampar?
- 6- Como é a vida dentro de um acampamento?
- 7- Você tinha um papel importante dentro do acampamento?
- 8- Como o MST contribui na vida dos acampados?
- 9- Você pensou desistir?
- 10- Em qual momento?
- 11- Quais foram as maiores dificuldades dentro do acampamento?
- 12- Nas ocupações qual era a maior dificuldade que vocês encontravam?
- 13- Como os grileiros e fazendeiros reagiam?
- 14- Quais pessoas ou entidades contribuíram nos acampamentos?
- 15- Qual a participação do Itesp para as famílias acampadas?
- 16- Quais os preconceitos que vocês sofreram na época?

- 17- Quais eram seus objetivos quando vocês decidiram ir para um acampamento?
- 18- Os objetivos foram cumpridos? Porque sim, ou porque não.
- 19- Quando vocês tiveram direito das terras?
- 20- Você sempre morou no lugar onde você conquistou ou já teve mudanças?
- 21- Qual a diferença entre a vida de um acampado, e a vida de um assentado?
- 22- Hoje você ainda sente um preconceito?
- 23- Porque você escolheu o município de Presidente Bernardes?
- 24- Qual o apoio das classes governantes em relação à Reforma Agrária?
- 25- Hoje o que você produz em sua propriedade?
- 26- Quais foram os fatores que contribuíram de quando vocês eram assentados para os dias de hoje?
- 27- Hoje mesmo com a conquista da terra, você participa de outros movimentos? Se sim se não por quê?
- 28- Vocês tiveram contato com o José Rainha?
- 29- Como era a relação dele com os acampados?
- 30- Qual a imagem que tem dele?
- 31- No momento em que você acampou muitas pessoas desistiram da luta pela terra?
- 32- O que imagina ter causado essa desistência?
- 33- Qual a participação da Igreja Católica no processo de acampamento?
- 34- Ainda há uma forte ligação da igreja com os assentados?
- 35- Se fosse nos dias de hoje, você viveria tudo novamente?
- 36- Qual a sensação no momento em que você recebe a terra?
- 37- Quanto hectares você recebeu?
- 38- O que você construiu?
- 39- Qual sua participação hoje na vida de outros acampados?
- 40- Como você acha que pode acontecer com a Reforma Agrária no futuro?
- 41- Você acha que a luta e resistência mudou ao longo dos anos?
- 42- Como você acha que os novos assentados/ e acampados irão lidar com a situação de Reforma Agrária nos próximos anos no Município de Presidente Bernardes?
- 43- Teria algum fato que ocorreu durante seu processo de acampado que gostaria de partilhar?
- 44- Imagina a vida longe de suas terras?

45- Tudo o que precisa está no campo ou você ainda busca alguns recursos fora do assentamento?

46- Acredita que fora do assentamento conquistaria tudo isso que tem hoje?

47- Como imagina que este trabalho pode ajudar em sua vida?

48- O que te deu forças para estar aqui até hoje?

PAUTA- 3

PRODUTORA: Janaina Oliveira

RETRANÇA: Entrevista / Rodeio

DATA: 10/07/2016

HORA: 13h30

ROTEIRO: 13h30 – Entrevista com Gumercindo Ferreira Barbosa

LOCAL: Assentamento Rodeio – Presidente Bernardes (SP)

PROPOSTA: Entrevistar o assentado Gumercindo Ferreira Barbosa e a sua família.

ENTREVISTADO: Os assentados Gumercindo Ferreira Barbosa, Benedita Barbosa e Arnold Ferreira Barbosa

Sugestões de perguntas

- 1- Em qual ano você decidiu ir para o acampamento?
- 2- Você, acampou em lugares diferentes, ou foi sempre no mesmo lugar? Quais?
- 3- Como era sua vida antes de você decidir ir para o acampamento?
- 4- Alguém te influenciou para ir acampar?
- 5- Porque você escolheu acampar?
- 6- Como é a vida dentro de um acampamento?
- 7- Você tinha um papel importante dentro do acampamento?
- 8- Como o MST contribui na vida dos acampados?
- 9- Você pensou em desistir?
- 10- Em qual momento?
- 11- Quais foram as maiores dificuldades dentro do acampamento?
- 12- Nas ocupações qual era a maior dificuldade que vocês encontravam?
- 13- Como os grileiros e fazendeiros reagiam?
- 14- Quais pessoas ou entidades contribuíram nos acampamentos?

- 15- Qual a participação do Itesp para as famílias acampadas?
- 16- Quais os preconceitos que vocês sofreram na época?
- 17- Quais eram seus objetivos quando vocês decidiram ir para um acampamento?
- 18- Os objetivos foram cumpridos? Porque sim, ou porque não.
- 19- Quando vocês tiveram direito das terras?
- 20- Você sempre morou no lugar onde você conquistou ou já teve mudanças?
- 21- Qual a diferença entre a vida de um acampado, e a vida de um assentado?
- 22- Hoje você ainda sente um preconceito?
- 23- Porque você escolheu o município de Presidente Bernardes?
- 24- Qual o apoio das classes governantes em relação à Reforma Agrária?
- 25- Hoje o que você produz em sua propriedade?
- 26- Quais foram os fatores que contribuíram de quando vocês eram assentados para os dias de hoje?
- 27- Hoje mesmo com a conquista da terra, você participa de outros movimentos? Se sim se não por quê?
- 28- Vocês tiveram contato com o José Rainha?
- 29- Como era a relação dele com os acampados?
- 30- Qual a imagem que tem dele?
- 31- No momento em que você acampou muitas pessoas desistiram da luta pela terra?
- 32- O que imagina ter causado essa desistência?
- 33- Qual a participação da Igreja Católica no processo de acampamento?
- 34- Ainda há uma forte ligação da igreja com os assentados?
- 35- Se fosse nos dias de hoje, você viveria tudo novamente?
- 36- Qual a sensação no momento em que você recebe a terra?
- 37- Quanto hectares você recebeu?
- 38- O que você construiu?
- 39- Qual sua participação hoje na vida de outros acampados?
- 40- Como você acha que pode acontecer com a Reforma Agrária no futuro?
- 41- Você acha que a luta e resistência mudou ao longo dos anos?
- 42- Como você acha que os novos assentados/ e acampados irão lidar com a situação de Reforma Agrária nos próximos anos no Município de Presidente Bernardes?

- 43- Teria algum fato que ocorreu durante seu processo de acampado que gostaria de partilhar?
- 44- Imagina a vida longe de suas terras?
- 45- Tudo o que precisa está no campo ou você ainda busca alguns recursos fora do assentamento?
- 46- Acredita que fora do assentamento conquistaria tudo isso que tem hoje?
- 47- Como imagina que este trabalho pode ajudar em sua vida?
- 48- O que te deu forças para estar aqui até hoje?

PAUTA- 4

PRODUTORA: Mariane Ferreira

RETRANÇA: Entrevista / Rodeio

DATA: 11/07/16

HORA: 13h00

LOCAL: Assentamento Rodeio – Presidente Bernardes (SP)

ROTEIRO: 13h00 – Assentamento Rodeio

PROPOSTA: Entrevistar a assentada Marisa de Fátima Luz

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

- 1- Como o MST contribui na vida dos acampados?
- 2- Você pensou em desistir?
- 3- Em qual momento?
- 4- Nas ocupações qual era a maior dificuldade que vocês encontravam?
- 5- Como os grileiros e fazendeiros reagiam?
- 6- Quais pessoas ou entidades contribuíram nos acampamentos?
- 7- Qual a participação do Itesp para as famílias acampadas?
- 8- Quais os preconceitos que vocês sofreram na época?
- 9- Quando vocês tiveram direito das terras?
- 10- Qual a diferença entre a vida de um acampado, e a vida de um assentado?
- 11- Hoje você ainda sente um preconceito?
- 12- Porque você escolheu o município de Presidente Bernardes?
- 13- Qual o apoio das classes governantes em relação à Reforma Agrária?
- 14- Hoje o que você produz em sua propriedade?
- 15- Hoje mesmo com a conquista da terra, você participa de outros movimentos? Se sim se não por quê?
- 16- Vocês tiveram contato com o José Rainha?

- 17- Como era a relação dele com os acampados?
- 18- Qual a imagem que tem dele?
- 19- No momento em que você acampou muitas pessoas desistiram da luta pela terra?
- 20- O que imagina ter causado essa desistência?
- 21- Qual a participação da Igreja Católica no processo de acampamento?
- 22- Ainda há uma forte ligação da igreja com os assentados?
- 23- Se fosse nos dias de hoje, você viveria tudo novamente?
- 24- Como você acha que pode acontecer com a Reforma Agrária no futuro?
- 25- Você acha que a luta e resistência mudou ao longo dos anos?
- 26- Como você acha que os novos assentados/ e acampados irão lidar com a situação de Reforma Agrária nos próximos anos no Município de Presidente Bernardes?
- 27- Teria algum fato que ocorreu durante seu processo de acampado que gostaria de partilhar?
- 28- Imagina a vida longe de suas terras?
- 29- Tudo o que precisa está no campo ou você ainda busca alguns recursos fora do assentamento?
- 30- Acredita que fora do assentamento conquistaria tudo isso que tem hoje?
- 31- Como imagina que este trabalho pode ajudar em sua vida?
- 32- O que te deu forças para estar aqui até hoje?

PAUTA- 5

PRODUTOR: Gabriel Torres

RETRANÇA: Entrevista / Santo Antônio

DATA: 12/07/2016

HORA: 14h00

LOCAL: Assentamento Santo Antônio – Presidente Bernardes (SP)

ROTEIRO: 14h – Entrevista no assentamento Santo Antônio

PROPOSTA: Entrevistar o assentado Maurício Osório

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- 1- Em qual ano você decidiu ir para o acampamento?
- 2- Você, acampou em lugares diferentes, ou foi sempre no mesmo lugar? Quais?
- 3- Como era sua vida antes de você decidir ir para o acampamento?
- 4- Alguém te influenciou para ir acampar?
- 5- Porque você escolheu acampar?
- 6- Como é a vida dentro de um acampamento?
- 7- Você tinha um papel importante dentro do acampamento?
- 8- Como o MST contribui na vida dos acampados?
- 9- Você pensou em desistir?
- 10- Em qual momento?
- 11- Quais foram as maiores dificuldades dentro do acampamento?
- 12- Nas ocupações qual era a maior dificuldade que vocês encontravam?
- 13- Como os grileiros e fazendeiros reagem?
- 14- Quais pessoas ou entidades contribuíram nos acampamentos?
- 15- Qual a participação do Itesp para as famílias acampadas?
- 16- Quais os preconceitos que vocês sofreram na época?
- 17- Quais eram seus objetivos quando vocês decidiram ir para um acampamento?

- 18- Os objetivos foram cumpridos? Porque sim, ou porque não.
- 19- Quando vocês tiveram direito das terras?
- 20- Você sempre morou no lugar onde você conquistou ou já teve mudanças?
- 21- Qual a diferença entre a vida de um acampado, e a vida de um assentado?
- 22- Hoje você ainda sente um preconceito?
- 23- Porque você escolheu o município de Presidente Bernardes?
- 24- Qual o apoio das classes governantes em relação à Reforma Agrária?
- 25- Hoje o que você produz em sua propriedade?
- 26- Quais foram os fatores que contribuíram de quando vocês eram assentados para os dias de hoje?
- 27- Hoje mesmo com a conquista da terra, você participa de outros movimentos? Se sim se não por quê?
- 28- Vocês tiveram contato com o José Rainha?
- 29- Como era a relação dele com os acampados?
- 30- Qual a imagem que tem dele?
- 31- No momento em que você acampou muitas pessoas desistiram da luta pela terra?
- 32- O que imagina ter causado essa desistência?
- 33- Qual a participação da Igreja Católica no processo de acampamento?
- 34- Ainda há uma forte ligação da igreja com os assentados?
- 35- Se fosse nos dias de hoje, você viveria tudo novamente?
- 36- Qual a sensação no momento em que você recebe a terra?
- 37- Quanto hectares você recebeu?
- 38- O que você construiu?
- 39- Qual sua participação hoje na vida de outros acampados?
- 40- Como você acha que pode acontecer com a Reforma Agrária no futuro?
- 41- Você acha que a luta e resistência mudou ao longo dos anos?
- 42- Como você acha que os novos assentados/ e acampados irão lidar com a situação de Reforma Agrária nos próximos anos no Município de Presidente Bernardes?
- 43- Teria algum fato que ocorreu durante seu processo de acampado que gostaria de partilhar?
- 44- Imagina a vida longe de suas terras?

45- Tudo o que precisa está no campo ou você ainda busca alguns recursos fora do assentamento?

46- Acredita que fora do assentamento conquistaria tudo isso que tem hoje?

47- Como imagina que este trabalho pode ajudar em sua vida?

48- O que te deu forças para estar aqui até hoje?

PAUTA- 6

PRODUTORA: Mariane Ferreira

RETRANÇA: Entrevista/ Palú

DATA: 13/07/2016

HORA: 13h00

LOCAL: Assentamento Palú – Presidente Bernardes (SP)

ROTEIRO: 13h 00– Entrevista no Assentamento Palú

PROPOSTA: Entrevistar a assentada Adriana Aparecida de Jesus

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

- 1- Em qual ano você decidiu ir para o acampamento?
- 2- Você, acampou em lugares diferentes, ou foi sempre no mesmo lugar? Quais?
- 3- Como era sua vida antes de você decidir ir para o acampamento?
- 4- Alguém te influenciou para ir acampar?
- 5- Porque você escolheu acampar?
- 6- Como é a vida dentro de um acampamento?
- 7- Você tinha um papel importante dentro do acampamento?
- 8- Como o MST contribui na vida dos acampados?
- 9- Você pensou em desistir?
- 10- Em qual momento?
- 11- Quais foram as maiores dificuldades dentro do acampamento?
- 12- Nas ocupações qual era a maior dificuldade que vocês encontravam?
- 13- Como os grileiros e fazendeiros reagiam?
- 14- Quais pessoas ou entidades contribuíram nos acampamentos?
- 15- Qual a participação do Itesp para as famílias acampadas?
- 16- Quais os preconceitos que vocês sofreram na época?
- 17- Quais eram seus objetivos quando vocês decidiram ir para um acampamento?
- 18- Os objetivos foram cumpridos? Porque sim, ou porque não.

- 19- Quando vocês tiveram direito das terras?
- 20- Você sempre morou no lugar onde você conquistou ou já teve mudanças?
- 21- Qual a diferença entre a vida de um acampado, e a vida de um assentado?
- 22- Hoje você ainda sente um preconceito?
- 23- Porque você escolheu o município de Presidente Bernardes?
- 24- Qual o apoio das classes governantes em relação à Reforma Agrária?
- 25- Hoje o que você produz em sua propriedade?
- 26- Quais foram os fatores que contribuíram de quando vocês eram assentados para os dias de hoje?
- 27- Hoje mesmo com a conquista da terra, você participa de outros movimentos? Se sim se não por quê?
- 28- Vocês tiveram contato com o José Rainha?
- 29- Como era a relação dele com os acampados?
- 30- Qual a imagem que tem dele?
- 31- No momento em que você acampou muitas pessoas desistiram da luta pela terra?
- 32- O que imagina ter causado essa desistência?
- 33- Qual a participação da Igreja Católica no processo de acampamento?
- 34- Ainda há uma forte ligação da igreja com os assentados?
- 35- Se fosse nos dias de hoje, você viveria tudo novamente?
- 36- Qual a sensação no momento em que você recebe a terra?
- 37- Quanto hectares você recebeu?
- 38- O que você construiu?
- 39- Qual sua participação hoje na vida de outros acampados?
- 40- Como você acha que pode acontecer com a Reforma Agrária no futuro?
- 41- Você acha que a luta e resistência mudou ao longo dos anos?
- 42- Como você acha que os novos assentados/ e acampados irão lidar com a situação de Reforma Agrária nos próximos anos no Município de Presidente Bernardes?
- 43- Teria algum fato que ocorreu durante seu processo de acampado que gostaria de partilhar?
- 44- Imagina a vida longe de suas terras?
- 45- Tudo o que precisa está no campo ou você ainda busca alguns recursos fora do assentamento?

46- Acredita que fora do assentamento conquistaria tudo isso que tem hoje?

47- Como imagina que este trabalho pode ajudar em sua vida?

48- O que te deu forças para estar aqui até hoje?

PAUTA- 7

PRODUTORA: Janaina Oliveira

RETRANCA: Entrevista / Valdecir

DATA: 14/07/15

HORA: 06h00

LOCAL: EMEIF EDUCADOR PAULO FREIRE – ASSENTAMENTO RODEIO

ROTEIRO: 06h00 – Entrevistar o assentado Valdecir Marinotti

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

- 1- Em qual ano você decidiu ir para o acampamento?
- 2- Você, acampou em lugares diferentes, ou foi sempre no mesmo lugar? Quais?
- 3- Como era sua vida antes de você decidir ir para o acampamento?
- 4- Alguém te influenciou para ir acampar?
- 5- Porque você escolheu acampar?
- 6- Como é a vida dentro de um acampamento?
- 7- Você tinha um papel importante dentro do acampamento?
- 8- Como o MST contribui na vida dos acampados?
- 9- Você pensou em desistir?
- 10- Em qual momento?
- 11- Quais foram as maiores dificuldades dentro do acampamento?
- 12- Nas ocupações qual era a maior dificuldade que vocês encontravam?
- 13- Como os grileiros e fazendeiros reagiam?
- 14- Quais pessoas ou entidades contribuíram nos acampamentos?
- 15- Qual a participação do Itesp para as famílias acampadas?
- 16- Quais os preconceitos que vocês sofreram na época?
- 17- Quais eram seus objetivos quando vocês decidiram ir para um acampamento?
- 18- Os objetivos foram cumpridos? Porque sim, ou porque não.
- 19- Quando vocês tiveram direito das terras?

- 20- Você sempre morou no lugar onde você conquistou ou já teve mudanças?
- 21- Qual a diferença entre a vida de um acampado, e a vida de um assentado?
- 22- Hoje você ainda sente um preconceito?
- 23- Porque você escolheu o município de Presidente Bernardes?
- 24- Qual o apoio das classes governantes em relação à Reforma Agrária?
- 25- Hoje o que você produz em sua propriedade?
- 26- Quais foram os fatores que contribuíram de quando vocês eram assentados para os dias de hoje?
- 27- Hoje mesmo com a conquista da terra, você participa de outros movimentos? Se sim se não por quê?
- 28- Vocês tiveram contato com o José Rainha?
- 29- Como era a relação dele com os acampados?
- 30- Qual a imagem que tem dele?
- 31- No momento em que você acampou muitas pessoas desistiram da luta pela terra?
- 32- O que imagina ter causado essa desistência?
- 33- Qual a participação da Igreja Católica no processo de acampamento?
- 34- Ainda há uma forte ligação da igreja com os assentados?
- 35- Se fosse nos dias de hoje, você viveria tudo novamente?
- 36- Qual a sensação no momento em que você recebe a terra?
- 37- Quanto hectares você recebeu?
- 38- O que você construiu?
- 39- Qual sua participação hoje na vida de outros acampados?
- 40- Como você acha que pode acontecer com a Reforma Agrária no futuro?
- 41- Você acha que a luta e resistência mudou ao longo dos anos?
- 42- Como você acha que os novos assentados/ e acampados irão lidar com a situação de Reforma Agrária nos próximos anos no Município de Presidente Bernardes?
- 43- Teria algum fato que ocorreu durante seu processo de acampado que gostaria de partilhar?
- 44- Imagina a vida longe de suas terras?
- 45- Tudo o que precisa está no campo ou você ainda busca alguns recursos fora do assentamento?
- 46- Acredita que fora do assentamento conquistaria tudo isso que tem hoje?

47- Como imagina que este trabalho pode ajudar em sua vida?

48- O que te deu forças para estar aqui até hoje?

PAUTA- 8

PRODUTORA: Tamires Martins

DATA:09/08/15

HORA: 16h30

ROTEIRO: 16:30 - Entrevistar o Dr. José Sobreiro Filho (Nino) na sala do Nera (Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projeto sobre a Reforma Agrária) na Unesp (Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho) em Presidente Prudente.

PROPOSTA: Entrevistar o Dr. José Sobreiro Filho sobre a sua dissertação de mestrado e os seus conhecimentos sobre a questão agrária.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

- 1- Qual a importância da questão geográfica no cenário do pontal?
- 2- O que é protomovimento e qual o seu objetivo?
- 3- Como se dividiram as etapas da marcha do capitalismo rumo ao oeste do estado de São Paulo?
- 4- Dentre as produções agrícolas quais mais se destacaram no estado de São Paulo, mais em específico na região oeste?
- 5- Como aconteceu o processo de ocupação rumo ao oeste paulista e qual foi a realidade encontrada nessas ocupações?
- 6- Como se deve compreender a ação da frente pioneira?
- 7- Como funcionou a comercialização de terras no Pontal do Paranapanema?
- 8- Qual a importância de José Theodoro de Sousa e sua família no cenário do movimento sem terra, em específico no Pontal do Paranapanema?
- 9- Como foi o cenário de conflito entre indígenas e latifundiários?
- 10- Como foi a relação de José Theodoro de Sousa com os indígenas?
- 11- Qual foi a importância da exploração dos rios Itapetininga e Paranapanema?
- 12- Como ocorria o processo de atrair pessoas para as ocupações?
- 13- Como ocorre o processo de grilagem e qual a finalidade de utilizar esse método?
- 14- Como se desenvolveu o processo de coronelismo no pontal e quais foram os seus principais personagens?
- 15- Como se desenvolveu e estabeleceu a agricultura no Pontal?
- 16- Como se desenvolveu a implantação e o fortalecimento do MST no Pontal?
- 17- Que lugares foram os que tiveram as ocupações mais intensas?
- 18- Como se qualifica a participação da igreja católica na luta pelas terras?

- 19- Antes de surgir o MST como eram os movimentos de luta pela reforma agrária?
- 20- Qual o papel do PT no surgimento do MST?
- 21- Qual a importância do Zé Rainha na luta pela terra e como se desenvolveu a sua caminhada até a liderança do MST?

PAUTA- 9

PRODUTOR: Gabriel Torres

RETRANCA: Vídeos/Assentados

DATA: 18/09/15

HORA: 07h30

ROTEIRO: 07h30 –Assentamento Rodeio - Produziremos um vídeo de Gumercindo Ferreira Barbosa e registrar fotos de sua produção para a elaboração da galeria de imagens do trabalho.

09h00 – Produziremos vídeo de Adriana Aparecida de Jesus e registrar fotos do lago que foi símbolo do seu passado nos processos de acampamento e assentamento para a elaboração da galeria de imagens do trabalho.

10h30 –Produziremos um vídeo de Marisa de Fátima Luz onde serão abordados o seu perfil e a importância que ela enxerga na luta pela educação no campo. Já nas partes das fotos serão registrados equipamentos símbolos do MST que foram importantes na identificação do movimento e ainda hoje são muito destacados.

12h00 –Produziremos um vídeo de Maurício Osório e sua esposa Maria Helena Bezerra Leite, e registrar fotos da situação que se encontra o seu lote, relatando o descaso com que os assentados são tratados pelas autoridades.

13h30 – produziremos um vídeo de Cícero Bezerra de Lima e registrar fotos de seu lote e produção.

15h00 – Produziremos um vídeo de Valdecir Marinotti e registraremos fotos do seu lote e produção.

PROPOSTA: Abordaremos nos vídeos o processo de acampamento e assentamento, as dificuldades vivenciadas e fatores que valeram ou não a pena. Já na parte das imagens será ressaltado o valor que cada assentado dá ao seu lote.

APÊNDICE B
RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO ESPONTÂNEA

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO ESPONTÂNEA**DATA: 05 DE MARÇO DE 2016****LOCAL: ASSENTAMENTO DE PRESIDENTE BERNARDES (SP)****ELABORADO POR: GABRIEL TORRES**

No dia 05 de Março de 2016 o grupo ainda em fase de Pré-Projeto se deslocou para o município de Presidente Bernardes, onde tinham a função de apresentar a ideia do projeto para os assentados e entregar a autorização para aqueles que aceitassem ser entrevistados. Essa tarefa ficou nas mãos de Gabriel Torres, Janaina Oliveira e Tamires Martins. Os alunos chegaram aos assentamentos por volta das 08h30 e encontraram muitos assentados dispostos a ajudar na elaboração do trabalho. O conhecimento de campo também foi importante para aprender os caminhos das casas que seriam visitadas em Julho.

Por volta das 16h os trabalhos foram finalizados, no domingo passamos o dia na casa de Janaina, onde elaboramos partes do Pré-Projeto e na segunda-feira cada integrante voltou para a sua residência.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO ESPONTÂNEA**DATA: 09/07/2016****LOCAL: ASSENTAMENTO FLORESTAN FERNANDES - PRESIDENTE BERNARDES (SP)****ELABORADO POR: TAMIRES MARTINS**

No dia 09 de Julho as entrevistas começaram a ser realizadas nos assentamentos de Presidente Bernardes. Na primeira entrevista o grupo visitou o assentamento Florestan Fernandes às 16h, onde seria entrevistado o assentado Cícero Bezerra da Silva. Cícero foi liderança no MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e ainda hoje é participante do movimento. Durante a conversa, Cícero destacou as dificuldades passadas no período de acampamento, quando muitas vezes não tinha certeza se voltaria para casa. Silvana Aparecida de Lima, esposa de Cícero, relatou sobre a angústia que passou em certos momentos, tendo que cuidar do filho Caike, que ainda era pequeno. Após um completo detalhe sobre o passado, o presente e o futuro dentro dos assentamentos e esclarecendo como funciona o processo de transição de acampado para assentado, foi finalizada a entrevista com Cícero, que mesmo depois de passar todas as informações passou mais alguns detalhes e deixou os integrantes mais antenados sobre os acontecimentos que já ocorreram por razão da luta pela terra em Presidente Bernardes e região. Com todo o trabalho finalizado durante o primeiro dia, os alunos voltaram para a escola onde estavam alojados e descarregaram todo o conteúdo adquirido nos computadores, para que depois pudessem descansar e se preparar para o segundo dia.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO ESPONTÂNEA**DATA: 10/07/2016****LOCAL: ASSENTAMENTO RODEIO - PRESIDENTE BERNARDES (SP)****ELABORADO POR: JANAINA OLIVEIRA**

A segunda entrevista, realizada no dia 10 de Julho de 2016 no Assentamento Rodeio, teve como personagem o assentado Gumercindo Ferreira Barbosa, que juntamente com o seu filho Arnold Barbosa, participou de ocupações e alcançou o objetivo de conquistar uma terra. Gumercindo destaca que antes da vida no campo morava na cidade de Presidente Prudente junto com os filhos e a esposa Benedita Barbosa, tendo abandonado tudo o que havia conquistado para se aliar ao MST em busca pela reforma agrária. Gumercindo ressalta as dificuldades vividas durante os acampamentos, estando entre elas a busca por um poder individual de muitos acampados e a desvalorização daqueles que conquistam com o próprio suor, ainda deixando claro que nunca teve pretensões de ser líder dentro dos acampamentos, teve o cargo de coordenador apenas uma vez por não haver mais ninguém interessado em exercer a função. Após o término da entrevista os alunos caminharam pelo lote para registrar imagens e conhecer a produção da família. Com o fim do trabalho no segundo dia, o grupo repetiu o mesmo processo da noite anterior e voltou para a escola onde estavam alojados para descarregar os conteúdos adquiridos nos computadores e se preparar para o terceiro dia de entrevistas.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO ESPONTÂNEA**DATA: 11/07/2016****LOCAL: ASSENTAMENTO RODEIO - PRESIDENTE BERNARDES (SP)****ELABORADO POR: MARIANE FERREIRA**

No terceiro dia de entrevistas a entrevistada foi a professora Marisa de Fátima Luz, assentada e esposa do líder Cido Maia. O discurso de Marisa refletiu uma realidade de quem não viveu o processo de acampamento no Pontal do Paranapanema, mas desde a infância está ligada a luta pela terra por influência dos pais. Marisa veio para o pontal por intermédio de Cido, que a conheceu no Rio Grande do Sul, terra de origem dela que hoje é dona de um discurso que protege a educação no campo, maiores influências de políticas públicas para os assentados e valorização ao jovem para que os assentamentos possam ter continuidade com os filhos de quem hoje vive nele e assim sucessivamente. Esclarecimentos sobre as influências políticas nos assentamentos e a liderança do MST também foram tema da entrevista. Como a sua área de maior conhecimento é a educação investimos mais em perguntas que nos esclarecesse sobre esse assunto, então Marisa citou a importância do investimento da escola do campo e os motivos que levam a ela não ser colocada em prática, como a insistência em não querer adaptar um padrão de ensino para as crianças dos assentamentos, pois isso levaria a ter capacitação de profissionais e um ensino completamente diferente do habitual. Sendo assim, foi dado fim ao terceiro dia de trabalho, onde da mesma forma que nos dias anteriores os pesquisadores voltaram para o alojamento, descarregaram os conteúdos das entrevistas e se prepararam para o próximo dia de trabalho.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO ESPONTÂNEA**DATA: 12/07/16****LOCAL: ASSENTAMENTO SANTO ANTÔNIO - PRESIDENTE BERNARDES (SP)****ELABORADO POR: GABRIEL TORRES**

No quarto dia o grupo se concentrou no Assentamento Santo Antônio para entrevistar o assentado Maurício Osório, que os recebeu em sua residência juntamente com a esposa Helena e contou sobre como enfrentaram o processo de acampamento e assentamento. Maurício relatou que havia acabado de sair do exército, e após o processo de acampamento segundo ele não tão duradouro, conseguiram o terreno que vivem até hoje com o filho. O casal destaca a dificuldade que é a vida nos assentamentos até os dias de hoje, pela falta de apoio principalmente aos jovens, que seriam o futuro das terras ali existentes, porém, não há o estímulo para que continuem vivendo ali. Assim ocorreu o terceiro dia de entrevistas que após o término teve o mesmo processo dos dias anteriores de voltar ao alojamento descarregar os conteúdos no computador e se preparar para o próximo dia de trabalho.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO ESPONTÂNEA**DATA: 13/07/2016****LOCAL: ASSENTAMENTO PALÚ- PRESIDENTE BERNARDES (SP)****ELABORADO POR: MARIANE FERREIRA**

No quinto dia de entrevistas, o destino do grupo foi o assentamento Palú, onde entrevistaram Adriana Aparecida de Jesus, popularmente conhecida nos assentamentos como “Baixinha”. Adriana em seu discurso priorizou falar sobre a realidade de quem cresceu dentro do acampamento e se tornou uma assentada. Dificuldades como a fome e o medo foram citadas pela entrevistada que hoje mora com o marido e as filhas no terreno conquistado após a perda de seu pai que também convivia nos acampamentos. Adriana relata sobre a dificuldade encontrada nos conflitos, quando os policiais adentravam os acampamentos armados e com caixões para intimidar aqueles que ali estavam, tendo como resposta dos assentados o posicionamento de crianças e mulheres na frente dos demais acampados para haver uma espécie de compaixão das autoridades. Dessa forma terminou o penúltimo dia de entrevistas e os alunos repetiram o processo dos dias anteriores de voltarem ao alojamento e descarregar o conteúdo das entrevistas nos computadores. Após o término dos trabalhos descansaram e se prepararam para o último dia.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO ESPONTÂNEA**DATA: 14/07/2016****LOCAL: ASSENTAMENTO RODEIO - PRESIDENTE BERNARDES (SP)****ELABORADO POR: JANAINA OLIVEIRA**

No último dia da primeira bateria de entrevistas o entrevistado foi o assentado Valdecir Marinotti, o único que não pode nos receber em sua residência e então se deslocou até a escola em que estávamos alojados para que a entrevista fosse realizada. O paranaense Valdecir alega ser ativo desde que iniciou o processo de acampamento, trabalhou e conquistou encontrando como barreira o preconceito até mesmo de colegas de serviço. O produtor hoje administra a empresa EuroLeite, auxiliando as mulheres e os jovens dos assentamentos a investir na indústria do Leite. Valdecir relata que os assentamentos poderiam estar em melhores situações e trabalhou para tal, mas muitos preferiram se acomodar e hoje colhem o fruto dessa decisão. Sendo assim, foi dado término a primeira bateria de entrevistas e cada integrante retornou para a sua cidade no mesmo dia 14 de Julho de 2016.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO ESPONTÂNEA**DATA: 09/08/2016****LOCAL: UNESP – (Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”****PRESIDENTE PRUDENTE (SP)****ELABORADO POR: TAMIRES MARTINS**

Para completar o conteúdo sobre as histórias e o papel da luta pela terra foi entrevistado o Dr. José Sobreiro Filho, popularmente chamado de “Nino” que recebeu os integrantes Gabriel Torres e Tamires Martins na sala do NERA (Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos sobre a Reforma Agrária) na Unesp. Sobreiro abordou durante a entrevista o papel da reforma agrária e o seu significado, principalmente no Oeste Paulista. As perguntas foram elaboradas com base na dissertação de mestrado. Sobreiro aborda o princípio da luta pela terra em escala mundial quando os mesmos processos hoje condenados eram executados de forma “legal”. Nomes importantes na história da luta pela reforma agrária foram citados como os de José Theodoro de Sousa e José Rainha Júnior. A história do MST também foi lembrada por Nino durante a entrevista, ele destaca o surgimento nos anos 80 e a sua chegada ao pontal no final da década de 1989 e início da década de 1990. Sobreiro ainda cita o MASTER (Movimento dos Agricultores Sem Terra), originário do Rio Grande do Sul na década de 1960 que executava o papel de se preocupar com a reforma agrária antes mesmo da chegada do MST.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO ESPONTÂNEA**DATA: 18/09/15****LOCAL: PRESIDENTE BERNARDES (SP)****ELABORADO POR: GABRIEL TORRES**

Na elaboração dos vídeos e imagens para a galeria do trabalho, o grupo dividiu as funções e iniciou os trabalhos logo às 07:30h, no lote de Gumercindo Ferreira Barbosa. Após a elaboração do vídeo de seu perfil e perguntas realizadas sobre a sua vida no assentamento, Gumercindo e sua esposa Benedita Barbosa levou o grupo para caminhar pelo lote e conhecer as produções, assim como foi feito na primeira bateria de entrevistas. A segunda entrevistada foi Adriana Aparecida de Jesus, que também elaborou um vídeo, mas com enfoque na sua vivência desde a infância nos acampamentos e as fotos foram realizadas em um lago que foi símbolo do seu passado nessas terras e até hoje é aproveitado por muitas pessoas, segundo a mesma que hoje vive com o esposo e as filhas no assentamento. A terceira entrevistada foi a assentada Marisa Luz, que no vídeo destacou a importância da educação no campo, questão também encontrada nas fotos, onde ela mostra livros sobre a reforma agrária. Também foram registradas fotos de bonés e uma bandeira que são símbolos do MST. O quarto entrevistado foi Maurício Osório, que no vídeo relatou sobre o futuro do assentamento, demonstrando preocupação com a falta de apoio principalmente aos jovens. O descaso e a falta de apoio também são relatados nas fotografias, nas quais são retratados lugares que poderiam estar gerando muitos frutos, porém não há a valorização necessária. O quinto entrevistado foi Cícero Bezerra de Lima, que na elaboração do vídeo destacou a sua função como líder do MST durante os acampamentos e as dificuldades encontradas. A produção de Cícero foi destacada nas fotografias. A última visita foi ao assentado Valdecir Marinotti, que registrou um vídeo sobre como chegou ao acampamento e a sua função hoje. Nas fotografias foi destacada a paisagem encontrada em seu lote, as imagens foram capturadas durante o trajeto até um rio que há em seu território e também durante um passeio de bote pelo mesmo rio.

APÊNDICE C
RELATÓRIO DE REPORTAGEM

RELATÓRIO DE REPORTAGEM

DATA: 18/09/2016

REPÓRTER: Gabriel Torres; Janaína Oliveira; Mariane Ferreira e Tamires Martins.

RETRANCA: DEPOIMENTOS/FAMÍLIAS

SONORA 1:

Meu nome é Valdecir Marinotti é assentamento Água Limpa, lote 58.

Na época eu morava no Paraná, e tinha um pessoal que tava organizando pra vim ocupar aqui no estado de São Paulo, como a gente eu e meu irmão, a gente sempre teve o sonho de ter um pedaço de terra, daí nós falamos, essa é a chance de ter um pedaço de terra, e a gente acreditou que seria possível e foi nessa organização que a gente acreditou e veio, e ficamos até o fim.

O desemprego na época fez a gente procurar um pedaço de terra pra sobreviver né.

A gente sempre sonha mais né, porque o sonho é a gasolina, da vida né, se você para de sonhar, você para de viver.

SONORA 2:

Meu nome é Aparecida Adriana de Jesus Gomes de Paula, assentamento Palú, lote 11.

A gente tentava ter as coisas mas a gente não conseguia, a gente passamos fome. É aquela época a gente comia banana verde, nós tinha que comer pé de galinha, ah era aquela época mais triste que a gente foi. Passamos muita fome, é aquela época o governante não mandava comida pra gente, a gente tinha que pegar sexta básica, demorava chegar a nossa comida era água com fubá, era nossa comida.

Eu acho assim que elas tinham que ir pra saber a realidade de como foi o começo, por causa que teve polícia caixão, é a gente enfrentando fazendo a frente as crianças, mas eu não sei se deixaria elas não dá medo assim, nós tivemos coragem porque foi aquela época que a gente precisava pra pegar nosso pedacinho de chão mas hoje eu acho que é muito difícil não ta tendo aquela coisa de enfrentar, os governantes não ta ajudando a gente.

SONORA 3:

Meu nome é Cícero Bezerra de Lima, assentamento Florestan Fernandes, lote, número 5.

A história de conflito com a URD começou em 1996, na Fazenda Santa Rita do Pontal lá, Teodoro Sampaio. Município de Mirante mas nas margens de Teodoro Sampaio lá. Quando se criou quando foi criada a UDR lá, ai de lá pra ó conflito, conflito armado. E ocupação de terra pelo lado do MSt, e pelo lado da UDR era arma tiro e bala.

A pior parte que aconteceu dentro do acampamento, foi um conflito agrário que teve em Mirante na Fazenda São Domingos. Foi um domingo a tarde que nós, o MST ocupou a Fazenda São Domingos e a UDR tava totalmente armada esperando e nesse dia foram baleadas oito pessoas né oito trabalhadores foram baleados nesse conflito e aquele dia eu fiquei com muito medo de morrer né, tinha mais ou menos umas duas mil pessoas eu fazia parte do grupo do pelotão da frente e eu fiquei com muito medo de morrer, graças a Deus não aconteceu nada comigo mas eu foi um dos momentos que eu tive mais medo na época.

Hoje não existe mais a luta pela terra, eu não sei o que aconteceu não sei se foi a situação financeira do país, né os últimos governos tirou muita gente da miséria, ou se foi a falta de interesse pela terra eu fico na dúvida, mas o que falta pra avançar a Reforma Agrária, que faz falta pra mim é a luta pela terra.

SONORA 4:

Meu nome é Gumercindo Ferreira Barbosa, 75 anos moro no assentamento Rodeio, lote 49.

O problema de ter deixado à cidade e vindo pra cá é porque a gente, os primeiros anos da gente foi na terra, a gente trabalhou na cidade muitos anos mas as raízes da gente é a na terra né, quem viveu na terra nos primeiros anos da sua vida nunca esquece né de jeito nenhum.

SONORA 5:

Eu sou a Marisa né, Marisa Luz, moro aqui desde o início das chegadas das famílias né, no assentamento Rodeio, o número do lote é o número 12 né.

As famílias desde o início do assentamentos vamos dizer assim sempre tem reivindicado sempre tem lutado por organizar a luta né, através da necessidade de termos uma escola e a qualidade de educação aqui no assentamento, isso é uma realidade que as famílias dos assentamentos tem assim desde o seu processo inicial de construção do assentamento, a busca para a construção de uma escola no assentamento, e nesse sentido entendendo que a educação claro ela é um direito de todos os cidadãos portanto a comunidade que desde o seu processo inicial ai pela escola né. Fruto disso os movimentos os movimentos sociais em especial tem discutido tem debatido canais de parcerias espaços de discussões né em torno das reivindicações em torno do tema né da demanda, e entendendo né que essa

educação do campo ela parte de uma concepção que reivindica né a qualidade e o direito à educação, mas sobretudo uma educação que respeite a realidade o contexto sociopolítico socioeconômico das áreas de reforma agrária, no caso os assentamentos de reforma agrária.

E nesse sentido nós temos buscado conseguir parcerias com Universidades com prefeituras com o poder público e com a comunidade no sentido de construir espaços de discussão mas também de construção de discussão também de possibilidades propostas mais concretas junto à escola.

SONORA 6:

O futuro do assentamento dos jovens é estudar até o terceiro ano e ir embora daqui enquanto eles tem apoio de estudar até o terceiro colegial eles vai ficar depois eles vai caçar um rumo e vai embora não tem melhora não é sair fora.

Olha eu falo pra você, aos poucos vai se acabando porque, as pessoas vai ficando de idade e vai vendendo o lote tem muitas vezes que o Itesp vende o lote pra quem não sabe nada tem a prova ai, em menos de dois anos ta vendendo o lote porque o cara pensa que é uma ilusão isso aqui, ah vou ganhar dinheiro vou, ai o cara tem um dinheiro investe investe daqui dois anos puff, Poe a venda de novo.

SONORA 7:

Meu nome é Maria Helena Bezerra Leite, eu moro no Assentamento Santo Antônio 2 lote 9.

Nós já temos o apoio do Banco do Brasil né, temos o apoio do Itesp né pouco mas tem, e a gente precisa de investimento no caso, o investimento nosso é pouco, não adianta você ter a ideia e não ter como produzir né o investimento por mais bom que o Itesp seja se eu falar pra você que tem um anos dois anos que ele chegou com uma proposta pra mim melhorar, não chegou.

Nós temos reserva simplesmente abandonada você não sabe o que tem lá dentro se o boi ta pisando, o governo, o itesp eles não vem olhar, ah o fulano ta usando eu não uso a reserva só que meu vizinho usa eai? Ele ta me prejudicando.

Se você não me ensinou você não pode me cobrar, né então resultado, você trabalha pra me ensinar você, você nunca me ensinou o dia que eu errar você não pode chegar em mim e me cobrar. Nós estamos que nem na época do meu pai 40 anos atrás naquele tempo a família trabalhava pro fazendeiro o cara vinha lá e te ensinava né, era muito melhor.

CLIQUE FINAL:

MÚSICA: MST - Só a Luta Faz Valer - José Pinto de Lima

FRASE: “Aos ricos, à favor da lei, aos pobres, à rigor da lei” José Rainha Júnior.

CRÉDITOS: REPORTAGEM: Gabriel Torres

PRODUÇÃO: Tamires Martins

CINEGRAFIA: Janaína Oliveira e Mariane Ferreira

EDIÇÃO: Carlos Hideki Shirosawa.

ORIENTAÇÃO: Professor Dr. Roberto Aparecido Mancuzo da Silva Júnior.